A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3742 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 2 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

Agencia Financial do Rio de Janeiro

Foi denunciado o contrato sobre a Agencia Financial do Rio de Janeiro com o Banco Portuguez do Brazil.

Devia ser denunciado *até* ao dia 31 de dezembro, e foi-o, com efeito, mas no ultimo minuto, no proprio dia 31 de dezembro. Era natural que a outra parte contratante tivesse a praticar quaisquer actos que a denuncia do contrato aconselhasse e mal teve tempo para isso, tão tardia foi a resolução do governo. E', todavia, isso o que menos nos importa. A nós apenas nos movem os superiores interesses do paiz e esses foram bem feridos por esse contrato que, tendo como fim principal habilitar o governo a intervir de modo eficaz na estabilisação da nossa divisa cambial, produziu o resultado inteiramente oposto, pois veio o cambio descendo sucessivamente desde 27 a 5!

E' porque?

Porque a verdade manda dizer que na vigencia d'esse contrato, que foi um verdadeiro crime contra o paiz, o governo apenas obteve uma parcela insignificante das cambiais que da Agencia financial sairam.

Esses cambiais fom quasi todas parar ás mãos de felizes estrangeiros, como o River Plate, o London and Brazilian Bank, o sr. Sotto Maior, e a casa Torlades que todos faziam um jogo sobre Londres, provocando desvairadamente a desvalorisação do nosso escudo relativamente aos mil reis brazileiros.

E d'ai nos veem quase todas as dificuldades da nossa vida interna, a carestia da vida, especialmente.

E' certo que temos uma balança comercial muito desequilibrada, que a importação é em muito superior á exportação, mas constituimos um paiz de vastos recursos, tendo-se trabalhado ultimamente muito para aumentar a produção dos generos a exportar, e com maiores ou menores dificuldades nós poderiamos caminhar seguramente para a salvação, se não interviesse aquela desenfreada especulação a agravar as dificuldades já de si dificeis de vencer. Porque é necessario reconhecer-se que a desvalorisação da nossa moeda, provocada por aqueles potentados da finança, interessados nos negocios da Agencia Financial, tem sido a principal causa do meio asfixiante em que vive a população portugueza.

Se as coisas mais necessarias á vida nos custam os olhos da cara, se a maioria da população não tem meios senão para comer, e mal, se todos nós gememos sob o peso insuportavel d'uma medonha visão do futuro, devemol-o á furiosa especulação sobre a nossa moeda que por aqueles potentados acima mencionados tem sido feita á sombra do maldito contrato negociado pelo sr. Ramada Curto, quando, por desgraça de todos nós, ele sobraçou a pasta das finanças.

* * *

Um contrato d'esta ordem, versando sobre muitos milhares de contos, não se denuncia assim no ultimo momento. Ha muito já que o governo deveria ter feito constar publicamente que era sua intenção abrir novo concurso entre Bancos portuguezes e em que condições, para que estes se preparassem convenientemente e na ocasião propria apresentassem ao sr. ministro das finanças as suas propostas, com o fim de o habilitar a apresentar ao parlamento a proposta de lei respectiva. Em caso algum, um tão complexo contrato poderia ser fechado sem a sanção do poder legislativo, mas muito menos sendo ministro das finanças o sr. Cunha Leal que, a proposito do contrato do abastecimento de trigos, muito menos importante, sem duvida alguma, do que o da Agencia Financial do Rio de Janeiro, tanto barafustou para que ele baixasse a qualquer comissão parlamentar, como, com efeito, sucedeu.

Ora, reabrindo o parlamento no proximo dia 10, e sendo o assunto de natureza a não sofrer dilações, fica bem pouco tempo aos Bancos portuguezes para se entregarem a um estudo de tão grande complexidade e prepararem as suas propostas. Um tal procedimento vae favorecer evidentemente aqueles que até aqui teem estado senhores do negocio que o conhecem bem, portanto, e estão, por isso, naturalmente habilitados a apresentar rapidamente as suas propostas. O Banco Portuguez do Brazil talvez não entre no concurso por ser estrangeiro, mas podem apresentar-se aqueles que á sombra d'aquele Banco fizeram a desenfreada especulação sobre a nossa moeda, pondo qualquer mascara portugueza.

Ai é que está o perigo.

Os Bancos brazileiros não são nossos inimigos. O Brazil tem-nos dado em todas as circunstancias provas de estima e amizade que nós muito apreciamos e agradecemos.

Os nossos peores inimigos estão dentro do nosso paiz. São aqueles que, possuindo enormes fortunas no Brazil, lucram com a desvalorisação da nossa moeda relativamente á brazileira; são ainda aqueles que, mercê de circunstancias de todos conhecidas são no presente momento os detentores de todo o nosso papel moeda e com ele se entregam a todos os jogos malabares que nos bastidores da finança é possivel engendrar, assistindo impassiveis ás crises bancarias que no nosso meio aquelas circunstancias originaram.

Em torno do contrato da Agencia Financial movem-se grandes interesses, a ponto da sua denuncia ter originado aquela scena de pugilato que na rua do Almada se deu entre o sr. Ramada Curto, auctor do contrato que finda, e o sr. Pinto de Lima, chefe do gabinete do sr. ministro das finanças, e como tal, assistente do contrato que vai realisar-se.

A esses interesses é necessario negar guarida. Lembremo-nos sempre de que o contrato agora termina foi celebrado com o intuito, disse-se então, de garantir ao governo os meios de poder influenciar nos circulos financeiros e estabilisar os cambios e foi exactamente o contrario que se deu, mercê de manejos varios.

As cambiaes que deviam vir para o governo portuguez foram canalisadas para o London and Brazilian Bank, para o River Plate, para o Crédit Franco Portugais e para o... sr. Soto Maior. Este, sim; desde que se fechou o contracto com o Banco Portuguez do Brazil tem sido ele o arbitro no nosso meio financeiro.

Por isso a libra subiu de novo a cincoenta escudos; porisso o escudo portuguez vale no Brazil apenas 750 réis.

O FURTO DOS 100 CONTOS

Procedente do Porto, Ponde foi preso, chegou já a Lisboa, tendo recolhido a um dos quartos particulares do Governo Civil José Gualdino de Carvalho da Silva, da rua da Junqueira, 158, rez-do-chão direito, com escritorio de comissões na rua do Ouro, 220, acusado conforme referimos, de ter burlado em quantias avaliadas em 100.000 escudos, o importante capitalista da praça de Lisboa sr. Henrique Pinheiro de Magalhães, da rua do Duque de Saldanha, 30, 2.º

O preso foi hoje durante a tarde largamente interrogado pelo chefe Murtinheira, da 1.ª secção de investigação, tendo tambem comparecido no Governo Civil, afim de prestarem declarações, outros individuos, bem como a esposa do preso.

O caso do Monte Pio Geral

Do sr. Armando Cancela de Abreu recebemos uma carta em que nos pede a publicação do discurso que pronunciou na assembléa do Monte Pio Geral de que nós, todavia, damos apenas a sumula, porque no referido discurso ha frases que destoam da indole do nosso jornal e dos nossos processos jornalisticos.

Em resumo, disse aquele senhor que muito o indignou a campanha levantada contra o Monte Pio num jornal da noite, da autoria do nosso estimado camarada de redação sr. D. Tomaz de Noronha.

Este nosso querido amigo apenas tem em vista a sorte miseravel dos pensionistas do Monte Pio e alguma coisa conseguiu, visto que assembléa geral daquela instituição votou o aumento de mais 10 % ás pensões.

GENTE DESORDEIRA

Grave conflito na Ajuda-Uma morte e varias agressões

N'uma taberna do Largo dos Pinheiros, proximo ao Largo de Ajuda, houve hontem, pelas 22 horas, mosquitos por cordas, em virtude de se ter envolvido em desordem com varios individuos o soldado n.º 162 do 2.º grupo da G. N. R., Francisco d'Oliveira, o qual, encontrando-se muito embriagado, empunhou a espada, entrando a acutilar os antagonistas. Estes gritaram por socorro, aparecendo a apaziguar a questão o policia n.º 734, José Joaquim, residente na rua de D. Vasco, 64, contra quem o endiabrado soldado se voltou, acutilando-o tambem, deixando-o muito ferido na cara e com os dentes partidos. Em auxilio do policia apareceu depois o seu colega 1872, tambem da esquadra da Ajuda, e que egualmente ficou muito ferido na cabeça, com cutiladas. O 6734 para se defender das iras do ebrio, chegou a disparar alguns tiros para o ar, tendo depois de ser conduzido ao Hospital Militar de Belem, onde recebeu os primeiros socorros, e sendo por fim removido sem sentidos para o hospital de S. José, onde de novo foi pensado de trez grandes ferimentos na cara pelo sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelo interno sr. dr. Amandio Pinto, findo o que recolheu em estado grave á enfermaria de Santo Antonio.

—Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José, faleceu hontem Anacleto Mendes Mota, que em 27 do mês findo, conforme referimos, foi agredido na rua do Embaixador.

—O ferro-velho João Gomes, da calçada de Santo Amaro, á Estrela 8, 2.º foi agredido na rua do Amparo, ficando ferido na cabeça.

Foi pensado no banco do hospital de S. José.

AMERICA LATINA

Os cadaveres dos ex-imperadores do Brazil

RIO DE JANEIRO, 1.—O Senado e a camara dos deputados nomearam comissões, composta cada uma de 21 membros, para receber os restos dos ex-imperadores do Brazil.—(*Americana*).

Colhida dum toureiro

LIMA, 1.—O toureiro Belmonte colhido por um touro, foi operado ficando em estado satisfatorio.—(*Americana*).

Incendio n'um convento

LIMA, 1.—No colegio de freiras de Santa Eufrasia declarou-se um violento incendio, que causou enormes prejuizos. Foram salvas as freiras e as alunas, algumas das quaes ficaram contundidas.—(*Americana*).

Queda d'um aviador

SANTIAGO, 1.—O aviador Cortinez caiu dum aparelho no aerodromo de Espojos, ficando com fractura no craneo. O seu estado é gravissimo.—(*Americana*).

Em S. Salvador não serão aumentados os direitos alfandegarios

S. SALVADOR, 1.—O governo desmente a noticia de irem ser aumentados os direitos alfandegarios, não modificando o seu procedimento no que respeita á convenção entre a França e esta Republica, respeitando os tratados nacionaes. A camara reabrirá na proxima semana para estudar medidas que resolvam a crise financeira.

Um decreto presidencial prorogou a moratoria que tinha sido concedida.—(*Americana*).

EM FRANÇA

O exito do emprestimo

PARIS, 1.— Antes de se encerrar a sessão de hontem, o sr. François Marsal, ministro das finanças, deu á camara os resultados do ultimo emprestimo, conhecidos até agora. O total das subscrições, declarou o sr. François Marsal, excede 27 biliões, dos quais 12 biliões e meio são provenientes da troca das rendas emitidas durante a guerra. As subcrições novas atingem 14 biliões e 500 milhões, das quais 5 biliões e 400 milhões de «bons» da defeza nacional e 9 biliões e 100 milhões da subscrição em numerario. E' digno de registo o acrescimo das subscrições em numerario, que atingiram no emprestimo de 4 0/0 de 1918 sete biliões e 46 milhões e no ultimo emprestimo de 1920 seis biliões e 300 milhões.

As operações do emprestimo feitas no corrente ano, incluidas as do credito nacional e a consolidação do emprestimo anglo-francez de Nova York, permitiram-nos consolidar um total de 37 biliões, cifra excessivamente importante e que não representa a faculdade de amortização anual do paiz.

Para a interpretar é prudente calcular essa importancia pela media realisada em 1919 e em 1920 e assim se chega á cifra de 20 a 21 biliões.—(H).

A salsada socialista

PARIS, 1.—No manifesto que publicaram, os aderentes do partido socialista, secção franceza da internacional operaria, dizem quaes as razões da atitude que tomaram, abandonando o congresso comunista. Dizem principalmente que tudo foi preparado por ordem segundo as exigencias sem apelo, vindas de Moscou.

Soubemos durante os debates que o representante oculto do comité executivo de Moscou determinava o que devia ou não devia fazer-se no congresso, o qual por fim recebeu do comité executivo da internacional comunista, e com a assinatura de Zinovieff e Lenine, um telegrama ultrajante para o altivo e livre proletariado francez.

A maioria recusou-se a repelir esse ultraje e nestas circunstancias o nosso dever estava traçado: fizemo-lo de animo firme a abandonarmos a sala do congresso. Deixamos os comunistas com o seu congresso e fomos continuar com o do partido socialista.

Terminando o seu manifesto, os socialistas pedem aos trabalhadores que cumpram o seu dever deixando-se ficar onde estão ou aderindo ao partido socialista.—(H).

Boas festas

Entre muitas outras pessoas, enviaram-nos boas festas o sr. dr. Gonzaga Filho, ilustre consul geral do Brasil em Lisboa, o distinto empresario do Ginasio, actor Alves da Cunha, os consagrados artistas «Os Geraldos», o nosso presado amigo e correspondente em Portalegre, sr. João de Brito, Celestino Pereira, etc.

A todos agradecemos a gentiliza e retribuimos os cumprimentos, desejando um ano cheio de prosperidades.

O incendio da Casa da Moeda

Tendo-se chegado á conclusão de que o incendio que no domingo passado se manifestou na oficina de amoedação da Casa da Moeda fôra casual e não resultado de qualquer gesto criminoso, foi hontem restituido á liberdade o servente de pedreiro Francisco da Costa Santos ou Raul Fernandes, da rua das Praças, 13, que, conforme dissémos, havia sido detido por suspeito, tendo recolhido incomunicavel a uma esquadra.

AUTENTICAS

Para a Historia

O rei D. Carlos e a rainha, a senhora D. Amelia, tinham feito da nossa gente uma sociedade de pouca distinção. O rei, com o seu gosto bragantino pelas diversões campestres, fôra deixando lentamente que o fraseado e as maneiras toscas dos toureiros e caçadores se convertessem no exclusivo objeto das suas predileções.

Homem de cavalos ou de touros que para as coisas vulgares da vida atirasse com a linguagem acomodada ao curro ou á cavalariça ganhava dum salto a simpatia e, por vezes, até a privança do monarca.

No tempo de D. Luis, seu pai, decerto por influencia da senhora D. Maria Pia, tudo correra bem ao invés. D. Luis já preferia o burguez endinheirado, a quem titulou á doidá, aos nobres representantes dos companheiros de seus avós; mas, cultor de Artes subjectivas, como a musica e a literatura, nunca descambou no regimen da pançadinha com os «parvenus», que eles apareceram para ser desfrutados na sua imbecilidade, ou na exuberancia das suas riquezas.

Cabe á sociedade dos «Vencidos da Vida», um grupo de rapazolas com talento, mas verdadeiros ôdres de comesinha vaidade, a responsabilidade de todos os defeitos, daquele feitio «rastaquaire», que um principe nunca devêra tomar.

Contava-se então que, dias depois do seu casamento, o principe real D. Carlos dissera para essa gente:

«Agora, já posso estender a massa!»

A'parte a chateza do dito, será bom reparar em que o principe, em vês de medir cautelosamente os passos a caminho das coisas serias, contava apenas com aquela data para inaugurar uma vida de maior licença, visto que em sua mente se associava o casamento a um certo grau de emancipação da tutela paternal.

Um burguez com sorte, sentindo-se feliz, falaria assim. Era a linguagem dos janotas do tempo. E como não havia ele de assim falar, se o pae lhe consentira aquele «entourage», então verdadeiramente medíocre?

Estender a massa significava, naqueles dias, fazer figura, dar nas vistas, gastar á larga. Os «Vencidos da Vida» tinham feito do principe um burguez, cujo ideal—até custa a crer!—era, naquela epoca, o dos novos ricos de hoje em dia.

De facto, a todos «Os Vencidos da Vida», excepção aberta para o poeta Guerra Junqueiro e conde de Ficalho, nenhuma outra aspiração se conhecia. O que eles queriam era figurar nas letras, na diplomacia, como aulicos, como cortesãos preferidos.

E conseguiram no; e mais vencedores da vida do que dela vencidos, talharam um soberano, tanto á sua imagem e semelhança, que nunca meus olhos viram, nem a Historia contempla um rei mais aburguesado e incaracteristico.

Pudera a Rainha cobrir aquela defecção de todas as qualidades com que se faz um chefe de Estado; mas a pobre Senhora nascera fóra dos degraus do trono e ha certos habitos que já não se adquirem na puberdade.

Disto me convencia sempre que presenceava as suas visitas aos estabelecimentos de modas e de joias, e que via qualquer dos caixeiros acompanhá-la até á portinhola do carro, em formalissima cortezia.

O protocolo andava numa chaga naqueles tempos de realeza barata. Porém, todas estas facilidades, todo este gasto das pessoas reaes por logares e com pessoas sem elevação de espirito nem de maneiras os foi aburguesando insensivelmente, e cada vez mais. E como os que depois chegavam lhes copiavam modos e dizeres, veiu por fim a nossa sociedade a tomar um ar agressivo todo farto de insolencia e grosseria.

Ai de quem nela entrasse com maneiras polidas! Triste do aristocrata a quem repugnasse o encontrão e o «xó»!

Tão certo estava eu disto, que, estando longe de Portugal, a um amigo que vinha para Lisboa lhe fiz, entre varias recomendações, as seguintes:

«Como és forte e espadaúdo, nunca peças licença para passar. Mete o hombro e segue sem dares pelos que ficam.

As victimas perguntarão quem tu és.

Se tu puzéres com delicadezas, se pedires licença, talvez se não desviem, viram-te as costas, e se não te chamarem massador é porque te consideram um patetoide qualquer.

Se te apetecer falar alto no mais sublime ponto duma audição musical, fala, fala á vontade, e não faças caso dos executantes nem do auditorio.

Num baile não dances; diz como o general D. Carlos de Mascarenhas, que só sabes fazer dançar os outros.

Não cumprimentes ninguem; e quando te falarem, mostra-te sempre enfadado com suas excelencias. Supõe que o mundo é teu, e que o resto da humanidade não passa de mosquito importuno.

Gesticula forte e decidido, quanto te aprouver, e linguagem ... usa da mais chula que possas arranjar pelas cocheiras e alcoices.

Como te vestes bem e tens bela figura, o resto fica por minha conta.»

O meu amigo seguiu á risca as indicações, e teve um sucesso em Lisboa.

Outra pessoa querida, quando eu voltei, falou-me dele:

«Um triunfo! Onde diabo arranjou êle aquele á vontade ...?»

E' que eu tivera tempo de conhecer a côrte de Lisboa, com os seus altos cortezãos a mendigaram logares de amanuenses para os filhos e para os sobrinhos pelas secretarias do Estado. Eu bem os ouvira chamar «bailes de trapos» ás festas dadas em Cintra pela realeza. E eram os mesmos, os que viviam na babuge das graças regias, os que se serviam do nome do Rei, para conseguirem favores dos politicos, que no gesto safado de dar uma satisfação ao despeito dos que lá não iam, assim falavam dos recreios dos seus amos!

Realmente aquilo tinha um ar de pobreza envergonhada, de luxo extraido ao guarda-roupa do Cruz; mas nunca os que avançavam intemeratos com represado e voraz apetite para o serviço do Paço, deveriam ser cá fóra os agentes do achincalhamento.

Como eu vira aquela gente e os seus costumes!

Em todo o caso aquele á vontade, aquela aspereza de modos sempre era de gente já guindada, havia duas gerações, pelo menos; nem cheirava mal, nem dizia asneiradas, involuntariamente. Eram assim porque estava na moda.

Mas hoje quem fala alto, quem braceja, quem empurra, quem se senta sem dar tempo a pormo-nos em guarda quem... emfim ostenta um aparatoso á «vontade» para esconder a sua impossivel adaptação ao «chic» são bem outros seres da creação.

Destes convem fugir, porque dizem «samos» e supônhamos; quando eles falam, calarmo-nos; quando se estendem, encolhermo-nos; e assim o homem de qualidade hoje é um bicho de conta, é o retraído e o silencioso. E', uma palavra, o que não está á vontade; e, evidentemente, não está, porque os logares estão a flux da onda que chegou.

O «chic» hoje é ter braços e não gesticular; ter voz e não se fazer ouvir; porque eles gritam e gesticulam, por eles e por nós. E, sobretudo, porque o peor seria ainda poder a gente parecer-se com eles. A sociedade!...

Apezar da decadencia de costumes dos ultimos reinados esta agora ainda está mais intoleravel.

E o novo rico é, sem duvida o monstro deste apocalipse.

D. Thomaz de Noronha.

POLITICA GREGA

A resposta á nota dos aliados

PARIS, 1.—Segundo uma informação rebebida de Atenas, o presidente do conselho, sr. Rhallys, dirigiu-se no dia 29 ás legações de Inglaterra, da França e da Italia e fez entrega aos ministros aliados da resposta do governo helenico á nota politica que foi enviada pela Entente no dia 3 de dezembro, em seguida á conferencia de Londres. O texto dessa resposta não será publicado antes de chegar ás mãos dos governos interessados, mas diz-se que a nota, embora redigida num tom muito firme, é ao mesmo tempo cordial e procura dissipar as apreensões da «Entente», quanto ás disposições da Grecia.—(H).

Liquidação da aventura de Fiume

d'Annunzio em Veneza?

ROMA, 31.—O «Giornale de Italia» diz correr o boato de que d'Annunzio chegou já a Veneza, donde partirá para França.

O duque d'Aosta regente de Carnaro?

ROMA, 31.—A «Epoca» diz que a regencia de Carnaro será oferecida, por meio de um plebiscito popular fiumense, ao duque de Aosta.

A redução do exercito alemão

BERLIM, 31.—O «Berliner Tageblatt» diz que o exercito alemão já foi reduzido a 100.000 homens e 4.000 oficiais. O mesmo jornal acrescenta que em varios pontos da Alemanha são muito escassos os voluntarios que se apresentam para se alistarem no novo exercito.

DOIDOS, ÊLES!

Corações de mulheres

Só alguns dias depois de eu ser definitivamente advogado da sr.ª D. Maria Adelaide tive a explicação das duas cartas que misteriosamente haviam sido remetidas para Lisboa.

Quando, depois de capturados no Roção, pernoitaram numa taberna, que a «generosidade» dos agentes de policia entendeu ser o logar mais proprio para uma senhora descançar, a minha cliente e o Manuel, prevendo que em breve os separassem, combinaram um com o outro a forma de se corresponderem. O Manuel, ignorando para onde seria levado, disse-lhe então que, se ela pudesse dar noticias suas, lh'as enviasse por intermedio dum determinado amigo, que ele tinha em Lisboa. Foi este amigo que veio mais tarde ao Porto, e que depois de ter procurado falar com o Manuel, sem conseguir entrar na cadeia, se dirigiu por fim ao meu escritorio.

A primeira carta misteriosa que este homem recebeu não foi escrita pelo punho da sr.ª D. Maria Adelaide, não só por ela não ter papel nem tinta, mas ainda porque mesmo que as tivesse, não lhe era facil escrevê-la no hospital, em razão de não ser a sua empregada (ou seja a sua carcereira) quem se prestava a transmitir a correspondencia. Foi, nus rapidos intervalos de ausencia da «carcereira», que a referida senhora conseguiu que alguem em nome dela escrevesse para Lisboa a dar parte da situação em que ela se encontrava e a pedir que viessem comunicar ao Manuel que ele continuava a ser afectuosamente lembrado.

A segunda carta foi escrita por um processo semelhante ao da primeira, tendo-se apenas acrescentado o nome duma pessoa a quem a resposta devia ser endereçada.

Assim se explica o acharem-se as ditas cartas incorrectamente escritas e mal pontuadas. Era a mão inexperiente, de pessoa inculta, que as escrevia.

*

Ainda outras cartas foram, pela sr.ª D. Maria Adelaide, remetidas secretamente do Conde de Ferreira e preparadas por identico ou quasi identico processo. Uma delas extraviou-se; era dirigida a Maria Carreira, mulher do Alberto Cardoso. Outra, que foi escrita a uma irmã do Manuel, encontra-se actualmente em meu poder e é do teor seguinte:

«Porto, 4/5/919. Saudosa Maria—Já ha bastante tempo escrevi para aí uma á Maria Carreira, e não tive resposta não sei se levaria caminho (sic).

Venho pedir-lhe pelo môr de Deus que me responda na volta do correio, dizendo o que sabe do nosso querido Manuel e do Alberto eu estou muito emfeliz (sic) e tenho sofrido muito por saber que o meu Manuel está preso mas eu tambem estou presa.

Peço-lhe que me responda e me comte (sic) tudo o que aí se tem passa (sic) e que me diga como está a mãe.

Peço perdão a todos do mal que lhes fiz por tamto (sic) amor ter ao meu Manuel peção a Deus por o meu infeliz Manuel e por esta disgraçada mulher.

Saudades á familia toda e um abraço á mãe ebejos ao pequenos saudades para si sua irmã amiga «Maria». Escreva logo que possa com esta direcção .... («Indica-se aqui um nome e morada na cidade do Porto») Escreva logo que possa.»

Nesta altura, a sr.ª D. Maria Adelaide já tinha conseguido arranjar um bocadinho de lápis e fizera o rascunho da carta numa tirazita de papel. A pessoa encarregada da cópia é que não copiou em ordem deixando os erros e lacunas que se notam na transcrição supra.

A resposta foi a que, em seguida, apresento. (Não conservo, por não haver necessidade disso, a ortografia e pontuação do original). Diz a resposta:

«Hoje, 10 de Maio de 1919. Minha boa senhora: Eu cá recebi a sua carta. Vi tudo quanto a senhora dizia. Bastante pezar tenho e toda a familia do que a senhora sofre. Nós temos pedido muito a Nosso Senhor e Nossa Senhora, pois a minha Mãe, depois que sucedeu essa surpreza, tem andado sempre incomodada.

Ha 15 dias voltaram cá outra vez os policias; ainda levaram um meu cunhado tambem para aí para a prisão: o que foi com a senhora e mais com o Manuel, quando foram presos;—o Augusto. E ainda lá esteve 4 dias, mas foi porque teve amigos, senão ainda lá estava mais tempo.

E tambem levaram uma caixinha de folha, que estava cheia. Levaram-na e levaram tambem muitas peças de morim e carros com linhas; o cordão que a senhora tinha mandado guardar; e levaram tambem o saco de outros objectos; emfim, levaram o que eles quizeram.

Ainda me perguntaram se me tinham dado algum dinheiro a guardar, mas eu disse que não fôra entregue de nada.

Agora dou-lhe a saber que esteve cá o advogado do Manuel, onde ele foi muito satisfeito, porque arranjou cá muitas testemunhas a favor dele. Pois o Manuel tem escrito algumas vezes, mas não fala em sair de lá; e o Alberto tambem ainda lá está.

A carta, que a senhora fala, cá não foi entregue.

Agora nada mais.

Aceite saudades de todos nós, beijinhos dos meninos, e um abraço de minha mãe e da minha irmã; e nós cá pedimos muito para que isto acabe tudo em bem. Sou esta como sabe sua amiga «Maria dos Prazeres».

A carta era acompanhada de meia folha de papel com as seguintes indicações:

«O advogado do Manuel é sr. Bernardo Lucas e tambem anda a trabalhar em abono da senhora.

Se a senhora lhe quizer escrever, a direção dele é a seguinte: Bernardo Lucas, advogado, rua de S. Miguel, n.º 38.»

Quando a senhora D. Maria Adelaide passou a procuração, ainda eu não tinha conhecimento destas duas ultimas cartas, nem ela mesmo tinha recebido a resposta que acabo de transcrever. «Quantas aflições me teria poupado esta resposta—tem-me dito a ilustre senhora—se m'a houvessem entregado a tempo!»

¿ E quere o leitor saber porque lhe demoraram a entrega da resposta ?

A' empregada que se prestava ao favor de transmitir a correspondencia da sr.ª D. Maria Adelaide foi apreendido um bilheto que a mesma senhora remetia a uma companheira de internamento. A empregada sofreu uma censura e, com receio de maior castigo, não entregou a resposta vinda do Roção. A sr.ª D. Maria Adelaide não sabia que o bilhete fôra apreendido, mas, tendo eu mais tarde conhecimento do facto por intermédio da minha «policia», contei-lho, e em consequencia disto a sr.ª D. Maria Adelaide, quando se proporcionou a ocasião, disse á tal empregada que sabia ter-lhe sido apreendido um bilhete e aproveitou a circunstancia para lhe perguntar se não tinha recebido carta alguma.

A empregada confessou ter-lhe sido feita a apreensão do bilhete e disse, ter na verdade, recebido uma carta, mas que com medo de ela lhe ser encontrada, a queimara. Tempo depois, todavia, sentida, com o ar de frieza que a sr.ª D. Maria Adelaide lhe demonstrava, e esquecida talvez do que lhe dissera, perguntou-lhe se ela não queria receber a resposta que tinha vindo. Naturalmente lhe foi respondido que sim, e no dia seguinte era entregue a carta da irmã do Manuel.

Costuma dizer-se que o que tem de ser tem muita força. E' por isto que, apesar de todos esforços para tornar incomunicavel a sr.ª D. Maria Adelaide, ela fez chegar as suas queixas até junto de almas compassivas; é por isto que, apesar de todas as opressões ela se vae defendendo; e é por isso que ela ha de vencer!

Bernardo Lucas.

O caso do documento diplomatico

O sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, ainda não concluiu as suas diligencias sobre a publicação, num jornal da noite daquele documento diplomatico e confidencial a que por varias vezes nos temos referido.

O referido funcionario policial teve hontem no ministerio do interior uma demorada conferencia com o sr. dr. Couceiro da Costa, nosso ministro em Hespanha, tendo-se trocado explicações sobre um carta que aquele diplomata publicou nos jornaes, opondo o mais formal desmentido a uma informação, tornada publica, de que na nossa legação em Hespanha estivera durante trez dias um oficial da nossa armada tirando copia de varios documentos ali existentes.

Conforme dissemos ha dias, o sr. dr. Reis Junior vae a Madrid ouvir as declarações de varios funcionarios da nossa legação e entre eles os srs. dr. Ferreira de Almeida e Vasco de Quevedo, devendo partir para a capital do paiz visinho na proxima 4.ª feira, sendo acompanhado pelo chefe da 2.ª secção, sr. Manuel de Jesus Sequeira.

Sociedade Nacional de Belas Artes

Continua sendo concorridissimo o nosso «Salon» de aguarela nesta agremiação, onde distinctos artistas deste genero de pintura expõem os seus trabalhos.

O Estado adquiriu obras dos ilustres artistas Columbano Bordalo Pinheiro, Carlos Bonvalot, Leitão de Barros, e da sr.ª D. Maria Braamcamp, notavel amadora.

Teem-se vendido perto de 50 quadros. O certamen encerra-se no dia 6.

VIDA SPORTIVA

Uma convocação aos clubs de sport

Para no dia 10 do corrente fazerem-se representar na assembléa que se efectuará nas salas de A CAPITAL

O bi-semanario *Os Sports* vae enviar a todos os clubs de sport o seguinte convite:

Entendeu o jornal Os Sports *ser de absoluta necessidade crear uma entidade suprema que desenvolvesse e dirigisse o sport nacional. Para esse fim, convocou na sua redacção uma reunião de conhecidos e distintos sportmen para se assentar na melhor forma de levar a cabo tal empreendimento.*

Essa reunião realisou-se no dia 28 de dezembro e nela, depois de varia e entusiastica discussão, foi aprovada por unanimidade uma proposta do sr. Antonio Ribeiro dos Reis, do teor seguinte:

«Proponho que o jornal Os Sports *tome a iniciativa duma reunião de todos os clubs sportivos, afim de se dicidir sobre a creação duma plataforma que permita o ingresso de todos os clubs dentro da Federação Portugueza de Sports ou com o fim de indicar á mesma Federação a necessidade de dar por finda a sua existencia, que por estar ela de acordo com o modo de sentir geral, justificando a necessidade da creação dum novo organismo federativo».*

Portanto, cumprindo o mandato que nos foi confiado, temos a honra de convidar V. Ex.ª a enviarem um delegado com plenos poderes a uma assembléa magna de representantes de clubs, que se efectuará no dia 10 de janeiro (segunda feira), nas salas do jornal A Capital, *Rua do Norte 5 1.º, pelas 21 horas em ponto.*

Atendendo aos fins grandiosamente patrioticos que visam esta reunião Os Sports *espera dever a V. Ex.ª o favor da comparencia do delegado do club que V. Ex.ª superiormente dirige.*

Agradecendo e fazendo votos para que dessa reunião advenha um maior engrandecimento para o sport nacional, etc.

S. CARLOS

"Sansão e Dalila"

A bela opera de Saint-Saëns tem, no nosso meio, inumeraveis admiradores, dos quaes somos dos mais fervorosos.

A musica desta partitura segue, passo a passo a ideia do poeta Lemaire, sempre fluente e adequada á situação, ora languida e lasciva, ora vibrante e impetuosa, morbida de voluptuosidade nos soberbos bailados do primeiro e ultimo actos, heroica e sugestivamente melodica nas passagens de amor e sedução.

Saint-Saëns é um grande e profundo conhecedor da sua Arte, tanto que, sem desprezar os processos da escola moderna, conserva sempre, através das suas composições, uma pureza classica admiravel.

«Sansão e Dalila» viu a luz da ribalta pela primeira vez, em Weimar, a 2 de Dezembro de 1877. A enorme cultura de Saint-Saëns como filosofo, astronomo, poeta, critico, pianista e compositor fazem dele um dos mais brilhantes talentos musicaes dos nossos dias.

Fervoroso admirador dos grandes musicos, aceitava, com entusiasmo, os conselhos de Gounod e d'outros genios superiores.

A execução d'esta opera, dado pela empreza do Teatro de S. Carlos, teve momentos de imensa grandiosidade e outros insignificantes.

O maestro Guy possue uma tempera de artista tal que só os profundos conhecedores de forças hipnoticas e espiritas poderão explicar. Com poucos ensaios conseguiu d'uma orquestra o que ele conseguiu é simplesmente prodigioso; é necessario que á sua força e poder de transmissão sejam enormes, para se alcançar tal resultado.

O eximio maestro Guy quiz demonstrar-nos (o que tantas vezes admiramos no maestro Toscanini) que quando um chefe de Orquestra é verdadeiramente grande, por pequenos que sejam os artistas do palco, um tal chefe salva sempre estes artistas.

A orquestra de S. Carlos não só tocou maravilhosamente a opera de Saint Saëns, como ainda foz mais: cantou-a, declamou-a, e, duma só vez dos seus varios naipes, todas as «nuances» toda a poesia, o color, a sugestiva voluptuosidade de que está impregnada a partitura do celebre compositor francez.

Foi especialmente no 2.º acto, que se resumo em dois duetos, executados bem palidamente pelos cantores, que a orquestra, qual onda gigantesca crescendo, se multiplicou, fluindo, derramando sons, tomando taes proporções de grandiosidade que o publico entusiasmado, aclamou com toda a justiça, demonstrando bem o grau de sensibilidade artistica que possue o ilustre maestro Guy, que agradecia comovido. A sua comoção não provinha unicamente do inebriamento que proporciona um aplauso quente e vibrante; a sua comoção era ainda de reconhecimento pela nossa orquestra que, em poucos dias de trabalho, soube compreendel-o, coadjuvando-o duma forma poderosa na sua obra d'Arte executiva.

Nunca, como hontem, nos sentimos tão orgulhosos da nossa orquestra; cada dia acariciamos mais a idea de formar uma só, reunindo todos os elementos valorosos dispersos, completando-o, o que nos proporcionaria execuções elevadissimas e daria nome ao nosso paiz, se houvesse quem a levasse a exibir-se por esses mundos fóra como actualmente faz Toscanini, na tournée que emprendeu com a melhor das orquestras italianas.

Um «bravo» sincero e caloroso aos nossos musicos que brilharam, nesta execução, á altura dos melhores.

Emquanto aos artistas já os classificámos, de fracos, muito fracos. Certamente que o papel de Dalila não lhe cabe, pois a meio-soprano Anitua, destinada a cantar esta opera, e que é a unica que hoje possue qualidades vocaes para o fazer, teve infelizmente á ultima hora, de recolher a uma casa de saude para se submeter a uma operação, o que deixou a empreza em serios embaraços.

As vozes que esta parte requer já não existem; Dalila canta, nesta opera, em tessitura de verdadeiro contralto, e francamente, depois da Scalchi Loli, não ouvimos mais alguma.

Os coros soberbos numa fusão harmonica e admirabilissimos. Os bailados vistosos, ensaiados com criterio, dando um conjunto coreografico digno das tradições do nosso primeiro teatro.

Maria Judice

Pelo Porto

Noticias ineditas

Estreia-se brevemente no Sá da Bandeira a companhia de declamação Palmira Bastos. A principal figura masculina é o actor Rafael Marques.

— A seguir á revista «Saude e Fraternidade», a Sociedade Teatral Limitada porá em scena no Aguia d'Ouro, com todo o deslumbramento de scenario e guarda-roupa, a revista «Aqui d'El-Rei», original de Luiz d'Aquino e Barboza, completamente remodelada, actualisada e nova para o Porto.

— A revista «Tam... Tam...» que conta 60 representações, em scena no Olimpia, será brevemente ampliada com um quadro novo que se intitula «E. T. A.».

— Foi aceito pela empreza do teatro da Trindade, com o compromisso de montagem, a peça em 3 actos em verso, original do festejado poeta e escriptor teatral portuguez Carvalho Barboza, «Cantico dos Canticos».

ULTIMA HORA

Os crimes do adulterio

O proprietario de um hotel tenta assassinar a mulher e o amante

N'um dos predios da rua dos Bacalhoeiros acha-se ha tempo instalado o hotel *Alentejano* de que é proprietario Manuel da Costa, chefe da repartição de aferição de pesos e medidas, casado com Fernanda Rodrigues Costa.

O hoteleiro ja de ha muito andava desconfiado de infidelidade da mulher, com seu primo o 1.º marinheiro n.º 1879, da 3.ª brigada José Rosado de Carvalho, em serviço no cruzador *S. Gabriel*, motivo porque entre os dois esposos, já á anos eram constantes as questões.

Ultimamente o Costa teve suspeitas de que a mulher dava dinheiro ao amante e o que mais ainda o exasperou, sendo raro o dia em que entre os dois esposos se não davam scenas bastante desagradaveis.

Resolveu o hoteleiro pôr termo de vez a um tal estado de coisas e depois de ter traçado o seu plano tratou de o pôr em pratica. Mandou preparar um jantar para o dia de hontem convidando a assistir a festa, o primo Rosado, um outro residente em Setubal e um seu irmão, tendo-se feito acompanhar das esposas e filhos, os dois ultimos.

Durante a refeição nada de extraordinario se passou e tendo terminado o jantar todos sairam em direcção a uma leitaria da rua da Assunção onde estiveram bebendo café. Por fim á saida da leitaria o hoteleiro empunhando uma navalha de barba, correu sobre o marinheiro e golpeou-lhe o pescoço, ferindo em seguida a esposa na cabeça e nas mãos.

O caso levantou grande reboliço como é natural, havendo gritos e socorro e aparecendo o guarda fiscal n.º 3, da 2.ª companhia que desarmou e prendeu o agressor enquanto outras pessoas conduziam o marinheiro ao hospital de S. José, seguindo a Fernanda para o posto da Cruz Vermelha, no terreiro do Paço, onde foi pensada, recolhendo depois a casa, visto não apresentar gravidade o seu estado.

O marinheiro que apresentava um profundo golpe do lado direito do pescoço foi operado pelo sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelo interno sr. dr. Amandio Pinto, recolhendo depois á enfermaria de Santo Antonio.

O Manuel da Costa, que já no dia de Natal havia convidado para jantar algumas pessoas de familia, pretendeu a um primo o seu desgosto pelo procedimento de Fernanda que lhe era infiel e dava repetidos vezes dinheiro ao amante.

Um crime antigo

Foi hoje largamente interrogado no Governo Civil pelo agente Albano de Macedo, o estivador Antonio Correia, da rua do Salvador, 18, 1.º, que em 1 de Novembro ultimo numa taberna do Azinhal agrediu com uma facada no pescoço o fragateiro Antonio Augusto Garrana, que passados dias faleceu numa das enfermarias do Hospital de S. José.

O assassino que foi preso anteontem na rua da Amendoeira, confessou hoje por confessar o seu crime, devendo ser amanhã remetido para o tribunal da Boa Hora, donde seguirá para o Limoeiro, visto o crime não admitir fiança.

SPORT

No desafio de foot-ball disputado em Palhavã entre o Sporting e Foot-Ball Club do Porto houve um empate de dois goals.

— Hontem o team portuguez venceu o Imperio por 4 goals a dois.

Gremio Socialista de Lisboa

Por deliberação do C. C. reune amanhã, em sessão de propaganda, para comemorar o 45.º aniversario do Partido Socialista Portuguez, sendo oradores o dr. Alberto Machado, José Augusto Machado e outros.

Entrada livre.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Alma Feminina—Num só fasciculo sairam os numeros 9 e 10 deste boletim oficial do conselho nacional das mulheres portuguezas, trazendo colaboração das sr.ªs D. Maria Clara Correia Alves, D. Albertina Gamboa e D. Alice Guerreiro.

Triangulo Vermelho—Saiu o numero 2 desta revista mensal ilustrada, orgão das Associações Cristãs da Mocidade e que é dirigida pelo sr. Eduardo Moreira. Bem ilustrado e boa colaboração.

Comercio do Porto mensal—Recebemos e agradecemos o numero deste nosso colega da capital do norte relativo a novembro findo.

Revista Internacional de Dun—O numero correspondente a dezembro e que acabamos de receber é, como com todos sucede, interessante, trasendo larga copia de anuncios das principaes casas dos Estados Unidos.

La Hacienda.—Temos presente o numero 2 do 16.º volume, correspondente a novembro, desta revista que se publica em Buffalo e de que é agente em Lisboa a casa Dias, da rua do Arco do Marquez de Alegre, 13, 2.º

A CAPITAL no Porto

Encontra-se á venda na tabacaria Africana, rua 31 de Janeiro, e nos seguintes kiosques: Carmo, Hospital, Carlos Alberto, Chiado, Santo André, S. Lazaro, Tiburcio, Pavão, Passos Manuel, Pintasilgo, Marquez de Pombal e Conde Ferreira.

NOTICIAS DA CAPITAL

Repressão do jogo.— A policia da esquadra de Arroios cercou hontem á noite uma casa na rua de Arroios, 112, onde havia suspeitas de que se estava jogando a batota.

Foram presos tres individuos encontrados a jogar «á pedida», os quaes seguiram para o governo civil, sendo-lhes apreendidas as cartas.

Com a boca na botija...— O agente Albertino Ferreira, da 3.ª secção da policia de investigação, dirigia-se hoje de madrugada para casa, quando foi encontrar na calçada da Tapada, a arrombar a porta da garage do engenheiro sr. Armando Rueda, o temido gatuno Martins da Costa, da calçada de S. Vicente, 91. Imediatamente tratou de lhe dar caça, mas o larapio, ao ver-se perseguido, fez frente ao agente a quem tentou agredir com o escopro que servira para o arrombamento. Foi por fim subjugado e desarmado, recolhendo a um dos calabouços do governo civil.

Gatunos para juizo.— Para o tribunal da Boa-Hora foram enviadas Tertulina Rocha dos Santos e sua mãe, Maria Barbara dos Santos, da rua dos Fanqueiros, 262, 4.º, acusadas de implicadas em varios furtos de roupas no valor de 2.000 escudos. Entre os queixosos figuram: Antonio Alves Leite, da Avenida Duque de Avila, 98, 4.º; Manuel Tomé de O., da rua Gomes Freire, 169, 2.º, e Julia Costa, da rua da Conceição da Gloria, 18, 1.º, em cujas casas a Tertulina esteve a servir como creada. A Maria Bárbara era quem induzia a filha na pratica de taes furtos.

— Tambem seguiu para juizo Elisiario Rodrigues, da rua Gomes Pereira, 158, 2.º, que gastou em seu proveito a quantia de 217 escudos que lhe fôra confiada para comprar azeite, por Amelia Borges, da Avenida Duque de Loulé, 57.

Proezas dos larapios— Os gatunos entraram por meio de arrombamento no 1.º andar do predio 260, da rua do Bemformoso, ignorando-se por emquanto o valor do furto, visto os locatarios se encontrarem ausentes. A casa ficou vigiada pela policia.

—Foram presos: João Baptista, da rua Martim Vaz, 31, que estando como guarda-livros da firma Mauricio Limitada, com armazem na rua do Salitre, 102, dali desviou varias quantias, cujo total é ainda desconhecido; e Augusto Rodrigues, da rua dos Cegos, 5, 2.º, caixeiro da padaria do largo de S. Martinho, 5, pertencente a Companhia Portugal e Colonias, donde furtou a quantia de 500 escudos.

— A' policia foram apresentadas as seguintes queixas: de Maria de Moraes, da rua de S. Gens, 10, 2.º, a quem furtaram uma mala no valor de 100 escudos; de José Maria Vitarinho de Moraes, da rua da Vinha, 75, a quem furtaram uma «gaberdine» avaliada em 170 escudos; de Luciano Neto Galo, do largo de Camões, 11, 3.º, a quem furtaram a carteira com 180 escudos; de David Martins dos Santos, da rua do Olival, acusando o seu hospede José Dias de Oliveira, de lhe ter furtado a quantia de 95 escudos e um cordão de ouro avaliado em 150 escudos.

Ao pé da porta— A' porta de Morgue foi hoje encontrado um feto que recolheu áquele estabelecimento.

Debaixo dos pés...— O guarda civico n.º 1344 da 4.ª esquadra, Antonio de Sousa, da rua da Cruz em Alcantara, 29, 2.º, tendo terminado hoje pelas 5 horas, o seu quarto de patrulha, dirigiu-se para o posto do teatro Nacional, onde aguardou que partisse o primeiro electrico que o devia transportar a casa. Entretanto resolveu descançar um pouco sobre um banco e quando se deitava caiu-lhe a pistola da algibeira a qual se disparou indo uma bala alojar-se-lhe nas costas. Socorrido por varios colegas, foi imediatamente conduzido ao hospital de S. José, sendo pensado no banco pelo sr. dr. Azevedo Gomes, auxiliado pelo interno sr. dr. Amandio Pinto, recolhendo depois á enfermaria de S. Francisco.

Varios desastres.—Maria de Jesus Cortez, da rua Maria Pia, 213 caveu, caiu ali por uma escada sofrendo fractura das costelas. Recolheu em estado grave á enfermaria de Santa Joana do hospital de S. José.

—Na enfermaria de Santo Antonio, deu entrada o empregado no comercio Francisco Filipe Vaz, da rua dos Galinheiros, que na Avenida Almirante Reis foi colhido por um carro electrico, sofrendo fractura da perna direita.

—O menor Bernardo Martins, de 5 anos, filho de Jesuino Martins e de Erminia Martins, da Cova da Piedade, foi atropelado por uma carroça ficando com uma perna fracturada. Conduzido para Lisboa foi pensado no banco do hospital de Estefania, recolhendo depois a uma das enfermarias.

— No banco do hospital de S. José foi pensado Antonio Joaquim Ferreira Barros, do Largo do Menino Deus, 7, 1.º, que ao debruçar-se de uma janela se despenhou ficando muito ferido na cara.

— Quando esta tarde, Guilherme Emidio Correia, guarda-fios da companhia dos telefones, morador no largo das Olarias, 16, estava fazendo uma separação na linha telefonica, na rua 14 de Maio, á Alcantara, caiu do poste ficando muito ferido e recolhendo ao hospital de S. José.

Parque Automovel Militar

Material circulante

O Conselho Administrativo faz publico por esta forma que no dia 5 do mez de Janeiro de 1921, pelas 13 horas se procederá na séde deste Parque em Belem á venda em hasta publica do seguinte material devidamente reparado.

Carro Renault 12 H P—4 logares, carrosserie Sport	1
Carro Fiat 16—20 H P—landaulet	1
Carro Peugeot 24 H P—limousine de luxo	1
Chassi Fiat 20 H P—de correntes	1
Chassi Daimler 30 H P sem valvulas	2
Camions Fiat 18 B L—Para 3500 kilos	6

As condições da venda estão patentes na Secretaria do Conselho Administrativo deste Parque em Belem todos os dias uteis das 12 ás 17 horas e os carros acham-se em exposição desde o dia 25 do corrente até ao dia 3 de janeiro p. f. na Garage da Rua Thomaz Ribeiro.

Quartel em Belem, 20 de Dezembro de 1920.

O Tesoureiro

Antonio José Alvaro da Silva e Costa

Tenente de Adm. M.ar

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

BILHETES DE ASSINATURA

Esta Companhia faz publico que tem desde já á venda bilhetes de assinatura para o 1.º semestre de 1921, nas seguintes condições:

1.º—O prazo de validade dos bilhetes termina em 30 de junho de 1921.

2.º—O preço dos bilhetes é de esc. 120$00 (cento e vinte escudos) pagos no acto da entrega da carta em que forem requisitados.

3.º—Os bilhetes deverão ser requisitados á Companhia, nos seus escritorios em Santo Amaro, em carta impressa segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias suas, eguaes, medindo 0,m045 x 0,m035, despegadas do cartão, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas, ou inutilisadas por qualquer carimbo.

4.º—A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura tres dias depois d'aquele em que receber a requisição, nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 31 de dezembro.

5.º—Os bilhetes são absolutamente pessoaes, intransmissiveis e insubstituiveis, salvo em caso de perda ou extravio devidamente comprovado, e só são validos para os carros electricos que circulam nas linhas da Companhia, excluindo, portanto, os que circulam nas da Nova Companhia dos Ascensores Mecanicos de Lisboa.

6.º—Em caso de perda ou extravio deverá o assinante fazer a participação á companhia, que decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete. Durante este prazo, que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma nem a perdas e damnos.

7.º—Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante, fizer uso de um bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado isto sem prejuizo do processo a seguir contra o auctor e cumplices desta fraude ou tentativa de fraude.

8.º—Os bilhetes de assinatura não terão valor algum quando não tragam a fotografia do assinante, não tenham o selo em branco da Companhia ou não estejam por eles assinados.

9.º—Os assinantes não podem apresentar, sob pretexto de quaesquer prejuizos, reclamação alguma contra a Companhia, por motivo de demora, paragem o interrupção na circulação da linha, mudança de serviços, diminuição no numero de carreiras, falta de lugares no carro ou motivo de greve.

10.º—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e bem assim quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura.

Fica egualmente obrigado a reproduzir a assinatura quando se torne necessario para comprovar a sua identidade.

11.º—A falta casual ou forçada de utilisação do bilhete não constitue o assinante nem os seus sucessores ou herdeiros no direito de reclamar indemnisação ou compensação alguma da Companhia.

Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem lhe suceda, haver o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço, uma vez pago, pertence á Companhia, para todos os efeitos á Companhia.

Lisboa, Santo Amaro, 22 de dezembro de 1920.

A Direcção da Companhia

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3743 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 3 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos

NAS ULTIMAS

O sr. comissario dos abastecimentos concedeu ao «Seculo» uma entrevista, que este nosso colega hoje publica, e na qual, mais uma vez, se fazem revelações gravissimas sobre a forma como a especulação se tem desenvolvido entre nós, com a complacencia, se não com a manifesta cumplicidade das autoridades que a deveriam cohibir. Dá-se uma ordem, promulga-se uma lei, não se cumprem —diz-se o Peres Trancoso. Ao mesmo tempo, uma praga de intermediarios se estabeleceu entre o productor e o consumidor, de maneira que o agravamento do preços é constante.

O sr. comissario dos abastecimentos está informado de que andam muitos individuos pela provincia oferecendo por litro de azeite 7 e 8 escudos, o que evidentemente significa que pensam que ele será vendido ao publico por 10 ou 12. Semelhantes constatações levam o sr. Trancoso á conclusão de que dois terços da população do paiz não pensam senão em devorar o terço restante, o qual é constituido pelo consumidor puro e simples.

Haveria um remedio para esta situação verdadeiramente asfixiante e que sob o ponto de vista da criminalidade não tem talvez nada que se lhe avantaje. Consistiria esse remedio em tomar o Estado a seu cargo o papel de regulador de preços. Procura aplicar esse remedio o sr. Trancoso; mas, tendo pedido ao Estado os creditos necessarios para tão avultadas despezas, o que pode dizer é que, havendo sido destinados 21.000 contos para acudir á crise das subsistencias, esses 21.000 contos já estão reduzidos a 7.000. E quem sabe mesmo se esses 7.000 contos chegarão ás mãos do sr. comissario dos abastecimentos.

Como se vê, o estado da questão não pode ser mais alarmante. Temos uma população quasi inteiramente gangronada com a febre do lucro; temos autoridades que não cumprem os seus deveres, temos governos que não encaram a situação como ela deve ser encarada e não fornecem meios para se resolver d'uma forma pratica o tremendo problema das subsistencias. Faliu a moral, faliu a lei, faliu a autoridade, faliu a administração, faliu tudo? Assim parece depreender-se duma exposição em que o cunho da sinceridade se revela em cada frase.

Não é o sr. Peres Trancoso o primeiro comissario ou ministro que revela ou deixa entrever o verdadeiro caracter da crise que nos avassala. Na maior parte, os homens que procuram resolver o problema das subsistencias ou se amoldam ás circunstancias presentes, e não fazem nada, ou acabam por se retirar, convencidos da sua impotencia. E' triste constatal-o, mas é certo. Chegámos já a um ponto extremo de degradação de que só poderemos sair á custa de rasgos da suprema energia.

A verdade e a justiça mandam dizer que o mau exemplo partiu do cima, desde que os gabinetes dos ministros foram assaltados por aventureiros que, servindo-se da capa politica n'eles alcançaram concessões que nunca deveriam ter obtido, só para enriquecerem rapida e imediatamente, dando-se-lhes vapores para explorarem, ou «permis» para negociarem importações ou exportações exageradamente lucrativas. Desde esses dias a dignidade do poder sumiu-se, a especulação tornou-se uma especie de nova lei, e a pouco e pouco foi ganhando as classes mais intimas da sociedade, suscitando mil e uma explorações e açambarcamentos, a mais grave, a mais monstruosa porventura de todas as especulações, porque se multiplicam ao infinito, inspirando os maiores agravamentos de preços em generos e artigos de primeira necessidade.

Se a sociedade está gangrenada, como o sr. Trancoso supõe, a gangrena veiu do alto, veiu desses ministerios em que a influencia politica foi posta ao serviço de empresas varias, a ponto de se crear para os agentes encarregados de tudo obterem nas esferas do poder a designação, para retribuição dos seus esforços, de comissões nos ministerios!

Assim chegamos á ultima, e se é certo que não é o sr. Peres Trancoso quem primeiro levanta a ponta do veo, não é menos certo que, de dia para dia, a situação é mais critica, a desmoralisação mais funda, a asfixia mais poderosa, e que, se não se lançar mão de meios absolutamente energicos, nada poderá evitar a catastrofe que o sr. comissario dos abastecimentos justificadamente teme.

A partir do proximo dia 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

A repressão do jogo

Esta manhã foram presos n'uma casa na rua da Madalena 12 individuos, que ali estavam jogando o monte.

AUTENTICAS

O primeiro executante

Antonio é o seu nome. Tem apenas 12 anos e é natural de Arganil. Trabalha como engraxador ali, no Chiado, defronte da egreja dos Martires, naquela antiga escada de «O Dia», por onde a gloria portugueza subiu, toda dourada, conversa em companhia de seguros.

Ele lá passa o dia de joelhos a dar á escova, a bezuntar de crémes, a empastar com pomadas o calçado de tanto matulão ignobil que, empavonado na formidavel ilusão dos seus meritos, nem sequer por ele dá, naquela faina. E todavia o pequeno tem um olhar admiravel de precisão e esperteza.

Naquele serviço violento não se devia consentir creanças. Com esta potentosa alimentação que a gente não sabe se corore ou repara, mas que nos dá para assombros, quando vemos ainda em pé os que se nutrem dos mais suculentos manjares, se tuberculisam os melhores tipos da provincia que por cá se metem no oficio. Entretanto as autoridades, as sociedades de filantropia, toleram que os miudinhos se esfalfem naquela tarefa ingrata de limpeza e lustre.

Mas não foi para isto que eu falei do Antonio.

Aquela cabecita fresca e viva parece que não sente a moedeira dos seus braços. Alegre e leve, áquela almita não se aferram os estigmas do infortunio. A posição humilhante, o cansaço, o esforço a todo o momento recomeçados, não o amarfanham, não lhe sugerem mau humor nem protestos. Do labor enfadonho triunfa aquela maquina, sem se deixar amolecer por ele.

Ha dias o chefe da oficina adoeceu; pois foi o Antonio quem tomou conta do estabelecimento. Ha lá outros oficiaes mais velhos, já homens; mas quem recebia o dinheiro, quem fazia os trocos era o Antonio.

Num desses dias, emquanto o seu colega me engraxava as botas, ele punha como rutilo topásio os sapatões amarelos d'um inglez, quasi tão grandes como ele todo.

Desarregaçadas as calças, aquela especie de «cabrion» dos «sinn-feiners» perguntou quanto era, e o pequeno com a maior naturalidade e desplante respondeu:

«Um escudo»!

Eu sorri e gozei. Dos meus labios e dos meus olhos poude ele colher imediatamente a aprovação franca e sincera da sua audacia. No meu coração havia o jubilo que se não contem, porque sobrepuja o habitual equilibrio do nosso temperamento.

Aquilo era a execução do que eu tenho escrito e dito a tanta gente de energia falha, incapaz de resolução e firmeza. Ele, porém, o pequenote nunca me lera nem ouvira; nunca se letrára sequer as minhas diatribes contra os estrangeiros que afluem desdenhosos aos cardumes a este rincão da Iberica, com a esperteza torpe de por cá viverem quasi de graça.

Sabe o Antonio que a libra a 40 escudos, o dolar, a pesêta, o franco a, caminho das nuvens, tornaram Portugal um chamariz para os pelintras de varias nacionalidades? Que os haveres de tão emproados senhores mal lhes chegariam para comer e mal em suas Patrias gloriosas, e que vivem por cá como nababos?

Sabe. Tem-no ouvido, ali mesmo, a dar aos seus bracitos de creança, a muita gente nossa que inveja a sorte do estrangeiro em Portugal.

E porque o sabe, e porque a sua cabecita é alguma coisa que pensa, no meio de tanto alimaria,— ei-lo que corrige, dentro da esfera da sua ação, a desigualdade do cambio, a torpe especulação com tamanho erro.

O lorpa dos seus companheiros parou o serviço, arregalou os olhos a ia escancarar a boca, se o não tivesse contido a minha acquiescencia ao golpe certeiro do pequeno.

Afinal o que pagou o inglez, com a libra a 40 escudos? *six pence*, aquilo porque ele não veria engraxados os seus formidaveis sapatos em parte alguma do mundo.

Se o Antonio lhe tivesse levado o preço estabelecido para os nacionaes, o homem teria alcançado mão de obra, créme, pomada, gasto das escovas, tudo por pouco mais de um *penny*!

Que pena é que o espirito do pequeno engraxador não consiga internar-se nos proprietarios dos hoteis, restaurants, carros e lojistas de todos os generos!

A isto terá de se chegar. Duas tabelas de preços: uma para nós, outra na consciencia dos alugadores e vendedores para o estrangeiro. E' que não ha nada mais irritante e ignobil do que a exploração da vilanagem que de fóra vem fartar-se com os poucos viveres e esforço de que os portuguezes dispõem. A invasão aumenta de dia para dia; outras linguas, que não a nossa se fazem ouvir, por toda a parte, com uma frequencia que enerva. São os naufragos doutras sociedades que veem á pechincha.

Era só o que nos faltava; como se tudo isto não andasse naufragado, ainda os falhos de outros meios e por outros rumos a pezarem-nos e amortecer-nos como cohorte de invalidos e de famintos.

Pois viva lá, amigo Antonio.

D. Thomaz de Noronha.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

II

Dar luvas e receber luvas

Peitas e suborno -:- A luz dos adagios e anexins -:- As luvas na India -:- O corpo de Deus e as luvas -:- A prevaricação dos costumes

Arras, páreas e peitas são velhos costumes, tão velhos que datam de todos os tempos.

O suborno arvorado em sistema veiu-nos da mais alta antiguidade. Encontramo-lo na Edade Média, na antiga Roma, na Grecia, no Egito. Usaram-no os Medos e os Persas. Judeus e Cristãos tiveram-no em grande estima.

Na India o fomos encontrar quando lá chegámos, porque foi de lá que ele primeiramente irradiou por via das primitivas migrações.

Assim se foi o metodo da compra e venda de direitos ilicitos alastrando pelos slavos, teutões e latinos, atravez das edades, sempre desdenhoso das contingencias politicas, dos acasos da guerra e de todas as modificações economicas que teem transformado o modo de ser das sociedades humanas.

A eterna fascinação da riqueza! A sedução do suborno pela peita!

Já a sabedoria das nações, cimentada pelos seculos em anexins e adagios, o confessa quando o não estimula com certos modos de dizer, privativos de cada nacionalidade e resultantes da experiencia colectiva e tradicional, ou fundados em alusões historicas de cujos factos e nomes de ha muito se perdeu a memoria e o significado.

Dizeres ha tambem ainda muito mais explicitos sob o ponto de vista demopsicologico e comuns a todos os povos oriundos das invasões aricas.

Esses andam dispersos e identicos por toda a parte, de boca em boca, sem distinção de nacionalidade, apenas variantes, quando não meras versões literaes de um pensamento unico, fundamentado na unidade etnica de origem.

E' nestes principalmente que melhor se pode estudar a psicologia humana na sua intuição muito mais egoista do que altruista.

A eterna lucta entre o individuo e a sociedade acentua-se desde a mais remota memoria dos homens, em fórmas fixas e consagradas pelo tempo....

Umas vezes representa-se-nos a fascinação e a sedução pelo interesse individual.

Lá diz o rifão que quem seu carro unta, seus bois ajuda.

E para lubrificar escrupulos, visto que o mal entra ás braçadas e sae ás pologadas, a sabedoria das nações aconselha a dar mel pelos beiços, porque bem cheira a ganancia, donde quer que vem.

Outras vezes é o convite directo ao suborno, á venda moral mais sordida e abjecta.

Os antigos proclamavam bem alto que mais abranda o dinheiro que palavras de cavaleiro.

«Abre a tua bolsa, abrirei a minha boca», repete-se ainda hoje, porque sobre dinheiro não ha companheiro, no entender dos nossos antepassados.

Cada qual, n'este individualismo, recorre incondicionalmente á traição que lhe aconselha em beatifico annexim:

—Desleal e bom servidor, virás a ser Senhor.

Não parece um convite aos modernos furadores de gréves, fiscaes acomodaticios e outros do nosso tempo?

Bem sabia o nosso João de Barros o que teria de descrever em materia de vileza, quando, logo no principio das suas crónicas da conquista da India, relembrou que não ha monte, por alto que seja, a que um asno carregado de oiro não suba (1), extraordinaria antevisão dos novos-ricos que no seculo XX viriam rebaixar a sociedade em que vivemos, com o reluzir do seu ouro a iluminar o negrume das suas consciencias.

Já nos principios do seculo XVI, o Mançaido, preparando a recepção de Vasco da Gama pelo Camorim, aconselhava que para a visita ser mais prestes, o mais certo costume daquelas partes (India) era não ouvirem alguem, sem lhe primeiro levar alguma cousa.

«..... portanto, se queria ser bem enviado (recebido), começasse de usar do costume da terra, porque ante o Rey (de Calecut) não pode ir alguem com as mãos vasias.»

«E tambem os oficiaes (funcionarios) por cuja mão os negocios corriam, convinha por este modo serem contentes:» cá doutra maneira seria tarde e sobre isso mal despachado.»

E o caso é que Vasco da Gama mandou logo a El-Rey (de Calecut) algumas cousas (2).

Se, porém, o regimen das peitas é tão antigo como o tempo, muito mais recente surge o epiteto de luvas, exteriorisando a idéa de suborno.

Aqui, para supreender-nos a origem e razão do estranho termo, teremos de nos reportar aos meados do seculo XVII e pegar ao palio na tradicional procissão do Corpo de Deus.

Desde D. Afonso III que Rei e Altar vinham de mãos dadas envidando os maiores esforços para imprimir grande solenidade ao Corpus Christi, mixto de sagrado e profano que o Estado Real e a Igreja queriam tornar celebração nacional.

D. Manuel I e D. João III deram-lhe novos elementos de fausto, embora o gostesco entrasse tambem a tomar grande parte na procissão com as suas costumadas toirinhas, bailados e descantes, velha representação das modernas e já extintas cégadas do Carnaval.

Não menos ridiculos iam sendo os carros pseudo-alegoricos da Serpe, Torres, Gatos e Dragões que entravam no Cortejo, forçadamente rodeados dos varios mestéres de oficio, antigo embrião das organisações operarias contemporaneas.

Rei, Ministros, Tribunaes, Clero, Nobreza e Povo, Camara, oficiaes do Civel, tropas, frades e freiras, todos eram obrigados por vontade ou por força a encoporar-se na grande solenidade que chegou a atingir as proporções de uma importante questão social.

Ai de quem não areasse as ruas ou não enfeitasse as janelas das suas casas!

Ai de quem não se descobrisse á passagem do cortejo, que logo lhe caiam multas pesadas e suspensão do emprego pelo menos (3) e tambem perda dos fóros de cidadão.

Faziam-se avisos e notificações ás autoridades que tinham de comparecer na procissão. Corriam-se bandos por todas as ruas, convidando o povo e autoridades a acompanhar o cortejo. Oferecia a Camara gratificações largas para aquelas epocas.

Tudo baldado! A insubordinação e rebeldia eram completas. Mais de uma vez sucedera o luzido sahimento ter de parar a meio caminho por falta de pessoas de categoria que pegassem ao pálio.

Até que essa dificuldade caducou por se ter achado a formula para obter a comparencia dos mais categorisados...

A repugnancia que nem as ameaças nem as penalidades, por mais graves que fossem, tinham podido vencer, foi completamente dominada pela promessa e entrega de um par de luvas a cada um dos cidadãos convidados para pegar ao pálio.

Mais uma vez a lisonja da vaidade, o eterno amor do luxo alcançou aquilo que nem castigos, nem ameaças, nem sequer o fanatismo tinham conseguido alcançar.

Por este motivo manda um curioso documento camarario do Seculo XVII pagar nove mil réis de cem pares de luvas para o fim indicado, e mais treze mil e seis centos reis, para se repartirem com os ministros da meza, pelas luvas (sic) que se lhe dão no dito dia (Corpus Christi) (4).

Foi assim que as luvas mudaram do seu significado natural para um outro, mais do que transluto, pois ninguem, com desconhecimento do facto historico, conseguirá adivinhar as relações que possa haver entre esta luxuosa peça de vestuario e a abjecta prevaricação dos nossos costumes, que tornam inuteis e até impossiveis todas e quaesquer medidas, por mais rigorosas que se tomem, em justiça, fiscalisação ou administração publica.

Sentenças, execuções fiscaes, prisões, multas, tudo isto hoje em dia... calça luvas!

E' mais um disfarce para encobrir as mãos, pois lá diz o annexim que nas cabeças dos dedos é que estão as unhas!

Ladislau Batalha.

(1) *Decada* I—Livro VI—Cap.

(2) *Ibidem*. Cap. VIII.

(3) *Livro II d'Assentos da Camara*, fls. 194 v.

(4) *Registro de Mandados de pagamento dos annos de 1645 a 1654*—fls. 117—*apud Oliveira, Municipio*.

O caso do documento diplomatico

Foi posto em liberdade, pelas 17 horas, o sr. Carlos Fidelino da Costa, que ha 8 dias se achava detido como implicado no caso da publicação do documento diplomatico.

No entanto, as investigações continuam.

Malas postaes

Pelo vapor francez «Massillia» são amanhã expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da correspondencia da caixa geral.

Sindicancia

O sr. dr. Nunes da Silva, sindicante sobre determinados actos do director geral da fazenda publica e secretario geral do ministerio das finanças ouviu hoje os srs. dr. Antonio Granjo, dr. Augusto de Vasconcelos e Ricardo Covões.

CONSPIRANDO SEMPRE...

O Tribunal do Santo Oficio!...

Foi reeditado pelos integralistas para julgar os inconfidentes

Os jornaes de grande informação noticiaram que a policia da Segurança do Estado estava procedendo a varias diligencias sobre uma nova conspirata monarquica, tendo sido apreendidas a um preso varias cartas em cifra, timbradas com bandeiras azues e brancas.

Ora tal noticia não é nova, pois que *A Capital* já ha dias se ocupou do caso, tendo outros jornaes transcripto depois as nossas informações, colhidas em fontes oficiaes.

E como o assunto tem despertado um certo interesse, embora em verdade ninguem a serio acredite nas *comedias* integralistas, vamos dar hoje aos nossos leitores mais informações ineditas, que teem pelo menos o condão de fazer rir a gente sensata ou seja os que veêm nos trabalhos conspiratorios apenas uma mina para explorar os incautos....

Esfalfam-se os conspiradores, por intermedio da sua imprensa ou da dos seus aliados, em desmentir as nossas informações oficiaes, dizendo que temos em mira prejudicar a amnistia, quando de mais sabem eles que *A Capital* tem defendido a necessidade de se fazer tal gesto de magnanimidade, que vae beneficiar os que se encontram presos e não aqueles que que cá fóra se dedicam ao rendo so *sport* de conspirar......

Estes continuam n'uma verdadeira roda viva, principalmente no norte do paiz e em especial entre o Porto e Viana do Castelo, o mesmo sucedendo na Galiza, onde os realistas não fazem segredo de se estarem preparando para um novo movimento, obedecendo assim ao *mot d'ordre* emanado da Junta Central do Integralismo.

Esta é que é a verdade, apesar de todos os desmentidos que pretendam opôr lhe.

A referida junta resolveu entrar na maior e mais intensa actividade politica, para o que tem aumentado os seus nucleos, movimentação essa que faz *pendant* com a organisação revolucionaria de que as juntas provinciaes e municipaes são os respectivos *comités* locaes.

Estes *comités* estão subordinados ás ordens do intitulado *Conselho de Regencia*, que é constituido pelos srs.................

Os nomes, não os publicamos para que não venham dizer que somos delatores, embora esses nomes figurem nos *dossiers* oficiaes.

Ora a esse *Conselho de Regencia* é que será entregue a direção dos destinos do paiz, mas isto bem entendido ganho o movimento como é opinião dos realistas, conselho esse que exercerá a sua acção emquanto não chegar a Lisboa, n'uma manhã de nevoeiro, a decantada regente do Reino, a grande princeza senhora Duqueza de Guimarães, tia de D. Duarte Nuno 1.º.

Contam os integralistas com a victoria em absoluto e para incutir animo nos seus adeptos pensam realisar quanto antes um congresso partidario para dar um balanço definitivo ás suas forças. As suas associações secretas continuam sendo organisadas com grande entusiasmo e para evitar inconfidencias tornadas publicas pela imprensa incutem o terror nos aliados das mesmas associações cujo sentimento religioso exploram. Para tal fim instalaram o Supremo Tribunal, uma especie de *Santo Oficio*, que tem a seu cargo julgar as faltas dos associados.

Esse tribunal compõe-se de tres membros que se apresentam mascarados com capuzes negros enfiados pelas cabeças, pendendo-lhes ainda dos hombros capas identicas ás dos estudantes.

Constituem esse tribunal os srs... figurando ainda nesta irrisoria comedia um outro patusco, que se apresenta como sendo um verdadeiro padre, revestido de todos os paramentos sacerdotaes e que em nome de Deus excomunga e aterrorisa os réus perante os restantes membros do Tribunal.

Essas vestimentas sacerdotaes são fornecidas pelo sacristão de..., que exerce o seu mister numa egreja para os lados de S. Sebastião da Pedreira.

Reune-se o Supremo Tribunal em do calha, em varias casas particulares, entre as quaes figuram as dos srs.............................

O local de preferencia escolhido é a casa dos mortos no cemiterio do Alto de S. João, onde os componentes de tão alto Tribunal se teem reunido ultimamente pela calada da noite sendo-lhes a entrada naquele campo sagrado, improprio para comedias de tal jaez, facultada por tres empregados.

O peor, porém, é que um desses julgamentos secretos, sempre revestidos de certo terrorismo, já esteve para produzir os mais funestos resultados.

Julgava-se certa noite um rapaz fidalgo, descendente de uma das mais nobres familias de Portugal, o sr. D. Fernando..., que era acusado de inconfidencia.

O reu atemorisou-se perante os seus julgadores, aterrorisou-se mesmo perante a excomunhão do matulão que fazia de sacerdote e caiu para o lado com um ataque de congestão.

Grande aflição dos autores da farça que ia redundando em tragedia, e vá de socorrer a fraca vitima de forma a não dar escandalo....

Mas os protagonistas da scena, que se dizem muito tementes a Deus, ficaram receosos das coleras divinas e para ficarem bem com as suas consciencias de catolicos, resolveram penitenciar-se junto de um sacerdote, que por sinal é paroco de uma das mais ricas freguezias de Lisboa.

A esse paroco, depois de terem confessado o que se havia passado, pediram perdão e conselho, recebendo como resposta:

—Emfim, com é para bom fim, o caso não tem importancia e podem continuar...

*

Dizemos acima que os nucleos integralistas se teem espalhado por todo o paiz de uma forma verdadeiramente extraordinaria e muito principalmente no Minho e em Traz-os-Montes. Nesta antiga provincia existe uma vila cuja vereação municipal toda constituida por monarquicos-integralistas, faz parte do nucleo em questão.

Em Viana do Castelo é um dos pontos onde se conspira com maior ardor, tendo constado hoje em Lisboa que ali foram presos varios conspiradores, entre os quaes figura o dono de uma casa onde se realisavam reuniões secretas.

Em Melgaço do Minho, na mercearia de um individuo que foi regedor quando da Trauliteria teem-se tambem realisado já ha tempo grandes reuniões.

No districto de Braga, aquele onde os integralistas teem mais adeptos, foi creado mais um nucleo e em Mangualde aderiram a causa mais vinte monarquicos.

Numa casa dos lados do Campo Grande tambem tem havido reuniões fazendo-se a entrada dos assistentes por uma portinha que deita para a Alameda das Linhas de Torres. Numa loja da rua da Paz egualmente se reunem de vez em vez, pelas 22 horas, varios elementos que andam sendo vigiados.

Os conspiradores de coisa alguma se tem esquecido: um soldado que foi expulso do exercito depois de ter estado preso como monarquico foi por eles empregado numa das mais importantes companhias de Lisboa, com o fim de, ao ser dado o signal do movimento, inutilisar varios aparelhos.

Um dos numeros do programa é um assalto ao Colegio Militar afim de ser *surripiado* todo o dinheiro que exista no conselho administrativo...

E por hoje basta. Já demos suficiente assunto para ser amanhã desmentido, como é costume, pelos orgãos afectos a conspirata...

DOIDOS, ELES!

Claro como um preto!

Como ficou dito, reconheci, ante a ultima carta vinda de Lisboa—a que falava na intenção de levarem a sr.ª D. Maria Adelaide para França—que não havia da minha parte um momento a perder. E logo pensei em recorrer ao tribunal.

Eu estava com ideia de esperar que a procuração viesse particularmente do Hospital em vez de lá ir buscá-la com intervenção da justiça, porque receava que ao aparecer o nome do sr. dr. Alfredo Carneiro da Cunha nos tribunais começassem a surgir as hesitações, as duvidas, o encolher de hombros e as consequentes demoras, que por vezes prejudicam importantes direitos, mas a situação era extrema, ou é que não tinha que hesitar,—havia de ser o que fosse!

Imediatamente fiz o seguinte requerimento:

«Ex.mo sr. Juiz:—Bernardo de Almeida Lucas, advogado, desta comarca, morador na rua de S. Miguel, da cidade do Porto, expõe e requer o seguinte:

O suplicante foi convidado a defender como advogado os direitos de D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, que se encontra internada no Hospital do Conde de Ferreira, sem precedencia de sentença de interdição nem de qualquer autorisação judicial.

Tem mesmo em sua mão ele suplicante, proveniente da referida senhora, nesse documento em que ela manifesta o desejo de que se lhe procure um advogado, que consiga dar-lhe a liberdade, de que se considera arbitrariamente esbulhada.

Por motivo do sigilo profissional e de defeza, o suplicante não apresenta êste documento, nem explica a forma como o obteve, mas garante, pela honra do seu grau, que o tem em seu poder. (Referia-me a uma das cartas insertas no artigo intitulado Gritos de angústia, da qual foi autorisado posteriormente a revelar o conteudo e a história).

E porque há razões para presumir que a direcção clinica daquele hospital lhe não consinta falar com a referida senhora, sem licença do marido dela, a requerimento do qual ela foi ali internada e contra quem ela pretende agora fazer valer os seus direitos, o suplicante requere que se lhe passe alvará de autorisação para que o director clinico daquele hospital, ou quem suas vezes fizer, lhe permita conferenciar com a mencionada senhora, fazendo-se o suplicante acompanhar, se assim o entender preciso, de um notário e de testemunhas, para a mesma senhora poder passar a procuração ou deixar a sua assinatura no livro notarial de sinais. P. deferimento.—O advogado Bernardo de Almeida Lucas.

Mandado ouvir sobre este requerimento o Digno Curador dos Orfãos, que era o sr. dr. José Joaquim Pereira Osório, as hesitações começaram. Porque o caso era melindroso, porque o Hospital do Conde de Ferreira era um instituto independente, porque eu podia dirigir-me á Direcção do Hospital, porque os tribunais não eram competentes para o que eu requeria, etc., etc., vi erguerem-se dificuldades sérias á minha pretenção, e foi mesmo dada, alguns dias depois, a seguinte resposta, abertamente em contrário:

«Entendo que não é de deferir a petição de fl. 2, por não ter o juizo competencia para o que se requere. —José Osório». E posteriormente foi lavrado este despacho: «Em vista da oposição do sr. Curador, que considero fundada, indefiro o requerimento de fl. 2. Intime-se. Pôrto, 31 de Junho de 1919. «Aires Garrido».

Felizmente, porém, apesar da oposição que formulou nos autos, o sr. dr. Curador, reconhecendo que eu tinha razão em considerar injusto que á sr.ª D. Maria Adelaide não se permitisse passar procuração a um advogado que a defendesse, prontificou-se a manifestar particularmente á Direcção do Hospital do Conde de Ferreira este seu modo de ver. De aqui resultou não se levantar dificuldades á minha entrada no Hospital; simplesmente a tática se modificou. Do Hospital preveniram logo o «Rei dos Advogados» e este mandou prevenir os notários do Pôrto. «Tivessem cuidado, que iria alguem convidá-los por causa duma procuração que se pretendia obter duma senhora demente. Que a alienação mental dessa senhora era afirmada pelos Directores do Hospital do Conde de Ferreira, «os infaliveis...»

E, quando eu cheguei ao Hospital, tudo lá estava a postos... O sr. Director Clinico teve o cuidado de dizer que entendia conveniente informar o notário, que fôra comigo, do estado mental da sr.ª D. Maria Adelaide.

Imaginava o «Rei dos Advogados» que se ficava a rir de mim, e, afinal fui eu que fiquei a rir-me dêle.

A procuração passou-se. Se não me demoro aqui a descrever todas as peripécias que a acompanharam, por já terem ficado descritas no folheto «Felizmente louca!», chamarei ainda assim, por conveniencia especial a atenção do leitor para as seguintes circunstancias: a sr.ª D. Maria Adelaide compareceu, e mostrei-lhe o meu bilhete de edentidade; apresentei-lhe dois documentos do seu punho, num dos quais ela manifestava o desejo de ter um advogado que a defendesse; satisfazendo um desejo que ela manifestou de ver uma prova inequivoca de que eu não era enviado por seu marido para a enganar, fui ao meu escritorio buscar o processo crime do Manuel e demonstrei-lhe que era advogado deste homem; disse-lhe que fôra ela quem me convidára a pôr-me em campo para defendê-la; conversei com a mesma senhora durante longo tempo, contando-me ela a sua vida e ficando entre nós assente, nas suas linhas gerais, o que conviria fazermos; apresentei lhe uma norma de procuração por mim escrita. A sr.ª D. Maria Adelaide, depois de a ter lido em voz alta na presença do notario e dum medico que a declarou em estado de sanidade mental, copiou a e assinou-a.

Ainda chamo a atenção do leitor para a circunstancia de aquela senhora me haver passado, posteriormente, algumas procurações, o que o sr. dr. Cunha não ignora, porque elas andam juntas a vários processos—e para o facto de ter a mesma senhora manifestado por diversas vezes, de forma bem expressa, a confiança com que me honra.

—Mais do que nenhumas outras, são significativas dessa confiança as seguintes palavras que escreveu no «Doida não!: «Doutor, defenda-me, não como os antigos cavaleiros, de espada em punho, defendiam a sua dama, mas empunhando a pena e pondo todo o seu talento ao dispôr duma pobre mulher, vitima da mais terrivel vingança. Mostre a esses selvagens que ainda se encontram consciencias que se não vendem e que ainda ha justiça em Portugal».

Pergunto agora: ¿a historia, aqui minuciosamente explicada e documentada, dos factos e circunstancias posteriores, que podem servir-lhe de comentario, mostram «que captei o mandato» que exerço da sr.ª D. Maria Adelaide, não é assim?

Eu enganei-a, ela não soube com quem esteve conversando, não soube a quem passou a procuração, não soube mesmo que era duma procura

ção que se tratava até nem queria passar procuração alguma. Foi mesmo csptadinho o mandato!

!!?!

— Basta de danse, senhores pontos! A brincadeira acabou. Queiram ficar quietinhos.

E por causa do sr. dr. Cunha e outros que tais, levantam-se de madrugada os padeiros!

Bernardo Lucas.

Theatros e Cinemas

OPERA E CONCERTOS

POLITEAMA—Lea Bach

O novo ano começou brilhantemente no simpatico teatro com um magnifico concerto de harpa acompanhado dum sexteto orchestral composto dos nossos melhores elementos e sob a regencia do director da banda da Guarda Republicana Fernandes Fão.

A insigne harpista Lea Bach é já bem conhecida, entre nós, como uma das mais nobres expressões de Arte; grande cultora do belo e mavioso instrumento, o qual sob os seus dedos atinge invulgar superioridade.

Mas quando ela devaneia tocando a capricho é quando mais nos seduz e encanta.

Então o seu temperamento, de Artista eximia, expande-se, vagueia, sem regras, sem peias, unica e simplesmente seguindo a sua inspiração que uns dedinhos habeis sem esforço vão secundando nas improvisações sobre temas de Liszt, ou Albenis, ou então fazendo variações sobre os nossos fados, cujas melodias a seduzem, já interpretando as suas proprias composições. Lea Bach delicia, tanto que o publico ao terminar os seus concertos nunca tem pressa de abandonar o teatro; pelo contrario instala-se mais comodamente e espera numerosinhos extra-programa, que ela sabe com delicada condescendencia conceder aos seus numerosos admiradores.

No concerto de sabado passado na tremenda e dificil musica de «Ravel» subjugou o auditorio tendo de repetir o intrincado trecho, onde as passagens escabrosas se encadeiam sem tregua.

Os distintos artistas que a coadjuvaram e o maestro Fão mantiveram-se com correção e firmeza merecendo juntamente com a notavel Artista fartos aplausos.

Maria Judice

Vida Sportiva

Comité Olimpico Portuguez

Na proxima quarta-feira, pelas 21 horas, efectua-se nas salas da Associação Naval de Lisboa uma reunião do Comité Olimpico e de delegados dos clubs de sport, devendo o C. O. P. apresentar o relatorio dos seus trabalhos.

Ultima Hora

OS GRANDES ROUBOS

Uma ourivesaria assaltada

Os larapios levaram de um estabelecimento da rua dos Fanqueiros joias avaliadas em 60.000 escudos

A noite passada, no centro da cidade, numa das ruas mais concorrida da Capital foi assaltada e roubadas das 20 para as 22 horas, uma das mais importantes ourivesarias de nossa praça.

Ha pouco mais de um ano foi inaugurada na rua dos Fanqueiros, 51 e 53, esquina da rua de S. Julião, uma ourivesaria e relojoaria que para esta ultima rua tem tambem duas portas com os numeros 44 e 46, sendo o estabelecimento propriedade da firma B. H. d'Almeida, Limitada, a qual se devia á venda e compra de brilhantes, do penhores e de objectos de ouro e prata.

Fazia a casa largo negocio, motivo porque nas suas vitrines se amontoavam as joias caras que despertaram a cobiça dos larapios.

Estes, para pôr em pratica a sua proeza, serviram-se do antigo processo hespanhol, de arrombarem o sobrado do 1.º andar, donde facil lhes foi passar á loja onde depois poderam *trabalhar* á vontade.

No 1.º andar, acha-se instalado o escritorio da firma Lima & Gama, importantes agricultores de S. Thomé cuja entrada é pela porta n.º 48 da rua de S. Julião, anexa portanto ao n.º 46, onde se acha instalada a oficina da ourivesaria.

O larapio ou larapios, que bem conheciam os cantos da casa, porque de outra forma se não compreende a limpeza e rapidez como o trabalho foi realisado, entraram por meio de arrombamento no referido escriptorio, serrando e limando uma porta de grades á direita do patamar, e qual dá comunicação para a casa forte dos srs. Lima & Gama. Facil lhes foi depois abrir os batentes de vidro, rodear o escriptorio e ir parar a casa de entrada onde está colocado o balcão e uma pequena secretaria com maquina de escrever, casa que condiz em baixo com a oficina da ourivesaria.

Uma vez n'esse pequeno gabinete, que é formado de tabiques envidraçados, os larapios abriram no sobrado, com o auxilio de um arco de pua, um quadrado, que dá a impressão de um alçapão, medindo 2 palmos, pouco mais ou menos, tanto de comprimento como de largura, ou seja o espaço suficiente para dar passagem a um homem.

Depois, auxiliados por uma escada de corda, com nós, facil foi aos gatunos descer á ourivesaria onde fizeram mão baixa a tudo o que de valor encontraram. Da montra grande, que dá para a rua dos Fanqueiros, tem o n.º 51 não escaparam senão alguns fios de ouro, o mesmo sucedendo na meia montra da rua de S. Julião, n.º 44 e n'uma vitrine-balcão que corre a meio da casa.

As grandes peças de prata, tais como: salvas, tinteiros, estojos, castiçaes, jarros, palmatorias, relogios, etc., foram poupados pelos gatunos, que tudo deixaram nos seus logares.

Finda a «limpeza», os gatunos retiraram com a mesma facilidade como entraram, subindo a corda de nós, que nem mesmo se deram ao trabalho de levar, pois a deixaram pendente do alçapão aberto no escritorio do 1.º andar.

Só hoje de manhã se deu pelo furto, quando os empregados da ourivesaria deram entrada no estabelecimento, onde foram encontrar tudo remexido, caixas e estojos vasios, espalhados pelo estabelecimento.

Passada uma rapida visita ao estabelecimento, verificou-se que o teto da oficina estava arrombado, e o estuque demolido, mostrando aberto o alçapão a que acima nos referimos, donde ainda pendia a corda.

Participado imediatamente o caso á policia, logo compareceram no local o chefe Coelho e alguns guardas da proxima esquadra da rua do Comercio, sendo depois comunicado o ocorrido para o governo civil, donde sairam a tomar conta do caso os agentes Duarte de Oliveira e Hermano da Fonseca.

Mois tarde compareceram na ourivesaria, roubada o chefe sr. Alfredo Moria, que se fazia acompanhar dos agentes Felisberto de Oliveira, David Corrêa, Serra e competentes auxiliares, ou seja o brinquinho, da 3.ª secção de investigação que ultimamente se distinguiram nas diligencias levadas a efeito quando do grande furto de joias de que foi vitima o sr. visconde do Salreu.

O referido chefe e seus agentes iniciaram imediatamente as diligencias, sendo enviadas telegramas para todas as autoridades do paiz, afim de serem vigiadas as estações dos caminhos de ferro e muito especialmente as fronteiras.

Ignora-se por enquanto o valor total do furto que, segundo opinião dos donos da ourivesaria, é por alto calculado em 60.000 escudos. Está sendo dado um balanço geral afim de se apurar quaes os objectos que faltam, tendo por tal motivo a ourivesaria encerrado as suas portas que são de grossas chapas de ferro ondulado.

O que está já apurado é que o arrombamento se deu das 20 para as 22 horas, pois que tendo um dos socios da casa ido ali acender pelas 19 horas as lampadas electricas, coisa alguma de anormal notou.

A's 22 horas, porém, o guarda noturno da area, tendo passado revista á escada da rua de S. Julião, foi encontrar arrombada a porta de grades da 1.º andar a que acima fizemos referencia. Imediatamente participou o caso á policia, ficando ali de vigia um guarda civico até hoje de manhã. A referida porta foi hoje de manhã arrombada e enviada para concerto a um serralheiro.

Tendo os jornaes da manhã de hoje noticiado que numa taberna da rua do Arco da Graça, fora preso durante a noite passada pela rusga o sapateiro Raul dos Santos, a quem foram apreendidos inumeros objectos de ouro e prata, tratou logo a policia de inquirir se tais objectos pertenceriam á ourivesaria assaltada, verificando-se que não faziam parte daquele roubo.

O assalto foi praticado pelo conhecido processo hespanhol e em que os «ratoneiros» do paiz vizinho são eximios. O «trabalho» foi executado com toda a limpeza e perfeição, e baseado nos moldes usados pelo afamado «ratonero» Segundo Garcia que se tornou celebre nos anaes do crime e que por ultimo trabalhava de sociedade com portuguezes.

Desde os celebres roubos praticados nas antigas ourivesarias Bonevile da rua do ouro, e da Guia no largo da Saude, nunca até hoje voltou a ser feito um assalto com tão grande precisão e limpeza.

Violento tremor de terra na Argentina

Cidades devastadas—Milhares de vitimas e muitos feridos.—Organisam-se socorros nos quaes toma parte importante a aviação.

BUENOS AIRES, 2.—As noticias complementares sobre o terrivel tremor de terra que devastou as povoações da provincia de Mendoza, entre os dias 16 e 19 do mez findo; causam pavor.

As cidades de San Juan, San Luiz e de Rioja sofreram imenso; as regiões de Tresportenas, Costa-Rojo, de La Valle e de San Martin estão completamente devastadas.

Ha milhares de vitimas o inumeravel quantidade de feridos. A população fugiu e vagueia pelos campos, presa de louco terror.

O governo organisou socorros o mais rapidamente que lhe foi possivel e enviou tropas, materiaes e viveres para os locaes onde os efeitos do desastre mais se fizeram sentir.

Nos vales de Vera e de Inferno, blocos enormes se desprenderam das montanhas e abriram nos sitios nos quais cairam formidaveis excavações das quaes brotava agua a ferver e saiam gazes deleterios. Grande numero de aldeias e de aglomerados ficaram completamente arrazados.

Com os aeroplanos recentemente adquiridos constituiu-se uma esquadrilha para levar viveres e medicamentos ás localidades que não são servidas por caminho de ferro. Os jornaes abriram subscrições em favor das vitimas. O presidente da Republica e os membros do governo subscreveram com 30.000 piastras.—*(Americana)*

Terrivel repercussão no Chile

SANTIAGO, 2.—O tremor de terra, que tantas devastações fez na cordilheira dos Andes, foi dos maiores que se tem registado nos ultimos anos. A vasta provincia de Aconcagua foi atingida em toda a sua extensão, especialmente nas regiões de Santa Rosa, Peterez e Chapuo. Aldeias inteiras foram destruidas. Os vulcões Chapua, Colquimbo, Cocbbero, Vila Rica, Llaima e Lanin estão em actividade. Os rios Fruneura o Turbene transbordaram, inundando os campos numa grande extensão e destruindo as habitações. Materias eruptivas, desprendendo-se duma altura de 500 metros, aniquilaram povoações.

A iniciativa particular secunda os esforços do governo no envio dos socorros.—*(Americana)*.

E na Bolivia

LA PAZ.—Tambem na região de Lipez se fizeram sentir os efeitos de tremor de terra, causando alguns prejuizos.—*(Americana)*.

Prejuizos incalculaveis — Seto mil victimas

BUENOS AIRES, 2.—Na provincia de Mendoza houve novos abalos sismicos.

E' incalculavel o valor dos prejuizos materiaes, sendo o numero total entre mortos e feridos de sete mil.—*(Americana)*.

O abastecimento de trigos

«O Seculo» de hoje publicava uma entrevista com o comissario dos abastecimentos na qual este aborda o problema dos trigos de modo a deixar-nos entrever que a suspensão do contrato negociado pelo ministerio Granjo tem colocado o sr. ministro das finanças em graves apuros. Vejamos o que diz o sr. Trancoso.

—«Quanto ao primeiro, (o trigo) considero-o como o mais angustioso para o paiz. A situação é verdadeiramente terrivel. Quem lhe sofre, porém, todos os horrores é o ministro das Finanças. Ter ou não ter libras... Se as não tem o recorre ao mercado, os patriotas levam as libras por aí abaixo; se não as arranja, falta o pão.

«Pela minha parte, conto trazer mais de dez milhões de quilos de trigo da provincia. Se tal conseguir, como espero das informações que diariamente me enviam os meus delegados, será meio milhão de libras que não irá para fora, nestes primeiros meses. E, durante este espaço de tempo, talvez que o governo consiga as coisas de forma a não ter que voltar ao mercado, para comprar o ouro que os patriotas aferrolham.»

Ter ou não ter libras... «that is the question!»

Não sucedia isso com o contrato Granjo. Nele estava estabelecido que apenas um terço do fornecimento total do trigo seria pago em ouro; os restantes dois terços seriam pagos em bilhetes do tesouro vencíveis a seis mezes sem juro e reformaveis por periodos sucessivos com juro.

Poder-se-ia assim esperar, sem grande dispendio de ouro, que as medidas de fomento promulgadas então pelo ministerio da agricultura produzissem os seus efeitos, permitindo-nos dispensar o trigo exotico.

Ahi tem o sr. Cunha Leal as consequencias do seu inconsiderado procedimento na questão do contrato dos trigos negociado pelo ministerio Granjo. Está, por sua culpa e doutros, o paiz metido neste terrivel dilema: se quizermos pão, teremos de pagar as libras por elevado preço; se não quizermos pagar caro as libras, não teremos pão.

Um jornal da manhã informava no dia 31 do mez findo que corriam boatos de ter sido feito novo contrato de trigos com a firma «Portuguese Export Company», tendo o governo comprado trigo a 540 shs. a tonelada, quando ele está por 450 shs, resultando para os intermediarios um lucro de cento e vinte mil libras.

O publico necessita saber se é verdade. Tudo nos leva a crer que sim, porque, sendo o governo tão largo em notas oficiosas a desmentir noticias que lhe desagradam, desta vez ainda não emitiu nota alguma.

Se assim fôr, temos novo regimen de abastecimento de trigos: para substituir o contrato claro, honesto e vantajoso do ministerio Granjo, realisam-se contratos que não vêem ao conhecimento do publico.

Sr. ministro das finanças, onde está o deputado sr. Cunha Leal?

Poeira da Arcada

Ministros

O sr. ministro da instrução é esperado esta noite, de regresso do Porto.

—O sr. ministro das finanças partiu efectivamente para o Porto no rapido da manhã de hoje, acompanhado dos seus secretarios sr. dr. Carvalho Santos e Virgilio Costa, afim de realisar no teatro Carlos Alberto, daquela cidade, uma conferencia de propaganda dos seus propostos fiscaes. O sr. Cunha Leal deve estar de regresso na quarta feira. Ao contrario de que constou, o sr. ministro da marinha não acompanhou o seu colega das finanças, encontrando-se ainda na sua casa no Alemtejo.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Queixaram-se á policia: Maria d'Oliveira Couto, rua 24 de Julho, 54, de que por meio de arrombamento lhe furtaram varios objectos no valor de 145 escudos; Artur d'Oliveira Vitoria, rua do Olival, 116, 2.º, de que n'um carro electrico lhe subtrairam uma corrente de ouro, um relogio e bolsa de prata; João Vieira, pateo Vila Campas, de que na rua Maria Pia, foi assaltado por um grupo de individuos que o agrediram, ficando ferido na cabeça, e lhe roubaram violentamente todo o dinheiro que levava.

Do Estrangeiro

Das noticias transmitidas por intermedio da Agencia telegrafica americana conclue-se que nos meios oficiais das republicas sul americanas neo-hespanholas se espera a visita do rei de Hespanha no proximo mez de junho.

A Hespanha vai inaugurar assim uma sensatissima politica de aproximação com as suas antigas colonias da America que muito bem poderá ser coroada por uma associação intima. Se assim suceder, não terá a Hespanha razão para lamentar a perda das suas outras colonias, porque um futuro de grande prosperidade se lhe abre francamente n'um horisonte não muito distante.

Já mais que uma vez aqui temos advogado politica semelhante para nós relativamente ao Brazil; até agora, porém, não temos sido ouvidos. Aquilo, porém, que não fazemos desde já de iniciativa propria, havemos de realisa-o muito mais tarde por espirito de imitação. Mas tarde e a más horas. E' a nossa sina.

● Desenha-se na Europa um movimento para a C... Vai-se organisando em todos os paizes a defeza eficaz contra a propaganda da desordem criminosa bolchevista.

E' na França republicana que não podo ser acoimada de reacionaria, que essa defeza mais se acentua.

Todos os estrangeiros são n'aquele paiz obrigados a possuir um bilhete de identidade, o governo vai ser legalmente armado com a faculdade de expulsar qualquer estrangeiro que ali faça propaganda bolchevista e a maioria da camara dos deputados acaba de lhe dar um voto de confiança por 431 votos contra 54, depois de ele ter feito declorações terminantes de estar disposto a investigar e a castigar rigorosamente qualquer cumplicidades que vennam a descobrir-se na entrada em territorio francez da agitadora russa Clara Z tkyns, iludindo as medidas de vigilancia adoptadas para lhe impedir a passagem na fronteira.

● Parece terem já socegado os animos em Barcelona.

Acabou já felizmente o panico e a crise limitou-se ao Banco de Barcelona.

Mas se as coisas correm agora melhor no paiz visinho, sob o ponto de vista financeiro, sob o ponto de vista social não sucede o mesmo. Ainda há poucos dias rebentaram duas bombas em Cadiz e seis em Sevilha.

Se nós fossemos como certos hespanhoes que vivem perto da fronteira, ali para os lados de Badajoz, diriamos que na Hespanha reina a anarquia. Não seguimos felizmente os mesmos processos.

● Valero, o intitulado presidente da republica irlandeza, parece ter desembarcado na Irlanda e ameaça, no caso de ser preso, de fazer o mesmo que o Lord Mayor de Cork, isto é deixar-se morrer de fome. O mais engraçado do caso é a confiança que ele parece ter no resultados da ameaça. Está-se mesmo a ver as auctoridades inglezas da Irlanda a permitirem-lhe fazer tudo o que ele quizer, com o receio pueril de que se deixe morrer no carcere.

A grève da fome demonstra da parte de quem a pratica uma grande força de vontade, uma grande pertinacia, mas com um tudo nada de temperamento da mulher histerica.

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira—praça de S. Paulo, 20 a 22.—Telef. 1676.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos, putrido ou parasitarios;—nas preverções digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

ção que se tratava até nem queria passar procuração alguma. Foi mesmo esptadinho o mandato!

!!?!

....

¿ ¿!¿

Basta de danse, senhores pontos! A brincadeira acabou. Queiram ficar quietinhos.

E por causa do sr. dr. Cunha e outros que tais, levantam-se de madrugada os padeiros!

Bernardo Lucas.

Theatros e Cinemas

OPERA E CONCERTOS

POLITEAMA—Lea Bach

O novo ano começou brilhantemente no simpatico teatro com um magnifico concerto de harpa acompanhado dum sexteto orchestral composto dos nossos melhores elementos e sob a regencia do director da banda da Guarda Republicana Fernandes Fão.

A insigne harpista Lea Bach é já bem conhecida, entre nós, como uma das mais nobres expressões de Arte; grande cultora do belo e mavioso instrumento, o qual sob os seus dedos atinge invulgar superioridade.

Mas quando ela devaneia tocando a capricho é quando mais nos sedus e encanta.

Então o seu temperamento, de Artista eximia, expande-se, vagueia, sem regras, sem peias, unica e simplesmente seguindo a sua inspiração que uns dedinhos habeis sem esforço vão secundando nas improvisações sobre temas de Liszt, ou Albenis, ou então fazendo variações sobre os nossos fados, cujas melodias a sedusem, já interpretando as suas proprias composições. Lea Bach delicia, tanto que o publico ao terminar os seus concertos nunca tem pressa de abandonar o teatro; pelo contrario instala-se mais comodamente e espera numerosinhos extra-programa, que ela sabe com delicada condescendencia conceder aos seus numerosos admiradores.

No concerto de sabado passado na tremenda e dificil musica de «Ravel» subjugou o auditorio tendo de repetir o intrincado trecho, onde as passagens escabrosas se encandeiam sem tregua.

Os distintos artistas que a coadjuvaram e o maestro Fão mantiveram-se com correção e firmeza merecendo juntamente com a notavel Artista fartos aplausos.

Maria Judice

VIDA SPORTIVA

Comité Olimpico Portuguez

Na proxima quarta-feira, pelas 21 horas, efectua-se nas salas da Associação Naval de Lisboa uma reunião do Comité Olimpico e de delegados dos clubs de sport, devendo o C. O. P. apresentar o relatorio dos seus trabalhos.

ULTIMA HORA

OS GRANDES ROUBOS

Uma ourivesaria assaltada

Os larapios levaram de um estabelecimento da rua dos Fanqueiros joias avaliadas em 60.000 escudos

A noite passada, no centro da cidade, numa das ruas mais concorrida da Capital foi assaltada e roubádas das 20 para as 22 horas, uma das mais importantes ourivesarias da nossa praça.

Ha pouco mais de um ano foi inaugurada na rua dos Fanqueiros, 51 e 53, esquina da rua de S. Julião, uma ourivesaria e relojoaria que para esta ultima rua tem tambem duas portas com os numeros 44 e 46, sendo o estabelecimento propriedade da firma B. H. d'Almeida, Limitada, a qual se devia á venda e compra de brilhantes, de penhores e de objectos de ouro e prata.

Fazia a casa largo negocio, motivo porque nas suas vitrines se amontoavam as joias caras que despertaram a cubiça dos larapios.

Estes, para pôr em pratica a sua proeza, serviram-se do antigo processo hespanhol, de arrombarem o sobrado do 1.º andar, donde facil lhes foi passar á loja onde depois poderam *trabalhar* á vontade.

No 1.º andar, acha-se instalado o escritorio da firma Lima & Gama, importantes agricultores de S. Thomé cuja entrada é pela porta n.º 48 da rua de S. Julião, anexa portanto ao n.º 46, onde se acha instalada a oficina da ourivesaria.

O larapio ou larapios, que bem conheciam os cantos ás casas, porque de outra forma se não compreende a limpeza e rapidez como o trabalho foi realisado, entraram por meio do arrombamento no referido escriptorio, serrando e limando uma porta de grades á direita do patamar, a qual dá comunicação para a casa forte dos srs. Lima & Gama. Facil lhes foi depois abrir os batentes de vidro, rodear o escriptorio e ir parar a casa de entrada onde está colocado o balcão e uma pequena secretaria com maquina de escrever, casa que condiz em baixo com a oficina da ourivesaria.

Uma vez n'esse pequeno gabinete, que é formado de tabiques envidraçados, os larapios abriram no sobrado, com o auxilio de um arco de pua, um quadrado, que dá a impressão de um alçapão, medindo 2 palmos, pouco mais ou menos, tanto de comprimento como de largura, ou seja o espaço suficiente para dar passagem a um homem.

Depois, auxiliados por uma escada de corda, com nós, facil foi aos gatunos descer á ourivesaria onde fizeram mão baixa a tudo o que de valor encontraram. Da montra grande, que na rua dos Fanqueiros, tem o n.º 51 não escaparam senão alguns fios de ouro, o mesmo sucedendo na meia montra da rua de S. Julião, n.º 44 e n'uma vitrine-balcão que corre a meio da casa.

As grandes peças de prata, taes como: salvas, tinteiros, estojos, castiçaes, jarros, palmatorias, relogios, etc., foram poupades pelos gatunos, que tudo deixaram nos seus logares.

Finda a «limpeza», os gatunos retiraram com a mesma facilidade como entraram, subindo a corda de nós, que nem mesmo se deram ao trabalho de levar, pois a deixaram pendente do alçapão aberto no escritorio do 1.º andar.

Só hoje de manhã se deu pelo furto, quando os empregados da ourivesaria deram entrada no estabelecimento, onde foram encontrar tudo remexido, caixas e estojos vasios, espalhados pelo estabelecimento.

Passada uma rapida visita ao estabelecimento, verificou-se que o teto da oficina estava arrombado, e o estuque demolido, mostrando aberto o alçapão a que acima nos referimos, donde ainda pendia a corda.

Participado imediatamente o caso á policia, logo compareceram no local o chefe Coelho e alguns guardas da proxima esquadra da rua do Comercio, sendo depois comunicado o ocorrido para o governo civil, donde sairam a tomar conta do caso os agentes Duarte de Oliveira e Hermano da Fonseca.

Mais tarde compareceram na ourivesari roubada o chefe sr. Alfredo Maria, que se fazia acompanhar dos agentes Felisberto de Oliveira, David Correia, Serra e competentes auxiliares, ou seja o brinquinho, da 3.ª secção de investigação que ultimamente se distinguiram nas diligencias levadas a efeito quando do grande furto de joias de que foi victima o sr. visconde do Salreu.

O referido chefe e seus agentes iniciaram imediatamente as diligencias, sendo enviadas telegramas para todas as autoridades do paiz, afim de serem vigiadas as estações dos caminhos de ferro e muito especialmente as fronteiras.

Ignora-se por emquanto o valor total do furto que, segundo opinião dos donos da ourivesaria, é por alto calculado em 60.000 escudos. Está sendo dado um balanço geral afim de se apurar quaes os objectos que faltam, tendo por tal motivo a ourivesaria encerrado as suas portas que são de grossas chapas de ferro ondulado.

O que está já apurado é que o arrombamento se deu das 20 para as 22 horas, pois que tendo um dos socios da casa ido ali acender pelas 19 horas as lampadas electricas, coisa alguma de anormal notou.

A's 22 horas, porém, o guarda nocturno da area, tendo passado revista á escada da rua de S. Julião, foi encontra arrombada a porta de grades da 1.º andar a que acima fizemos referencia. Imediatamente participou o caso á policia, ficando ali de vigia um guarda civico até hoje de manhã. A referida porta foi hoje de manhã arrancada e enviada para concerto a um serralheiro.

Tendo os jornaes da manhã de hoje noticiado que numa taberna da rua do Arco da Graça, fora preso durante a noite passada pela rusga o sapateiro Raul dos Santos, a quem foram aprehendidos inumeros objectos de ouro e prata, tratou logo a policia de inquirir se taes objectos pertenceriam á ourivesaria assaltada, verificando-se que não faziam parte daquele roubo.

O assalto foi praticado pelo conhecido processo hespanhol e em que os «rotoneros» do paiz vizinho são eximios. O «trabalho» foi executado com toda a limpeza e perfeição, e baseado nos moldes usados pelo afamado «ratonero» Segundo Garcia que se tornou celebre nos anues do crime e que por ultimo trabalhava de sociedade com portuguezes.

Desde os celebres roubos praticados nas antigas ourivesarias Bonevile da rua do ouro, e da Guia no largo da Saude, nunca até hoje voltou a ser feito um assalto com tão grande precisão e limpeza.

Violento tremor de terra na Argentina

Cidades devastadas—Milhares de vitimas e muitos feridos.—Organisam-se socorros nos quaes toma parte importante a aviação.

BUENOS AIRES, 2.—As noticias complementares sobre o terrivel tremor de terra que devastou as povoações da provincia de Mendoza, entre os dias 16 e 19 do mez findo; causam pavor.

As cidades de San Juan, San Luiz e de Rioja sofreram imenso; as regiões de Tresportenas, Costa-Rojo, de La Valle e de San Martin estão completamente devastadas.

Ha milhares de vitimas e inumeravel quantidade de feridos. A população fugiu e vagueia pelos campos, presa de louco terror.

O governo organisou socorros o mais rapidamente que lhe foi possivel e enviou tropas, materiaes e viveres para os locaes onde os efeitos do desastre mais se fizeram sentir.

Nos vales de Vera e de Inferno, blocos enormes se desprenderam das montanhas e abriram nos sitios onde caiam formidaveis excavações das quaes brotava agua a ferver e saiam gazes deleterios. Grande numero de aldeias e de aglomerados ficaram completamente arrazados.

Com os aeroplanos recentemente adquiridos constituiu-se uma esquadrilha para levar viveres e medicamentos ás localidades que não são servidas por caminho de ferro. Os jornaes abriram subscrições em favor das vitimas. O presidente da Republica e os membros do governo subscreveram com 30.000 piastras.—(*Americana*)

Terrivel repercussão no Chile

SANTIAGO, 2.—O tremor de terra, que tantas devastações fez na cordilheira dos Andes, foi dos maiores que se tem registado nos ultimos anos. A vasta provincia de Aconcagua foi atingida em toda a sua extensão, especialmente nas regiões de Santa Rosa, Peterea e Chapua. Aldeias inteiras foram destruidas. Os vulcões Chapua, Coquimbo, Coebbero, Vila Rica, Llaima e Lanin estão em actividade. Os rios Freneura o Turbene transbordaram, inundando os campos numa grande extensão e destruindo as habitações. Materias eruptivas, desprendendo-se duma altura de 500 metros, aniquilaram povoações.

A iniciativa particular secunda os esforços do governo no envio dos socorros.—(*Americana*).

E na Bolivia

LA PAZ.—Tambem na região de Lipez se fizeram sentir os efeitos de tremor de terra, causando alguns prejuizos.—(*Americana*).

Prejuizos incalculaveis — Sete mil victimas

BUENOS AIRES, 2.—Na provincia de Mendoza houve novos abalos sismicos.

E' incalculavel o valor dos prejuizos materiaes, sendo o numero total entre mortos e feridos de sete mil.—(*Americana*).

POEIRA DA ARCADA

Ministros

O sr. ministro da instrução é esperado esta noite, de regresso do Porto.

—O sr. ministro das finanças partiu efectivamente para o Porto no rapido da manhã de hoje, acompanhado dos seus secretarios sr. dr. Carvalho Santos e Virgilio Costa, afim de realisar no teatro Carlos Alberto, daquela cidade, uma conferencia de propaganda das suas propostas fiscaes. O sr. Cunha Leal deve estar de regresso na quarta feira. Ao contrario do que constou, o sr. ministro da marinha não acompanhou o seu colega das finanças, encontrando-se ainda na sua casa no Alemtejo.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria.—Queixaram-se á policia: Maria d'Oliveira Couto, rua 24 de Julho, 54, de que por meio de arrombamento lhe furtaram varios objectos no valor de 145 escudos; Artur [illegible] d'Oliveira Vitoria, rua do Olival 116, 2.º, de que n'um carro electrico lhe subtrairam uma corrente de ouro, um relogio e bolsa de prata; João Vieira, pateo Vila Campas, de que na rua Maria Pia, foi assaltado por um grupo de individuos que o agrediram, ficando ferido na cabeça, e lhe roubaram violentamente todo o dinheiro que levava.

O abastecimento de trigos

«O Seculo» de hoje publicava uma entrevista com o comissario dos abastecimentos na qual este aborda o problema dos trigos de modo a deixar-nos entrever que a suspensão do contrato negociado pelo ministerio Granjo tem colocado o sr. ministro das finanças em graves apuros. Vejamos o que diz o sr. Trancoso.

—«Quanto ao primeiro, (o trigo) considero-o como o mais angustioso para o paiz. A situação é verdadeiramente terrivel. Quem lhe sofre, porém, todos os horrores é o ministro das Finanças. Ter ou não ter libras... Se as não tem e recorre ao mercado, os patriotas levam as libras por ai abaixo; se não as arranja, falta o pão.

«Pela minha parte, conto trazer mais de dez milhões de quilos de trigo da provincia. Se tal conseguir, como espero das informações que diariamente me enviam os meus delegados, será meio milhão de libras que não irá para fora, nestes primeiros meses. E, durante este espaço de tempo, talvez que o governo consiga as coisas de forma a não ter que voltar ao mercado, para comprar o ouro que os patriotas aferrolham.»

Ter ou não ter libras... «that is the question!»

Não sucedia isso com o contrato Granjo. Nele estava estabelecido que apenas um terço do fornecimento total do trigo seria pago em ouro; os restantes dois terços seriam pagos em bilhetes do tesouro venciveis a seis mezes sem juro e reformaveis por periodos sucessivos com juro.

Poder-se-ia assim esperar, sem grande dispendio de ouro, que as medidas de fomento promulgadas então pelo ministerio da agricultura produziesem os seus efeitos, permitindo-nos dispensar o trigo exotico. Ahi tem o sr. Cunha Leal as consequencias do seu inconsiderado procedimento na questão do contrato dos trigos negociado pelo ministerio Granjo. Está, por sua culpa e doutros, o paiz metido neste ferreo dilema: se quizermos pão, teremos de pagar as libras por elevado preço; se não quizermos pagar caro as libras, não teremos pão.

Um jornal da manhã informava no dia 31 do mez findo que corriam boatos de ter sido feito novo contrato de trigos com a firma «Portuguese Export Company», tendo o governo comprado trigo a 540 shs, a tonelada quando ele está por 450 shs, resultando para os intermediarios um lucro de cento e vinte mil libras.

O publico necessita saber se é verdade. Tudo nos leva a crer que sim, porque, sendo o governo tão largo em notas oficiosas a desmentir noticias que lhe desagradam, desta vez ainda não emitiu nota alguma.

Se assim fôr, temos novo regimen de abastecimento de trigos: para substituir o contrato claro, honesto e vantajoso do ministerio Granjo, realisam-se contratos que não vêem ao conhecimento do publico.

Sr. ministro das finanças, onde está o deputado sr. Cunha Leal?

DO ESTRANGEIRO

Das noticias transmitidas por intermedio da Agencia telegrafica americana conclue-se que nos meios oficiais das republicas sul americanas neo-hespanholas se espera a visita do rei de Hespanha no proximo mez de junho.

A Hespanha vai inaugurar assim uma sensatissima politica de aproximação com as suas antigas colonias da America que muito bem poderá ser coroada por uma associação intima. Se assim suceder, não terá a Hespanha razão para lamentar a perda das suas outras colonias, porque um futuro de grande prosperidade se lhe abre francamente n'um horisonte não muito distante.

Já mais que uma vez aqui temos advogado politica semelhante para nos relativamente ao Brazil; até agora, porém, não temos sido ouvidos. Aquilo, porém, que não fazemos desde já de iniciativa propria, havemos de realisal-o muito mais tarde por espirito de imitação. Mas tarde e a más horas. E' a nossa sina.

● Desenha-se na Europa um movimento para a Ordem. Vai-se organisando em todos os paizes a defeza eficaz contra a propaganda da desordem criminosa bolchevista.

E' na França republicana que não pode ser acoimada de reacionaria, que essa defeza mais se acentua.

Todos os estrangeiros são n'aquele paiz obrigados a possuir um bilhete de identidade, o governo vai ser legalmente armado com a faculdade de expulsar qualquer estrangeiro que ali faça propaganda bolchevista e a maioria da camara dos deputados acaba de lhe dar um voto de confiança por 481 votos contra 54, depois de ele ter feito declarações terminantes de estar disposto a investigar e a castigar rigorosamente quaisquer cumplicidades que venham a descobrir-se na entrada em territorio francez da agitadora russa Clara Zetkyns, iludindo as medidas de vigilancia adoptadas para lhe impedir a passagem na fronteira.

● Parece terem já socegado os animos em Barcelona.

Acabou já felizmente o panico e a crise limitou-se ao Banco de Barcelona.

Mas se as coisas correm agora melhor no paiz visinho, sob o ponto de vista financeiro, sob o ponto de vista social não sucede o mesmo. Ainda há poucos dias rebentaram duas bombas em Cadiz e seis em Servilhá.

Se nós fossemos como certos hespanhoes que vivem perto da fronteira, ali para os lados de Badajoz, diriamos que na Hespanha reina a anarquia. Não seguimos felizmente os mesmos processos.

● Valera, o intitulado presidente da republica irlandeza, parece ter desenbarcado na Irlanda e ameaça, no caso de ser preso, de fazer o mesmo que o Lord Mayor de Cork, isto é deixar-se morrer de fome. O mais engraçado do caso é a confiança que ele parece ter no resultados da ameaça. Está-se mesmo a ver as auctoridades inglezas da Irlanda a permitirem-lhe fazer tudo o que ele quizer, com o receio pueril de que se deixe morrer no carcere.

A gréve da fome demonstra da parte de quem a pratica uma grande força de vontade, uma grande pertinacia, mas com um tudo nada de temperamento da mulher histerica.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3744 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Terça-feira, 4 de Janeiro de 1921 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

Os integralistas

As informações que hontem publicámos acerca dos manejos integralistas causaram sensação; mas essa sensação só se explica pelo facto de se não ter querido dar nenhuma especie de importancia a um agrupamento que, embora reduzido e falho de orientação, não deixa de ser aquele em que se congregaram os mais irreconciliaveis, os mais preciosos, os mais rancorosos inimigos da Republica.

Nesse agrupamento, com efeito, não existe, na realidade, senão um lema: o odio á Republica. Para isso inventa-se qualquer coisa como um sistema politico, em que as tradições miguelistas se ligam ás torturas de importação dum Charles Maurras ou dum George Valois. E' uma mixordia que ninguem percebe e que tem apenas por objectivo mascarar as verdadeiras intenções dos integralistas. Essas intenções são fazer uma revolução contra a Republica, esmagar, destruir a Republica. O mais não tem importancia. Servia o constitucionalismo com o sr. D. Manuel, como servirá o miguelismo com D. Duarte Nuno, como serviria um imperio com o famoso Jacques Lebaudy que chegou a apregoar-se imperador do Sahará. O que é preciso é derrubar a Republica, e exercer toda a casta de violencias e perseguições contra os republicanos.

Entram neste odio o snobismo, a pretensão de «épater le burgeois», a inveja dos poralvilhas doutras anarquias que se enfeitam com titulos de maior ou menor fantasia e penduricalhos de varia especie. E' possivel mesmo que se trate, em muitos, de birras de creanças, que pedem a lua sabendo perfeitamente que ninguem lha pode dar, mas aproveitando o caso para fazer um berreiro de vicio...

Entretanto a horda dos integralistas não descança. Fazem barulho, escrevem largas estopadas em que um pedantismo de pretensos sabios se mistura com improperios de viola.

Batem com os pés, berram, chocam, e procuram, o que é mais serio, organisar conspiratas que a hora presente, mais do que nenhuma outra, não consente que se deixem passar sem uma repressão severa.

O paiz não pode estar á mercê desta continua preparação de revoltas e para em tudo ela prejudicar a Republica até ao ensejo a que os elementos republicanos extremistas, irritados com esta situação permanente, estabeleçam uma resistencia porventura excessiva, mas explicavel, que não permite que se entre numa fase de maior tolerancia republicana.

E' tempo de provar ao famoso integralismo que os seus ridiculos podem fazer sorrir, mas que, se tentarem passar das palavras aos actos, serão castigados de maneira que lhes ha de ficar de lembrança.

Ainda a tragedia de Serrazes

Sr. redactor.—Tenho acompanhado com o maior interesse as locaes cheias de justa indignação com que v. vem estigmatisando as extraordinarias conclusões a que chegou a sindicancia feita ao sr. Cesar dos Santos Desconhece, porém, v. um facto edificante e que deve apresentar ao publico sem mais comentarios. O acordão favoravel ao sr. Cesar dos Santos tem a data de 24 do mez passado, mas já antes desse dia o procurador da Republica de Lisboa, corria ás redações dos jornaes a levar a já tão famosa carta em que entoa a canção da victoria. Como se vê, o sr. Cesar dos Santos entrou profundamente no segredo dos Deuses, que aquela sindicancia o levaram até ao Capitolio...

Mas ha mais ainda e que é muito importante e grave tambem. Porque não esperou o sr. Cesar dos Santos o parecer do sr. ministro da justiça antes de cantar o hino da vitoria? Então para o sr. Cesar dos Santos, que é um magistrado da Republica, que tem o dever de conhecer a marcha obrigada dos documentos da natureza e do melindre do relatorio da sua sindicancia, o ministro da justiça é assim uma figura tão apagada e tão secundaria?...

Pois bem, o que está demonstrado, absolutamente demonstrado, é que foi necessario o sr. dr. Lopes Cardoso, ilustre titular da justiça, requisitar o processo para dele tomar conhecimento, o que prova á evidencia que o sr. Cesar dos Santos está habituado a fazer letra morta do respeito que se deve á magistratura da Republica.

De v. muito admirador—*Uma testemunha que não quizeram ouvir.*

Opera argentina em Paris

PARIS, 3.—Na Opera será cantada no dia 27 do corrente a opera *Noro*, do maestro argentino Umberto Lami. —(*Americana*)

França e Guatemala

PARIS, 3.—Realisou-se no dia 30 findo, com o cerimonial de estilo, a apresentação das credenciaes do novo ministro de Guatemala, Valladares, ao presidente Millerand—(*Americana*).

Agencia Financial

O *Seculo* de hontem publicava uma noticia acerca do contrato da Agencia Financial do Rio de Janeiro, na qual fazia a curiosa revelação de que tinha sido aberto concurso entre os Bancos portuguezes por meio d'uma circular com praso até ao dia 8 do corrente.

Processos novos. Para um assunto de tão grande monta do qual depende a situação financeira do tezouro portuguez um concurso de seis dias de praso!

Mas, segundo aquela noticia, parece que o governo está na intenção de fechar o contrato sem ouvir o parlamento que reabre no dia 10. Não pode ser! Então o sr. Cunha Leal, quando se tratou do contrato dos trigos, fez todos os esforços para que ele baixasse a uma comissão parlamentar e o sr. ministro das finanças quer subtrair ao exame do parlamento um contrato da magnitude d'este da Agencia Financial do Rio de Janeiro?

O parlamento precisa de o examinar, tanto mais que reabre no proximo dia 10 e consta que nas bases do concurso se incluem larguissimas operações sobre bilhetes do tezouro e nada se determina em relação á data da remessa das cambiais.

E' preciso saber-se se essas cambiais são enviadas ao tezouro em datas fixas ou só quando ele estiver com a corda na garganta como tem sucedido na vigencia do contrato que agora termina.

Grossos interesses se movem em torno d'este contrato. Ainda no dia 1 o sr. Ramada Curto, ministro das finanças que negociou o contrato que findou, se travou de razões, passando a vias de facto com o sr. Pinto de Lima, chefe de gabinete do sr. Cunha Leal.

O concurso não póde ser aberto senão para Bancos portuguezes. O Banco Portuguez do Brazil é brazileiro.

Isso se conclue evidentemente do artigo 2.º dos seus estatutos quando diz que tem séde e **fôro juridico** na cidade do Rio de Janeiro e do n.º 5 do artigo 3.º, quando diz que se propõe promover operações comerciais **no Brazil e no estrangeiro.**

Um jornal da noite que tem relações com pessoas que cercam muito de perto o sr. ministro das finanças dava no dia 31 do mez findo uma noticia da qual se concluia que o sr. ministro das finanças preparava uma surpreza.

Se ha assuntos em que as surprezas sejam mais descabidas são aqueles como estes que se relacionam com a melindrosa situação financeira do paiz.

Um contrato d'estes tem de ser negociado com um concurso aberto entre Bancos portuguezes sómente, aberta e francamente, e com a sanção parlamentar.

O Banco Portuguez do Brazil não póde ser admitido a concurso porque é brazileiro e o sr. Sotto Mayor não póde continuar a ser o ditador da finança, porque sob a sua dominação as finanças do paiz rolaram precipitadamente para o descalabro.

NOTICIAS DO BRASIL

A situação economica e financeira vae em caminho de prosperidade

RIO DE JANEIRO, 3.—As noticias alarmantes espalhadas ultimamente sobre uma pretensa crise no Brazil carecem de base. A crise comercial não existe nas proporções que certos interessados lhe querem dar. Um certo numero de firmas fizeram encomendas excessivas, encontrando-se agora em situação dificil, devido á baixa cambial.

Felizmente, as medidas tomadas pelo governo porão termo a essa baixa O problema economico está sendo tratado com grande firmeza, começando a manifestar resultados favoraveis. A situação financeira resultante do desequilibrio orçamental entrou numa solução favoravel, em consequencia da diminuição de despezas e da creação de novos impostos. (*Americana*).

Reorganisação do ministerio de higiene

RIO DE JANEIRO, 3.—Do ministerio da higiene publica, pela sua nova organisação, farão parte os drs. Chagas, como director, general Penna, chefe de profilaxia rural, Barbosa, inspector da tuberculose, Robela, chefe de clinica, Leitão Cunha, chefe profilaxia terrestre e Figueiredo Rodrigues, chefe da sanidade maritima. (*Americana*).

Relações comerciaes com a Belgica

RIO DE JANEIRO, 3.—O governo federal concluiu um tratado comercial com a Belgica, tendo aberto no Banco do Brazil um credito de 14 milhões de dollars.—(*Americana*).

O comercio com a Italia

RIO DE JANEIRO, 3.—De janeiro a junho de 1920, as importações da Italia foram no valor de 78 milhões de liras e as exportações para aquele paiz foi de 177 milhões.—(*Americana*).

Reatamento de relações com a Alemanha

RIO DE JANEIRO, 3.—Plehn, ministro da Alemanha no Brasil, entregou já as suas credenciaes ao presidente dr. Epitacio Pessoa.—(*Americana*).

E' esperado brevemente o principe herdeiro do trono de Italia

RIO DE JANEIRO, 3.—Não podendo o rei de Italia visitar o Brazil, mandará aqui brevemente o principe Umberto, visitando tambem as outras republicas sul-americanas.—(*Americana*).

Emigração de familias da Luisiania

RIO DE JANEIRO, 3.—O governo foi informado de que 20.000 familias da Luiziania, nos Estados Unidos, querem imigrar para o Brasil, por motivo de questões religiosas.—*Americana*).

DOIDOS, ELES!

Duas justiças

Como ficou visto na cronica anterior, eu requeri ao tribunal que me concedesse alvará de autorisação para ir ao Hospital do Conde de Ferreira conferenciar com a sra. D. Maria Adelaide, sem que lá me puzessem estorvo á conferencia que era precisa para dar começo á defeza que eu ia empreender; e o tribunal declarou-se incompetente para anuir ao meu pedido.

Alguns anos anteriormente, porém, dera-se o caso que vou relatar e a justiça era outra.

Um cliente meu teve de ir ao Brazil em viagem comercial; e, como, por motivo duma aventura amorosa em que naquele pais se envolveu, desagradasse á familia por conta de quem em tempo ele viajara comercialmente, mas que estava de relações parentais e comerciais, cortadas com ele, a familia, quando ele, de regresso, desembarcava em Lisboa, não esteve com meias medidas:—Zás! policia sobre o homem e Hospital do Conde de Ferreira!

E' muito simples, como se vê.

Quando uma pessoa nos incomoda mete-se no hospital dos doidos.

Não tardou a aparecer o sr. dr. Julio de Matos a afirmar que o homem padecia de «loucura lucida»—é da praxe—e dentro em pouco uma sentença de interdição por demencia pesava sobre o individuo a quem me refiro.

Por acaso eu soube do acontecido e sem demora tratei de acudir ao meu cliente.

Andava ele em litigio com sua esposa, que lhe intentara uma acção de separação e outra de prodigalidade, pouco antes de ele seguir para o Brasil e eu, que o representava nas duas acções, estava munido, como é obvio, duma procuração forense, por ele conferida. Precisava, todavia, de ouvi-lo para fazer idéa exacta do seu estado, saber ao certo o que lhe aconteceera e reunir todos os elementos aproveitaveis para embargos, se fosse caso de embargar a sentença interditoria, como eu presumia; mas quando nesse intuito me dirigi ao Hospital do Conde de Ferreira, negaram-me a permissão de conferenciar com o cliente.

De pronto recorri ao Tribunal, apresentando este requerimento ao Mer.^mo Juiz da 3.ª vara:

«Il.^mo e Ex.^mo Sr.:

Bernardo de Almeida Lucas, advogado na comarca do Porto, na acção de interdição por suposta demencia de A... (pelo cartorio do sr. Moutinho) expõe e requer a V. Ex.ª o seguinte:

O suplicante precisa de conferenciar com o dito cliente (permita-me o leitor que oculte o nome deste) sobre assunto do mencionado processo. Sabendo que ele estava no Hospital de Alienados do Conde de Ferreira, ali foi no dia 3 do corrente, para lhe falar, mas não lhe foi consentido encontrar-se com ele, sendo-lhe dito, da parte do Fiscal daquele estabelecimento, que só com ordem do Pae do mesmo A... («o Pae é que requerera a captura e o internamento do meu cliente») ou de V. Ex.ª poderia o suplicante falar-lhe.

Vem, pois, o suplicante requerer a V. Ex.ª que se digne ordenar que se lhe passe alvará de licença para poder conferenciar com o seu dito cliente, ouvindo-se previamente sobre o assunto, se tanto fôr preciso, o Digno Curador dos Orfãos, e ordenando-se toda a possivel rapidez no despacho deste incidente, por ser de urgencia a conferencia entre os dois. — Pede a V. Ex.ª, Mer.^mo Sr. Juiz da 3.ª vara civel do Porto, que se digne deferir. O advogado Bernardo de Almeida Lucas.»

O sr. dr. Curador, mandado ouvir, respondeu o seguinte:

«Como o interdito tem o direito de embargar a sentença que decretou a sua interdição e como o seu advogado mal pode elaborar os embargos sem previamente conferenciar com o constituinte, concordo plenamente em que, deferindo-se a petição fl. 58, se passe o alvará nesta solicitado. Porto, 9 de Abril de 1910. *Carlos Pinto*»

E então eu pude, com a sanção oficial da Justiça, entrar na Bastilha do Conde de Ferreira e o meu cliente poude defender-se!

Compare-se isto com o que acontece no caso da sr.ª D. Maria Adelaide. Por uma especie de transacção com a sua consciencia juridica, por um quasi-favor apenas, é que o sr. dr. Pereira Osório me facilitou o ensejo de me aproximar daquela senhora. O seu gesto agradeci-lho e agradeço-lho; mas, perante o espirito de justiça que deve orientar os magistrados, não bastou nem basta.

Longe de mim o intento de pretender com estas palavras magoar S. Ex.ª ou o querer atingir irrespeitosamente o sr. dr. Aires Garrido, que é um dos mais dignos, mais inteligentes e mais ilustres ornamentos da Magistratura Portugueza; mas o que não posso é deixar de salientar que aquele Curador Geral e este Juiz, divergindo da opinião do Curador Geral e do Juiz que intervieram no incidente respeitante ao meu cliente de 1909, sustentaram uma doutrina incoadunável com a lei e altamente perigosa para a liberdade individual.

Não; por muito respeito que se deva tributar ao Hospital do Conde de Ferreira, ele não pode ser o «não me toques»—o «nóli me tangere»—quando, para salvaguarda dos direitos de qualquer cidadão nele internado, fôr indispensavel que as portas desse instituto se abram.

¿Incompetente o Tribunal para em semelhante caso mandar abrir essas portas?! Porque?! O Hospital do Conde de Ferreira é, em virtude do artigo 1.º e do artigo 2.º § 1.º do decreto de 11 de maio de 1911, um estabelecimento publico, directamente sujeito á acção das autoridades, e antes mesmo do referido decreto, como se diz no relatorio desse diploma, já o Hospital do Conde de Ferreira funcionava «como instrumento publico de assistencia aos alienados, por isso que, desde a sua instituição, se subordinou a regulamentos aprovados pelo Governo».

O estar ou não interdito um cidadão, o libertar-se duma interdição que sobre si pesa, o conferir um mandato para que alguem em seu nome lhe defenda a integridade moral e os haveres, são assuntos de direito civil. Porque ha de, pois, o juiz de direito declarar-se incompetente, quando o cidadão pede que se garanta a maneira de se defender duma interdição que ele se propõe mostrar que é infundada?

Bem conhecido é no fôro o artigo 12 do Código Civil que diz que toda a lei, que reconhece um direito, legitima os meios indispensaveis para o seu exercicio; e, se o Código do Processo Civil dava á sr.ª D. Maria Adelaide o direito de embargar a sua interdição, por que motivo se declarou incompetente o tribunal para lhe garantir a passagem dum mandato que era indispensavel para que esses embargos se deduzissem?!

Se a doutrina dos srs. drs. Pereira Osório e Aires Garrido persistisse no fôro, bastaria a vontade hostil dum Director de manicómio para que qualquer internado nunca pudesse defender-se!

Mais e pior. Como o decreto de 11 de Maio de 1911 diz que «as pessoas que desejarem visitar um doente pensionista se farão acompanhar de documentos em que o requerente da admissão autoriza a comunicação com o doente», bastaria a má vontade de alguem que de má fé internasse um suposto alienado para que este visse perdido o seu direito de defeza.

¿ Pode haver perigo maior ?

Bernardo Lucas.

Na republica de S. Domingos

A administração norte-americana vae passar a ser menos rigorosa

WASHINGTON, 3.—Wilson resolveu que de futuro a administração militar na Republica de S. Domingos será menos rigorosa, sendo constituida uma comissão de notaveis do paiz, auxiliada por conselheiros tecnicos americanos nomeados por Wilson, encarregada da revisão das leis e da constituição da Republica.—(*Americana*).

José Campas

Partiu para o Porto, onde vae realisar uma exposição dos seus trabalhos, o ilustre artista sr. José Campas, que teve a amabilidade, que muito agradecemos, de vir apresentar-nos os seus cumprimentos.

Lêr ámanhã na CAPITAL

NA BOA PAZ

XLIII—Da P. L. M. á C. P.

Croquis de viagem por ARMANDO FERREIRA

Instrução militar preparatoria

Sociedade n.º 9

A instrução recomeça no proximo domingo, pelas 8 horas, no quartel da G. N. R. á Graça, sob a direcção do alferes de infantaria sr. José de Campos Rego, sendo punidos rigorosamente os que faltarem sem motivo justificado. Amanhã pelas 21 horas, reunem o conselho tecnico e a direcção com os corpos gerentes da sua congenere Sociedade n.º 5 afim de se tratar de assunpto urgente prra a I. M. P. pedindo-se a comparencia de todos os srs. oficiaes e directores. A reunião é na rua do Mundo, n.º 81, 3.º.

Brevemente a sociedade n.º 9, na sua maxima força e devidamente comandada, dará um passeio militar nos arredores.

AMERICA LATINA

ARGENTINA

Barateamento da vida

BUENOS AIRES, 3. — As companhias frigorificas baixaram 5 0|0 no preço da carne.—(*Americana*).

Festa italiana

BUENOS AIRES, 3. — Correu enimadissimo o jantar oferecido pelo ministro de Italia em honra do principe Aimon de Saboya e dos oficiaes do couraçado «Roma».—(*Americana*)

Manifestação ao delegado na Liga das Nações

BUENOS AIRES, 3.—Realiza-se no dia 8 uma manifestação popular em favor da atitude do Puyzredon na assembléa da Liga da Nações.—(*Americana*).

CHILE

Gabinete ministerial

SANTIAGO, 3. — O primeiro gabinete constituido por Allessandri ficou assim composto; interior, Pedro Aguirre; estrangeiros, Jorge Matte; finanças, Daniel Martner; justiça, Armando Jaramillo; industria, Zenen Torrealbo; guerra e marinha, Silva Cruz.—(*Americana*).

Uniformidade de orientação na politica externa

SANTIAGO, 3. — Jorge Matte, ministro dos estrangeiros, prepara um plano de trabalhos, fazendo sobresair a necessidade duma acção uniforme das legações no que respeita a politica internacional, não podendo ir além de limites nitidamente definidos.—(*Americana*)

O Chile não reconhece á Liga das Nações o direito de se imiscuir na sua politica

SANTIAGO, 3.—O ministro dos estrangeiros, Jorge Matte, declarou que o Chile não reconhecerá a assembléa da Liga das Nações a faculdade de tratar da situação regulada pelo tratado de 1904, nem agora nem mais tarde.—(*Americana*).

Adiamento da conversão monetaria

SANTIAGO, 3.—O Congresso adiou para 31 de dezembro de 1921 a conversão monetaria.—(*Americana*).

MEXICO

Concessões de terrenos petroliferos

MEXICO, 3.—O presidente Obregon reorganisou a repartição de concessões de terrenos petroliferos. O chefe e outros funcionarios dessa repartição foram demitidos, por terem cometido irregularidades. A concessão das explorações apenas será concedida por intermedio de companhias e pessoas que provem poder financeiramente efectuar os trabalhos de pesquizas e exploração.—(*Americana*).

Morreu o representante da Espanha

MEXICO, 3.—Morreu o marquez de Gonzalez, ministro da Espanha nesta Republica.—(*Americana*)

BOLIVIA

A missão militar ingleza

LA PAZ, 3.—A missão militar britanica partiu de volta a Inglaterra. —(*Americana*)

Aspiração á posse d'um porto

LA PAZ, 3.—A mensagem do governo provisorio na vespera das eleições resume a situação internacional antes e depois do movimento de julho findo, esperando que na sua proxima reunião a Liga das Nações estudará as reivindicações da Bolivia, que deseja ter um porto no Pacifico.—(*Americana*)

PARAGUAY

Consul em Paris

ASSUNCION, 3.—O dr. Eduardo Leyba foi nomeado consul de Paraguay em Paris.—(*Americana*).

URUGUAY

A missão norte-americana

MONTEVIDEU, 3.—O senado deu uma sessão especial em honra de Colby, oferecendo-lhe em seguida um banquete.—(*Americana*).

EQUADOR

Relações comerciaes com a Italia

QUITO, 3.—As instituições bancarias e o alto comercio ofereceram um banquete aos membros da Companhia Comercial Italiana, em missão no Equador, e ao seu director, Delfino Parodi. Assistiram o presidente Tamayo, o ministro dos estrangeiros, corpo diplomatico, consules e personalidades da alta sociedade.

O ministro da Italia, num caloroso «toast», saudou o governo e o presidente Tamayo, felicitando a missão italiana.

O presidente respondeu ao brinde com a sua habitual eloquencia.—(*Americana*).

VENEZUELA

Consul em Lyon

CARACAS, 3.—Luiz Lacnero foi nomeado consul da Venizuela em Lyon.—(*Americana*).

CUBA

Consul no Equador

HAVANA, 3.—Augusto Merchan, consul de Cuba em Londres, foi nomeado encarregado de negocios em Quito.—(*Americana*).

A partir do proximo dia 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

LITERATURA EXTRANGEIRA

AINDA O "PREMIO GONCOURT"

IV — «Nêne», de Ernest Pérochon

Os primeiros exemplares do livro premiado chegaram a Lisboa em 29 de Dezembro, isto é dezoito dias depois do dia da votação. O meu exemplar, que pertence a esses primeiros, tem na capa a indicação da nona edição, o que deve talvez equivaler ao nono milhar, e foi editado pela casa Plon-Nourrit.

Como disse no meu primeiro artigo sobre o premio Goncourt, um livreiro de Paris tinha adquirido o restante da edição do «Nêne» feita na provincia. Agora já se sabe que foi a livraria Plon e póde-se ainda acrescentar o seguinte: foi na ante-vespera da atribuição do Premio que essa casa se decidiu a reimprimir «Nêne» e em menos de oito dias—de uma quinta-feira a outra—compoz, imprimiu, brochou e poz á venda o volume!

Ora isto, bem o nota Emile Henriot, cronista do «Temps», não deixa de nos trazer um certo ensinamento: é que os srs. editores quando querem, sabem demonstrar por «a + b» que em materia de livraria não ha dificuldades materiaes que se não possam vencer!

Ernest Pérochon foi a Paris dois ou tres dias depois do triunfo do seu livro. Ia acompanhado por M.me Pérochon—têm uma filha já com 12 anos—e fez a viagem não para aspirar «in situ» os perfumes da gloria, mas para cumprir os seus deveres de gratidão para com aqueles que o encorajaram e que dele se ocuparam desinteressadamente.

Foi um telegrama de Gaston Chérau que lhe levou a boa noticia, e recebeu-o no proprio dia da votação, pela tarde. Logo a seguir foi procurado pelo seu editor de Niort que lhe apareceu em automovel. Ha alguns dias que estava informado de que se pronunciáva o seu nome, mas nunca pensára que o interesse pelo seu livro tivesse taes consequencias. Foi a mais absoluta surpreza.

Antes de falar no que ele disse aos jornalistas e criticos literarios que o entrevistaram, e antes de contar as minhas impressões da leitura do «Nêne», vou transcrever umas notas curiosas a respeito da sua historia como escritor.

Pérochon escrevia para seu prazer, nos intervalos das lições, e editava os livros á sua custa; a falta de interesse com que as suas obras foram recebidas pelo publico não o animou a continuar. Todavia, em 1913, o livro «les Creux-de-Maison» (é o nome que em Vendée se dá ás casas de campo que não são rodeadas por terra cultivavel) obtinha alguns votos para o premio Goncourt. Então Gaston Chérau, amigo e conterraneo, e literato experimentado que conhece bem a «estrategia literaria», conseguiu dissuadi-lo de renunciar á literatura e aconselhou-o a perseverar. E é a este encorajamento que Pérochon deve o ter retomado a pena e escrito o «Nêne».

Foi este amigo de Paris que o hospedou em sua casa durante os dias que ahi esteve.

Pérochon tem 35 anos, sempre vestido de preto, bastante timido, de olhar brando e franco, voz suave um pouco arrastada como é a de todos os francezes do oeste, e é dum aspecto simpatico e modesto. Interrogado sobre os seus projectos responde tranquilamente que... não tem projectos! E isto impressionou logo o melhor possivel, tão inesperado é num escriptor que de repente se encontra no primeiro plano da actualidade literaria e que é a todos os momentos solicitado por editores, jornaes, revistas, etc.

Não tem projectos nem mesmo teria tempo para os pôr em execução!...

Instado, acrescenta, sem arrogancia, que talvez um dia escreva outro livro, um romance, sempre no gosto do «Nêne», mas que não póde trabalhar senão durante as férias e as férias dum professor são muito curtas... Quanto a reeditar os seus versos, pelos quaes principiou a carreira literaria, nem pensa nisso, porque não se sente de modo algum poeta...

Assim, as edições desses livros de versos eram de apenas cento e cincoenta exemplares cada uma!

A primeira edição do «Nêne» foi de oitocentos exemplares!

Um redactor do «Excelsior» pediu-lhe pormenores dos primeiros momentos em que recebeu a noticia, qual a influencia dela sobre os seus habitos diarios, sobre o seu dia de professor, sobre os seus alunos...

— Oh, sim, eles puderam notar que o seu mestre estava um pouco perturbado, mas com certeza não lhe adivinharam a razão! Eles teem entre cinco e oito anos!... Para lhes mostrar o meu contentamento dei-lhes laranjas...

— E no dia seguinte?

— Como era domingo, alguns amigos vieram jogar comigo a «manilha», «para celebrar o caso»!...

Actualmente não tem nada entre mãos, mas em vindo as férias procurará trabalhar... — «Farei o possivel por não ceder á influencia perigosa da necessidade de produzir... Bem sei que tenho escripto pouco, mas o que fiz foi sempre sem prejuizo do meu dever. Desculpe-me responder-lhe tão simplesmente... Mas quasi não sei falar senão com os pequenitos...» —!

Não posso dizer que «Nêne» seja um livro que entusiasme; confesso que o meu coração já está um pouco endurecido para este genero de literatura que só a ele se dirige, embora por caminhos tão belos como desta vez são a simplicidade e a ternura intensa. Mas é um livro que comove. Escreve-o sinceramente um homem que sentiu a valer o drama que ele encerra e no-lo transmite tal e qual o sentiu.

Conta-o como o contaria a um amigo intimo com quem passeiasse uma noite, de braço dado, nos campos visinhos da sua casa. Basta lê-lo para nos convecermos de que o seu autor não pode de maneira nenhuma ser um escritor da cidade, tão singelos e verosimeis são o enredo que compoz e o sentimentos que animam os personagens, e tão inocente é nos processos e nos «trucs» literarios, que não pôde abandonar por inexperiencia... Perdoa-se-lhe porque se sabe que ele é um simples, sem pretenções... E no entanto, a Arte, se procuramos aqui a Arte, devia estar acima destas coisas!...

Mas como raciocinar assim sobre um livro que acaba de nos prender o coração—e o coração endurecido!—por umas horas?! Sentimos, no decorrer dos dias, tantos momentos amargos que ás vezes são tão grandes banalidades, e afinal choramos por causa deles!...

Não chamemos, pois, literatura ao «Nêne»: é uma confidencia em tom virgiliano, é um apontamento pessoal..

Pérochon contempla os seus camponezes e escuta-lhes os pensamentos... Vem a seguir contá-los cheio de emoção e de carinho por aqueles bons amigos que o viram nascer ou que ele viu nascer. Olha para o ceu e para o campo, e encontra neles a unica poesia que o faz vibrar intensamente como a outros a tela de um bom paisagista, com tudo o que tenha de artificioso, de irreal. E vem descrever-nos esse ceu e esse campo em linhas dum lirismo forte, um pouco plangente, mas sobrio e delicado, sem grande espetaculo, perfeitamente no limite do suportavel...

E' pouco como obra literaria? Mas é tão significativo como franqueza de alma!

E' verdade que ao cabo da leitura e esquecido o sonho puro e bom da pobre Nêne, não se pode deixar de perguntar a si mesmo se o romance merece a recompensa que obteve. E' uma questão que só deve dizer respeito aos membros que o votaram e que não teem de que se envergonhar se foi com o coração nas mãos que firmáram o seu voto.

Mas quem tenha lido as obras dos outros concorrentes e tenha podido nivelar pela mesma craveira as impressões de cada um, livres de todas as sugestões e de todos os receios, não é natural que hesite n'uma opinião definitiva? Eu assim o julgo, e posso mesmo dizer que se tivesse de votar o Premio Goncourt—o que só para comodidade d'esta confissão se admite!—vacilaria, até á ultima votação, em sancionar o triunfo do Nêne.

Não conheço por completo as condições que os irmãos Goncourt exigiam no seu testamento para os livros a premiar; não sei tambem se o juri teve a bem louvavel intenção de não estimular o desenvolvimento de um genero de literatura que em França apareceu um pouco antes da guerra, e de que ao mesmo Premio concorreram exemplares famosos. Não sei se houve esse desejo de contrariar a onda de novas escolas em que o simbolismo, o decadentismo... e outras «complicações»—o termo não é meu!—e excessos, geram torturas de estilo e de enredo, cheirando a distancia como carne morta ha oito dias...—d'esta vez para não usar o termo corrente!...—

O que me parece, porém, é que «Nêne» representa, honestamente mas d'uma forma assustadora desde que apanhou os cinco mil francos do Premio, o que se póde chamar um retrocesso literário... E' uma volta aos tempos do Georges Ohnet e do Octave Feuillet, burguezes e romanescos enredadores, tempos que os poucos anos passados tivessem moderado um pouco com alguma coisa de definitivo que ficásse, e em que essas historias tinham uns fins melodramaticos, que «Nêne» veio ressuscitar...

Que ha um pouco melhor gosto em «Nêne» do que n'essas «literaturas» passádas (passádas?) é inegavel. E para isso basta notar que Pérochon não fantasiou como os outros, e a rea

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

O duelo, *farça em 3 actos original de Pereira Coelho e Cristovão Aires (Filho), com musica do* Diario de Noticias : : : : : :

Realisou-se hontem a anunciada representação de «O duelo». Em varios jornaes, nos cafés, nas «coulisses», se falou com muita falta de tacto e entusiasmo nesta peça, que pelas proporções do reclame e pelo disparatado das origens nos colocou de sobreaviso.

Nós não sômos mais espertos do que os outros, contudo não nos deixámos «enrolar» mais uma vez pelos comicos; ainda ha pouco estivémos a escrever as frases inflamadas que Eduardo Brazão ditava sobre a sua renuncia absoluta ao teatro Nacional... e...

Nada mais natural tambem que nesta furia que hoje ha de anavalhar reputações, na falta de senso geral, o actor A tivesse arremessado veneno para o actor B. Mas... a gente de teatro com tão firmes propositos de terminar com o resto de credito de que ainda goza, entender que tudo era admissivel.

Por isso a «peça» foi á scena sem ligarmos a importancia, que a bôa fé, e a sinceridade de Avelino de Almeida—tambem nós a tivemos—dos poucos que ainda tomam o teatro e os actores a serio, levou a escrever algumas frases sentidas e verdadeiras.

A «peça» é uma imitação de outras suas congéneres americanas, adaptada para papalvos de Lisboa. O que mais interessava era ter como «compère» da palhaçada uma das maiores esperanças do nosso teatro contemporanee. O que desejamos apesar do amargo de bôca com que escrevêmos, é que Alves da Cunha não envéréde pelo caminho que hontem encetou; quando se tem um nome, quando se quer ganhar esporas de honra, não se toma parte em palhaçadas, em cegádas, á luz do dia; emfim, o publico não pateou os artistas, pois a «claquè» era grande, contudo a maioria a que não foi á «Luz», fez os seus comentarios desagradaveis... com os seus botões.

A «mise-en-scene» ao cuidado do sr. Cristovam Ayres não estava mal preparada; o local escolhido para a representação foi o largo da Luz em frente ao Colegio Militar, onde aquele oficial do exercito é professor; nos intervalos de andar com «Alegrim» mascarado da «Madrinha de Charley», ia talvez dar aulas aos alunos.

Em resumo: Os parabens a Nascimento Fernandes e os pesames a Alves da Cunha. Tombou por completo no ridiculo...

Armando Ferreira.

Noticiario

Boas festas

Albertina d'Oliveira, societaria do Nacional, enviou-nos o seu cartão de boas festas.

Agradecemos a gentileza.

O Teatro da Trindade

E' absolutamente destituida de fundamento a noticia de que a Companhia dos Telefones tenha vendido o Teatro da Trindade, sendo extemporaneas todas as noticias que teem vindo a lume sobre pretensos negocios.

lidade quando se trata d'aquilo que se passa entre a gente simples, entre o povo, é sempre encantadora...

Mas «Nênê» não será de modo algum uma obra darte. E sem lhe chamar o «bronze de comercio» que Lemaitre chama áquelas literaturas que eu duvido que tivessem passádo de moda embora faça por me convencer e convencer os outros disso, posso dizer que «Nênê» é um bom folhetim, delicado e sentimental, que se gósta de lêr uma vez, que eu gostei de lêr, mas de que já me esqueci, tendo de procurar notas tomadas durante a leitura, para poder escrever estas impressões.

Falei de ingenuidades e de banalidades neste romance. Quero aqui deixar dois exemplos delas.

Na pagina 18, referindo-se á viuvez de Michel Corbier: «Son malheur datait de onze mois; il lui semb dater de onze ans».

Mais adeante: «Le dimanche fut une journée de lumière; le soleil donnait la fête.»

Mas é leal transcrever agora esta frase, a primeira do romance: «L'air était vif et jeune; la terre fumait.». E' simples, justo e sem literatura superflua.—Depois outra, entre os murmurios dos campos: «Les oiseaux chantaient comme des fous»: E' belo! E outra: «Le soir tombait, un soir d'octobre, beau comme un soir d'été, mais d'une beauté plus proche, plus intime, plus frissonante.»

Não, destas imagens, d'estas frases, não me esquecerei eu, já as transcrevo de cór...

Ruy de Veras

Salão Central

Enreda-se a meada

E' este o titulo do episodio que actualmente se exibe naquele elegante cinema, penultimo da surpreendente pelicula «O terror do Rancho. E como indica, é tal a meada que se enreda, que o publico fica [illegible] em as suas passagens cheias de emoção e novidade. A formosa e eximia actriz Betty Compson e o destemido e distinto actor Jorge Larkin, teem neste episodio um trabalho estupendo digno do maior apreço.

Amanhã, 4.ª feira, estreia do ultimo episodio do explendoroso «film», intitulado «Desvenda-se o misterio», em que o publico recebe verdadeira surpreza, ou seja a descoberta do famoso bandido, até aqui ignorado.

E afinal quem é?

Amanhã se saberá, garantindo nós que se trata duma autentica surpreza.

O proximo concerto Blanch

Maravilhoso o programa do proximo concerto, 6.º de assignatura, da «Orquestra Synfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz, um dos mais notaveis da temporada. Executa-se a grande «Synfonia» de Cesar Franck, a mais celebre obra sinfonica d'este ilustre compositor, a «Morte e Trasfiguração», o belo poema de Strauss: a «Flauta magica», de Mozart, a encantadora «Serenata» de Monkowzky, o «Tristão e Isolda, Morte de Isolda, de Wagner, as duas brilhantes «Dansas Hungaras» de Brahms e outras obras notaveis. E' justificado o entusiasmo que este belo concerto está despertando.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A B C a rir.—A revista *A B C* lançou agora um semanario humoristico e de actualidades, dirigido por Jorge Barradas.

As classes medias e a questão economica.—Em opresculo, foi publicado o extracto da conferencia realisada pelo sr. M. S. Melo e Simas no Centro da F. N. R. no dia 11 do mez findo.

O Comercio do Porto mensal.—Está já publicado o mensario correspondente a dezembro findo d'este nosso estimado colega do Porto.

A mulher em sua casa.—Publicaram-se os numeros 19 e 20 d'esta enciclopedia feminina de educação e recreio, de que é directora a sr.ª D. Henriqueta Gorjão de Lacerda e editora a Biblioteca do Povo, da rua de S. Bento, 279.

Cosinha moderna.—Tambem da mesma casa editora sairam os tomos 32 e 33 d'este repositorio de receitas culinarias, indispensaveis ás boas donas de casas. E' uma publicação deveras util.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quarta feira, 5 de Janeiro, ás quatorze horas, no armazem do Mercado Central de Produtos Agricolas, no Terreiro do Trigo, proceder-se-ha á venda de uma porção de madeira de diferentes qualidades, e ás 15, no armazem da Direção do Comercio Agricola, ao Beato, continuar-se-ha o leilão de outra porção que ali se encontra armazenada.

Quinta-feira, 6, ás 12 horas, no armazem de leilões desta casa fiscal, serão vendidas mercadorias descarregadas dos vapores ex-alemães, que constam de: uma caminheira locomovel, maquinas para costureiros e correeiros, de picar carne e legumes, peles e carneiras, tintas preparadas, lampadas e suspensões abat-jours, contadores, ferros para frisar, plissar e massagens, escovas de plombagina e outros aparelhos electricos, telefonicos e contadores, correias de transmissões, toldos impermeaveis e outras mercadorias que serão presentes no ato do leilão.

Sexta-feita, 7, ás 12 horas, no referido armazem, vender-se-hão as seguintes mercadorias demoradas, arrestadas e por conta e risco de quem pertencer: pacotes de cigarros, caixas de charutos, peles curtidas, peças de lona, córtes de seda para vestidos e camaras de ar.

Lisboa, Alfandega de Lisboa, 31 de Dezembro de 1920.

O escrivão

Alfredo Marcolino de Almeida

ULTIMA HORA

OBRA DE «RATEROS»

A ourivesaria assaltada

A policia de investigação já efetuou 5 prisões a que liga importancia

Foi ainda hoje o assunto obrigado de todas as conversações o assalto e furto de joias feito ante-hontem á noite na ourivesaria da firma B. H. d'Almeida, Limitada, na rua dos Fanqueiros 51 e 53, e rua de S. Julião, 44 e 46. Durante o dia muitos «mirones» estacionaram em frente do referido estabelecimento, o qual continua com portas cerradas, visto não ter ainda concluido o balanço a que os donos da casa e os empregados estão procedendo.

Até hoje á tarde estava já apurado que haviam sido furtadas joias no valor de 58.000 escudos, esperando-se que o total vá além de 80.000.

Na policia de investigação trabalha-se activamente para a descoberta dos autores do crime, tendo andado durante o dia numa verdadeira roda viva o chefe Alfredo Maria, da 3.ª secção, que nas suas diligencias é auxiliado pelos agentes Felisberto de Oliveira, David Correia e Manuel Joaquim Serra.

Guarda a policia a mais absoluta reserva sobre as diligencias efectuadas limitando-se a informar os «reporters» de que as investigações proseguem, o que chegou a dar aos ingenuos em coisas de jornaes a impressão de que as mesmas não haviam dado por emquanto quaesquer resultados.

Aos verdadeiros *reporters* não passou, porém, despercebida uma diligencia que se efectuou de manhã e para a qual foram escalados além dos *detectives* acima mencionados, mais os seguintes: Armando da Fonseca. Pereira dos Santos e Muralha.

Todos os agentes, acompanhados do chefe Alfredo Maria, dirigiram-se á rua do Vigario, onde fizeram cerco a uma casa prendendo trez dos mais temidos e afamados carteiristas recem-chegados do Porto e duas gatunas sovaqueiras. Uma delas, de nome Maria Adelaide, é nem mais sem menos que a amante do hespanhol Manuel Rodrigues Gomes, aquele terrivel carteirista que se encontra no Limoeiro e que tendo sido expulso dos territorios da Republica Portugueza se evadiu ha dias do comboio proximo do Carregado, quando seguia para a fronteira acompanhado do guarda civico 1667. O Gomes, como então referimos, meteu a amante, que é uma guapa moçoila, á cara do policia e aproveitando a ocasião em que ambos distraidamente conversavam saltou pela janela á linha, voltando dias depois a ser preso proximo da ourivesaria assaltada.

Quem sabe se n'essa ocasião o Gomez já andaria rondando o estabelecimento?

Os tres carteiristas presos, bem como as sovaqueiras, recolheram incomunicaveis a varias esquadras, parecendo que outras prisões serão ainda efectuadas.

A policia da 3.ª secção conta em absoluto pôr a claro o caso e apreender as joias furtadas, porquanto foram tomadas todas as providencias ás saidas dos comboios, sendo egualmente avisadas as casas de penhores e outras que negoceiam com joias.

Importante desvio de farinhas

Tendo constado ao sr. Francisco Trancoso, comissario geral dos Abastecimentos, que uma Fabrica de moagem tem desviado para a provincia varias quantidades de farinhas de 1.ª e 2.ª classes, foi o sr. Serafim Cardoso chefe da fiscalisação, encarregado de proceder ás necessarias investigações afim de se apurar o que ha de verdade sobre esse assunto.

Malas postaes

Pelo paquete inglez *Oropesa* são amanhã expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e portos do Pacifico, sendo ás 12 horas a ultima tiragem de correspondencia da Caixa Geral.

POEIRA DA ARCADA

Melhoramentos em Moçambique

Pensa-se na realisação d'um grande emprestimo externo para caminhos de ferro, obras nos portos e outra obras de fomento na provincia de Moçambique.

Governo de Cabo Verde

O governador de Cabo Verde pediu a abertura de credito para satisfazer encargos da provincia e comprar generos para os famintos.

Aviação maritima

Vae ser dada nova organisação aos serviços de aviação maritima, a fim de lhes ser dado grande desenvolvimento.

Ministro da instrução

O sr. ministro da instrução chegou hoje de manhã a Lisboa, de regresso do Porto e trabalhou durante a tarde na sua secretaria.

Repartição pedagogica

O senador sr. Silva Barreto reassumiu as funcções de chefe da repartição pedagogica da direcção geral de ensino primario e normal.

Aquisição [illegible]

A co[illegible]ecutiva de aquisição de [illegible] para o Estado, excepto trigo, [illegible] amanhã pelas 14 horas na [illegible] geral do comercio agricola.

Professores dos liceus

Foram nomeados professores de educação fisica dos liceus: de Leiria, Jaime Tomaz da Fonseca; de Guimarães, Francisco Martins Ferreira; de Viseu; Francisco Antonio d'Almeida Moreira, de Evora; Manuel Antonio do Monte e Manuel Moniz.

Em volta de "Os Patos,,

Surge novo conflito entre o comissario geral da policia e o governador civil

Referem os jornaes da manhã que a policia passou busca hoje de madrugada a uma dependencia do *Club dos Patos*, com entrada pela rua Antonio Maria Cardoso, por haver denuncia de que ali se estava jogando a batota.

Foi feito o assalto pela policia das informações, que depois requisitou para o Governo Civil o piquete afim de conduzir os presos, 24 homens e 2 senhoras, para o Governo Civil.

Não encontrou a policia quaesquer utensilios de jogo, mas o facto é que largo tempo permaneceram os agentes da autoridade na rua e nas escadarias do predio, aguardando que lhe fossem abertas as portas e franqueadas as salas, onde foram encontrar rapazes muito conhecidos na alta sociedade alfacidha.

Uma vez os presos no Governo Civil, logo se moveram as mais altas influencias, retinindo os telefones e andando tudo numa roda viva afim de se conseguir a sua libertação.

O comissario geral da policia a cousa alguma se moveu, e o proprio oficial de serviço em serios embaraços se viu para mostrar que não podia ir de encontro a ordens superiores.

O proprio chefe do governo chegou a ser assediado já de madrugada, com pedidos e depois de ter pelo telefone conferenciado para o governo civil, desinteressou-se do assunto por compreender que não deviam ser abertas exceções.

Quando, porém, os presos já se encontravam n'um gabinete especial visto não haver vagas nos quartos particulares, surdiu uma ordem terminante do chefe do districto para que todos fossem soltos sob a sua responsabilidade, devendo no entanto apresentar-se hoje, pelas 11 horas, no governo civil.

Os «amnistiados» assim fizeram, mas na policia não os quizeram receber, alegando estarem eles á ordem do chefe do districto, que resolveria sobre o destino a dar-lhes.

E até ás 16 horas se conservaram todos, passeando pelos corredores, aguardando ordens, resolvendo por fim o chefe do districto manda-los em paz.

Por sua vez o comissario geral, magoado pelo facto de lhe terem invadido as suas tribuições e desrespeitado ordens terminantes que dera, resolveu apresentar queixa do caso ao chefe do governo e ministro do interior.

O caso foi hoje o assunto do dia no governo civil.

O partido comunista

A comissão organisadora do partido comunista portuguez, recentemente creado, continua estendendo as bases de organisação do mesmo partido, tendo resolvido ultimamente fazer a maxima propaganda nos varios sindicatos.

O operariado continua em grande numero a abandonar a organisação sindical ingressando no novo partido. Entre os aderentes figura Joaquim Cardoso, secretario geral da Federação da Construção Civil, o qual abandonou a actividade do movimento sindicalista.

Logo que estejam concluidos os trabalhos e os estudos, realisar-se-ha um grande comicio afim do operariado ter conhecimento da nova organisação partidaria, a qual editará tambem um jornal diario com caracter acentuadamente revolucionario.

O caso do documento diplomatico

Em virtude de não haver logares no rapido de Madrid, já não podem seguir amanhã para a capital do paiz visinho os srs. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, e o chefe da 2.ª secção Sequeira. Conforme dissemos, o sr. dr. Reis Junior vae á referida cidade ouvir as declarações dos srs. Ferreira de Almeida e Vasco Quevedo secretarios da legação portugueza, sobre o caso do falado documento diplomatico e confidencial que foi publicado ha dias num jornal da noite e que originou as detenções dos srs. Bourbon e Menezes e Fidelino da Costa.

O carvão

De amanhã em diante encontra-se em todos os cais de descarga, carvão em abundancia, que todos os proprietarios de carvoarias podem e devem adquirir, pois o sr. comissario dos abastecimentos ordenou que a todos que o não fizerem lhes seja cassada a respectiva licença e encerrado o estabelecimento.

A burla dos vagons de assucar

O sr. Joaquim Serafim Cardoso Junior, chefe da repartição da fiscalisação do Comissariado dos Abastecimentos, continuou hoje nos seus trabalhos de investigação sobre o caso dos dois vagons de assucar em que estão implicados o comerciante Manuel Correia Pereira, os empregados do comercio Manuel Monteiro Guedes e José de Sousa, e os dois 3.os oficiaes de contabilidade, Julio Luiz de Melo e Anibal dos Santos.

Durante todo o dia, o sr. Serafim Cardoso foi incançavel, no intuito de esclarecer todo o embrulhado caso.

Do governo civil onde estão presos para um gabinete do Comissariado dos Abastecimentos foram conduzidos os 3.os oficiaes Melo e Santos, prestando declarações cada um de per si e depois foram os dois acareados tendo havido divergencias nas declarações prestadas pelos empregados mencionados.

A' hora de fechar o nosso jornal continua prestando declarações, que se devem prolongar até tarde.

O incendio na Casa da Moeda

Os peritos são de opinião que foi casual

Como estava marcado, realisou-se hoje, cerca das 14 horas, na Casa da Moeda, o exame judicial, no barracão onde no dia 26 do mez findo se manifestou incendio com violencia, como largamente noticiámos, e que a principio se supoz ter sido lançado criminosamente.

A'quela hora compareceram naquele edificio os srs. juiz de direito Magalhães Barros, ajudante interino do Corpo de Bombeiros sr. Batista Ribeiro e chefe de secção do mesmo corpo sr. Marcelino, que, acompanhados pelo empregado superior da Casa da Moeda, sr. Sobiapa Monteiro, percorreram todo o barracão incendiado, onde estão varias maquinas.

Depois de atentamente examinarem toda a parte incendiada e do sr. Batista Ribeiro ter explicado a marcha do incendio e o local do seu inicio, chegaram á conclusão de que o incendio tinha sido casual.

Dá-se mesmo como certa que uma faulha do chaminé, tendo-se introduzido no forro do barracão, aí esteve minando durante algumas horas, até mesmo durante dias, e que o muito vento sul que soprou toda a manhã do dia em que o incendio se declarou e toda a parte superior ser em madeira tudo concorreu para que o fogo se desenvolvesse com a rapidez que se sabe.

Em vista, portanto, de todas estes pareceres está posta de parte toda a idéa de que tivesse havido qualquer acto criminoso.

Na parte incendiada, todas as maquinas ali existentes estão já funcionando normalmente.

PELO TELEGRAFO

O naufragio do «Santa Isabel»

MADRID, 4.—Segundo as informações oficiaes é de 56 o numero dos que escaparam do até agora do naufragio do S.ta Isabel—(*Havas*).

Falecimento dum escritor

PARIS, 3.—Faleceu o escritor Lapauce, conhecido no mundo das letras pelo pseudonimo de Daniel Lesueur.—(*Havas*).

O governador de Fiume

ROMA, 3.—Por um despacho recebido de Fiume os jornaes dizem que o conselho comunal elegeu governador o sr. Grozzich, o qual ratificou o convenio de Abazzia.—(*Havas*).

Um filho do ex-kaiser em Italia

ROMA, 3.—O «Giornale d'Italia» diz que um filho do ex-kaiser chegou a Milão com o nome de conde de Jasalba, continuando a sua viagem para Turim.—(*Havas*).

Descoberta duma conspiração

BELGRADO, 3.—Descobriu-se um grande «complot» comunista que tinha por fim derrubar o regimen. Foram feitas muitas prisões.—(*Havas*).

Um sacristão com sorte

NEW YORK, 4.— Joseph Boyle, Sacristão da catedral catolica de New York, recebeu um telegrama em que se lhe participa que o sr. Cassidy, solteiro, residente em Cork, na Irlanda, que tinha visitado New York ha alguns mezes e a quem o sacristão tinha mostrado a catedral, lhe tinha deixado toda a sua fortuna, avaliada em vinte mil libras.—(*Radio*).

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3745 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 5 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

A reabertura do parlaménto

Está apenas por cinco dias a reabertura do parlamento, e já se anuncia uma nova crise ministerial. São dois factos entre os quaes não se pode perder nenhuma especie de relação.

O interregno parlamentar teve uma duração que o tornou quasi, se não inteiramente equivalente a um adiamento. Dir-se-hia, para os que lançam ao regimen parlamentar toda a responsabilidade da paralisação dos negocios publicos, que durante este tempo, sem o governo ter de distrahir as suas atenções com discussões dessa assembleia, se tivessem produzido algumas medidas importantes e energicas sob o ponto de vista da administração. Mas a verdade é que o parlamento, reabrindo, vem encontrar a situação exactamente nas mesmas condições em que ela estava quando se iniciaram as ferias legislativas.

De tudo isto se conclue que o defeito não é do sistema parlamentar. O defeito é da incompetencia dos governantes e das intrigas dos partidos. Não se diz agora mesmo que o governo está em crise, não porque a repulsa suscitada pelas propostas de fazenda e a solução que se pretende dar ao caso da Agencia Financial o precipitam do poder, mas sim porque não chegaram a acordo, na distribuição dos governos civis, os partidos que nele se encontram representados?

O sistema parlamentar não será perfeito, mas é o que está adotado nos paizes mais adeantados do mundo. Ele corresponde essencialmente ao sistema representativo. E' a propria alma da democracia. E fóra desse sistema não ha hoje nenhuma possibilidade de governo estavel. Nem a China, nem a Turquia, nem a Persia, podem já passar sem ela.

Entre nós tem havido, como de resto tem havido lá fóra, maus parlamentos. Isso em nada depõe contra o sistema parlamentar. O que ha a fazer, nessas condições, é procurar substitui-los. Para isso, e a fim de não ser necessario recorrer a actos violentos de nenhuma especie, é que existe nas constituições o principio da dissolução.

Ha alguma cousa peor do que um mau parlamento. E' não haver nenhum, e por isso é que se consignou taxativamente no estatuto fundamental da Republica, ao tratar-se da dissolução, que, depois de decretada essa dissolução pelo chefe do Estado, não passarão mais de quarenta dias sem estar eleito um novo parlamento.

Nós somos dos que reconhecem muitos defeitos no parlamento actual. Uns derivam da forma como foram escolhidas muitas candidaturas; os outros das modificações partidarias que, depois da constituição deste parlamento, se operaram, estabelecendo uma nova divisão de forças politicas. Mas escusado será dizer que emquanto este parlamento existir ele tem de ser acatado como a viva imagem da soberania nacional, e que ele só pode deixar de exisiir mercê duma medida absolutamente constitucional, e não em virtude de nenhum golpe de força, venha ele donde vier.

Não ha, na realidade, este ou aquele parlamento. Ha o parlamento, em que a Patria e a Republica teem a sua maxima expressão. E a todo o tempo um parlamento pode resgatar as suas culpas, se as tiver, investindo-se em toda a magnitude da sua missão, fiscalisando os governos, elaborando as leis, e fazendo-se respeitar por todos, pelo que a sua instituição representa.

Cedulas imundas

O sr. Anibal Lucio de Azevedo, director da Casa da Moeda, é um funcionario inteligente e trabalhador como poucos. Não lhe fazemos estes elogios com o fim de o adular, porque não está isso no nosso feitio, mas porque é a expressão da verdade.

Mas a quem tem muito que fazer, passam por vezes despercebidas pequenas coisas. E' o caso que se dá com as cedulas de $10 e de $05. a maior parte das quaes andam verdadeiramente imundas, inspirando nojo, além do perigo que representam, pois são veiculos transmissores de todas as doenças.

Ora não poderia a Casa da Moeda mandar recolher essa porcaria, substituindo-as por outras?

Com um pouco de boa vontade, fazendo-se mesmo serões se necessario fosse, visto que tantos serões se fazem inutilmente, quer-nos parecer que num breve praso se conseguiria fazer essa substituição, que se torna tanto mais urgente quanto já se teem dado conflitos por muita gente se recusar a receber isso que para ai circula.

Da boa vontade do sr. Lucio de Azevedo esperamos que as nossas palavras sejam tomadas na devida conta.

CANHONEIRA MANDOVY

Deixa o comando d'este vaso de guerra o capitão tenente sr. José Francisco Monteiro.

Uma representação
da Associação Industrial Portugueza

Esta importante associação enviou ao chefe do govêrno uma representação em que propõe varias medidas que lhe parece util pôr quanto antes em pratica para acudir á aflitiva situação do paiz.

Ha nessa representação verdades, muitas verdades, e os remedios que propõe, são os que todos reconhecem como indispensaveis e urgentes, não tendo, porém, aparecido até hoje um governo e um parlamento decididos a dar-lhes execução.

E' pena que a associação industrial não tivesse feito ouvir mais cedo a sua voz, porque talvez as coisas não tivessem chegado ao estado em que as vêmos.

A verdade é que no presente momento se observa um retraimento tal da parte dos consumidores que a industria e o comercio se sentem quasi paralisados. E não se trata de nenhuma coligação feita contra aquelas duas instituições.

Foi apenas a ganancia de muitos dos seus representantes que levou o preço das coisas a taes limites que toda a gente se retraiu, a isso forçada por não possuir dinheiro para mais do que para comer e mal.

A representação diz muitas verdades, mas a principal verdade é que as classes produtoras e o comercio muito concorreram para a actual situação.

Esta não é só devida á desvalorisação da moeda. Isso agravou o problema, é certo, pesou nele d'uma forma assustadora, mas essa desvalorisação é principalmente devida á febre de especulação que atacou todas as classes que tinham alguma coisa de seu, ou algum credito, as quaes se lançaram á doida em transacções de toda a ordem, n'uma louca anciedade de enriquecer d'um dia para o outro, obrigando ao aumento descomunal da circulação fiduciaria e provocando consequentemente a desvalorisação da moeda.

O Estado não deixou ainda, apezar de tudo, de satisfazer os seus compromissos, o que prova que no paiz ha ainda abundantes recursos.

Posta isto destacamos da representação da referida associação as medidas propostas que se nos afiguram de maior importancia:

«Anulação, «sem perda de tempo», de toda a legislação avulsa que se tem improvizado nos ultimos tempos contra a propriedade, o capital, o comercio, a industria, e o trabalho, e que tem reduzido sucessivamente a produtividade nacional e criado todas as dificuldades de abastecimento em que o pais se debate;

Restabelecimento e intensificação dos serviços ferro-viarios, fazendo o Estado os necessarios adiantamentos, reintegraveis, ás companhias de viação e aos serviços autonomos proprios, que os habilitem á reconstituição do seu material fixo e circulante sem o que resultaria inutil a intensificação da produção nacional;

Anular toda a legislação absurda que, como a lei n.º 999, de 15 de julho ultimo, conferiu aos municipios a faculdade de estabelecer impostos, a que até em terminologia impropria se chamou direitos de exportação (!) sobre os artigos produsidos, transformados ou armazenados nos concelhos, impostos estes que vieram afectar a produção nacional e que teem em vista isentar da incidencia das contribuições concelhias a maioria dos contribuintes, fazendo apenas, aos que produzem, pagar o que a todos compete;

Proibir e punir severamente o abuso que se tornou corrente de quasi todas as autoridades administrativas, sob o pretexto de «ordem publica» apreenderem generos diversos e dificultarem a sua circulação, tabelarem-os a seu capricho e entregarem-os ao publico para conquistarem assim aplausos faceis á custa da apropriação dos bens alheios.

Considerar que o problema nacional, quanto a abastecimento, é um problema de produção e não de repartição. Todas as medidas oficiais, inclusivé a da organisação do novissimo comissariado dos abastecimentos, tratam-nos como se fosse de repartição: dai a sua mais que ineficacia — negatividade —. E a situação, sempre agravando-se, aproxima-se de desesperada».

São estas as medidas mais interessantes propostas na representação. Outras ha que não se poderiam adoptar sem previo e demorado exame, como, por exemplo, a alienação da frota mercante. Porque assim se faz em França, não é para nós razão que valha qualquer coisa. Evidentemente o sistema adoptado para a exploração dessa frota não foi feliz. Muitas vezes aqui o temos condenado. Mas dahi até á sua alienação medeia largo intervalo, onde cabem muitas soluções. Esta, por exemplo, entregar a frota a uma companhia por acções, ficando o Estado com trez quintos da emissão a titulo de aluguer pelo tempo da concessão, reservando-se o conselho fiscal da companhia, mas não entrando no seu conselho de administração. Apresentamol-a apenas note-se bem, a titulo de exemplo.

A revisão das pautas é essencialissima. Mas em sentido ainda mais proteccionista? Para onde iria então o custo da vida? O proteccionismo exagerado só é admissivel transitoriamente para auxiliar qualquer industria que tem dificuldades para se manter nos primeiros anos.

Se nesses anos não consegue vencer essas dificuldades prolongar indefinidamente a pauta proteccionista só serve para sobrecarregar injustamente o consumidor cujos direitos são os que se devem atender de preferencia. Bem sabemos que assim não tem sucedido, mas, a nosso ver, tem-se procedido muito mal.

TELEGRAMAS DO BRAZIL

Comercio com os Estados Unidos e com a Alemanha

RIO DE JANEIRO, 4.—De janeiro a agosto de 1920, o Brazil exportou para os Estados Unidos mercadorias no valor de 195.608 contos, e importou as no valor de 333.087 contos. No mesmo periodo, a Alemanha importou mercadorias no valor de 13.233 contos.—(*Americana*).

Aprovação dos orçamentos

RIO DE JANEIRO, 4.—O congresso encerrou as sessões, votando todos os orçamentos.—(*Americana*).

Resgate de via ferrea

RIO DE JANEIRO, 4. — O governo comprou o caminho de ferro Curralinho-Diamantino, no Estado de Minas Geraes, por 7.000 contos.—(*Americana*).

O Banco do Brazil estende a todos os Estados as operações de desconto

RIO DE JANEIRO, 4.— O Banco do Brazil resolveu estender ás suas sucursaes nos diversos Estedos o serviço de descontos, a fim de prestar auxilio efectivo ao comercio. —(*Americana*).

Suicidio de um portuguez

RIO DE JANEIRO, 4.— Com um tiro no coração, suicidou-se o capitalista Luciano Pereira Moraes, portuguez, viuvo e septugenario. — (*Americana*).

Homenagem de Jorge V a um aviador

RIO DE JANEIRO, Foi publicada a carta dirigida pelo rei de Inglaterra por intermedio do sr. dr. Epitacio Pessoa, á viuva do aviador Pessolo, morto na guerra. — *Americana*)

Cotações

RIO DE JANEIRO, 4. — Cotação do café, 11$300; cambio sobre Londres, 9 7/8 e 9 15/16; valor do escudo portuguez, 720, 880 reis.— (*Americana*)

SANTOS, 4.—Cotações do café typo 4, 9$050 reis os dez quilos; typo 7 8$975. Vendidas 8.000 sacas, ficando um stock de 3,054 728.—(*Americana*).

PELO TELEGRAFO

Base aerea em Malta

LA VALETTE, 4.—O governo resolveu mandar construir na ilha de Malta uma base aerea. Para esse fim começaram já importantissimos trabalhos.—(*Havas*).

O desarmamento da Alemanha

PARIS, 4.—O governo inglês respondeu já á proposta que lhe fez a França para a reunião dos primeiros ministros aliados com o fim de tratarem do desarmamento da Alemanhã. O governo inglês reconhece a necessidade da reunião, que deve realisar-se em Paris, em data que ainda não está fixada, mas que se supõe que seja nos meados deste mez.—(*Havas*).

Os aliados e a Grecia

LONDRES, 4.—Diz a Agencia Reuter que o governo está disposto a modificar as suas relações oficiais com a Grecia. A modificação das relações depende da atitude que o povo grego tomar. O governo britanico está na intenção de ratificar o tratado de Sévres, logo que se tenha aclarado a situação na Grécia e no Oriente.—(*Havas*).

A crise no Paiz de Gales

LONDRES, 4.—Cessou o trabalho em algumas das minas de carvão do Pais de Gales.

Por causa da crise dos negocios sofreram uma baixa consideravel as acções das companhias de navegação do Sul do Pais de Gales.—(*Havas*).

A guerra civil na Irlanda

BUBLIN, 4.—A lei marcial foi ampliada a mais alguns condenados.—(*Havas*).

LONDRES, 4—A imprensa desta capital confirma a chegada do sr. de Valera á Irlanda.—(*Havas*).

A partir do proximo dia 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

O caso da Agencia Financial

Assigna-se o contracto no dia 9, o parlamento reabre no dia 10

O sr. Cunha Leal, ministro das finanças, dirigiu na sexta-feira á tarde aos bancos e casas bancarias uma circular convidando-os a dizerem as condições em que, dentro de certos limites, estariam dispostos a tomar a administração da Agencia Financial do Rio de Janeiro.

Não obtivemos o texto da circular, na qual o sr. Cunha Leal recomenda aos destinatarios «a maior reserva», por se tratar de assunto «muito delicado». Este fraseado parece indicar que o credito nacional correrá riscos, se o assunto for apreciado e discutido publicamente antes de consumado qualquer d'esses actos ruinosos, que ainda ha bem pouco tempo tanto alarmavam o sr. Cunha Leal. Ora nós pensamos que a questão da Agencia Financial deve ser amplamente discutida na imprensa e no parlamento. Consideramos que o governo não pode envolvel-a n'um manto impenetravel de misterio para acordar-mos qualquer dia com mais uma carrapata ás costas.

De maneira nenhuma!

Já sabemos o que foi o contracto de 31 de maio de 1919 e não queremos a renovação aprovada. Colhendo palavra aqui, palavra ali, pudemos apurar o que é a tal circular misteriosa, e esperamos podê-la reproduzir na integra, porque confiamos no patriotismo dos que a receberam. O misterio n'este caso é suspeito e perigoso para todos, muito mais ainda para o sr. ministro das finanças, que segue n'este assunto processos diametralmente opostos aos que tem apregoado na sua propaganda, nos seus discursos.

Sabemos já que a proposta mantem as clausulas do contracto de 31 de maio de 1919, feito com o Banco Portuguez do Brazil pelo sr. Ramada Curto, salvo as modificações agora introduzidas, «uma das quaes é, nem mais nem menos, do que o abandono por parte do Estado do direito de denunciar o contracto em cada ano da sua vigencia».

Este direito tão importante, que permitiu ao sr. Cunha Leal a denuncia do contracto actual, desaparece para ficarmos presos indefinidamente a uma situação extremamente grave e cujas consequencias podem ser irreparaveis para a economia nacional.

Fixa-se em 1.800.000 libras o minimo das remessas de cambiaes a que fica obrigada a Agencia, sem se conhecerem as bases d'este calculo e sem se explicar como possa estabelecer-se antecipadamente o montante das transferencias de fundos feitas do Brazil para Portugal pelos nossos compatriotas.

Ao mesmo tempo pretende-se contrair um emprestimo de 1.200.000 libras susceptivel de ser aumentado ilimitadamente por outros suprimentos, sem que o governo esteja auctorisado a realisar semelhante operação.

E, finalmente, solicita-se a colocação dos bilhetes do tezouro em escudos no Brazil, iniciando-se uma operação financeira perigosissima, que lançará o Estado nos maiores riscos.

Esquece-se o sr. ministro das finanças de que os serviços da Agencia Financial não podem ser adjudicados a nenhuma entidade particular. A lei não permite que o governo portuguez aliene direitos e imunidades concedidas pelo Brazil a uma delegação oficial. O governo portuguez só pode exercer esses direitos, como os exercia antes do contracto de 31 de maio de 1919, ou por intermedio do seu unico banqueiro—o Banco de Portugal—nos termos do artigo 24 das bases anexas á lei de 29 de julho de 1887.

O que se planeia agora é a repetição, correcta e aumentada, d'aquele triste contracto, com a agravante de serem conhecidos os resultados da experiencia feita e de se pretender fechar o negocio até ao dia 9 do corrente, para que o Parlamento, que abre no dia 10, se encontre em presença d'um facto consumado.

CROQUIS DE VIAGEM

NA BOA PAZ

Saio de Nice com pena... de não ter um negocio e, em vez de ser um magro homem de... letras, ser um gordo senhor de letras e cheques: viria para aqui passar metade do ano, a outra metade para Paris, e o resto... para Portugal, onde, apezar de toda a má vontade se leva ainda uma vida santa. O comboio segue ainda entre os pomares, os jardins dessas vilas encantadoras que são Cannes, Antibes, banhadas dum mar muito azul e duma atmosfera de preguiça que entontece.

E depois começamos a sentir o amargo de boca do fim das viagens. Vamos a caminho da casa e se bem que é muito agradavel recolher ao buraquinho infinitamente pequeno que se conquistou a soco no bazar da vida, sente-se saudade, a espuma da saudade das belezas que já se viu; por isso os campos me parecem desolados, não me interessa a paisagem do sul da França. Toulon é representada por muitos marinheiros francezes, uma longa estação. E os vagons do P. L. M. marham aceleradamente para Marselha. Ha que trasbordar para outro rapido, onde um sujeito desconhecido, que fala portuguez, me guardou logar: o interprete do Cook avisado por telegrama. Na casa, olharam o meu apelido e dos 17 interpretes mandaram o que falava portuguez e o que falava... grego. O certo é que consegui não me demorar mais tempo aqui. E' já noite quando saimos, tremeluzindo faroes, acendendo-se miriades de luzes sobre uma velha cidade, adormecida: um hespanhol quer por força descobrir a ilha donde fugiu Monte Cristo; o hespanhol, nestas alturas começa a aparecer, denotando a proximidade da fronteira.

Mas, só lá pelas 11 da noite é que janto em Tarascon qualquer coisa de indecorôso, e que em materia alimentar é tão fantastica como os leões do heroe. E, ás duas da manhã, largo o fôfo P. L. M. despejado para a estação humida e pequena de «Narbonne» E' uma viagem tormentosa a que se faz por estes lados de Barcelona a Nice ou vice-versa; trasbordos, maus comboios, horas de espera em terras de insignificante... reputação. Narbonne á 1 da manhã, fria e a abrir a boca com sono é tão desagradavel como os vagons pequenos, caixas de fósforos sujas, dos caminhos de ferro do Estado que ás 4, só ás 4, partem para Perpignan e Cerbère.

O alvorecer por esta região que me é agreste, sopés dos Pirineus, não tem beleza alguma.

O comboio arrasta-se, para aqui, para além, entre vagons vasios e chefes de estação a espreguiçarem-se. Em Cerbère a infalivel alfandega; uns guardias de luvas brancas universaes revolvendo as malas se não se lhes dá o «duro» da praxe, e de novo as «boinas», os tecidos aveludados, «bombazina», jaquetes, caras rapadas, de toureiros e ciganos. Port-Bou é a estação hespanhola e ali aguardo tres horas pela partida do comboio para Barcelona. O almoço, num bufete manhoso, tem já arroz á valenciana e fino pão branco; as mulheres na sua algazarra cantante, em toada, chamam os «niños», berram, barafustam. E mais um dia se passa neste compartimento deserto, atravessando uma região fertilissima, cheia de vegetação; a primeira cidade importante é Gerona, uma torre de egreja a proteger as edificações aconchegadas em volta. E á tarde, muito noite outra vez, Barcelona.

Outra vez será, se as bombas não a arrazarem; por agora o que desejo é ver-me na minha terra; em vão pergunto pela greve da C. P., um facto importantissimo... para mim; mas ninguem me sabe dar noticias. Nada, absolutamente «nada». E assim só tenho meia hora para um belo vagon da «Zaragoça Alicante», me aninhar ao pé dum Dom qualquer coisa de barbas á Maura e dormir estafado, ...tão estafado como os leitores a seguirem-me ha mais dum mes por montes e vales.

Madrid estava na mesma; sahi ontem daqui? não sei; encontro as mesmas caras nos mesmos logares, baralhando-se na «Puerta del Sol», e indo até muito longe... a meio da calle de Alcalá! Comtudo, Madrid, ao dia de semana, é mais alegre, e depois de ter visto as gentes e os costumes, os meios e as feições das populações além Pirineus, eu posso afirmar que esta boa gente, tirando a «presunção» de estar dominando o mundo, é toda constituida por pessoas civilisadas, vestidas com aprumo, certo arranjo de «toiletes» e garridice de civilisação.

Em Madrid anda-se á roda da Puerta del Sol, e eu lá andei aquelas horas em que esperava o comboio para Lisboa; o correio, porque rapido não ha. E a respeito de gréve... em Madrid não se sabe nada. O que me leva a crer que só sabem quando inventam. Janto no Hotel Inglez que recomendo principalmente pela fartura. Mas, é o mesmo em todos, e para demonstrar a abundancia que por lá ha direi só que ao fim de 5 pratos voltei-me para o creado e disse: «basta! basta!» como perante uma acrobacia dificil... digestiva. Ainda me ficaram por comer 2 pratos, queijo, sorvete, pasteis, frutas, café! Longa jornada durante a noite, num «correio» que vem dando noticias vagarosas a todas as aldeolas da Hespanha; como são longas as terras visinhas; a noite tambem parece enorme; ás 8 horas entre campos desolados, frios, escalvados montioulos, chego de novo a Valencia.

Quando aqui passei pareceu-me simpatica a estação, quando iluminada a luz electrica; agora o tedio do regresso, o enfado das noitadas em treme treme de viagem, fazem-me olha-la como um apeadeiro caiado.

E cerro os olhos, e num meio torpor espero mais, ainda, sempre; e aquilo anda, lento, mas anda; de pupilas fechadas vejo sombras de arvores descarnadas correndo no mundo negro em frente ao cerebro; e por fim, abro os olhos, e olho em volta: um garoto de barrete, pernas abertas, faz com os braços gestos mefistofelicos e exuberantes para o comboio.

Não me restava duvida: entrara em Portugal!

Armando Ferreira.

UM GOLPE A' BONNOT

Automovel roubado

O "chauffeur" é amarrado e amordaçado entre Rio de Mouro e Ranholas

Na Praça dos Restauradores ha muito que faz serviço com o automovel 807 sul o *chauffeur* Carlos Alvaro Lopes d'Almeida morador na rua Garcia da Horta, 42, 2.º pertencendo o veiculo a Manuel Migueis, residente na rua de Sant'Ana á Lapa.

Hontem, pelas 21 horas, apareceu n'aquela praça um individuo que ajustou o auto por 120 escudos para um passeio a Cintra. Metendo-se no automovel, mandou largar para o restaurante Flor de S. Paulo, onde foi buscar trez companheiros seguindo os quatro a caminho de Cintra.

Até ao Cacem nada de anormal se passou, mas perto d'ahi entre Rio de Mouro e Ranholas, os passageiros pediram ao *chauffeur* para parar, com o pretexto de satisfazerem uma necessidade.

Assim que se apearam, puxaram de revolvers e um d'eles agarrou-se as *chauffeur*, emquanto os outros lhe amarravam as mãos atraz das costas, ao mesmo tempo que o amordaçavam.

Tres d'eles, indo um ao volante do automovel, fugiram emquanto o outro ficava de guarda ao *chauffeur*.

Este, vendo-se perdido, ajoelhou-se aos pés do que ficára a guardal-o, o qual lhe tirou a mordaça e o desamarrou, prestando-se a vir com ele no primeiro comboio para Lisboa.

A pedido do *chauffeur* prestou-se esse individuo a ir hoje ao governo civil prestar declarações sobre o caso.

Feita a queixa e entregue ao agente Maria, imediatamente foi interrogado o tal individuo, que declarou chamar-se Antonio Pegado e ser factor de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro do Estado, estando actualmente fazendo serviço como chefe na estação da Funcheira, d'onde chegou hontem de manhã. Encontrando na calçada do Combro um amigo de apelido Ferreira, foi por ele convidado para uma ceia em Cintra, convite que a principio não aceitou alegando a falta de meios, ao que o Ferreira retorquiu que fosse, pois que era ele quem pagava todas as despezas.

Tendo então acedido ao convite, foi dar um passeio pela cidade e á noite dirigiram-se para a Flor de S. Paulo, estando já ali dois individuos que não conhece, mas que são amigos do tal Pereira.

Contou que depois de beberem café e aguardente se meteram no automovel, confirmando o que se passara no caminho.

Com dó do «chauffeur» e por não concordar com o modo de proceder dos companheiros, deixou-se ficar, acompanhando-o para Lisboa, com o fim de se apresentar ás autoridades e relatar o que se tinha dado.

O Pegado ficou preso, para averiguações.

Conferencias

Depois de amanhã, pelas 21 e meia horas, realisa o capitão sr. Tavares de Andrade, na Sociedade de Geografia, uma comunicação acêrca dum congresso internacional de musica em Lisboa.

A falta de iluminação

Foi hoje entregue ás Companhias Gaz e Electricidade uma representação dos moradores da rua Possidonio da Silva, pedindo que se estenda áquela arteria a iluminação electrica, tanto mais facil de fazer quanto o cabo condutor já chega á rua de Santo Antonio á Estrela e ao largo das Necessidades.

Seria uma medida de grande utilidade publica, pois essa rua é de enorme transito e a escuridão em que está mergulhada dá azo a que se pratiquem crimes e deem assaltos, como ultimamente tem sucedido.

AUTENTICAS

Uma historia antiga

O velho rei D. Fernando, aquele Saxe-Coburgo-Gotha, que da Alemanha veiu a enxertar-se na dinastia dos Braganças, tornára-se em Portugal uma figura quasi de trazer por casa. Sem fumos de ostentações, gosador franco da vida, amando as Artes decorativas sobretudo, e as mulheres formosas, era frequente ve-lo pelas ruas de Lisboa, a pé, pedindo lume ao primeiro que passasse, e trocando com ele palavras e opiniões.

Esta ausencia de preciosismo era feito de modo que o principe teutão jamais se desnivelou dos seus eguaes. As suas descidas ao povoado tinham o tom natural de quem procura quebrar a monotonia da vida realenga, nunca o artificio do rebuscador de popularidade.

Era uma pessoa com quem o publico em geral simpatisava. Eu, não; eu achava-o fanhoso e amolengado, arteiro e sabido, e posso talvez filiar na sua bondosa velhice as minhas primeiras antipatias por soberanos. E' que o rei tinha rido uma tarde, no Jardim Zoologico, das minhas calças. A culpa tivera-a a baroneza da Regaleira, senhora cuja formosura e bondade entrara no meu coração de creança como fulguração que valia mais do que o resto do mundo todo. Pois aquela minha prima encantadora chamára a atenção do velho consorte da senhora D. Maria II para as minhas calças, que pela primeira vez as usava até abaixo. D. Fernando, dizendo qualquer coisa de gracioso e exortativo, a brincar amavelmente com a minha transição de trajes a caminho da puberdade, como é costume fazer ás creanças, exarcebou o galito pretenioso que nas veias tão cedo me passeava, e que me andava já a meter tolices na cabeça.

O caso é que eu amuei, embezerrei e me fui discretamente para longe do grupo, para o pé das gaiolas dos leões, cheio de mil vontades de rugir como eles, ameaçadoramente.

Alguem me foi buscar, carinhosamente, e com tal geito e doçura aplacou o meu resentimento que a sua grande alma e ternura vae agora ser recompensada.

Como me lembro da sua bela figura e serenos cabelos brancos!

No paço das Necessidades o principe consorte, o rei D. Fernando, estava jogando o bilhar.

Sua Magestade andava triste, aprehensiva. Os anos já eram muitos, e na sua face havia qualquer coisa que o magoava. A fase dolorosa começara já. Os medicos, sabiam-no; o cancro, o horrivel cancro que o victimou, e de que os seus charutos aceleravam a evolução.

Para que o rei não desconfiasse do seu mal, nem ao fumo, áquele perpetuo calor na boca que tanto o prejudicava, se atreviam a prescrever a cessação imediata, como convinha.

Mas naquele dia o rei estava pior, nem o bilhar, nem a conversação animada, o distraíam. No meio da partida voltou-se para o conde das Alcaçovas, seu camarista, e mais do que isso leal amigo, envelhecido sempre a seu lado, no mesmo encontro de bondade e dedicação á antiga, e com o desalento forte que prostra, fez-lhe sentir que se julgava perdido. O que ali estava a morder-lhe na face era um cancro, tinha a certeza.

O conde negou, terminantemente: era uma scisma sem fundamento; nenhum medico, ninguem o podia crer.

«Tens a certeza disso?—indagou o rei.

«A mais absoluta» — «certificou o conde.

Então o rei mandou vir vinho do Porto, mandou encher um calice, bebeu metade e, dirigindo-se ao seu camarista:

«Se tens tanto a certeza de que isto não é um cancro, bebe lá o resto desse vinho».

E o conde, que bem sabia o contrario, a quem os medicos haviam segredado o lastimoso estado do seu rei, bebeu-o imediatamente.

Este era o sucessor representante daquele conde de Alcaçovas, ministro de D. João III, tão habil politico no tempo das luctas entre Carlos V e Francisco I, que Portugal delas saiu engrandecido. Mais um Lencastre de ascendencial real.

D. Thomaz de Noronha.

A 3.ª internacional

No Chile o partido socialista adere ao bolchevismo

SANTIAGO, 4.—O partido socialista chileno aderiu á 3.ª Internacional (*Americana*).

A America deporta o embaixador dos soviets

WASHINGTON, 5. = Ludwig Martens embaixador dos soviets, submeteu-se formalmente á ordem de deportação dada por Wilson.

Espera-se que em vinte de janeiro se retire para a Russia acompanhado de quarenta companheiros de trabalho.—(R.)

Theatros e Cinemas

Pelo Porto

Caras pintadas...

Caras pintadas... gente de teatro. Para os novos que queiram realisar dentro da sua arte incipiente verdadeiros exemplos de persistencia e de trabalho e para os velhos que não se cancem de enriquecer as suas galerias d'almas neste canto rude, nada louvaminheiro, o carinho dum elogio sincero.

E' para a gente moça que vale e para os consagrados que não adormecem.

Rebelde ao aplauso pedinchado, desinteresseiro e franco só podem contar com seu abrigo os que merecem ter abrigo nos palcos dos nossos teatros. A fama das glorias passadas não basta para servir de modelo a estas rapidas biografias d'artistas e croquis de medalhões traçados com nervos. Um nome vindo do nada não será esmagado. E depois duma noite de emoção em que a nossa sensibilidade começa do vibrar com o artista procura um repouso longo, estas notas lançadas ainda sob a impressão dominadora duma arte humanisada, serão as confidentes dessa sensibilidade doente...

Nuno Gil

Noticiario

● O «compère» da revista «Aqui d'El-Rei» que brevemente sobe á scena no Aguia d'Ouro será desempenhado pelo popular actor Carlos Leal, que reaparece ao publico portuense.

● A revista que substituira no cartaz do Olimpia o «Tam... Tam» é original do nosso camarada do «Noticias» Alvaro Machado e tem por titulo «Torre de Marfim».

● E' provavel que ainda nesta epoca de inverno se represente no Porto o novo original do autor do «Sem dote...», Alvaro Paiva, intitulado «Crer».

● A companhia Samwell Diniz que tem estado a trabalhar no Sá da Bandeira seguiu em «tournée» pelo provincia.

● O «costumier» portuense Jaime Valverde, que conta pelos exitos o numero de peças que tem vestido, está trabalhando em todo o guarda-roupa da peça historica de grande espectaculo «Thermidor» que brevemente sobe á scena no Trindade, dessa cidade.

MUSICA

O proximo concerto Blanch

O belo programa do 6.º concerto de assinatura da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no Teatro São Luiz, é, sem duvida, dos mais bem organisados, um dos melhores que ultimamente se teem apresentado, e de molde a agradar e impressionar todo o publico. Executam-se pela unica vez a grande «Sinfonia», de Cesar Frank; a colossal obra prima do notavel compositor belga, do celebre poema sinfonico de Strauss, «Morte e Transfiguração», um dos maiores exitos da Orquestra Blanch; a «Flauta Magica», de Mozart; o «Tristão e Isolda», «Morte de Isolda», de Wagner; a encantadora «Serenata», de Moszkowsky; as duas belas «Danças Hungaras» e outras composições celebres. Nenhuma d'estas obras se torna a executar.

Concertos no Politeama

E' completissimo o programa do concerto sinfonico que no domingo proximo se efectua no teatro Politeama pela orquestra organisada e dirigida pelo ilustre maestro Fernandes Fão. Executa-se uma obra portugueza, do sr. Armando Leça; «Le Rouet d'Omphale» de Saint-Saens; uma preludio (3.º acto); do «Lohengrin», de Wagner; a sinfonia n.º 2, de Borodin, o «intermezzo» da «Dorabella», de Edgar, o «momento musical», de Schubert e a «Rapsodia Hungara», em dó de Liszt. Como os concertos deste teatro teem sucessivamente aumentado de concorrencia, é de esperar que n'este, dada a beleza do programa e a certeza já adquirida da sua execução lhes corresponde, se esgotem os bilhetes.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Cruzada das Mulheres Portuguezas —Reune o assemblêa geral no proximo dia 9, pelas 15 horas, na calçada dos Caetanos, 48, com a seguinte ordem do dia: apresentação do relatorio da comissão eleita para recebar os livros e contas das comissões, opinião dos peritos e apreciação dos procedimento dos socios, que não acataram as resoluções da assembleia geral de 19 de dezembro findo.

VIDA SPORTIVA

A reunião dos clubs no dia 10, nas salas de "A Capital"

Já foram expedidos os oficios convidando os clubs do sport do paiz a fazerem-se representar na reunião do dia 10, que se efectua nas salas do «A Capital».

Na impossibilidade de saber as moradas das sédes dos clubs o ainda devido por vezes ao mau serviço de correios roga-se aos clubs de sport que se considerem convidados pelas noticias publicadas nos jornaes diarios e da especialidade.

A provincia n'A CAPITAL

PENACOVA 4.—Hontem, do fronte do edificio do tribunal desta Comarca reuniram em numero de mais de 300 barqueiros e outros industriaes, que reclamavam que a Camara não lhes cobrasse o imposto de 2 °/o que ultimamente foi aplicado a todos os artigos aqui produzidos e saidos deste concelho. A Camara não os atendeu, sem novamente reunir em sessão.

— E' no proximo dia 7 a feira mensal que nesta vila se costuma efetuar.

— A carestia da vida continua desenfreadamente! Que o governo tome providencias como lhe compete é o que se reclama.

João Rodrigues Branco

FALECEU

Cesaria Branco, Armando Rodrigues Branco, Manuel Rodrigues Branco, Eva Rodrigues Branco, Manuel Rodrigues Branco Junior, Tereza Dias Branco, Maria Gertrudes Branco Simões, Artur Rodrigues Simões e Joaquim Simões Branco, cumprem o doloroso dever de participar a todos os parentes e pessoas das relações o falecimento do seu saudoso marido, pae, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realisa amanhã ás 15,30 da tarde, saindo o prestito funebre da sua residencia travessa de Santo Antonio á Graça, 19, 2.º—D. para o cemiterio do Alto de S. João, sendo o acompanhamento de trem e a pé.

Não se fazem convites especiais.

ULTIMA HORA

OS INDESEJAVEIS...

O assassino do governador geral da provincia de Valencia

Veiu expressamente a Portugal para entabolar negociações com alguns dos nossos agitadores

A Capital já por varias vezes se tem ocupado do perigoso bolchevista hespanhol Luiz Cuellas Gomez, recentemente chegado de Barcelona, e de cuja prisão movimentada na calçada do Combro e depois no largo do Conde Barão, onde chegou a despir o casaco quando se viu agarrado por um agente policial, tambem nos ocupámos.

Em 24 de dezembro ultimo *A Capital* referiu-se ás diligencias que então se seguiram por parte da policia de Segurança do Estado, superiormente dirigida pelo major sr. Marreiros, e pelas quaes se chegou á conclusão de que o temido sindicalista militante estava implicado nos sucessos sangrentos que ha mezes se desenrolaram na provincia hespanhola de Valencia, sendo um dos que assassinou o governador geral da mesma provincia.

Esses sucessos eram como que o inicio do anunciado movimento bolchevista mundial preparado pela Russia soviefista e que fracassou em todos os paizes, devido ás informações claras, precisas e terminantes que o Japão enviou ás nações aliadas.

O fracasso desse movimento não fez contudo desanimar os adeptos de Lenine e da Russia novos delegados e agentes saíram com a missão de espalhar principalmente pelas nações aliadas ideias dissolventes. Muitos d'esses delegados concentraram-se em Barcelona, donde depois irradiaram para varios pontos, sendo outros presos a tempo, entre eles Angel Pestana, enviado e representante de Lenine, que se destinava expressamente a Portugal.

Em Lisboa havia já assentado arraiaes o Luiz Cuellas Gomez, que mal atravessou a raia e tocou a capital logo entrou a fazer propaganda dissolvente.

Quaes os passos d'esse perigoso indesejavel, entre nós?

São dados oficiaes que respondem: Em principios de dezembro começava o homem a ser vigiado, verificando-se que chegara em 19 de novembro sem passaporte, vindo de Valencia onde embarcou precipitada e misteriosamente, não tendo dado no consulado do seu paiz indicações verdadeiras sobre a sua identidade e residencia. Alojou-se na Calçada do Combro, 39, n'uma casa em frento da C. G. T. e da redação do orgão sindicalista.

Em contacto com o Gomez foi o celebre e misterioso agente X, cuja fama é tão apregoada e que fazendo-se passar por um apaixonado e fervoroso defensor da Republica dos Soviets conseguiu saber da boca do Gomez que ele esperava que lhe enviassem dinheiro de Hespanha, afim de depois seguir n'uma missão especial para o Brasil, aguardando ainda

a remessa de 200 pesetas que de nação visinha lhe seriam enviadas, bem como outra importancia avultada que viria da Madeira.

Enquanto em liberdade teve varios conferencias e reuniões: em 17 do mez findo permaneceu largo tempo na União dos Descarregadores de Terra e Mar, para onde entrou ás 15 horas, e finda a conferencia voltou para a C. G. T., onde se demorou umas duas horas. Em 18 tinha pelas 8,30 uma demoradissima conferencia na Praça da Ribeira Nova com varios individuos de nacionalidade estrangeira, que pareciam ser americanos, findo o que se encontrou com varios descarregadores de peixe, aproveitando a ocasião para fazer propaganda dissolvente, demorando-se nessa propaganda até ás 14 horas, dirigindo-se depois novamente á Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra, onde não chegou a entrar, por a associação estar fechada nessa ocasião.

Permaneceu alguns momentos á porta do Consulado de Hespanha, onde tambem não entrou, indo conferenciar até ás 16 horas para a Calçada do Combro com tres bolchevistas conhecidos, aos quaes mostrou varios papeis.

Até ás 20 horas esteve na séde do antigo Correio Geral, donde saiu com tres individuos suspeitos, sendo um delles um dos bolchevistas expulsos do Brasil, realisando por ultimo varias conferencias com agitadores conhecidos.

Em 19, pelas 10,15, voltou á praça da Ribeira Nova a fazer propaganda dissolvente entre os maritimos, tendo mais tarde uma larga conferencia com outro indesejavel expulso da America do Sul, indo por fim assistir a uma reunião que se realisou na Associação dos Caixeiros, organisada por varios elementos para continuação dos trabalhos encetados sobre a necessidade de uma organisação extra-sindical. Abandonou a associação referida ás 19 horas, para pernoitar no edificio do antigo Correio Geral.

Em 20, pelas 9 horas, após ter saido, conferenciou com varios propagandistas de idéas bolchevistas e percorreu diferentes pontos da cidade por onde não tinha costume de transitar e isto para se certificar se andava ou não seguido por qualquer agente policial.

Voltou á calçada do Combro onde então foi preso, por se ter já apurado que não passava afinal de um agente de ligação entre bolchevistas portuguezes e hespanhoes.

O perigoso agitador vae ser entregue por estes dias ás autoridades hespanholas. O relatorio sobre o preso foi entregue hoje pelo director da policia de segurança do Estado ao sr. ministro do interior.

OBRA DE «RATEROS»

A ourivesaria assaltada

A policia da 3.ª secção efectua novas prisões de individuos suspeitos

Prosseguem com a maior actividade as diligencias policiaes por motivo do assalto e roubo de joias feito na ourivesaria da firma B. H. de Almeida, Limitada, na rua dos Fanqueiros 51 e 53 e rua de S. Julião 44 e 46.

O chefe Alfredo Maria, da 3.ª secção bem como os agentes que estão trabalhando sob as suas ordens, continuam dia e noite diligenciando deitar a mão aos larapios bem como descobrir o paradeiro das joias furtadas, estando todos esperançados que taes diligencias serão coroadas de exito.

No Governo Civil entraram hoje prestando declarações perante o agente Felizberto de Oliveira o socio gerente do estabelecimento assaltado bem como um dos socios da firma Lima e Gama, em cujo escritorio os gatunos abriram o alçapam para poderem descer á ourivesaria.

Tambem foram chamados á policia muitos individuos conhecidos como receptadores ou seja compradores de objectos furtados aos quaes foi perguntado se ultimamente haviam adquirido quaesquer joias.

Todos responderam negativamente prontificando-se a não negociar quaesquer objectos quando tenham suspeitas que os mesmo façam parte de qualquer furto, comprometendo-se ainda a apresentar á policia qualquer pessoa que n'essas condições lhes apareça.

A's casas de alguns conhecidos receptadores foram passadas buscas que afinal não deram resultados satisfatorios.

Uma brigada constituida pelos melhores agentes da 3.ª secção percorreu hoje a cidade afim de deter todos os individuos conhecidos como gatunos de arrombamentos, tendo caido na rêde, presos pelo agente Serra, Joaquim Pinto da Cruz e Francisco da Cruz aos quaes foram apreendidas duas camaras de ar, duas lanternas para automovel e outros objectos cuja proveniencia não explicaram.

Por suspeitos foram tambem presos hoje ás 2 1/2 da tarde um individuo conhecido pelo «Florencio carrocento»; Cesar Augusto e a sua amante Raquel, conhecida gatuna sovaquista.

A esta foram-lhe aprehendidos 12 anneis de ouro e a quantia de 441 escudos.

Quando, pelas 18 horas, saiamos do governo civil o chefe sr. Alfredo Maria mostrava-se muito esperançado, dizendo que as diligencias iam a bom caminho estando animado de que em breves dias os larapios estariam presos.

Burlas que terminam pelo suicidio

Acerca das causas que originaram o suicidio de Antonio de Lima Machado empregado do escritorio da firma Segismundo da Camara & C.ª, da Rua Nova de Carvalho, 16—2.º, podemos esclarecer que foi a realidade uma grande serie de roubos por ele praticados que o levaram a tão triste resolução.

Esse rapaz, que tambem prestava serviços ha muito tempo na casa dos srs. Chester, na rua dos Retrozeiros, gosava de uma confiança tão ilimitada, a ponto de que, quando saia do sr. Chester para Inglaterra, outro se encontra, esse senhor disse ao seu guarda-livros, que é tambem um estimado empregado do Banco de Portugal, que podia depositar no Machado a maior confiança.

Bastantes vezes pediu varias quantias ao guarda livros, que lhe os entregava, e que ele muitas vezes saldava, dizendo sempre que era para negocios.

Frequentando muito o Banco de Portugal, ahi tomou conhecimento com varios empregados, com quem falava dos seus negocios, e algumas vezes se lamentava de não ter mais dinheiro para os alargar. Assim se foi insinuando até que começou pedindo quantias a pouco e pouco a outros empregados de aquele Banco, saldando umas, deixando outras em aberto e assim ia fazendo as suas «transações», segundo ele dizia a todos, tendo ficado aqueles taes individuos burlados n'uma totalidade de 50.000 escudos.

Foi o que se passou com os empregados do Banco de Portugal. Com referencia ao do Banco Ultramarino, sabemos que um d'eles, foi burlado em 90.000 escudos, é cobrador d'aquele banco, rapaz estimado e de confiança.

Segundo se diz ao burlado, hontem de manhã apareceu o Machado muito aflito, pedindo-lhe aquela quantia, que as 13,5 lhe restituiria.

O cobrador entregou-lha e como á hora marcada o Machado não aparecesse foi-a um telefone, perguntando por ele para o escritorio onde estava empregado, sendo-lhe dali respondido que se tinha acabado de suicidar. O cobrador, aflito, foi ter com seu pae, a quem contou a triste situação em que se encontra.

Todos os dias, ás 16 horas, devem comparecer no Banco os cobradores afim de prestarem contas ao tesoureiro, sr. José Otolini, que a essa hora confere todos as caixas, e muito admirado estava de que aquele cobrador não aparecesse.

Fazia-se já varias conjecturas, quando, afflissimo, apareceu o pae do cobrador, com a respectiva mala, que relatou o que se passara com o

Otolini, o qual imediatamente o foi comunicar aos directores do Banco.

Parece que esta quantia será entregue ao Banco pela casa comercial de Lisboa que a recebeu e com a qual o Machado tinha contas, que hontem mesmo havia de liquidar.

Tambem a um rapaz que fez serviço em diversas casas comerciais de caixa, chamado Joaquim de Almeida, morador num quarto do 5.º andar da rua da Madalena, 151, conseguiu o suicida apanhar importantes quantias que lhe não pertencem e que orçam por 150.000 escudos.

Ainda ante-hontem o Almeida lhe tinha emprestado 38.000 escudos.

Do escritorio Segismundo da Camara, onde ele tinha certos interesses, tambem o desfalcou em algumas importancias.

E' de crer que outras casas comerciaes apareçam a queixar-se de mais alguma burla.

A policia procede ás necessarias investigações.

CONFLITO ENTRE AUTORIDADES

A demissão do sr. Lelo Portela

Em virtude do conflito que se deu entre o comissario geral da policia e o chefe do distrito acerca das prisões hontem de madrugada efectuadas num anexo do Club dos Patos, após varias conferencias hoje realisadas com o sr. Liberato Pinto foi resolvido demitir o sr. Lelo Portela, devendo ainda hoje mesmo ser lavrado o decreto em tal sentido.

Não está ainda escolhido o seu sucessor.

Apreensão de assucar

No estabelecimento de Bernardino José Borges, da rua D. Pedro V, 91, foram apreendidos 500 quilos de assucar, que ele se recusava a vender.

Partido comunista

Do sr. Joaquim Cardoso, secretario geral da Construção Civil, recebemos uma carta esclarecendo uma noticia por nós hontem dada.

A absoluta falta de espaço impede que a demos hoje, o que faremos amanhã.

A farinha apreendida

A farinha que ultimamente foi apreendida, já foi enviada para o Mercado Geral dos Productos Agricolas, onde será vendida pelo seu valor 19.000 escudos, dando esta quantia entrada nos cofres do Estado.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3746 — 11.° ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Quinta-feira, 6 de Janeiro de 1921

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 5 centavos

PARA ONDE VAMOS?

Acabamos de obter uma copia integral da já hoje celebre circular que o sr. ministro das finanças enviou aos Bancos e casas bancarias de Lisboa, chamando-os a concorrer á adjudicação dos serviços da Agencia Financial do Rio de Janeiro, que até 31 de Maio de 1919 estiveram nas mãos do Estado, e que, a partir dessa data, em virtude do contracto celebrado com o ministro de então, o sr. dr. Ramada Curto, passaram a ser desempenhados por um estabelecimento estrangeiro — o Banco Portuguez do Brazil.

Ei-la:

«Sua Ex.ª o sr. Ministro das Finanças deu-me a honra de vir «saber do V. Ex.ª, se esse estabelecimento se encontra habilitado «e deseja assumir as funções inherentes á Agencia Financial de «Portugal no Rio de Janeiro, mantendo-se a completa autonomia «da referida Agencia, no direito ao governo de fiscalisar todos «os serviços que lhe incumbem, como quando e por quem o mesmo «governo entender.

«As condições bases do contracto a realisar são as seguintes:

1.ª

«A obrigação de enviar em minimo, a importancia de «L. 1800.000 em cobertura de saques a emitir sobre o Tesouro, «ou a perfazer aquela soma, quando os saques a não atinjam «ao preço, ou seja ao cambio da ultima remessa ordinaria.

2.ª

«A fazer suprimentos ao Tesouro no minimo de L. 1200.000 «pela forma seguinte:

«L. 600.000 a entregar no acto da assinatura do contracto;

«L. 600.000 até no fim do primeiro mez de vigencia do pacto «contractual.

«Quaesquer suprimentos que o Tesouro venha a carecer acima «daquela cifra, serão realisados em epoca a acordar entre os «contractantes.

«A liquidação do emprestimo de £ 1200.000 ou do que se «dever, far-se-ha em prestações mensaes, cujo inicio terá logar «no setimo mez de vigencia do contracto e será dividida em tantas «prest ações eguaes quantos forem os mezes da validade do con«tracto, cuja duração será de cinco anos.

«Os encargos e demais condições d'estes suprimentos, que «ficarão expressos no contracto, deverão ser apresentados por «esse estabelecimento.

3.ª

«A reserva para o Estado do direito de estabelecer em qualquer «epoca e por qualquer preso uma importancia maxima para cada «tomador de saques á vista ou a praso.

4.ª

«A colocação nos Estados Uunidos do Brazil de bilhetes do «tesouro em moeda portugueza, sendo condição, preferencial, o «quantitativo d'essa colocação e a manutenção desse quantitativo; «com uma margem de 50 % pelo periodo de vigencia do pacto con«tractual.

«Inclue-se nesta condição a obrigatoriedade de proceder a «todos os serviços inherentes a este ramo de operações.

5.ª

«Manter todas as condições insertas no contracto de 31 de «Maio de 1919, publicado no «Diario do Governo» n.° 129, de 5 de «Junho de 1919 (2.ª serie), salvo as alterações constantes do pre«sente oficio e o direito á rescisão anual.

«Outrosim aguarda o mesmo Ex.mo Ministro das Finanças que «V. Ex.ª se sirva apresentar-lhe todas e quaesquer indicações «referentes a comissões e outras clausulas que entenda de utilidade «deverem introduzir-se a bem das duas partes contractantes.

«A proposta com que esse estabelecimento queira honrar o «convito da Sua Ex.ª o Ministro das Finanças deverá dar entrada «nesta Direcção até ás 15 horas do dia 9 de janeiro proximo e será «aberta pelo mesmo Ex.mo Sr., assistido dos Directores Geraes da «Contabilidade e Fazenda Publica ás 16 horas perante V. Ex.ª, que «desde já fica convidado para tal acto.

«Por ultimo, sendo este assunto pelo caracter delicado, de na«tureza confidencial, Sua Ex.ª o Sr. Ministro das Finanças espera «do alto patriotismo de V. Ex.ª a gentileza de o conservar absolu«tamente reservado.

Saude e Fraternidade.

Direcção Geral da Fazenda Publica, 31 de dezembro de 1920.

Pelo Director Geral

(a) *Bento Mantua*

Este oficio não foi, certamente, redigido pelo sr. Bento Mantua; iriamos jura-lo. Assinou-o por dovêr do cargo, mas nem o pensou, nem o redigiu. O mestre que o redágiu tem pouco amor á gramatica e fraca tecnica juridica. Quanto ao mais est bem imaginado. E' o que se chama uma obra substancial e suculenta, mesmomuito suculenta. Convem, por isso, dissecal-a e expol-a em toda a sua nudez, perante o povo, os contribuintes, aqueles que dia a dia mourejam o pão da familia e cuja opinião é necessario sufocar como acto de hostilidade contra os seus poderosos senhores.

Passamos um momento amargo, mas é preciso viver e tirar da propria amargura uma lição eficaz. Reincidir no erro conhecido já não é incapacidade, é crime. Se a liquidação do passado exige sacrificios, façam-se. A alma portugueza é grande e nunca recusou o que fosse preciso para salvação e honra da Patria, mas exigir-se-lhe que não pense, nem sinta, nem queira, quando, na mesma hora, se preparam contractos ruinosos para a economia da Nação, esquecendo-se a experiencia do passado e repetindo-se agravados, males conhecidos e cujas consequencias se traduzem já na redução assustadora do poder de compra da nossa moeda, é pretender reduzil-a á ultima degradação moral.

A circular do sr. ministro das finanças completa-se com o texto do contracto de 31 de maio de 1919, cuja denuncia só serviu para no mesmo dia ser proposta a sua renovação em condições mais onerosas!

Se o sr. ministro das finanças tinha motivos poderosos de interesse nacional (e não duvidamos que os tivesse) para usar do direito de denuncia, parece-nos incompreensivel que os oculte á Nação e queira imediatamente abrir um «soit-disant» concurso por meio de cartas confidenciaes. Qual a razão de tanta pressa e de tanto misterio? Eis o que fica sem resposta, eis o que nunca poderá ser respondido.

Ao contrario do sr. ministro das finanças nós pensamos que este assunto carece duma larga, amplissima, discussão na imprensa e no parlamento. O bom patriotismo manda que se arranquem aos misteriosos arcanos da secretaria de finanças todos os segredos da vida da Agencia Financial do Rio de Janeiro, que se apreciem as condições do seu funcionamento por meio de um inquerito serio, e se estude a influencia das operações realisadas pelo adjudicatario da sua gestão desde que começou a vigorar o contrato de 31 de maio de 1919. Tudo isto tem de ser conhecido nos mais pequenos detalhes para sabermos até que ponto podem ter influido no descalabro do nosso cambio e, portanto, na miseria economica e financeira em que nos debatemos, as manobras realisadas para se crear a ilusão de recebermos «de facto» do Brazil, em ouro, cinco vezes mais do que recebiamos anteriormente.

Mas o sr. ministro das finanças não pretendeu sómente cercar o concurso do maior segredo, como se nisto podesse haver uma razão de Estado, pois quis ainda encerra-lo e fazer a adjudicação no dia 9, vespera da abertura do parlamento, antes, portanto, de se reunir a unica assembléa nacional que tem o direito de discutir todas as questões de administração publica e deliberar sobre elas.

Não queremos com o nosso silencio colaborar numa obra lesiva para a Nação. Este jornal tem feito sempre com imparcialidade e nobreza a propaganda do resurgimento nacional pelo estudo, pelo trabalho e pela ordem. Inspirado no desejo de bem servir a Patria discute as idéas e os actos, mas não discute os homens, cujas intenções respeita. Mantendo inalteravel este criterio tem o direito, ou antes o dever, de intervir num assunto que reputa de interesse vital.

Partido comunista

Esclarecendo uma noticia que ante-hontem demos sob este titulo, recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 5 de janeiro de 1921.—*Sr. redactor.* — No seu jornal de hontem vem sob a epigrafe «O Partido Comunista» uma noticia que v. na sua boa fé deu á publicidade, que peca por menos verdadeira, e, como directamente sou alvejado, porisso desejo dar os devidos esclarecimentos.

Faço realmente parte do novo agrupamento Partido Comunista, mas d'aí até e eu por tal motivo, ter abandonado o movimento sindicalista, vae uma grande distancia.

Sou e continuarei a ser secretario geral da Federação Nacional dos Operarios da Construção Civil, emquanto merecer a sua confiança, como operario e militante que sou.

Não é verdade que grande numero de operarios tenham abandonado a Organisação Sindical, ingressando neste partido, porque no novo agrupamento ainda não foi aberta a inscrição de filiados, sendo até uma das condições da lei organica em elaboração a seguinte clausula: «Nenhum operario poderá aderir sem que seja filiado no seu respectivo sindicato».

Tem este novo organismo a pretenção de congraçar todos os elementos quer manuaes, quer tecnicos e intelectuaes numa fase constituitiva onde caibam todos aqueles que queiram colaborar no bem estar economico e social do paiz, isto é, fazer-se alguma coisa de novo, que os operarios e tecnicos não podem fazer isolados nos respectivos sindicatos.

Quanto á propaganda e ação a desenvolver-se, está bem a noticia.

Eis o que se me oferece esclarecer a v. a bem da verdade e do publico, que a estas horas estará fazendo um juizo errado sobre o procedimento inventado sobre a minha humilde pessoa.

Agradecendo, sou de v., etc.—*Joaquim Cardoso.*

O pão mais caro

Ora ahi está o resultado de todos os inflamados discursos na camara dos deputados, pronunciados, em oratoria flamejante, na qual brilhava a palavra «moralidade», contra o contrato dos trigos do ministerio Granjo.

Para já temos este lindo resultado: o pão de 1.ª vae encarecer e o de 2.ª não sobe de preço, mas muda de qualidade para uma inferior.

As moralidades de taboleta dão sempre estes resultados. Quem sofre é o pobre consumidor, que moureja todo o dia para angariar o necessario á sua existencia.

No contrato do ministerio Granjo sabia-se, claramente, que tinhamos o abastecimento assegurado por tres anos, pelos preços dos mercados de origem, acrescidos d'uma pequena percentagem de 1,5 %. Os preços de trigo exotico são variaveis, são valores de bolsa, mas ha uns tempos para cá veem baixando.

Era um regimem claro, honesto e vantajôso. Foi posto de parte e, desde então, não se sabe em que regimen se vive.

Sabe-se apenas que o pão de 1.ª vae encarecer e o de 2.ª vae peorar de qualidade.

Inteligentes governantes, não haja duvida!

No Comissariado dos abastecimentos

Cerca das 13 horas de hoje, o sr. Francisco Trancoso, comissario geral dos abastecimentos, recebeu o pessoal d'aquele comissariado, que para esse fim tinha sido mandado ali comparecer.

No seu gabinete, estando presentes os empregados, o sr, Trancoso dirigiu-se-lhes, exortando a que de futuro todos se compenetrossem dos seus deveres, pois só assim alguma cousa de bom podia sair da causa em que todos estavam empenhados.

Depois pelo seu chefe de gabinete foram lidos dois louvores, aos sr. Sefim Cardoso, chefe da fiscalisação, e Raul Lopes, agente, que por uma forma digna e dedicada, demonstrada nas investigações a que procederam, conseguiram descobrir não só quem tinham sido os falsificadores da autorisação do fornecimento de assucar, como ainda descobriram o selo branco, que tinha servido para esse efeito.

Apreensão de carvão

No Barreiro foram hoje apreendidas 120 toneladas de carvão, que estavam em 5 fragatas, as quaes vieram rebocadas para Lisboa.

O motivo da apreensão foi por o carvão estar carregado desde segunda feira, portanto ha mais de 48 horas, contra o que está determinado.

Tambem na mesma estação foram apreendidas 200 sacas que continham areia por cisco de carvão.

No Comisariado dos Abastecimentos são passadas guias de transito unicamente para carvão que seja adquirido na procedencia.

Para o existente no Barreiro, ou em Lisboa, não são passadas guias algumas.

TELEGRAMAS DO BRAZIL

A camara de Comercio Portugueza reclama a autonomia para a Agencia Financial

RIO DE JANEIRO, 5.—Na sua sessão de hontem, a Camara de Comercio Portugueza resolveu telegrafar para Lisboa ao ministro das finanças nos seguintes termos: «O conselho director da Camara de Comercio Portugueza reunida hoje, certa de intrepretar o sentir da maioria da colonia portugueza, deliberou ponderar respeitosamente a V. Ex.ª toda a conveniencia em estabelecer a autonomia do funcionamento á Agencia Financial. (a) Adriano Guidão, presidente. Gomes Barbosa, secretario».—(*Americana*).

Electrificação do Caminho de ferro central

RIO DE JANEIRO, 5.—O caminho de ferro central do Brazil abrirá proximamente concurso para electrificação das suas linhas.—(*Americana*).

A Belgica propõe-se desenvolver o mercado do café brazileiro

RIO DE JANEIRO, 5.—O governo belga resolveu encarregar-se da questão do café e adoptar medidas para desenvolver o mercado, produzindo o facto a melhor impressão nos meios brazileiros.—(*Americana*).

Comercio externo. Aumenta a importação e diminue a exportação

RIO DE JANEIRO, 5—As importações que em 1919, de janeiro a novembro, foram no valor de 344.259 contos, em 1920 atingiram 556.371. A exportação em 1920 nos mesmos mêzes foi de 818.814 contos contra .029.510 contos em 1919.-(*Americana*).

O sr. dr. Duarte Leite veraneia em Petropolis

RIO DE JANEIRO, 5.—O embaixador portuguez, sr. dr. Duarte Leite, partiu para Petropolis a veranear.—(*Americana*).

Cotações

RIO DE JANEIRO, 5.—As cotações foram as seguintes: café, 11$300; cambio sobre Londres 9 13/16 e 9 7/8. Valor do escudo portuguez 710 e 880 reis.—(*Americana*).

Hespanha em Marrocos

Vae construir-se o porto de Larache

CADIZ, 6.—Chegou o general Barrera, seguindo para Madrid, aonde permanecerá todo o mez afim de tratar com o governo sobre a necessidade de obras de contrução urgente no porto de Larache, evitando assim a incomunicabilidade pela via maritima.

Continua sendo normal o socego em Xexauen e em todos os territorios tomados, estando os mouros convencidos de que será inutil toda e qualquer resistencia, perante a ação civilisadora das tropas.

Na proxima primavera, realisar-se-hão novas operações tendo por fim submeter os restantes rebeldes.

O ráisuli continua cercado em Taxlut.

Em comboios especiaes, seguiram para as suas terras centenares de soldados licenciados, chegados de Larache.—*R.*

A burla do assucar

Tendo o sr. Serafim Cardoso terminado todas as investigações sobre a falsificação de guias de assucar em que estão envolvidos comerciantes e empregados do Comissariado de abastecimentos, foi o respectivo processo enviado hoje para o director da policia de investigação, onde proseguirão as diligencias e será dado o devido destino aos delinquentes.

Malas postaes

Pelo vapor francez «Bougainville» são amanhã expedidas malas postaes para Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Selagem de acções

Nos dois ultimos anos o rendimento da selagem de acções, obrigações, letras e outros documentos, efectuada na Casa da Moeda, foi o seguinte: Em 1919, selagem 373.460$31, adicional de 5 por cento 9.63?$41. Em 1920, selagem 657.738$90, adicional 33.388$30.

Ainda o naufragio do «Santa Izabel»

VIGO, 4.—O mar tem arrojado á praia centenares de cadaveres dos naufragos do transatlantico espanhol «Santa Izabel» e entre eles os de 60 creanças.—(*H*).

Medidas contra a raiva

Afim de não continuar a ser prejudicado o tratamento dos indigentes mordidos por animais raivosos, com a demora na apresentação no Instituto Bacteriologico Camara Pestana, a direcção geral de saude recomendou ás autoridades administrativas que haja a maior presteza em se passarem as respectivas guias de transito que por aqueles forem requisitadas, dispensando a direcção do Instituto a apresentação, no acto da entrada, dos competentes atestados de pobresa, que podem ser enviados no decorrer do tratamento.

A partir do proximo dia 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

Declarações do sr. Cunha Leal

N'um dos discursos que o sr. ministro das finanças pronunciou na sua falhada jornada de propaganda das suas enterradas propostas, disse que o ministerio Granjo lhe deixara apenas 205 mil libras, mas que ele pudera efectuar pagamentos na importancia de um milhão de libras porque obrigára algumas casas bancarias a pagar ao Estado 150 mil libras que lhe deviam.

Nós já sabiamos pelos desconchavos das suas propostas que a áritmética não é o forte do sr. ministro das finanças, mas não imaginavamos que a sua aversão pelos numeros fosse tão longe. Como é que ele quer fazer com que 205 mil mais 150 mil atinjam um milhão?

Vê-se por aqui que não estão certas as suas declarações. Naturalmente nem foi aos Bancos, nem pagou o tal milhão.

Entreteve-se a contar historias da carochinha, esquecendo-se de que o publico que o ouvia, sabe mais de contas a dormir que o sr. ministro das finanças acordado, ainda que não fosse senão pela razão de que é ele quem tem de pagar as diferenças.

Do que o sr. ministro das finanças não foi capaz, foi de completar a lista das casas que pagavam pouco, lida por ele na sua conferencia na Sociedade de Geografia.

Por essa lista ficamos sabendo sómente que o Tavares «rico» pagava apenas uns mil reis, mas não disse o sr. ministro das finanças quanto paga o sr. Sotto Mayor. Porque?

Dizemol-o nós ao publico: paga a insignificancia de 11 contos.

Mas teve a sorte de não figurar na lista lida pelo sr. ministro das finanças. Porquê?

O atentado contra o tenente-coronel sr. Raul Esteves

Nos calabouços do governo civil continua detido Fernando Carvalhaes, que a noite passada foi preso pelo agente Antonio Teixeira, da 3.ª secção como suspeito de ser o autor do atentado contra o tenente-coronel sr. Raul Esteves, caso ocorrido, como os jornaes da manhã noticiam, na rua das Amoreiras.

Ao que parece, o Carvalhaes faz parte de qualquer «complot» anarquista, em consequencia das declarações que hoje prestou no Governo Civil.

Disse não ser poveiro, mas sim padeiro, tendo estado por muito tempo no Rio de Janeiro, d'onde foi expulso por ser conhecido pelas suas ideas bolchevistas, tendo ha meses vindo para Lisboa e sido entregue á policia da Segurança do Estado, mas posto em liberdade.

Dias depois, seguiu para a ilha da Madeira, onde esteve pouco tempo, devido ainda ás suas ideias e ser perseguido pelas autoridades.

De volta a Lisboa, tem aqui vivido á custa dos seus companheiros de ideal.

Hontem esteve na C. G. T. durante todo o dia e á noite, quando se dirigia para o Casal Ventoso, a casa d'um individuo ali muito conhecido pelas suas ideias avançadas, ao passar na rua das Amoreiras, deu-se o atentado em que nega ter tomado parte.

Vapor "Braga"

O «Bureau» de Paris da Propaganda de Portugal, querendo prestar homenagem á Companhia Fabre, de Marselha, por ter dado a um dos seus novos vapores o nome de «Braga», ofereceu para esse navio um quadro representando o Bom Jesus do Monte, trabalho que foi executado pelo joven pintor Abel Manta, actualmente em Paris.

A Companhia Fabre agradeceu muito sensibilisada a homenagem da Sociedade Propaganda de Portugal e disse que o quadro seria colocado num dos salões do luxuoso paquete, logo que ele regressasse a Marselha depois da sua primeira viagem á America.

Agrava-se a crise bancaria em Barcelona

BARCELONA, 6.—Continua o pessimismo sobre a situação do Banco de Barcelona, disendo-se iminente a sua inevitavel falencia.—(*R*).

Ordem publica

Voltam os boateiros a espalhar atoardas sobre alterações da ordem publica.

Está já averiguado que taes boatos foram espalhados por uma determinada entidade, com o intuito de trazer o publico enervado.

Mas, como tal estado de coisas começou a levantar protestos, as nossas autoridades resolveram pôr em execução, com todo o rigor, a lei que pune os boateiros.

Estes não se teem fartado de mandar cartas anonimas com ameaças ao sr. presidente do ministerio, tendo essas missivas sido entregues á policia da Segurança do Estado, a qual foi tambem informada de que um magistrado judicial era o principal organisador de um «complot» contra o chefe do governo e o ministro da guerra, afirmando que o plano devia dar bom resultado.

DOIDOS, ELES!

Sim, duas justiças!

Ha regras de direito e de bom senso que cumpre não esquecer nunca na interpretação da lei. Uma é a de que não devem causar-se prejuizos inuteis: outra a de que ninguem deve locupletar-se á custa alheia. Assim, quando se procura o pensamento que o legislador teve ao dizer no § 2.° do art. 429 do codigo do processo civil que os embargos deduzidos pelo interdito não suspendem a execução da sentença interditoria, não póde admitir-se que o legislador quizesse que o interdito, emquanto discute a legalidade da sua interdição, fosse em absoluto inibido de continuar a defeza que, antes de o interditarem, estivesse fazendo dos seus direitos.

O que deve entender-se como sendo o pensamento contido na disposição daquele paragrafo é que o interdito, embora embargue a sentença interditoria, está, desde essa sentença, impedido de contrair definitivamente obrigações ou de usar definitivamente de direitos, e que a tutela o acompanha desde logo, para lhe prestar o auxilio de que ele carecer.

Ir mais longe, pretender que o interdito, emquanto não passa em julgado a sentença que ele está discutindo, tem de ficar de braços cruzados, sujeitando-se a todos os prejuizos que possam resultar da sua inactividade forçada ou porventura da má fé de quem requereu a sua interdição, impedi-lo de fazer ele proprio a sua defeza, paralelamente á que lhe faça o seu tutor, não.

Sustentar esta ultima doutrina é dar á lei uma interpretação que, alem de não ser criteriosa, é desumana.

Concretizemos o caso, para melhor compreensão. A sra. D. Maria Adelaide, antes de ser interdita, propoz contra o sr. dr. Alfredo da Cunha uma ação de divorcio e, para segurança dos seus haveres, requereu o arrolamento dos bens do seu casal. O sr. dr. Cunha, a quem não só o divorcio não convem, como não convem que se saiba qual é o montante dos haveres do seu casal, interpoz em seguida a acção de idterdição contra a sra. D. Maria Adelaide, e como conseguiu fazer-se nomear tutor apesar de o não dever ser, visto que entre os dois havia um litigio, imediatamente começou a empregar desesperados esforços para que nem o divorcio nem o arrolamento andassem para diante.

Ainda se compreende que a acção do divorcio, por uma das mais importantes razões em que ela se baseia, fique sustada até que o processo de interdição se decida (aquela razão é a de ter a autora sido gravemente injuriada com o facto de, sem estar doida, o marido a ter internado como tal num manicomio); mas parar o arrolamento é que não se justifica, porque, com a paragem dele, o sr. dr. Cunha póde fazer desaparecer, se é que já o não fez, os valores mais importantes que ao seu casal pertencem.

Pois os tribunaes não teem visto ou não se teem importado com isto. A Relação do Porto e de Lisboa e o Supremo Tribunal de Justiça, baseados numa interpretação estreita, desumana, absurda, do referido § 2.° do art. 429 do Código do Processo Civil, e partindo dela para a interpretação não menos desumana e absurda, do n.° 3.° do art. 1363 do Código Civil, declararam extinto o mandato de que, em nome daquela senhora, eu usava na acção do divórcio e no incidente de arrolamento!

Ainda, ao menos, ficou resalvado o mandato de que uso na acção de interdição! Tambem era o que faltava que nem na acção de interdição a sr.ª D. Maria Adelaide pudesse ter advogado!

A expiração de qualquer dos mandatos conferidos pela minha cliente só se deveria decretar se a sentença de interdição tivesse transitado, mas o certo é que os mencionados tribunaes leram pela cartilha negra da Inquisição e a sr.ª D. Maria Adelaide, que ha cêrca de ano e meio requereu o arrolamento dos bens do seu casal e não conseguiu fazer arrolar mais do que meia duzia de papeis sem valor, está hoje impedida de defender os seus bens e de ter advogado que lhe sustente os direitos na acção de divorcio!

E—circunstancia mais lamentável e antipática do que qualquer outra—tendo o Tribunal de primeira instancia negado alimentos á mesma senhora, ela não poude conseguir que os tribunaes superiores conhecessem desta desumanidade, porque eles, entrincheirando-se no argumento de que o mandato conferido expirára com a interdição, nem sequer conheceram dos recursos interpostos!

**

¿Procedeu-se sempre assim nos tribunais?

Não. A questão a que no artigo anterior aludi do meu constituinte que, ao regressar do Brazil, foi de surpreza capturado em Lisboa e metido no Hospital do Conde de Ferreira, já serviu e torna agora a servir para eu demontrar que ha duas justiças: uma, liberal e justa, que é do uso comum; outra, mais que severa e injustissima, que tem sido aplicada á sr.ª D. Maria Adelaide.

Essa questão abrangia, como eu já expliquei, dois processos separados: um de interdição por prodigalidade e outro de interdição por demencia. Como fez o sr. Dr. Cunha, o requerente deste ultimo processo foi tambem á outra causa, a pretexto da sentença de interdição, dizer que devia consider-se extinto o mandato de que eu usava e de que, por isso mesmo, nem sequer devia conhecer-se do pedido que eu apresentava para que ao meu constituinte fossem dados alimentos com que pudesse sustentar os gastos da sua defesa. Foi mandado ouvir o Curador Geral. ¿E quere o leitor ver a resposta sentida, eloquente, cheia de justiça e de nobreza, que esse magistrado deu?

Ei-la. Subscreve-a o nome ilustre dum Juiz que, nove anos mais tarde, exercendo a jurisdição na primeira vara civel do Porto, decretava honradamente—não tenho nisso a maior duvida—mas muito erradamente, a interdição da sr.ª D. Maria Adelaide.

«Parece-me indispensavel, para poder responder no processo, a junção aos autos de documento que mostre, que a sentença proferida contra A... foi embargada por ele.

A fl. 105 juntou-se uma certidão da sentença, mas não se declarou se tinha transitado em julgado. A falta dessa declaração convence-me de que se opuzeram embargos á sentença. Essa certidão foi passada em 13 do corrente, tendo sido a sentença proferida em 18 de março ultimo, e não era natural que, se não fossem opostos embargos, o processo não tivesse subido ao tribunal superior, visto ser obrigatorio o recurso nas acções de interdição por demencia. O silencio da certidão, junto á afirmação feita pelo ilustre advogado signatario da precedente petição, não deixam sobre o assunto duvida alguma, mas a lei exige que as alegações se provem, e por isso se torna necessaria a junção do documento.

Desde já declaro que, no caso de se mostrar que efectivamente a sentença foi embargada, me coloco ao lado do interdito.

As acusações que fazem por parte dele e em requerimento assinado por dos mais ilustres advogados deste tribunal, são da maior gravidade e não podem deixar de causar impressão.

Afirma o requerente «que não está louco, que nunca o esteve», que é «victima de inimizade de sua familia», e que a sua interdição obedece a uma questão de «interesses pecuniarios», e remata declarando que é este um dos casos de «erro», de «arbitrariedade» e «abuso», como poucas vezes se tem visto nos tribunaes.

Nunca vi dizer tanto e basta que só uma pequena parte do que se alega seja verdade, para o requerente ser um grande desgraçado.

¿Que interesse pode haver em o impedir de se defender? Não são as despezas, certamente, que se fizerem com o processo que o hão de arruinar. O arguido opoz embargos á sentença que decretou a sua interdição, usando assim dum direito que a lei lhe confere. Emquanto esses embargos não forem julgados improcedentes, emquanto o processo não seguir os devidos termos, designados na lei, ninguem pode dizer que A... se acha interdito por demencia.

Deve dar-se toda a latitude a quem se defende. Se a justiça está do lado da esposa ou da familia do arguido, improcedentes serão julgados os embargos opostos por ele. Até lá, cumpre não lhe cercear os meios de pedir justiça.

Requeiro, pois, na conformidade do que deixo exposto, que se mande juntar aos autos documento que mostre que foram opostos embargos á sentença que decretou a interdição por demencia do arguido.

Porto, 25 de abril de 1910 — *A Garrido*».

E o tribunal conheceu do pedido de alimentos, embora, pela má vontade do conselho de familia, eles não fossem concedidos; mas eu não fui lançado fóra do processo; o mandato que eu tinha não foi julgado extinto; fizeram-se inquirições de testemunhas; e mais tarde o meu cliente viu levantadas as duas interdições: o proprio requerente da interdição por demencia vinha confessar os embargos que eu deduzira e quasi ao mesmo tempo a requerente da interdição por prodigalidade confessava tambem os embargos que nesta acção haviam sido opostos! A minha atitude, o meu esforço, os meus protestos, estavam justificados.

¿Ha ou não duas justiças?

Bernardo Lucas.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

S. CARLOS

"Thais"

A partitura de Massenet, que em duas temporadas consecutivas temos ouvido em S. Carlos, vae-se tornando popular. Sem conseguir o triunfo de «Manon», «Thais» serve-se d'outras armas para atrair os espectadores; «Manon» empolga pela beleza musical, pela elegancia da forma, pela estructura e espontaneidade dos themas repletos de acção dramatica emotiva.

«Thais», n'este sentido, bem mais pobre, atavia-se o mais levianamente possivel, para preencher, com a sua graça carnal, falhas dramaticas musicaes. Onde impera a leveza elegante surge sempre o Massenet exctricatamente francez, como na scena da sedução do 1.º acto e em todos os bailados da opera.

E' esta uma obra facil de ser compreendida sem esforços; a sua tenica musical não exige demoradas analise. Eis porque nos tempos actuaes, onde a mentalidade, o saber, o talento vão deixando de ter razão de existir, a musica facil e leve de «Thais» encontra fartos admiradores!

A execução que admiramos, este ano, é das mais homogeneas e dignas de figurar n'um grande teatro.

Madelaine Bugg tem, n'esta opera um dos seus melhores trabalhos; a figura de «Thais», menos sentimental que a Margarida do «Fausto», quadra admiravelmente na sua forma de sentir e expressar.

Vocalmente é das melhores «Thais» que temos ouvido; decerto superior ás suas compatriotas Valin, Pardo e Viel.

A flexibilidade da sua voz, de timbre redondo e bem italiano, aliada a uma pura dicção franceza, o frasejar com bom gosto e elevada compreensão, fazem de Madalena Bugg uma das «Thais» mais cotadas.

Mais que na scena da sedução, do primeiro acto, nos agradou no primeiro quadro do segundo acto e em todo o terceiro e ultimo.

«Atanaele», o austero dominador de almas, interpretado pelo baixo Cirino, foi uma nova revelação do seu belo talento de artista; a sua voz quente e facil não teme dificuldades; educada na verdadeira escóla dos estudiosos, da qual se perde infelizmente as tradições, modula e canta com facilidade pasmosa as passagens mais escabrosas. Entre as vozes de baritono e de baixo, n'esta parte, preferimos este ultimo; é mais solene, menos humana, impetuosa na ira não faz prever a sua possivel transformação.

Artisticamente, Cirino causou-nos o tão decantado «frisson» na dificil scena do terceiro acto ao deixar Thais, declamando frases d'um modo admiravel.

O tenor Pavia, que debutava, possue vez agradavel e houve-se bem no seu pequeno papel.

Córos e bailados ensaiados com esmero.

A meditação de Thais executada a primor pelo violinista René Bohét valeu á orquestra e ao seu solista uma brilhante a quente ovação, de qual compatilharam os principaes interpretes e o maestro Blanch.

Este demonstra na execução da Thais; este ano, maior conhecimento da partitura orquestral e mais firmeza de condução, conseguindo obter correcto equilibrio.

Maria Judice

TEATRO AVENIDA—A inimiga, *3 actos de Dario Nicodemi, tradução de Eduardo Schwalbach Lucci*

Peça

Embora corra actualmente a versão de que os jornaes teem como objectivo «intrujar» o publico, dando depois uma pançadinha no leitor, dizendo: «não vale, isto é a brincar», nós garantimos aos nossos amigos que aqui só dizemos a verdade; ora a verdade é que a noite de hontem no Avenida foi de grande sucesso.

Nunca será demais dizer que Maria Matos e Mendonça de Carvalho se impõem por uma honestidade artistica absoluta, por um desejo de acertar, por um viver «á parte» das «fitas» teatraes, que lhe grangeiam simpatias geraes. A escolha da peça de Nicodemi, a escolha dum optimo nome para seu tradutor e o arranjo geral do conjuncto provam estes predicados especiaes da empreza, e só por isto os felicitariamos.

O teatro de Nicodemi está-nos dominando. Pouco a pouco, hontem ainda um sucesso «La maestrina», agora outro, para breve já anunciadas mais duas peças, vamos conhecendo em versão portugueza todo o seu teatro, de que o «Refugio» em tempos no D. Amelia foi o arauto.

O teatro de Nicodemi agrada-nos, porque sae da banalidade do teatro francez, é escrito com sensibilidade e comove as almas femininas. Nicodemi ainda faz chorar, não pelos arranques de intensa dramaturgia, mas por «touchés» seguros na sensibilidade, pelo escolhido dos seus temas, onde ha amor puro, afectos violentos que não são feitos nem gerados da sensualidade; amôr de mãe, laços de irmãos, adoração de virgens puras, são teclas que hão-de sempre vibrar com exito nas almas sensitivas.

A inimiga é intensa e tecnicamente tem o defeito de ser condensada, amassada, cheia de longas falas pesadas que fazem com que se saia da peça como depois dum suculento pitéu literario.

Falta-lhe a nota leve, ligeira, que amenise a acção dramatica violenta do efeito teatral perfeito, o segredo descoberto no momento proprio e que vem revirar por completo a opinião da plateia sobre um caracter. Ahi o dedo do dramaturgo: a figura de Ana quasi incompreensivel, agreste, torva, que lembra, no primeiro acto, pelo descritivo, e no principio do 2.º pela sua conduta, uma figura de d'Annunzio com qualquer mal ou tara oculta —a sua tragedia intima—torna-se depois de um *truc* teatral de mestre uma alma compreensivel, dolorida, verdadeira.

E' aqui o exito da peça. E no 3.º, quando essa mãe espera um perdão ou o castigo de Deus, dado pela sorte dos seus filhos na guerra, fecha-se o drama com algumas scenas de angustia, de duvida, de amargura, todas movidas por cordelinhos teatraes em mãos do dramaturgo.

Peça onde todos os papeis são simpaticos (apenas a pequena Marta tem de ser má para originar o desenvolvimento do drama), tem uma elevação literaria e uma profundidade de ideias expendidas que constantemente necessitam de atenção, não é feita do *farelo* literario que se escuta de animo leve, resultando contudo por vezes, como dissemos, uma peça que fatiga, que *embucha* e cança.

Do entrecho os leitores nos pouparão. Tanto mais que é preferivel ir ver a peça.

Tradução

E' de Eduardo Schwalbach, o nosso escritor tão querido. Que mais querem?

Ah sim.. ter nas veias copilé. Mas se *magister dixit* que havemos de fazer?

Desempenho

O conjunto foi do absoluto agrado. Todos puxaram por si de forma a sairem da rotina e darem boas provas. E não ha senão que dizer bem.

Maria Matos, em primeiro logar. A intensidade dramatica do papel no 2.º acto veiu confirmar os seus creditos um pouco desperdiçados em obras de menos valor. Nada lhe temos a apontar senão que vae muito bem; e se, deixar de abrir os braços em crucifixo com tanta frequencia durante as scenas violentas, excluirá um pequeno nada do seu trabalho. Tambem —nós não somos criticos de pintura— mas parece-nos que é demasiado o azul das palpebras e das pestanas; ridicularisa um pouco o rosto.

Mendonça de Carvalho, com segurança, sem grandes atrevimentos, saiu-se do seu papel da *Menina do chocolate*, (ver critica da *Capital* em 1917) que tem continuado ate hoje, e deu-nos um trabalho probo, com ligeiras mascaras mas sem tombar no ridiculo duma dramatização excessiva.

O papel é longo, excessivamente longo o que fazia que o ponto se ouvisse, alto e em bom som, por toda a plateia. Mas Mendonça de Carvalho dominou muitos dos seus *tics* e conseguiu interessar-nos. Muitos para louvar a interpretação que Regina Montenegro deu á sua septuagenaria. E' um trabalho que só a fala por vezes atraiçoa; no primeiro acto, não deve, nas perguntas maliciosas, cantar tanto as silabas para ser mais proprio; influencias talvez da D. Palmira Torres, mas deve fugir delas. E' talvez o melhor papel que Regina Montenegro tem feito, se bem que, por vaidade—oh! as mulheres—seja o de que a actriz, menos goste por ser de... 70 anos!

Berta de Albuquerque com muito acerto. Já no *Politeama*, no verão apontámos as suas apreciaveis qualidades, e não estamos arrependidos disso. A sua Marta é equilibrada e muita acertada nas rublicas.

Maria Sampaio é uma estreante que não pareceu uma estreante. E' este o seu melhor elogio: á vontade na dicção, andar flexivel; boa linha para ingenua e graça na expressão. Não sabe porém ouvir, distrae-se a olhar para a plateia ou para o vago. Mas tudo não pode ser duma vez, não é verdade? São 16 anos apenas...

Gil Ferreira não estragou o tipo que lhe deram; estavamos a tremer pelo seu trabalho porque, devemos confessar nos interessam mais do que eles pensam, os progresos dos actores que um dia louvámos. O seu notario é conservado sem burlesco, com linha e um esplendido tipo.

Antonio Melo, ainda hirto, braços em angulo recto gesticulando as mãos. A dicção bôa, e com acerto no seu papel. Precisa bater, bater muito.

João Lopes, outro monsenhor, ainda ha pouco fez o da *Flambée*, bem como Joaquim Silva e Abilio do Amaral, tornaram o conjunto agradavel.

Scenarios

Tres scenarios vistozos, denotando gosto e boa vontade. O do 1.º acto é cheio de luz, e as escadarias para varios planos de efeito; o do 2.º muito bom ás escuras ou iluminado pelos candieiros, e regular em plena luz. O do 3.º suficientemente bom.

Aplaudimos sem remorsos. Mise-en-scene muito cuidada. Os pequenos nadas que se encontram ou na decoração ou na mise-en-scene são suplantados pelo que ha de bom em tudo.

Armando Ferreira.

A sala

Repleta. Grande mistura. Poucas piadas; todos estão com cára de embuchados, como se houvessem comido um... bolo rei. Muitas *corbeilles*, beijinhos e brindes de valor ou arte.

Schwalbach é chamado e empurrado ao palco.

—Aquele é que é o autor?

—Não. Diz o jornal que é o tradutor.

—Oh, filho, se calhar é fita...

Noticiario

Por sua dama...

Em virtude da noticia-critica sobre o «film o «duelo» escrita por Armando Ferreira, despediu-se de «Os porte» o jornalista Rui da Cunha. [...] mentamos, mas emfim... «Tout passe» e «tout se remplace».

A reaparição de José Ricardo.

Está assente a apreciação de José Ricardo no Nacional na peça «L'ecole des cocotes» traduzida com o titulo «O Pescador de Perolas».

Ultima Hora

O caso da Agencia Financial

Esta agora é nova. O sr. Cunha Leal propôs-se mandar averiguar o modo como chegou á imprensa o segredo da circular enviada aos Bancos, estabelecendo as condições do concurso para o novo contrato da Agencia Financial. Escusa de procurar. Dizemos-lho nós.

Desde que foi denunciado o contrato com o Banco Portuguez do Brazil, estabelecimento de credito extrangeiro, como se prova á evidencia pelos seus estatutos, natural era que se abrisse concurso para novo contrato. Se o sr. Cunha Leal tivesse alguma pratica de jornalismo, logo chegaria ao conhecimento do modo como tudo se veiu a descobrir.

Pois não sabe o sr. ministro das finanças que ali, n'um estabelecimento da rua do Almada, houve, apoz uma discussão violenta, e, portanto, em voz bem audivel de todos, uma scena de pugilato entre o sr. Ramada Curto negociador do contrato que finda, e o sr. Pinto de Lima, seu chefe de gabinete, e, por isso, assistente do novo contrato que se projecta? Nada mais seria necessario para que tudo se esclarecesse. Para um bom reporter nada mais foi preciso para entrar no amago da questão.

De investigação em investigação veio a saber-se que o sr. Pinto de Lima foi, nos primeiros tempos da Republica, pensionista do Estado em Paris, e, durante a guerra, agente da policia especial instituida pelos aliados. Por ultimo foi durante 48 horas director da Policia de Segurança do Estado, depois socio da firma «Portuguese Import» e está agora indicado para o cargo de governador civil de Lisboa.

Ora se nós chegámos a descobrir todas estas coisas acerca d'um dos contendores, nada nos custou evidentemente a conhecer todos os motivos do conflito com circular e tudo.

Mas porque se incomoda tanto o sr. ministro das finanças com a revelação do envio da circular, das condições do concurso e do seu curtissimo prazo?

Tencionava, porventura, negociar o contracto da Agencia Financial em segredo e em sanção do parlamento? Seria uma ousada pretenção. O parlamento não o consentiria e muito menos o fogoso deputado sr. Cunha Leal.

Dizem os jornaes de manhã que no intuito de proceder ás averiguações acima referidas, durante a noite houve varias conferencias, tendo-se avistado com o sr. presidente do ministerio os srs. ministro das finanças Ricardo Malheiro, director geral da contabilidade publica, e Bento Mantua, secretario geral, interino, da fazenda publica.

Não é preciso tanta canceira. Já revelámos ao sr. Cunha Leal o nosso segredo.

E já que estamos em maré de segredos, bebidos no seio do Padre Eterno e despejados no ouvido do sr. ministro das finanças, ahi vae mais outro, ou antes, ahi vae uma profecia cuja verdade o sr. Cunha Leal verificará dentro de dois dias: *não receberá nenhuma proposta de Bancos portuguezes.*

Não acredita, sr. ministro das finanças? Daqui a dois dias ve-lo-ha.

Mas não ha que afligir. Agora foi só o aviso de que o contracto seria denunciado. O paiz tem ainda diante de si seis mezes e, neste intervalo de tempo, entre os numerosos ministros que hão de passar pela pasta das finanças, algum ha de vir que abra um concurso franco, aberto á luz do dia e com prazo suficiente para estudo da questão.

Na egreja dos Anjos

E' um menor agredido e apedrejado o guarda vento, havendo grande panico

Na egreja dos Anjos, quando, pelo meio dia, se estava realisando uma missa, entrou ali Artur Sergio Albarraque, de 40 anos, caldeireiro, residente na rua do Arco do Carvalhão, 145, loja, que agrediu um menor filho do sr. José Custodio Antunes Coimbra morador na rua Palmira, 3, 1.º, após o que saiu para a rua e munido de algumas pedras começou atirando-as contra o guarda vento, o que sobresaltou todas as pessoas que se encontravam dentro da egreja.

Apareceu um 2.º sargento cadete, prendendo o agressor e apedrejador e conduziu-o á proxima esquadra dos Anjos, sendo mais tarde transferido para o governo civil, onde recolheu a um dos calabouços.

Noticias da Capital

A serie diaria.—Queixaram-se á policia: Tereza dos Neves, «chalet» Dionisio, na Parede, de que na estação do Caes do Sodré lhe furtaram uma mala de mão com dinheiro e outros objectos no valor de 2480 escudos; José Mota, quinta dos Peirinhos, de que lhe furtaram roupas no valor de 100 escudos; Cazimiro da Silva, rua da Regueira, 13, de que lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 210 escudos; Madimino de Figueiredo Ramos, rua Brotero, 9, 1.º, de que por meio de chave falsa lhe subtrairam roupas e outros objectos no valor de 150 escudos.

—Aurelio Rodrigues Canades, rua Visconde de Valmor, 24, foi preso por ter furtado uma carteira com 100 escudos a Antonio Clemente, Avenida 5 de Outubro, 168, 3.º

Em volta de "Os Patos,,

Para o cargo de Governador Civil de Lisboa, foi convidado um oficial superior do exercito

Continua despertando um certo interesse principalmente entre os funcionarios do governo civil e da policia o conflito que se levantou entre o comissario Geral e o chefe do districto em virtude deste ter mandado restituir á liberdade 26 individuos que haviam sido presos á ordem do primeiro, por estarem jogando numa dependencia do «Club dos Patos», á rua Antonio Maria Cardoso.

O comissario geral determinou que proseguisse o processo instaurado contra os *amnistiados* pelo chefe do districto, sendo a cada um deles tirados os cadastros, que ficarão apenas á participação do agente que dirigiu o assalto.

O referido processo transita depois para o director da policia de investigação, o qual mandará apurar se realmente se trata ou não do jogo ilicito. Caso se verifique que os 26 individuos não estavam jogando, intervirá então no caso a policia de Segurança do Estado, visto tratar-se de uma reunião, com mais de 19 individuos, que não fora autorisada pelo governador civil, com a agravante de se realisar numa casa que foi mandada encerrar e selar pelo anterior presidente do ministerio e que ainda não foi reaberta.

Ainda sobre o assunto tiveram hoje de tarde larga conferencia no ministerio do interior, com o sr. Liberato Pinto, os srs. comissario geral da policia e directores das policias de investigação e da Segurança do Estado.

O sr. governador civil está trabalhando em medidas que julga de grande alcance, tendo mandado a toda a pressa, a imprimir á Casa Portugueza, dois editaes: um respeitante a casas de espectaculos e outro ás toleradas.

Tambem um jornal da manhã de hoje diz que no governo civil se tem trabalhado ate bastante tarde no projecto da reforma da policia que o governo tenciona apresentar ao parlamento.

Ha uma «gaffe» de informação porquanto se trata de um projecto antigo elaborado pelo chefe Morgado, a pedido do sr. Lelo Portela, o que este depois apresentou ao sr. dr. Antonio Granjo, quando presidente do ministerio interior.

Como o sr. Lello Portella precisava de uma copia do tal documento está ello sendo tirada agora na secretaria do comissario geral.

FINALMENTE

Vamos ter peixe barato

O caso ficou hoje tratado entre o Ministro do Interior e o Comissario dos Abastecimentos

O capitão-tenente sr. Peres Trancoso, comissario dos abastecimentos, que está procurando abastecer a cidade dos generos mais necessarios á alimentação da população, teve hoje de tarde no Ministerio do Interior uma demorada conferencia com o chefe do governo.

Um dos assuntos ventilados foi o fornecimento de peixe ao publico, tendo-se acordado em que tal genero seja vendido por baixo preço nas praças da capital.

As classes menos abastadas conseguirão com tão benefica medida ver suavisada a horrorosa situação da carestia da vida.

A venda do pescado será feita em 8 automoveis que o sr. presidente do ministerio resolveu pôr á disposição do comissario dos abastecimentos. Este funcionario vae ainda pôr em execução outras medidas de grande alcance que muito devem prejudicar os intermediarios e os comerciantes gananciosos.

Prisão importante

Vindo de Torres Novas, recolheu a um dos calabouços do governo civil, tendo sido entregue á policia de segurança do Estado, o tipografo Paulo Eduardo Fernandes, preso na referida localidade a requisição da policia de Lisboa, por se ter apurado que foi um dos autores do atentado dinamitista das ruas Nova do Carmo e de Santa Justa contra o guarda Antonio Mario, da policia de informações.

O Fernandes, que após o atentado se evadiu, era um assiduo frequentador do café 5 de Outubro, da rua Fernandes da Fonseca, e esta tambem implicado no lançamento de bombas contra a guarda republicana quando a mesma foi ao Bairro da Mouraria para se efectuarem buscas domiciliarias.

Como então referimos, foram victimas d'esse atentado dois soldados da G. N. R.

O ROUBO DA OURIVESARIA

Até á hora a que escrevemos, pouco podemos adeantar sobre as diligencias policiaes acerca da descoberta dos autores do roubo da ourivesaria da rua dos Fanqueiros. Como se sabe, foi preso no Porto Domingos Alves Marques, que diz ser comerciante em Lisboa e residir na rua do Comercio, 42, 4.º, a quem foi encontrada parte do roubo.

Dá-se como certo que os seus cumplices ainda se encontram em Lisboa, e por este motivo uma brigada composta dos agentes Felisberto de Oliveira, David Correia, Farinha, David Mateus, Serra, Hermano da Fonseca e Belmaço, da 3.ª secção, andaram desde madrugada durante o dia em varias diligencias com o fim de prender os individuos que tomaram parte no assalto e dos quaes já a policia diz saber os nomes.

UM GOLPE A' BONNOT

O caso do auto roubado

Parece que o veiculo foi utilisado para qualquer diligencia revolucionaria

O agente Maia, da 3.ª secção da policia de investigação, que foi encarregado de proceder a diligencias sobre aquele caso do automovel roubado ao «chauffeur» Carlos Alvaro Lopes d'Almeida, caso ocorrido ante hontem á noite entre Rio de Mouro e Ranholas e ao qual largamente nós referimos, esteve hoje ouvindo o referido «chauffeur».

Este, que fôra ameaçado com revolvers e depois amordaçado e manietado ao chegar hontem á noite a sua casa na rua Garcia da Horta 42, 2.º, encontrou uma carta que ali fora deixada por uma creança e em que se participava que o auto se encontrava abandonado n'um olival proximo de Cintra. O «chauffeur», que se dirigiu de madrugada ao governo civil a participar o caso, seguiu depois n'um automovel para o local indicado, onde de facto encontrou o vehiculo, trazendo-o para Lisboa.

A carta acima referida fora entregue em casa do Lopes por uma creança, que, interrogada, declarou ter-lho sido ela entregue por trez individuos que a encarregaram de levar a missiva ao seu destino.

Tambem hoje foi largamente interrogado pelo mesmo agente o factor de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro do Estado Antonio Pegado, o qual conforme referimos, sendo um dos passageiros do automovel roubado, não quiz acompanhar os companheiros, prestando-se depois a vir narrar á policia como os factos se haviam passado, do que resultou ficar preso para averiguações.

Ao Pegado foram apreendidos os lenços com que o *Chauffeur* foi amarrado e amordaçado.

O caso está por emquanto um tanto escuro e complicado e na policia fazem-se conjecturas varias sobre o principal motivo do atentado do que foi victima o *chauffeur*.

Apurado está já que o factor Pegado de ha muito professa ideias avançadas e sobre ele recaiem graves suspeitas de entendimentos com os outros trez passageiros do auto, ao contrario do que ele declara. Recusou-se terminantemente a declarar os nomes dos restantes companheiros o que faz prever tratar-se de varios elementos avançados, pois que o Pegado encontrou-se, conforme declarou, na calçada do Combro, á porta do antigo edificio do correio geral, com um amigo que disse chamar-se Pereira, que tanto pode ter esse nome como outro qualquer.

Na policia ha a suspeita de que todos os passageiros do auto faziam parte um «complot», com ligações no movimento revolucionario que se anunciava para hontem á noite e que motivou as prevenções rigorosas na policia e guarda republicana.

O que é certo é que o auto foi roubado para os seus passageiros poderem proceder com urgencia a qualquer diligencia secreta.

E essa tanto pode ser transmissão de ordens de contra-anuncio do referido movimento, como a transmissão de aviso ás pessoas interessadas no atentado contra o tenente coronel sr. Raul Esteves, director militar dos serviços ferro-viarios do Sul e Sueste.

Convem não esquecer que o Pegado é ferro-viario.

Um cabo refilão

Num dos calabouços do governo civil encontra-se preso para averiguações o cabo de marinheiros 1670. Hoje de tarde compareceu no governo civil afim de acompanhar o preso para o respectivo quartel uma escolta de marinha, mas o 1670 recusou-se terminantemente a acompanha-la, o que deu logar a varias peripecias.

Como, porém, o preso esteja entregue para investigações á Segurança do Estado, recolheu novamente aos calabouços visto o major sr. Marreiros se ter oposto a que ele seguisse ao seu destino, tanto mais que ninguem reclamára a escolta para o acompanhar.

A provincia n'A CAPITAL

COVILHÃ, 3.—De visita a seus extremosos paes e amigos, esteve no Fundão e Alpedrinha o deputado liberal pelo circulo da Covilhã sr. Antonio José Pereira, funcionario superior do ministerio das colonias. A'quela vila foi cumprimenta-lo o seu velho amigo sr. Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida, funcionario publico nesta cidade.

—De regresso d'Africa, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria José Craveiro, chegou ao Tortozendo o farmaceutico sr. Joaquim Augusto Jorge da Silva, cunhado do presidente da comissão executiva da camara municipal desta cidade, sr. José Craveiro Junior. Na estação ferro-viaria de Tortozendo aguardavam os recemvindos os srs. José Craveiro, Antonio Armenio de Sousa e esposa e Humberto de Moura Sousa.

—Regressou da ilha da Madeira o nosso conterraneo sr. Mario Dias Fiadeiro, que ali foi assistir ao casamento dum seu amigo e nosso patricio o sr. Manoel Teles Fazendeiro.

—Em missão de propaganda politica, acompanhados do deputado liberal por este circulo sr. Antonio José Pereira, devem, muito em breve, vir a esta cidade fazer uma conferencia publica os ex-ministros liberaes srs. dr. Antonio Granjo, Jorge Nunes e outros.

Far-se-hão acompanhar por representantes da imprensa diaria de Lisboa.

—Na sua casa de Torozendo, devido a uma queda, encontra-se doente o sr. José Craveiro Junior.

—Acentuam-se as melhoras do industrial sr. Manuel Jeronimo de Matos.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

As tardes elegantes e artisticas dos domingos no teatro São Luiz, com os belos concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, são o ponto de reunião de toda Lisboa, e porque assim é todos se previnem de logar pela semana adeante, porque á ultima hora não é facil obte-lo. E o concerto de domingo é dos mais notaveis, pelo magnifico programa.

Executam-se a grande «Sinfonia em Ré», a obra prima de Cesar Franck, o colossal poema sinfonico de Strauss, «Morte e Transfiguração», um dos maiores exitos da orquestra Blanch, a «Flauta Magica», de Mozart, a «Serenata», de Moskowsky, o «Tristão e Isolda», «Morte de Isolda», de Wagner, as duas belas «Dansas Hungaras», de Brahms, e outras obras, nenhuma das quaes se tornará a executar.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa.—No proximo domingo, ás 21 horas, concurso de beleza organisado pelo professor de dança sr. Eduardo de Abreu e presidido por madame Campos, sendo conferido á dama que fôr classificada em primeiro logar um artistico brinde e ás restantes artisticas medalhas de prata. Seguir-se-ha baile, abrilhantado por um sexteto.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLI...

3747 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 7 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Gloa, 71 — Preço, [illegible] centavos

A EVIDENCIA DOS FACTOS

No *Seculo*, de hontem, publicava o engenheiro industrial, sr. Carlos Santos, antigo assistente da cadeira de Resistencia de Materiaes do Instituto Superior Tecnico, uma carta dirigida ao sr. Alvaro de Castro, chefe do partido Reconstituinte, em que declarava abandonar o mesmo partido, no qual expontaneamente se filiara, e expunha detidamente as razões que a esse procedimento o levavam.

A carta do sr. Carlos Santos, que não conhecemos pessoalmente, tem uma alta significação para o momento actual, porque define um estado de espirito que tudo indica ser o que caracterisa realmente a grande maioria da população portugueza, e revela quanto tem sido desaproveitada a enorme força que a esse estado de espirito poderia corresponder.

Declara o sr. Carlos Santos que se filiara no partido de que é chefe o sr. Alvaro de Castro porque a isso o tinham levado os principios de um programa que, sendo em materia politica de moderação e tolerancia, em materia de administração publica se baseava em conceitos tão justos como de proclamar que a riqueza colectiva resultava da riqueza dos individuos e que a miseria destes nunca poderia ser prosperidade para o Estado.

Sentiu-se o sr. Carlos Santos, que era um retrahido da politica, atrahido por estes salutares principios, em que via a tradução dum lema de justiça, de liberdade, de honestidade, de bom governo, como compete a uma democracia, e sabendo além disso que quem proclamava estes principios era o sr. Alvaro de Castro, um homem que aliava a mais altas qualidades moraes a energia e ao bom senso, entendeu que era do seu dever, como de todos os bons cidadãos portuguezes, dar-lhe o seu apoio, o seu concurso, a sua dedicação, para a obra em que ele se ia empenhar. Uma grande esperança o animava, e o sr. Carlos Santos exprime-se com sinceridade e convicção: «Seria o sr. Alvaro de Castro o *leader* do maior partido da minha terra, o partido dos indiferentes. São esses indiferentes, eu e alguns milhares de contribuintes trabalhadores como eu, que teem, criminosamente, descurado as cousas publicas não se dando sequer á massada minima de usar o seu direito de voto, os unicos culpados da situação que atravessamos. Seria, pois, essa massa amorfa e inerte que se ia mover e vibrar com a varinha magica da sua alta influencia. V. Ex.ª iria acordar no paiz aquela parte da população que não berra, mas que paga, que trabalha e que sustenta todo este edificio chamado Portugal».

Não foi só o sr. Carlos Santos que assim pensou. Um numero incalculavel de portuguezes nas mesmas condições do sr. Carlos Santos depositou as suas esperanças no sr. Alvaro de Castro e no agrupamento por s. ex.ª presidido. Poderá dizer-se que nem todos acorreram a inscrever os seus nomes nos cadernos partidarios, mas isso não era necessario para nada. Se fosse só por essa inscrição, dando em resultado uma maioria de politicos militantes no paiz, nunca a Republica se teria implantado, como nunca o absolutismo teria sido vencido pela monarquia constitucional. Nas eleições do tempo da monarquia, em que de cada vez a votação republicana progredia se votassem sómente os republicanos filiados, poucos sucessos se registariam.

O sr. Alvaro de Castro foi uma grande esperança para a nação, até ao dia em que entendeu, com surpresa de toda a gente, sem exceptuar muitos dos seus amigos, dar um salto positivamente mortal da extrema direita para a extrema esquerda dos partidos, indo cair nos braços do homem que representava já, e continua representado, o aspecto mais demagogico dum jacobinismo condenado e impuro. Então tudo se modificou, e hoje nós vemos todos, com magoa, que ainda mais agrava a decepção experimentada, que o sr. Alvaro de Castro defende principios inteiramente contrarios aos do seu programa, promovendo o empobrecimento dos constituintes e empenhando-se na tentativa de salvar o Estado arruinando a nação!

Não é com a grande massa do paiz que o sr. Alvaro de Castro faz a sua politica: é com meia duzia de politiqueiros de oficio, o residuo cada vez mais gasto e desacreditado das clientelas politicas, intimamente desassociadas da nação, e que de vez em quando não teem um arranco que não seja o de enviar telegramas ao sr. Afonso Costa. Não pensou o sr. Alvaro de Castro em sacudir o torpor da sociedade portugueza, não reflectiu que esse torpor não quer dizer falta de patriotismo nem ausencia do espirito de sacrificio; mas sim a acumulação de decepções semelhantes á que s. ex.ª infligiu aos que, como o sr. Carlos Santos, fóra de partidos, de seitas, de facções, e de camarilhas, esperavam dele, que não tinha responsabilidades na pessima administração do paiz, uma politica nova, servida por homens novos, e destinada a rejuvenescer o organismo nacional.

Para mal do paiz, para mal da Republica, essa esperança desvaneceu-se. O sr. Alvaro de Castro é hoje colega dos mesmos que apontou á opinião publica como responsaveis do descalabro a que assistimos. Tolerante, aliou-se com os facciosos; moderado está abraçado aos demagogos. Já não tem programa, porque o esqueceu e desprezou. É, como o sr. Carlos Santos, a grande maioria da população portugueza continuará a retrahir-se porque não pode ter confiança.

Caixa de auxilio a estudantes pobres

Um apelo que deve ser ouvido

Melhor do que tudo quanto pudessemos escrever, o diz a ilustre escritora sr.ª D. Emilia de Sousa Costa no vibrante apelo que em seguida inserimos, a favor da benemerita instituição de que é presidente:

«Sr. director do jornal «A Capital». — A direcção desta benemerita colectividade vem muito respeitosamente apelar mais uma vez para a nunca desmentida generosidade do jornal de v. solicitando-lhe o inexcedivel favor de chamar a atenção dos seus leitores patriotas para a afflictiva situação economica em que se debate a nossa instituição, tão digna do carinho e do interesse da sociedade portugueza.

A maior parte dos socios teem-nos abandonado. A Provedoria da Assistencia diminuiu o subsidio que desde a sua fundação até á gerencia do sr. Nunes da Silva inclusivé, nos foi concedido, acompanhado por todos os ex.mos provedores com palavras de elogio caloroso para a acção altruista da nossa instituição.

A não encontrarmos na imprensa e no povo portuguez uma nitida compreensão do nosso esforço e o concurso que ha a esperar dos corações virtuosos que só com o trabalho contam para a reabilitação da nossa terra, a associação terá de ser dissolvida e terminará com ela uma das mais enternecidas obras de amor da humanidade, a que a alma feminina se tem devotado. A v. as homenagens respeitosas da direcção. — A presidente, *Emilia de Sousa Costa*.»

Melhoramentos em Parede

A comissão dos melhoramentos em Parede tem sido incansavel para levar a efeito o desenvolvimento desta vila, tendo para isso contribuido a boa vontade do sr. Jaime Pinto, guarda livros da Caixa Economica dos Empregados da Camara Municipal.

O caso do "chauffeur" Cardoso Claro

Da Associação de classe dos chauffeurs em Portugal recebemos a seguinte carta, que a absoluta falta de espaço nos tem impedido de publicar:

«Tendo á Direcção d'esta Associação constado que elementos estranhos á classe teem propalado o boato de que a referida Associação se tem desinteressado completamente do assunto respeitante a este caso, em que é atingido o nosso consocio Manuel Lopes Cardoso Claro, ex-chauffeur do dr. Alfredo da Cunha, que presó na cadeia da Relação do Porto ha mais de um ano (*Pronunciado Provisoriamente*), vem por esta forma desmentir que tal boato é completamente destituido de fundamento, pois que, em todas as reuniões de Direcção d'esta classe, e documentadamente, se poderá provar o contrario, e bem assim que ainda no dia 3 do corrente mez dois delegados respectivamente da Associação de Classe, e dos chauffeurs dos Ministerios, procuraram sua ex.ª o sr. ministro da justiça, a quem foi novamente entregue uma petição para a imediata libertação do referido consocio, prometendo sua ex.ª interessar-se pelo assunto, e mandando n'essa ocasião ordens telefonicas para o Porto, ficando por esta forma esclarecido tão momentoso assunto.

Pela Direcção da Associação de Classe dosi Chauffeurs em Portugal, *Arnaldo Pereira da Costa*, secretario.

Cruzada das Mulheres Portuguesas

Pelo sr. José Ramos, da ilha do Principe, foram enviados 27$90, entregues á secretaria geral, sr.ª D. Ana de Castro Osorio, com destino á propaganda patriotica que tão persistente e nobremente esta agremiação tem sabido manter, exaltando sempre o nome e a nação portugueza não só a dentro do paiz como nas colonias e estrangeiro.

A partir do proximo dia 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

Declarações do sr. Cunha Leal

Esta de «O primeiro de Janeiro» vale quanto pesa. Fazendo o relato da conferencia do sr. Cunha Leal, conta assim, uma das partes do discurso do sr. ministro das finanças:

Com certa calma, o sr. Cunha Leal, diz: Mal cheguei a esta hospitaleira terra, logo alguem desdenhosamente me disse que ia ser ouvido por um publico que nada paga. A esses que nada pagam é que me quero dirigir; aos outros hei de convencer pela evidencia dos factos.

Ora ahi está uma que se fôsse dita por qualquer pessôa que andasse a pedir votos á gente, não passaria [illegible]. Mas, dita no cargo de ministro das finanças, as pessoas que [illegible] dispostas ad aplaudir, interessado ou desinteressado, isso é da consciencia de cada um, o sr. Alvaro de Castro que parece agora andar a aprender com o novo marquez de Pombal de via reduzida, fascinado pela inteligencia luminosa que se alcandoreou ao ministerio das finanças para obter receitas que cobram o «deficit», dirigindo-se áqueles que nada pagam, é de embasbacar.

Esta de ir colher aplausos áqueles que nada pagam para convencer «pela evidencia dos factos» aquêles que pagam, a pagar mais, só ao sr. Cunha Leal poderia lembrar.

Mas tem a sua razão de ser. Atrapalhado pela contradita que lhe apareceu pela prôa na Sociedade de Geografia e que ele cortou cerce reprovando o seu contraditor quando este provava que um contribuinte que tivesse de rendimento 25 contos, teria de pagar ao Estado 27, fugiu para os que não pagam, porque esses não o contraditam porque nada pagam, nem teem, em geral, a intelectualidade necessaria para entrarem na sabatina.

Porisso ele se não quer com o publico que paga, porque esse reduzi-lo-ia a pó, cinza e nada num sucinto exame das suas enterradas propostas.

Nesse publico encontraria o sr. ministro das finanças inteligencias muito superiores á sua apezar da sua passar por notavel o que toda a gente poderia acreditar... se não fossem as propostas de finanças.

Protesto de pescadores

FIGUEIRA DA FOZ, 6.—Como protesto contra os impostos ad valorem, estão em greve os pescadores das traineiras, que se recusam a sair para o mar emquanto esse imposto não fôr revogado.

DOIDOS, ELES!

Informação

Pedindo-me varias pessoas, de localidades onde, por deficiencia dos serviços postais, *A Capital* não aparece regularmente, manifestado o desejo de saber os titulos de todas as minhas crónicas e os dias em que teem sido publicadas, vou satisfazer aqui êsse desejo.

1.ª—série (24 e 25 de Novembro).
Agradecimento.
Eles... quem?

2.ª—série (30 de Novembro e 2 a 9 de Dezembro):
Eu.
O Mindinho.
Entra... o Rei dos Advogados.
Dum argueiro um cavaleiro.
Nuvens desfeitas.
Ceu claro.
Sonnez la charge
Documentação.
Mais documentação. A colecção zoologica.

3.ª—série (17 a 19, 21 a 24, 26 e 27 de Dezembro, 2 a 4, e 6 de Janeiro).
Captação de mandato.
Ao adversário, salut!
No Roção.
Gritos de angustia.
Até Santa Comba.
Ressurreição!
Carta misteriosa.
Continua o misterio.
Raio de luz.
Corações de mulheres
Claro como um preto
Duas justiças.
Sim, duas justiças.

*

As crónicas da secção **Doidos, éles!** continuarão por séries, em razão de os meus trabalhos profissionais não me permitirem escreve-las todos os dias.

Nada perde o leitor, porque a minha ilustre cliente, sr.ª D. Maria Adelaide Coelho, entre as séries destas crónicas, publicará algumas das suas brilhantes cartas; e o sr. dr. Alfredo da Cunha não perderá com a demora.

Bernardo Lucas.

O ESPERANTO

Fundada por um grupo de policias esperantistas, inaugura-se uma sociedade esperantista, na rua de Santa Marta, 205, 1.º, depois d'amanhã, ás 14 horas, tendo sido convidada a imprensa, assim como todos os que amam o Esperanto.

A inauguração é acompanhada d'uma exposição que se encontra patente ao publico amanhã, domingo e segunda-feira.

A requisição de trigos

Quem é o sr. Silva Neto?

Noticiam os jornaes que os lavradores se teem recusado a manifestar os trigos que possuem, deixando assim de cumprir um dever patriotico, que a todos, absolutamente todos, impende num momento gravissimo como o que atravessamos.

De modo algum, pretendemos desculpar o procedimento dos lavradores, mas alegam eles como uma das causas da sua recusa o ter sido a comissão militar, incumbida de proceder ao arrolamento, acompanhada por um negociante de trigos de nome Silva Neto.

Ora, como a repartição por onde corre o arrolamento, que hoje se chama Comissariado dos Abastecimentos, mas que já mudou de nome tres vezes, sendo Ministerio das Subsistencias e depois dos Abastecimentos, ou coisa parecida, tem dado provas, não só de absoluta incapacidade, mas ainda adquiriu uma fama terrivel de ali se praticarem as cavalas diversas e até mesmo imoralidades, natural é que, de mais a mais, vendo a comissão acompanhada dum negociante de trigos, os detentores deste cereal se retraissem.

A que titulo acompanhava esse negociante a comissão, unica e exclusivamente composta de oficiaes do exercito?

Quem é o sr. Silva Neto? Queremos supôr, e não temos razões para o pôr em duvida, que seja um homem de bem, honesto, mas a verdade é que não vemos meio de se justificar a sua presença no meio d'uma comissão composta de oficiaes. Isto é que é verdade e a primeira obrigação do Comissariado dos Abastecimentos é dizer, para que se fique sabendo, quem é esse senhor e a que titulo o incumbiu de ir assistir ao arrolamento dos trigos.

Dando explicações claras e insofismaveis a tal respeito, o Comissariado prestigiar-se-ha. Nada de casos e coisas escuras: tudo ás claras, bem ás claras.

PELO TELEGRAFO

Exportação de carvão

RIO DE JANEIRO, 6.—A companhia carbonifera brazileira exportou no ano findo 26.722 toneladas de carvão.—(*Americana*).

Receitas do Brasil

RIO DE JANEIRO, 6.—As receitas orçamentaes da Republica são calculadas para o ano economico em 614.000 contos.—(*Americana*).

Petroleo Argentino

BUENOS AIRES, 6.—A produção do jazigo de petroleo «Conodoro Rivadavia» foi no ano findo de 210 mil metros cubicos, esperando-se eleva-la em 1921 a 300 mil e em 1922 a 500.000.—(*Americana*).

Julgamento d'um general

MEXICO, 6.—O general Carlos Green que foi preso por culpas que lhe são atribuidas nos assassinatos politicos, será julgado amanhã em conselho de guerra.—(*Americana*).

Vice-rei da India

LONDRES, 4.—Consta que o sr. Lloyd George ofereceu oficialmente o cargo de vice-rei das Indias a Lord Reading «lord chief».—(*Havas*).

Congresso Beirão

O entusiasmo que a realisação do primeiro grande Congresso da velha terra Beira, reunida num mesmo impulso patriotico para a sua unificação historica, que tão bem corresponde ao interesse moral e ao sentimento do legitimo orgulho nacionalista dos seus filhos, vai crescendo duma forma animadora.

Na sua passagem por Aveiro encontrou agora o sr. secretario geral os melhores cooperadores para a organisação do Comité distrital nos srs. drs. Alberto Souto, Afonso Perdigão e Ralo Freitas e no antigo ministro sr. Rocha e Cunha, assim como no sr. deputado Jaime Coelho. Este nucleo, de apaixonados e entusiasticos regionalistas, vai chamar a si todas as energias e boas vontades dessa importante região, que é um dos mais belos e opulentos braços da velha Beira.

Em toda a região de Lafões; nos importantissimos concelhos de Oliveira de Frades, Vouzella e S. Pedro do Sul, o entusiasmo pelo Congresso é enorme, estando já a organizar-se as comissões locaes, que imediatamente se porão em contacto com a grande Comissão Central para multiplicar forças no desejo comum do triunfo desta grandiosa iniciativa.

Vizeu, a cidade que tem a honra de iniciar o movimento beirão localisando o primeiro Congresso das tres Beiras, prepara-se para receber os visitantes condignamente, mostrando mais uma vez as suas tradições de fidalga generosidade.

De todo este movimento, preparado com o coração a transbordar de ternura pela terra amada da Patria, uma coisa bela resultou já, que enche de entusiasmo os iniciadores, é ver que todas as vontades se unificam, todas as energias se congregam para fortificar o pensamento que determina esta grande acção colectiva.

O desarmamento da Alemanha

Os governos francez e inglez estão finalmente de acordo

PARIS, 6.—Por uma carta dum caracter particularmente amigavel que foi entregue na noite de 3.ª feira ao sr. Georges Leygues, presidente do conselho, pelo embaixador de Inglaterra, lord Hardinge, o secretario do estado britanico para os negocios estrangeiros comunicou que o gabinete de Londres aceitava cordialmente a proposta franceza, de serem convocados em Paris os chefes dos governos aliados; todavia, em virtude dos compromissos dos srs. Lloyd George e Curzon, no periodo que vae de 7 a 12 de janeiro, e em virtude da presença em Paris no dia 14 do marechal Pilsudski, a reunião do conselho supremo foi marcada para o dia 19 de janeiro, data esta que foi aceite por todos os governos aliados.

O «Petit Parisien» assinala que nunca as relações entre os governos francez e britanico foram impregnadas de mais amigavel confiança e que a reunião do conselho supremo deve começar sob os melhores auspicios porquanto a opinião ingleza está longe de se mostrar favoravel ás pretenções alemãs em materia de armamento, sendo a execução dos acordos de Versailes e Spá reclamada com tanta urgencia como pela opinião franceza. Além dos orgãos habitualmente favoraveis á opinião franceza, como o «Times», o «Daily Telegraph» e o «Morning Post», agora é o pacifista «Daily News» que se pronuncia pelo licenceamento das policias militares alemãs; é, finalmente, o bolchevista «Daily Herald» que regista tambem a acção poderosa da reacção pangermanista na recusa de desarmamento que opõe o gabinete Forhenbach.—(H).

E a Alemanha tambem

BERLIM, 6.—Na Alemanha tambem a opinião democratica está de acordo com o ponto de vista inglez a respeito do desarmamento.

As massas operarias estão todas nisso interessadas e os seus representantes no parlamento, os socialistas independentes e os majoritarios e até mesmo certos delegados dos sindicatos catolicos reclamam unanimemente a dissolução das guardas dos habitantes prussianas e bavaras, nas quaes eles não vêem, de facto, mais do que uns instrumentos doceis da reacção monarquica.

Os partidos da esquerda censuram ao governo do Reich o ter sofrido a pressão da direita.

O desarmamento completo da Germania pode e deve tornar-se em breve prazo uma realidade para a salvação do proprio povo alemão.—(*H*).

NA IRLANDA

Ou a independencia ou a guerra

BUBLIN, 6.—O sr. de Valera publicará um manifesto negando que os «sinn-feiners» tenham pedido a paz e acrescentando que só poderá haver paz quando a Irlanda for reconhecida independente pelo governo de Londres e se a nação inglesa quizer tratar com a nação irlandesa num pé de igualdade.—(H.)

Ourivesaria assaltada

Acompanhadas pelo agente Belmarço, da 3.ª secção, deram esta manhã entrada nos calabouços do governo civil Ana Senica e Maria Perpetua, respectivamente esposa e sogra de Pedro de Sousa, um dos implicados no roubo de joias da ourivesaria Almeida, da rua dos Fanqueiros.

O Pedro deve chegar esta tarde a Lisboa em automovel, acompanhado do agente David Mateus e dum dos queixosos.

Para a Pampilhosa seguiram os agentes David Corrêia e Serra, afim de prenderem José Inacio, que se desconfia estar ali refugiado.

Do Porto ainda não chegou Domingos Alves Marques, sendo esperado esta noite.

O chefe Alfredo Maria enviou hoje um telegrama para Vilar Formoso, dando os sinaes do José Inacio, afim de ser capturado, caso tente passar a fronteira.

Reacção contra o bolchevismo

Insurreição no Caucaso

PARIS, 6.—A imprensa franceza regista o desenvolvimento que vai tomando nas montanhas do Caucaso oriental e norte uma insurreição seria, dirigida pelo Einon Charley, a qual parece que já custou aos bolchevistas 4.000 homens, 100 metralhadoras e 6 peças de artilharia.—(H.)

O governo italiano não permite a entrada na Italia a tres bolchevistas russos

ROMA, 6.—O governo recusou-se a visar os passaportes de Zinovioff, Bujarine e Malabanof, que pretendia vir tomar parte no congresso socialista de Livorno. —(H).

Até o Labour Party

LONDRES, 6.—O *Labour Party* dirigiu um manifesto aos socialistas e comunistas de todos os paizes condenando a internacional de Moscou—(H.)

A negociata do assucar

Pelo director da policia de investigação, foram enviados para o tribunal da Boa Hora os cinco presos que estavam nos quartos particulares do governo civil á ordem do comissariado dos abastecimentos como implicados na negociata do assucar.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

1921

Antes de continuar a minha conversa comsigo, meu caro leitor, permita-me que a todas as pessoas que, com algum sentimento que não seja o de antipatia ou de repulsa por mim, teem lido as minhas cartas aqui publicadas, lhes dirija os meus votos sinceros por que o ano que começou lhes reserve muitas surprezas agradáveis e muitas venturas.

A todos os bons corações que me teem endereçado palavras de consolação, de esperança e de estima, a todas as almas nobres e sensiveis que me teem dispensado atenções e favores, eu envio, com os meus agradecimentos verdadeiros, os verdadeiros desejos de que o 1921 lhes deixe gratissimas lembranças.

Apesar de ter mandado, como me cumpria, um cartão de boas festas ás numerosas pessoas que me teem escrito, ás que me mandaram, gentilmente, numeros de *A Capital*, acedendo ao meu pedido, e ás que me teem obsequiado, receosa de que, por acaso, no correio tenha havido extravio de algum desses cartões, apeteço-lhes daqui um ano muito próspero, aproveitando o ensejo, emquanto o não faço directamente, para agradecer a quem, de entre as mesmas pessoas, se lembrou de mim.

Sensibilisou-me imenso, devo confessá-lo, que, de quem apenas me conhece pelo meu infortunio, de quem não me deve nem cuidados nem favores, de quem compreende que, apesar de eu me encontrar sem fortuna, tenho a fortuna de possuir sentimentos dignos, tendo, tambem, direito a ser contada no numero dos vivos, recebesse demonstrações, inequivocas, de consideração e estima.

Felizmente que no mundo não ha só egoistas e ingratos!...

Mas deixe-me de cousas tristes, porque afinal nada com elas se adeanta e, sem sahir do assunto fundamental desta carta, vou lembrar uma passagem do livro «Infeliz» do qual, dentro em pouco, me ocuparei mais detidamente.

O sr. dr. Alfredo da Cunha, o homem das minuciosidades, como sintoma da minha «loucura», descobriu — e no referido livro cita-se o caso — que no principio do ano de 1920 eu mandara a uma prima a quem ha seis mezes morrera uma filha, um cartão de boas festas.

Foi, no entender do sr. dr. Alfredo da Cunha, um caso raro ou nunca visto e, no meu entender, foi uma falta que não teve a importancia que aquele senhor lhe atribue, porque minha prima já estava de luto aliviado.

Ora o que diria o «Infeliz», se o mesmo senhor lhe contasse o que uma vez lhe sucedeu!

Ha anos, indo de visita a Coimbra, o sr. dr. Alfredo da Cunha encontrou-se com um primo meu a quem ha pouco tinha morrido a mãe, e o sr. dr. Alfredo da Cunha sabia-o, mas com a amabilidade de que sabe usar, quando lhe convem, preguntou ao meu dito primo como a mãe ia passando!

E' claro que isto, como se deu com o sr. dr. Alfredo da Cunha, o juizo personificado, não teve importancia, mas se fosse comigo... Oh! se fosse comigo... os prelos gemiam!

Naturalmente foi uma confusão do sr. dr. Alfredo da Cunha, não ha ninguem que as não tenha e em todos são desculpaveis, mas em mim!... Eu não tenho licença para ter um esquecimento, um engano, uma distracção, sem que seja um sinal certo de loucura!

E' tambem como o caso de eu disfarçar a voz ao telefone! E' mais um sintoma doentio.

Quantas vezes, o sr. dr. Alfredo da Cunha fingia que era o criado quem respondia á chamada telefónica para não «aturar maçadas», como ele dizia.

¿Mas isto que importancia tinha sendo feito pelo sr. dr. Alfredo da Cunha? Nenhuma, era até, talvez muito engraçado... Agora ser eu quem o fizesse! Só de «doida»!

Olhe, meu prezado leitor, dizem os francezes que «rira bien qui rira le dernier», por isso, esperemos pelo fim desta questão para ver quem mais se ha de rir das tolices ditas e quem fez, com mais propriedade, o papel de doido.

Até amanhã.

— **Maria Adelaide.**

O PÃO CARO

Uma das primeiras consequencias da rejeição do contrato Granjo é a que se está vendo: o pão de 1.ª vae subir de preço, o de 2.ª peora de qualidade.

Pelo contrato negociado pelo ministerio Granjo, ficava assegurado o abastecimento de trigo durante tres anos, com fiscalisação tecnica oficial e pagamento efectuado em Lisboa á chegada dos carregamentos, mas ainda com a vantagem de ser pago só um terço em ouro e os dois terços restantes em bilhetes do tezouro, ao praso de seis mezes, renovaveis em dadas e determinadas condições.

Esse contrato, que por todos os motivos era vantajosissimo para o Estado foi alvo d'uma violenta oposição da parte d'alguns parlamentares, á frente dos quaes o fogoso deputado sr. Cunha Leal.

Vae o sr. Cunha Leal para ministro das finanças e dada a sua oposição, como deputado, ao contrato Granjo, esperava-se que apresentasse coisa melhor. Mas tal se não viu ainda e natural é que se não veja. O que se tratou foi de arranjar ouro por todo o preço — e não sabemos ainda quanto custou — para comprar o trigo, o mesmo trigo que pelo contrato repudiado todos nós sabiamos que ficava pelo preço do mercado.

Natural é que para essa compra se empreguem ou tenham empregado os taes funcionarios novos cuja categoria ultimamente se creou: — a dos que trabalham á consignação dos ministerios."

E por quanto terá ficado a libra?

Misterio que não podemos perscrutar.

A consequencia desde já visivel, palpavel, é esta: o grande publico o que não é rico, vae comer pão peor.

EM FRANÇA

Não ha crise ministerial

PARIS, 6.—A imprensa franceza desmente o boato de que o sr. Leygues tenha tenção de apresentar a demissão do gabinete logo que reabram as camaras.

O «Figaro» julga saber que neste momento não se trata de qualquer recomposição ministerial e que o presidente do conselho, que aceitou em circunstancias dificeis as responsabilidades do governo, não está disposto de qualquer forma a abandona-lo e actualmente preocupa-se principalmente com a conferencia aliada que a sua iniciativa provocou e que deve reunir em Paris no dia 19 do corrente.—H.

A circulação na rua do Alecrim

O problema do transito pela rua do Arsenal está mais ou menos resolvido. Se bem, se mal, não o discutiremos agora.

O que não ha maneira de resolver é o da rua do Alecrim, onde, a quasi todos os momentos a circulação dos carros electricos tem de ser interrompido, principalmente nas horas de maior transito, por causa das carroças que a sobem. E, como a rua é extremamente ingreme, vá de parar longos minutos antes que o gado possa vencer a subida.

N'outra qualquer cidade que não fosse Lisboa e onde a vereação, em vez de se entreter com futilidades e verdadeiras tolices, pensasse um pouco no que interessa aos municipes, de ha muito que o problema estaria resolvido. Pois não podia a camara adquirir um carro-rebocador, por exemplo, e em vez das carroças subirem pela rua do Alecrim o fazerem pela rua das Flores? Não adviria d'ahi um poupamento de tempo importantissimo, sem já falar no do gado, que é tão castigado com semelhante subida?

Em ultimo caso, mesmo, não querendo a camara entrar na despeza de compra, ao menos dê ordens para que as carroças sigam pela rua das Flores e, assim, não assistiriamos ao espectaculo que se presenceia de vêrmos, como ainda hontem sucedeu, carros electricos parados, em fila, á espera de poderem seguir.

Os srs. vereadores que pensem, que meditem, e verão que o alvitro que lhe propômos é tudo quanto ha de mais razoavel.

A crise do trabalho em Inglaterra

LONDRES, 6.—Os ultimos recenseamentos efectuados nos escritorios centraes de colocação registam que em 31 de dezembro ultimo havia em Inglaterra 698.273 pessoas que procuravam emprego. Dando como bom o numero dos trabalhadores que nunca se inscreveram nas listas de colocação, calcula-se em 1 milhão o numero de individuos que actualmente estão sem ocupação na Inglaterra.—H.

O caso do automovel

O agente Maia acareou hoje novamente o «chauffeur» Carlos Alvaro Lopes d'Almeida com o preso Antonio Pegado, implicado no caso do automovel, que continua envolvido em misterio, em consequencia do preso persistir em declarar que desconhece os individuos que o acompanhavam.

O referido agente procedeu hoje a uma diligencia a que se liga grande importancia.

Theatros e Cinemas

CONCERTOS

No Polyteama

Com um programa prometedor, realizou-se, no ultimo domingo, neste teatro o concerto semanal sob a regencia do maestro Fão.

Felicitamos sinceramente este emprehendedor corajoso, que, sem olhar a sacrificios, trabalha para manter as tradições das inolvidaveis tardes que na mesma sala nos proporcionou David de Sousa.

A sua intenção é elevada e como tal a apreciamos; igualmente se torna digna de elogio a forma como tem sabido organizar os seus programas, não esquecendo os nossos compositores.

Oscar da Silva, David de Sousa, Freitas Branco e todos os de reconhecido valor que possam competir com os estrangeiros é bem justo que figurem num programa de concertos sob a regencia dum bom e honrado portuguez.

Com infinitas saudades ouvimos os «Cantares portuguezos», essa pagina bem nossa, que descreve os campos deliciosos d'este torrãosinho, do extremo da Europa, com as suas mo[...] danças e entoando, em vozes de flautim tipicos cantos regionaes, aos quaes a voz quente do par responde cadenciosamente!

Pobre David de Sousa! Nunca o poderemos esquecer; quanto mais o tempo nos separa da sua grandiosa figura de inspirado que no arrebatavo, mais profundamente sentimos a sua falta. Tinha defeitos, é certo, mas indiscutivelmente era a maior tempera de Artista regente que possuiamos.

Endereçamos, mais uma vez, as nossas felicitações ao maestro Fão, que com tenacidade e valor sabe dar aos seus concertos um cunho decididamente patriotico.

Maria Judice

Noticiario

Maria Barrientos

Está já em Lisboa a ilustre cantora Maria Barrientos, a grande celebridade lirica que é hoje, sem contestação possivel, a primeira soprano ligeiro da actualidade. Aparecerá na proxima quarta feira, em S. Carlos, na «Lucia de Lamermoor», o que quer dizer que será uma «Lucia» extraordinaria, pois que para uma artista da categoria de Maria Barrientos escolher uma opera tão conhecida é com certeza porque lhe dá uma interpretação excepcional.

Vida Sportiva

Campeonato de Foot-Ball

As primeiras categorias de domingo

Teem grande interesse sportivo os desafios de *foot-ball* que a Associação designou as primeiras categorias e que no domingo se realisam em Bemfica. A's 13 horas, joga o Carcavelinhos contra o Imperio; ás 15, Belenenses e Internacional serão os contendores.

São adversarios bem equilibrados, entre si o Carcavelinhos e o Imperio porque, na primeira volta do Campeonato, ocuparam respectivamente o segundo e terceiro lugares na primeira serie, na qual estão incluidos. Os Belenenses teem grandes probalidades de dominar o Internacional, mas terão para isso duro trabalho, porque o Internacional sabe como se joga o «association».

Universidade Livre

A sexta conferencia publica sobre criminologia e direito penal realisa-se depois d'amanhã, pelas 21 horas, na séde d'esta instituição, praça Luiz de Camões, 46, 2.º.

E' conferente o distinto professor sr. dr. Carneiro de Moura, que falará sobre: Os factores da criminalidade; sua ilimitação e diminuição. O sistema prisional. Grupos de reclusos. A patologia social e a organisação politica. Os manicomios. A segurança. A identificação criminal. O poder judicial. A organisação dos tribunaes. O juri.

A conferencia será acompanhada de projecções luminosas.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

E' uma das mais belas tardes, de enchente, de entusiasmo e de grande arte, a do proximo domingo no teatro São Luiz, com o magnifico concerto da *Orquestra Sinfonica Portugueza*, dirigida pelo maestro Pedro Blanch. Executa-se a colossal obra do grande compositor belga Cesar Franck, a celebre *Sinfonia em Ré*, o extraordinario poema sinfonico *Morte e transfiguração*, a *Flauta magica*, de Mozart, as duas brilhantes *Dansas hungaras*, de Brahms; o *Tristão e Isolda, Morte de Isolda*, de Wagner; a deliciosa *Serenata* de Mozkowosky.

Estas obras não se tornam a repetir, o que ainda mais está despertando o interesse e o entusiasmo do publico.

Sarau literario-musical

Na séde da Assistencia infantil da freguezia de Santa Isabel, rua do Patrocinio, 3 e 5, realisa-se depois d'amanhã, ás 20 horas, um sarau literario-musical, que promete revestir grande brilhantismo.

ULTIMA HORA

CONSPIRATA EM MARCHA...

O movimento nacional

Ficou marcado para o dia 13, mas é natural que seja adiado mais uma vez...

Apreensão de bombas

Na redacção de A MONARQUIA foram descobertos explosivos e munições

As nossas autoridades não se deixam iludir com os palidos desmentidos que os orgãos aliados dos conspiradores teem publicado nos ultimos dias ás suas claras, precisas e verdadeiras investigações sobre o movimento revolucionario realista, tantas vezes anunciado e outras tantas transferido.

A Capital, que tem feito referencia, segundo dados oficiaes, aos trabalhos conspiratorios, volta hoje ao assumpto para dar mais algumas notas ineditas, na verdade interessantes.

Depois de varios e sucessivos adiamentos, os integralistas marcaram agora o dia 13 do corrente para o seu anunciado movimento, que muito natural é que tenha de ser mais uma vez transferido.

Sim, porque é preciso dinheiro, muito dinheiro mesmo, e os incautos já não caem com a mesma facilidade que houve a principio. E, tanto o dinheiro tem falhado ultimamente que foi tomada a resolução de se assinarem declarações de divida a serem pagas após o exito da revolução.

Do cofre geral sairam ultimamente 400 escudos para serem gastos com a propaganda a fazer dentro de uma determinada unidade militar, tendo essa quantia deixado um pouco «manques» os organisadores da comedia.

Eles não desanimam contudo e, tanto que alguns dos presos integralistas que se encontram no limoeiro ao receberem hontem, como de costume, as suas visitas lhes disseram que poucos dias mais ali estariam, devendo ser libertos, porque a *coisa* estava para breve...

Em varias terras da provincia, a propaganda continua sendo cada vez mais acesa. Em Coimbra um estudante integralista é um dos que mais se tem salientado nas manobras para o celebre movimento, a que deram o nome de *Nacional*.

Em Elvas pontificam os conspiradores Antonio Sardinha, ex-capitão Casqueiro, Solari Alegre e o ex-alferes Julio Vasques.

Entre Elvas e Badajoz ha agentes de ligação e na cidade hespanhola fronteiriça teem-se realisado reuniões importantes na casa de vinhos *La Carchoella*, situada sobre a Praça de Badajoz e donde constantemente partem emissarios de confiança para Portalegre e outros pontos.

Para agente de ligação com Elvas foi escolhido o emigrado Joaquim Monteiro, que muito bem se tem desempenhado das altas missões de confiança que até hoje lhe foram confiadas.

Em Viana do Castello, conforme dissemos ha dias, efectuaram-se prisões de 7 individuos que estavam conspirando, mas devido a altos empenhos esses presos foram depois soltos.

Tambem em Lanhares no palacio de um velho fidalgo miguelista se realisou uma grande reunião que terminou com «vivorio» ao D. Duarte Nuno I.

Em Moledo do Minho os trabalhos conspiratorios não afrouxaram, havendo um constante vae-vem de emissarios entre aquela localidade e La Guardia, Tuy, Caldelias e Salvatierra, onde permanecem os varios chefes da conspiração, emigrados em Hespanha.

No Minho teem corrido ultimamente boatos de incursão, chegando a afirmar-se que esta será feita por Monsão.

E, emquanto isto se passa pela provincia e terras fronteiriças, os de Lisboa não cruzaram os braços e tanto assim que intensificaram nos ultimos dias as suas reuniões e conciliabulos em varias casas, entre as quaes figura uma farmacia para os lados das Janelas Verdes e a residencia de um padre que é a alma danada de toda esta patuscada...

E, como os casos de sensação teem quasi sempre um *mot de la fin*, não podemos deixar de registar um facto passado com uma senhora de alta posição, integralista ferrenha e que como tal tem sido aproveitada como agente de ligação. Essa senhora casada com um dedicadissimo republicano, que desconhece por completo os manejos da esposa, tem andado ultimamente as escondidas do marido em visitas aos presos politicos, sendo a portadora de cartas secretas de um para outro lado, o que se lhe tornava relativamente facil, visto ter um magnifico automovel.

Ha poucos mezes os dois esposos foram para o Norte fazer a sua usual cura de aguas e num determinado dia a mulher pediu licença ao marido para ir dar um passeio no auto, ao que ele prontamente acedeu.

Pois a referida senhora, com essa autorisação, mandou ao *chauffeur* que seguisse para a Galiza, onde foi fazer entrega de varia correspondencia secreta.

E o marido continua por emquanto ignorando tudo isto...

* *

Mas ... todas estas informações colhidas nas estações oficiaes replica o orgão integralista, desafiando «A Capital» e outros jornaes a que provem que os adeptos de D. Duarte Nuno conspiram ou teem interferencia em qualquer movimento revolucionario.

«A Capital», onde mais uma vez, repetimos, se não faz jornalismo por palpite, nada tem que provar. Os seus «reporters» colhem, as informações que lhes são dadas na Arcada, na policia, nos hospitaes, etc., e transcrevem-as para conhecimento dos seus leitores e nada mais.

N'este caso, quem faz prova é a policia ou os tribunaes competentes e não nós...

Mas, vá de barato que os integralistas não conspiram e que tudo são fantasias das nossas autoridades. A descoberta de bombas e munições na séde do jornal «A Monarquia» vem demonstrar exactamente o contrario.

Desde que os boatos de revoluções voltaram a intensificar-se, a policia não deixou mais de vigiar os escriptorios do orgão integralista, na rua Serpa Pinto, 38, 3.º, em frente ao antigo largo de S. Carlos.

Como tambem constasse que ali se davam diariamente reuniões suspeitas, a policia de Segurança do Estado tomou as suas precauções e assim hoje, pelas 16 horas, foi resolvido dar um assalto ao referido jornal.

O piquete de policia do governo civil tomou as embocaduras do largo do Directorio, bem como a escada do predio n.º 38. Pouco depois, apareciam o adjunto sr. Pinhão e varios agentes de Segurança do Estado, sendo então passada uma rigorosa busca a todas as dependencias de *A Monarquia*. Todas as pessoas que ali se encontravam ficaram logo detidas, não sendo permitida durante a diligencia a entrada ou saida de qualquer pessoa do predio em questão.

Depois de tudo bem esquadrinhado foram os agentes encontrar numa pequena casa interior uma mala negra contendo 6 bombas de grande poder e munições para arma de guerra.

Foi tudo imediatamente apreendido, sendo então conduzidos sob prisão para o governo civil os seguintes individuos: Vasco de Sousa Falcão Pacheco, quintanista de direito, da rua Alexandre Herculano, 26, 2.º, direito; José Camilo Felix Corrêa, jornalista, da rua de S. Mamede, 21, 1.º, direito; Augusto da Costa, redactor de «A Monarquia», da rua Madalena, 113, 4.º; Carlos Batista Cardoso de Moura, empregado de escritorio, da rua Caetano Palha, 31; Firmino Capela, empregado de escritorio, da rua dos Poiaes de S. Bento, 71, 1.º; Licinio Miranda, empregado de escriptorio, da Avenida Almirante Reis, 131, rez-dochão; Antonio Maria da Luz, cocheiro, do Casal do Alvito. Este ultimo, que foi clarim de cavalaria, respondeu ha tempos como conspirador no tribunal militar.

Os tipografos que na ocasião estavam a fechar o jornal foram mandados em paz, depois da policia lhes ter tirado os nomes.

Foram ainda presos outros individuos para averiguações, mas parece que ainda hoje serão restituidos á liberdade.

A policia apreendeu ainda muitos documentos a que liga a maior importancia, sendo tudo removido para o Governo Civil.

As portas de *A Monarquia* foram seladas, começando agora a policia nas suas investigações, que devem ser interessantes, pois que já se sabe que houve uma mais suspeita que desapareceu e uma conversação muito curiosa que foi apanhada pelo telefone.

Foi hoje preso o sr. dr. Camilo Castelo Branco

A um dos calabouços do Governo Civil recolheu hoje de manhã o sr. dr. Camilo Castelo Branco, filho do conselheiro sr. José de Azevedo Castelo Branco.

O preso é acusado de conspirar contra a Republica, sendo a captura motivada pelo seguinte caso:

O sr. Manuel Henrique Junior foi por duas vezes testemunha de acusação no julgamento do sr. José Eduardo Fernandes, que era acusado de fazer propaganda monarquica e difamar as autoridades constituidas. Advogado do reu era o sr. dr. Camilo Castelo Branco, que em pleno tribunal dilamou a Republica e a policia, dizendo que a mesma era constituida por esses cobrios pelo director da Segurança do Estado, mas que felizmente isso devia acabar um dia.

O juiz, que chamou á ordem o fogoso advogado, aconselhando-o a fazer as suas considerações na rua e fóra do tribunal, foi ainda ameaçado, motivo porque o director da policia de Segurança do Estado, ao ter conhecimento do que se passara, mandou efectuar a captura.

O preso uma vez no calabouço insurgiu-se contra o caso e escreveu um bilhete ao governador civil, pedindo providencias.

Recolheu ao fim da tarde incomunicavel a uma esquadra.

Tribunal de Defeza Social

Vae funcionar no quartel de Campolide

Tendo o governo sido informado de que os sindicalistas que se encontram presos na cadeia do Limoeiro e que ainda não foram submetidos a julgamento haviam afirmado que sendo condenados faziam voar a sala da audiencia com bombas, foram tomadas providencias afim de que esses julgamentos se realisem com a maior urgencia.

O tribunal de Defesa Social vae funcionar no Quartel de Campolide tendo sido tomada essa resolução na demorada conferencia que o sr. presidente do ministerio e o sr. ministro do interior teve com o sr. comissario Geral de Policia e directores da policia de Segurança do Estado e de investigação

E' julgado no Tribunal de Santa Clara o coronel de artilharia Vieira da Rocha

No tribunal militar de Santa Clara, respondeu hoje em conselho de guerra, o coronel d'artilharia, sr. Jaime Augusto Vieira da Rocha, acusado de ter assassinado a tiros de pistola, na Rua do Ouro, o Visconde de Vilar.

O tribunal era presidido pelo general sr. Luiz Alberto Homem da Cunha Corte Real, sendo o juiz auditor dr. Almeida Ribeiro, promotor, o coronel Gonzaga, defensor o dr. Anibal Soares.

Aberta a audiencia pelas 13,30 horas é pelo secretario, capitão sr. Paiva lido o libelo acusatorio que é do teor seguinte:

Jaime Augusto Vieira da Rocha, coronel d'artilharia a pé, director de Fabrica da Polvora em Barcarena, no dia 19 de agosto de 1920, tendo vindo a Lisboa tratar de negocios particulares, e em especial do divorcio da sua mulher, D. Beatriz Ayala Sales Ferreira, por motivo d'esta manter relações de adulterio com seu primo Tasso da Gama Pinto Pacheco de Novais (Visconde de Vilar) pessoa de muita intimidade de sua casa e tambem, ao tempo, residente em Venda Seca, e por causa dos quais abandonou o lar conjugal na noute de 14 do mesmo mez, pelas 23 horas, fugindo com ele para parte incerta, quando pelas 16 e meia, se dirigia pela rua do Ouro em direcção á rua da Conceição ao escritorio do sr. dr. Sá e Oliveira, com quem tinha aprazada uma conferencia, viu na mesma rua do Ouro e proximo da rua da Conceição, a dita mulher D. Beatriz, caminhando pelo braço do Visconde de Vilar, em que ele, segundo declara nos autos, vivia n'um quarto, e tendo perdido a serenidade, puchou de uma pistola com que habitualmente andava armado, e disparou quatro tiros sobre o referido Visconde, que todos o atingiram mas dos quais um, segundo o relatorio dos peritos, lhe causou a morte uma hora depois do ferimento.

Apos o qual são lidos os louvores.

Depois pelo sr. dr. Anibal Soares é lida a contestação que termina por destacar a alucinação do arguido no momento em que matou o Visconde de Vilar, e fazendo resaltar os serviços revelantes prestados á patria, o seu comportamente militar e a provocação por ofensa grave e directa a honra do acusado, tendo sido o facto praticado em seguida á dita provocação, nas condições do artigo 370.º do codigo penal e a espontanea confissão, devendo tambem ser levado em conta para os efeitos legaes, que o reu teve prisão preventiva.

O auditor sr. dr. Almeida Ribeiro, dirige-se ao arguido o qual muito comovido responde explicando os motivos que o levaram a praticar aquele crime.

Em seguida são ouvidas as testemunhas entre as quaes figuram Luiz Derouet, general Mendonça e Matos e Correia Barreto, almirante Alvaro Ferreira, Anibal Lucio d'Azevedo etc.

Ao fechar do nosso jornal continua a audiencia.

Os atentados individuaes

O agente Antonio Teixeira terminou as suas diligencias sobre o atentado contra o tenente coronel sr. Raul Esteves.

O seu suspeito autor, o padeiro Fernando Carvalhaes, conhecido pelas suas ideias bolchevistas, continua negando, apesar de ter caido em varias contradições.

Foi entregue á policia de Segurança do Estado, para esta proceder ás respectivas investigações.

Quanto ao atentado contra o tenente sr. Santos Viegas ainda se não efectuou qualquer prisão.

Em virtude dos atentados a que ainda nos referimos, foi hoje preso para averiguações, tendo recolhido a um dos calabouços do Governo Civil, o ferro-viario José de Almeida, ajudante de caldeireiro, Vila Maria, 7, em Moscavide.

Incidente entre autoridades superiores

Tem-nos ocupado nos ultimos dias do incidente que surgiu entre os srs. governador civil e comissario Geral de policia. Não nos move má vontade para qualquer dos duas entidades, como alguem já pretendeu descobrir. O nosso papel tem-se resumido ao de simples reportagem.

As nossas informações dizem-nos que o sr. Governador civil mandou pôr em liberdade definitiva os detidos, depois de se ter informado de que era menos exata a participação do agente, que procedeu ás prisões e por entender que estas tinham sido efectuadas contra a lei.

Quanto ás medidas a que hontem nos referimos e que o sr. Governador civil vae tomar, sabemos que estas já de ha muito estão sendo tratadas e foram para a imprensa nacional.

E' um edital sobre casas de espectaculos, que está na imprensa, um regulamento sobre restaurantes e hoteis que já se encontra na mão do sr. presidente do ministerio, e um regulamento sobre serviçoes que se está elaborando.

Sobre a reforma de policia sabemos que é a de que o sr. Lelo Portela já ha tempos tratou, tendo indicado até nas nossas colunas qual a direção geral a seguir. Deu a sua orientação ao sr. tenente coronel Mascarenhas e chefe Morgado os quaes, em harmonia com essa orientação, elaboraram o projecto que foi depois revisto pelo sr. Lelo Portela e entregue ao sr. dr. Antonio Granjo.

E' esse projecto que o sr. presidente do ministerio actual deseja conhecer, para reorganisar a policia.

Burlas que findam pelo suicidio

O agente Madureira, da 3.ª secção, continuou hoje nas suas diligencias sobre os importantes desfalques praticados pelo suicida Antonio Luiz Machado, tendo sido largamente interrogado o seu companheiro inseparavel Armando d'Azevedo Pestana, que hontem foi preso como implicado nos desfalques.

O agente tem em seu poder mais tres queixas, duas do sr. Silvestre Nunes Teixeira, empregado no Banco de Portugal, que ficou sem 57:000 escudos, e outra da casa Sigismundo da Camara, onde o Machado era empregado, de ter ali feito um desfalque na importancia de 100:000 escudos.

Tambem hoje prestaram declarações os srs. Leonel e João Seguro, de Cascaes, que acompanhavam o Machado em varias pandegas, declarando que entre outras extravagancias dava 100 escudos a qualquer pessoa para cantar o fado.

Devem ainda hoje ser ouvidas varias pessoas, entre elas uma namorada do suicida, de nome Esperança, e Antonio Perestrelo.

Ourivesaria assaltada

O agente Felisberto d'Oliveira esteve interrogando a presa Ana Senica, mulher de Pedro de Sousa, que confessou que estava deitada na noite em que se deu o roubo e que o marido entrara em casa com uma grande porção de objetos de ouro, de que ignorava a proveniencia.

Tambem foi acareada com Julmina Alves Garcia, amante do Domingos Alves Marques, preso no Porto, declarando não se conhecerem.

O agente Pereira dos Santos egualmente esteve interrogando a Maria Perpetua, sogra do Pedro, declarando ela que ignorava o que se tem passado.

A principio houve suspeitas de que Domingos Alves Marques era o conhecido gatuno o «Algarvio», visto ele ter esta alcunha, mas apurou-se já não ser o mesmo e sim que deu o nome trocado na ocasião de ser preso no Porto, pois chama-se Dionisio e não Domingos, tendo uma prisão por furto.

A's 16 horas chegou ao governo civil, no automovel 344, o Pedro de Sousa, preso no Entroncamento, acompanhado do agente David Mateus, trazendo este consigo um lenço grande com objectos de ouro que lhe foram apreendidos e que estavam escondidos numa arca.

Um bolo... rei D. Manuel

O ex-rei D. Manuel mandou fazer na pastelaria Benard um enorme bolo rei que foi oferecido aos monarquicos presos.

Como se vê, D. Manuel não se esquece dos seus amigos...

NOTICIAS DA CAPITAL

Caido da bicicleta.—Recebeu curativo no Banco do hospital de S. José, Manuel da Graça, residente em Santarem que em Bemfica caiu de uma bicibleta ficando muito ferido na cara.

Com o craneo fracturado.—Depois de operado de trepano, recolheu á enfermaria n.º 4 do hospital de S. José Frederico Antunes, residente na Serra do Monsanto, 42, que ali foi agredido com uma pedrada, ficando com o craneo fracturado.

Colhido pela carroça.—Na enfermaria n.º 5 deu entrada José Marques, residente nas escadinhas de S. João Nepomuceno 8, que foi colhido pela carroça que guiava fracturando a espinha.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

A novela portugueza.—Uma nova publicação, que, se cumprir o programa que se traçou, obterá, estamos certos, um exito colossal, pois proporcionar boa e sã leitura, dos melhores autores, a preço acessivel á bolsa dos pobres, n'uma epoca em que o livro é carissimo, não é comtimento de somenos importancia.

Abre a «Novela» com dois contos de consagrado escriptor Sousa Costa, intitulados «As feiticeiras» e «David e Golias», dois verdadeiros mimos literarios, e anuncia já para o dia 15 uma obra original de D. João de Castro.

A administração é na praça de D. Luiz, 17, 3.º, e o preço de cada fasciculo de $25.

A B C.—O numero d'este magazine, hontem saido, vem como do costume interessantissimo e profusamente ilustrado.

O Evangelizador.—Encetou a sua publicação este orgão quinzenal da egreja evangelica nacional, de que é director o rev. Paulo Irwin Torres.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3748 — 11.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 8 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 5 centavos

Nada de derivativos!

Reabre, depois de amanhã, o parlamento. Não é caso senão para acentuarmos que voltamos á plena normalidade politica. Num regimen representativo, a ação parlamentar é a garantia do pleno desenvolvimento do sistema; é a sua propria razão de ser. Reunidos outra vez os representantes da nação para legislarem sobre as questões mais momentosas que ao paiz interessam, renovam-se as condições essenciaes para os debates necessarios a todos os regimens que, como o nosso, são regimens de opinião.

Reaberto o parlamento é para desejar que nas suas galerias se não notem, nos momentos criticos, as costumadas pressões que são um dos principaes elementos de descredito da Republica. Não é admissivel, com efeito, que quando se procure estudar ou aperfeiçoar determinadas medidas, meia duzia de creaturas comecem a interromper os trabalhos parlamentares com sinaes de aplauso para uns e de reprovação para outros, todos egualmente condenaveis. Se ao recinto em que as ameaças e intimações de audaciosas minorias menos se devam permitir, esse é o do Parlamento, onde os deputados e senadores representam a maioria da nação, nem de outra forma se poderia considerar legitimo o exercicio dos seus poderes.

Ha n'este momento questões gravissimas que nem o parlamento nem a imprensa podem deixar passar em claro, aceitando ás cegas as soluções que o governo lhes pretende dar. Uma é a das propostas financeiras; a outra é a da Agencia Financial; outra ainda é a do pão. Nenhuma d'estas questões passará sem ser minuciosamente estudada e debatida. As duas primeiras interessam á restauração financeira do país; a ultima tem, alem dum caracter economico, um caracter social. Não será, com efeito, exagero prever que o povo não queira ser mais o joguete de interesses inconfessaveis, ou duma deploravel incapacidade governativa, relativamente á questão dos trigos. O certo é que o pão de 1.ª qualidade vai ser mais caro, e o de 2.ª, embora conservando o mesmo preço, já alto, passará a ser peor. Eis em que liquidam as melhorias prometidas pelos governos, que diziam autorisar um pão de luxo, para que o pão dos pobres fosse de boa qualidade. O pão de 1.ª qualidade aumenta ainda de preço, e o de 2.ª tornar-se-ha de tal forma intragavel que não haverá remedio senão recorrer ao de 1.ª, só acessivel a nababos.

Se nós discutirmos estas questões, procurar-se-ha evitar essa discussão com o costumado papão de revoluções iminentes? Pela nossa parte, declaramos desde já que não nos deixaremos lograr por esse conto do vigario politico. Se realmente houver motivo para temer qualquer intentona monarquica, o governo que cumpra o seu dever, que a reprima. Mas que ninguem, por causa dos inimigos da liberdade, se lembre de nos coartar a nós a liberdade de apreciarmos os negocios publicos.

Para debelar os propositos revolucionarios de adversarios das instituições tem o governo ao seu dispôr todos os elementos precisos. Para isso pagamos a uma policia civil e a um organismo militar que ficam por milhares de contos. Mas ao governo nada falta, desde o guarda nocturno até ao general. Tem espadas, tem espingardas, tem lanças, tem peças, tem munições, tem milhares de homens cuja missão é defender o regimen livremente escolhido pela nação. Evite, reprima, castigue, defenda-se; mas não venha pôr-nos uma mordaça na boca. O nosso dever de cidadãos que zelam os interesses da Patria e o prestigio da Republica consiste em utilisar a palavra, para o esclarecimento de magnas questões.

Não lhe faltam, repetimos, os recursos precisos para assegurar a ordem e a tranquilidade nacional. Cada um no seu logar. Não somos nós que dispomos desses recursos, e, se dispuzessemos, não estaria Lisboa convertida numa especie de viela suspeita onde, á noite, não se pode dar um passo sem correr risco de vida. Os atentados sucedem-se; ao banditismo vulgar já ha a acrescentar actos de feroz sectarismo. Com um intervalo de dois ou tres dias, dois oficiaes do exercito foram victimas de ciladas, praticadas por agitadores que ainda não foram encontrados. As ruas de Lisboa não teem segurança alguma, como nós não estamos em segurança na nossa casa, como o proprio parlamento não está em segurança no seu palacio.

Porventura, isto depõe contra a forma de governo? De maneira alguma. Os responsaveis são os governos e as autoridades superiores. Mas já que estes factos irregulares se passam, já que certas questões da mais alta importancia podem ser abandonadas ou esquecidas em presença de perigos fantasticos, ou mesmo reaes, mas que não devem ser invocados para impedir uma determinada ordem de debates, é conveniente pôr já de sobreaviso o publico, juiz em ultima instancia e directamente interessado nos grandes negocios a que aludimos, para que ele colabore com os homens que não querem capitular perante nenhum genero de coacção, e que para isso não estão dispostos a sujeitar-se em nenhum caso, a ser amordaçados a fim de que os seus protestos se não oiçam.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Embora eles digam que sim...

Enchendo-me de coragem, comprei um exemplar da 3.ª edição do *Infeliz*. Mil e duzentos me custou! Foi o ganho de mais dum dia de trabalho; mas dei-o por bem empregado. Da 2.ª edição não comprei nenhum, mas desta havia uma pagina que me interessava em especial — a 137 — na qual segundo anunciaram, se diziam os termos em que a minha familia aceitava «uma solução decorosa e honesta para a questão que constitue o tema» [illegible] dito livro.

Por [illegible] comprei-o e li-o. Li e admirei, [illegible] e respondi. Antes, porém, de me dar a saber a minha resposta á pag. 137, deixei-me, leitor, que passe o *Infeliz* um pouco por alto, numa especie de linha descontinua, para tocar um ou outro ponto, apenas a que, muito propositadamente, ainda me não referi até hoje.

Eu sabia e sabia-o, porque o sr. dr. Alfredo da Cunha é pessoa de *muito bom gôsto*, que a sua *obra prima* teria mais de uma edição e que, como editor, ele daria sempre *novos atractivos* a cada uma delas; por isso, reservava-me para adquirir a ultima, visto não ter posses para adquirir todos. Tive, porém, de modificar as minhas tenções. Não creio que esta seja a ultima edição do «Infeliz», mas...

Principiei por me extasiar diante da capa! As opiniões ali *simétricamente* colocadas dão-lhe *grande realce*! O meu nome *destaca-se* bem, como já se destacava na primeira edição. Não ha duvida de que é o *unico nome* que os autores(?) e o editor do livro pretendem tornar conhecido do publico. Isto está em contradição com a teimosia de nos anuncios da mesma obra, publicados até agora, nunca se declarar o nome da *«desventurada»* senhora que deu causa ao aparecimento do *«Infeliz»*. O fingido cuidado de não querer que se saiba quem é a senhora, desaparece no mesmo livro; isso, porém, não tem importancia, a obra não é minha...

Não é disto, todavia, que eu desejo ocupar-me.

Lê-se na capa do *«Infeliz»* — «Resposta documentada ao livro *«Doida, não!»* «atribuido a»... á minha pessoa.

Depois, lendo da esquerda para a direita, um pouco mais abaixo, encontra-se esta opinião do sr. dr. Vicente Monteiro, Presidente da Associação dos Advogados de Lisboa:

«O livro *Doida, não!* é *«para juntar á colecção dos ajuizados que no que escrevem fazem a melhor defesa dos medicos que os deram por doidos»*.

Este pensamento é que é dos tais que deixa quem o lê meio doido!

Podia mesmo dêle fazer-se uma critica jocosa, mas, porque seria irreverente e eu não desejo faltar ao respeito ao seu autor, discuto-o a sério.

Se o *Doida não!* não é, como dizem obra minha, *a doida* não sou eu, é quem o escreveu. Mas, se ao contrario do que querem fazer acreditar, a obra é minha, como se explica que, podendo eu fazer parte dos ajuizados, posso fazer, do que escrevo, a defeza de quem me deu por doida?

O sr. dr. Vicente Monteiro quiz, naturalmente, dar um pouco de espirito á sua apreciação ao meu livro e preocupou-se tanto com isso que se esqueceu de que, tendo que assinar esse pensamento, devia tê-lo pensado um pouco mais.

Achou, porem, S. Ex.ª que não era preciso. S. Ex.ª lá sabe o que mais convem ao seu nome.

O sr. dr. Alfredo da Cunha acha o *Doida não!* tão bem escrito que, porque o não considera o livro duma doida, como esse senhor me chama nega-me a sua autoria.

O sr. dr. Vicente Monteiro parece que não concorda, acha-o escrito talvez por uma ajuizada ou talvez por uma doida, não se sabe bem ao certo.

Eu acho-o escrito por mim.

Portanto, sendo o *Doida não!* da minha exclusiva autoria (e aqui para nós, leitor, eles bem o sabem, como sabem igualmente que o que neste jornal aparece assinado por mim é só por mim pensado e, de resto, ha testemunhas que a seu tempo aparecerão) não falando nas anotações, eu continuo na minha — doida não e não!

Veremos quem fala verdade.

Maria Adelaide

PELO TELEGRAFO

Bancos que suspendem pagamentos

PARIS, 7. — O «Echo de Paris», publica um telegrama de Genebra dizendo que o «Banco Comercial» daquela cidade suspendeu pagamentos em consequencia de ter fugido o seu procurador geral.

«Le Journal» tambem publica um despacho de Londres dizendo que o Banco inglez British American Continental Bank suspendeu pagamentos anunciando, porém, que reembolsará todas as suas contas correntes. — (Havas).

Os comunistas em Hamburgo

HAMBURGO, 7. — Os comunistas sem trabalho tentaram forçar as portas da Camara Municipal ao que se opoz a policia, resultando do choque ficarem algumas pessoas feridas. — (Havas).

A maior estação radio-telegrafica do mundo

PARIS, 7. — O sr. Deschamps, subsecretario de estado dos correios e telegrafos francezes, deve inaugurar no domingo as obras da construção do centro radio-telegrafico que vae ser estabelecido no departamento de Seine-et-Marne, em Saint Assis, cantão de Melun, e que será a maior estação radio-telegrafica do mundo. — (Havas).

Reunião de russos

PARIS, 7. — Vão reunir-se em Paris sob a presidencia de Tchernoff os membros mais eminentes da ex-constituinte russa, socialistas revolucionarios e cadetes, a fim de defenderem a dignidade e os interesses da Russia no estrangeiro. — (Havas).

Veneza condecorada

VENEZA, 7. — Na 5.ª feira o almirante Ratie fez entrega á cidade de Veneza da Cruz de Guerra franceza. — (Havas).

O fim da aventura de Fiume

ROMA, 7. — Continua a efectuar-se com rapidez a evacuação dos legionarios fiumenses. — (Havas).

A guerra civil na Irlanda

DUBLIN, 7. — Em varias comarcas foi suspenso o serviço do correio por causa dos continuos ataques. — (*Havas*).

LONDRES, 7. — A estatistica oficial dos soldados e policias mortos na Irlanda durante o ano de 1920 é de 192 e feridos 263 policias e 122 soldados. — (*Havas*).

WASHINGTON, 7. — As autoridades negaram-se a autorisar a permanencia nos Estados Unidos da America do «mairo» de Cork que chegou aqui clandestinamente.

O «mairo» foi detido mas libertado sob palavra, até ser expulso. — (*Havas*).

A volta de Constantino á Grecia

A mensagem ao Parlamento

PARIS, 7. — A imprensa desta capital publica o texto da mensagem lida pelo rei Constantino na camara dos deputados helenicos. Constantino afirma a resolução de todo o helenismo de colaborar com os seus grandes aliados. A aliança entre a Grecia e a Servia continua a ser uma garantia solida da manutenção da paz e os proximos casamentos que vão unir as côrtes de Atenas e de Bucarest estabelecem relações cordiaes entre a Romenia e a Grecia. — (*Havas*).

Coronel assassinado

ATENAS, 7. — Foi assassinado na rua o coronel Motassas ex-presidente do tribunal militar. O assassino é desconhecido. — (*Havas*).

Pobres de «A Capital»

Sufragando a alma da mãe duma pessoa querida de familia, que faleceu faz amanhã doze anos, recebemos de dois anonimos 5$00 para distribuir pelos pobres nossos protegidos.

Em nome dos que vão ser contemplados os nossos agradecimentos.

Museu Bordalo Pinheiro

Como de costume em todos os domingos, está amanhã patente ao publico, das 14 ás 17 horas, o museu Rafael Bordalo Pinheiro, sito no lado oriental do Campo Grande, n.º 382, revertendo o produto das entradas a favor do Asilo de S. João.

Ourivesaria assaltada

Foi preso em Taboa mais um dos gatunos

Continuam com grande actividade e com exito as diligencias policiaes acerca do roubo da ourivesaria Almeida, da rua dos Fanqueiros.

O chefe Alfredo Maria recebeu hoje um telegrama do agente Correia, vindo de Taboa, no qual informava ter ali sido preso o José Inacio, a quem apreendeu varias joias e a quantia de 250 escudos, devendo chegar esta noite a Lisboa.

Tambem deve chegar hoje o Domingos Alves Marques, vindo do Porto.

Hoje foi preso José Lameira de Souza, irmão do Pedro, acusado de ser quem levou as ferramentas com que foi feito o arrombamento.

O agente Felisberto d'Oliveira, auxiliado pelos seus colegas Pereira dos Santos, Belmarço e Hermano da Fonseca, tem procedido d'um modo digno de elogio ás diligencias efectuadas em Lisboa.

O caso da Agencia Financial

O nosso prezado colega «A Manhã» n'um eco que hoje publica sobre a decantada questão da Agencia Financial do Rio de Janeiro, quer fazer convencer toda a gente de que não sabe ler, pois diz:

«Segundo informações que hontem colhemos em boa fonte, a discutida circular não tinha por intuito o concurso para a adjudicação, visto que em tal nela se não falava. As intenções do sr. Cunha Leal, ao fazê-la expedir, eram habilitar-se, com as respostas que recebesse, a conhecer as possibilidades que podia encontrar na praça para a abertura do concurso quando esta se resolvesse».

Chega-se a pasmar. Uma simples consulta, a feita pelo sr. ministro das finanças a bancos e casas bancarias pela sua circular de 31 de dezembro findo!

Ora nós vamos mostrar a *A Manhã* que é ela que não sabe ler. Quer a prova?

Da circular que *A Capital* publicou ante-hontem, em primeira mão, recortamos os seguintes periodos:

«Outrosim aguarda o mesmo Ex.mo Ministro das Finanças que V. Ex.ª se sirva apresentar-lhe todas e quaesquer indicações referentes a comissões e outras clausulas que entenda de utilidade deverem introduzir-se a bem das duas partes contractantes.

A proposta com que esse estabelecimento queira honrar o convite de Sua Ex.ª o Ministro das Finanças deverá dar entrada nesta Direcção até ás 15 horas do dia 9 de Janeiro proximo e será aberta pelo mesmo Ex.mo Sr., assistido dos Directores Geraes da Contabilidade e Fazenda Publica ás 16 horas perante V. Ex.ª, que desde já fica convidado para tal acto.

Convida-se uma casa bancaria a apresentar uma proposta, a introduzir nela as clausulas que entenda a bem das duas partes contractantes, e não é um concurso?

A proposta seria aberta amanhã, ás 16 horas, note-se bem, amanhã — vespera de abertura do parlamento — e era apenas uma simples consulta?

Decididamente, *A Manhã* estove a troçar com os seus leitores.

O incidente Alvaro de Castro-Alexandre Braga

Das cartas publicadas pelos jornaes da manhã vê-se que do incidente, lamentavel por todos os motivos, dado entre os srs. drs. Alexandre Braga e Alvaro de Castro, alguma coisa ficou que demonstra não serem por completo destituidas de fundamento as alegações do primeiro daqueles senhores.

Lamentavel por todos os motivos, dizemos e repetimos. E tanto mais lamentavel quanto o sr. dr. Alvaro de Castro, uma das inteligencias e das personalidades em que mais esperanças se depositavam, nos ultimos tempos fez uma evolução tão extraordinaria que chega a ser inexplicavel, para não dizermos inverosimil.

Pois não foi ele, que se intitulava chefe d'um partido com um programa retintamente conservador, aliar-se com os populares, cuja figura principal é o sr. Cunha Leal, um partido de idéas e programa completamente oposto aos principios que o sr. dr. Alvaro de Castro defendia?

Não falaremos já na sua aliança com o sr. Domingos Pereira, porque o grupo capitaneado por este deputado, não tem, póde dizer-se, programa definido. Separou-se do partido democratico, simplesmente por capricho, por ambição ou por qualquer outro motivo que não vem para o caso profundar.

O facto é que o sr. dr. Alvaro de Castro, a quem inegavelmente a Republica deve altos serviços, não sae bem ferido do prelio agora travado. E isso é motivo de magua para nós, porque somos e sempre fomos os primeiros a reconhecer os seus serviços, a sua inteligencia e a sua elevada capacidade.

A começar ámanhã, 9, A CAPITAL deixará de publicar-se, temporariamente, aos domingos.

Dr. José Pontes — Tratamento pelos agentes fisicos — Rua do Carmo, 69, 2.º — Tel. 3317-C.

AOS SABADOS

A semana literaria

Fruto proibido *por Souza Costa (ed. Portugal Brazil)* — **O mundo dos meus bonitos** *por Augusto de Santa Rita (ed. H. Antunes)* — **A sinfonia macabra** *por Mateus Moreno (ed. do Resurgimento)*

A segunda edição do «Fruto Proibido» — o primeiro romance de Souza Costa — vem recordar o inicio da carreira literaria deste escritor, que perseverantemente, com honestidade, com discernimento, desde então tem sido um trabalhador afincado das letras portuguezas. A girandola elogiosa que os nomes grados dessa epoca fizeram atroar em honra do joven literato não festejou uma esperança infundada, nem se desmereceu pelo andar dos anos. O «Fruto Prohibido» leva Nordau, o dr. Max, a achá-lo «um romance excelente, duma elaboração clara, recta, empolgante, duma psicologia profunda e precisa», e, na nossa terra, a palavras entusiasticas, Gomes Leal, Fialho, Silva Gaio, Malheiro Dias, Dantas, Lopes de Oliveira, que, com os seus nomes já reputados acolhem o novo autor como um romancista a valer e o seu livro como uma honra para uma geração e uma escola literaria.

Com taes atestados e padrinhos todas as palavras são vãs. O livro vale. O livro triunfou. Ha quem não acompanhe Souza Costa na sua obra calma, serena, sem redundancias de palavras nem pirotecnias da literatura avançada onde ha mais artificio e menos coração. São escolas diversas, mas emquanto houver sensibilidades, emquanto se amar, emquanto houver temperamentos liricos, sentimentaes, o romantismo triunfará de todas as outras escolas. O «Fruto Prohibido» teve um grande sucesso entre livros incolores, esfumadas fantazias, que deixam fria e insensivel a alma; tocava-a, erguia figuras que na sua paixão, no seu fogo de amor, emocionavam; triunfou, esgotou-se, reedita-se, na profecia de Gomes Leal, «os seus romances hão-de ficar, se continuar a dar-nos livros como o «Fruto Prohibido».

Numa 2.ª edição e depois de penas tão autorizadas vibrarem as notas do elogio, seriam descabidas quaesquer outras frazes que não as do aparecimento do volume e a nossa saudação ao escritor que triunfa.

Mas não queremos deixar de apontar depois de vermos passar pelos nossos olhos a obra de Souza Costa, um facto curioso talvez imperceptivel para os olhos do publico.

«O Fruto Proibido» vive-se em Coimbra, a Coimbra de vida tão particular, tão interessante, onde bate talvez o coração de Portugal. O seu romance é o livro da saudade da nossa mocidade; quem não tem o seu retrato em qualquer dos tipos que ali passam, quem não viveu naquelas «republicas», que não descobre sob os nomes destes rapazes, destas raparigas, destas creadas gente conhecida, nomes que vivem nas recordações da vida Coimbrã? E' neste scenario tão nosso que Souza Costa com esplendido descritivo do colorido, faz passar o seu drama central.

«O Fruto Proibido» é pois um livro que nos canta em prosa a nossa Coimbra. Na «Sempre Virgem», são scenas da vida de Lisboa que passam, o romance dos grandes centros. Na «Ressurreição dos mortos» foi o escritor procurar a paisagem do Douro para fundo do seu romance, e anuncia-nos já em preparação, «... de Portugal e dos Algarves», o outro extremo do nosso abençoado torrão.

Parece-nos clara a indicação. Souza Costa procura Portugal para a sua obra; é dentro de Portugal que faz passar os seus romances, com gente de Portugal e um vivo e bem patente amor a Portugal. Em todos os seus livros se encontra uma ternura, uma sentida forma de falar da nossa historia, da nossa paisagem, da nossa tradição e só por esta tão rara fé e este afecto solido á sua terra, merece o aplauso e a admiração geral.

E' um escritor portuguez, de alma e coração.

*

Ha quem diga que para umas interessantes gravuras dum poeta de traço Cotinelli Telmo, chamadas o «Mundo dos meus bonitos», pintou Augusto Santa Rita alguns quadros infantis em rimas originaes. Não cremos que assim seja, visto que na capa o segundo nome vem por cima, mas o que é certo é que «os bonecos» de Cotinelli são incontestavelmente dum «achado» e dum relevo primordiaes para o livro. «A introdução», «Era uma vez» e o «Pápim no leito» são de traço apropriado, «A biblia de Pierrot» uma linda pagina de artista a que se pode juntar a «Volta do trabalho»; com tendencias cubistas o «Preto Papusse» e o «Papim e os Saltimbancos» é infeliz nas cores porque lembra uma prova de tricomia incompleta. As gravuras do texto procurando e encontrando quasi sempre a expressão das coisas e das figuras no cerebro infantil; linhas simples, angulosas, sem sombras, como articuladas. E', pois, por todos os motivos uma obra a elogiar, tanto mais que raramente entre nós aparecem trabalhos graficos que denotem carinho no seu preparo.

O livro de versos que tambem se encontra dentro da encadernação nada vem acrescentar á consideração e ao apreço que tinhamos pelo poeta das «Praias do Misterio». São notas originaes, bizarras, e que nos encantam quando tocam levemente o humôr, mas não nos atingem com a grandiosidade infantil do «Só», quando entram na parte evocativa.

Depois do proemio da introdução entra-se numa fase seria «Menino e Moço» em parelhas de versos que começam originalmente:

No dia vinte e oito de abril, Primavera
De mil, oito, oito, oito, do ano e da era
....

e a concepção é superior, mas ha por vezes versos que emperram, e idéas talvez mal definidas. Assim a sextilha

Porque razão singular,
Porque motivo imprevisto,
Um cysne branco, ao luar,
Vagando no quieto lago,
Ou benção de Jesus Cristo?!

Mais adiante encontra-se a seguinte quadra menos perfeita:

Começou a ser melhor
E a profundar quanto via;
Viu que em tudo havia amor,
Menos onde haver devia.

O «Mundo dos meus bonitos» começa depois e, é grato confessar, a menor preocupação do autor em idéas nebulosas, mas ainda cheias duma originalidade natural e graciosa, tornam esta parte mais interessante. Só a primeira poesia revelaria um poeta, se realmente Santa Rita não tivesse já o seu publico.

O' mundo dos meus bonitos,
Quem me vos déra outra vez!
Meus comboios, meus apitos,
O' meu vapor irlandez...
Cujos lindos passageiros,
Em grupos de dois e trez,
Eram fosforos, palitos...

Meus olhos: — dois marinheiros
Passeando no convez.

Em seguida uma poesia, cantante, mais poesia do que realidade:

Lisboa...!
O' terra de luz boa!
Lisboa, boa Lisboa!...

E cheia de encanto infantil, de humor muito superficial, muito puro aquela historia que remata sempre

— «Menino não se debruce!
Por causa, Pápim
Do Preto-Papão,
Do Preto-Papusse!» —

A «Princeza Aurora» é boa poesia, e por todo o livro se repiza uma ideia feliz que cança de repetida: «as meninas... dos olhos» que gostam de brincar. «Papim ao estudo» tem uma bela vizão poetica e filosofica, bem como a «Profecia Malabar»; e nos «Meus brinquêdos» repete-se o «Teatro de cartão» com o Brazão recortado em boneco de papelão e um verso infeliz, onde termina

Nesse corcel, que servia
De cavallo como d'egua.

Mas ahi temos os «bonitos de Deus» onde ha poesias dum lirismo completo e quadros da rua curiosos e bizarros.

— «Ió pitroline»...! adiante
Burro, vaes a dormir

em parceira ao lado da «Lotaria» e é superior ao «Bazar de Deus» onde o valor poetico de Santa Rita ainda não se mostra tão perfeito que faça, das banalidades que canta, verdadeiras obras primas poeticas.

Que lindo! que lindo!
Vede as taboletas
De que outr'ora os poetas
Não gostavam nada
Mas de que hoje gostam e tem a coragem
De dizer que gostam sem temer ridiculos
Pois que tudo é lindo!

onde ha um afrouxamento de emotividade poetica, como

E nesse exquisito
Quiosquesinho, em frente,
Tão original

não consegue fazer desaparecer a trivialidade do tema e o menor interesse que os seus motivos poeticos podem despertar ao publico.

Mas, repetimos, o livro é extraordinario de novidades e originalidade, e basta transcrever uma qualquer das poesias onde se não estica de mais a veia fantazista para recordar o poeta em presença do qual estamos com admiração. Por exemplo a poesia

A alma das coisas existe!
Ora é alegre, ora triste;
Existe! Amor, acredita!

«Reminiscencias», «Volta do Trabalho» e tantos outros em que colabora mais á alma do poeta que o seu cerebro imaginoso.

E' tambem muito original o pequeno livro do alferes de artilharia Mateus Moreno, intitulado «A Sinfonia Macabra».

E' uma colectanêa das mais afamadas asserções da mentalidade alemã, do ultimo meio seculo, procuradas com discernimento e apresentadas duma forma que interessa a qualquer, e, sem ter aquela exuberancia de palavras feias com que é costume acompanhar os vencidos, é mais cautica a exposição critica dessas frazes celebres onde só ha hinos á força, á guerra, á vitoria. Nele figuram as mais caracteristicas expressões guerreiras de Guilherme II, Moltke, Von der Goltz, Bulow, e tambem os principios filosoficos duma doutrina egoista de Lutero, Nietzschke, Hegel, do economista Sist, formando dialogo sobre rubricas relativa «ao direito e ás leis, á força e aos estados, á Alemanha e á necessidade duma grande guerra». Pequena obra que repetimos marca com um ferrete justo uma mentalidade de baixos instintos e sanguinarios destinos.

Armando Ferreira.

Registo de entradas

Poesias dispersas, Junqueiro. — *Sonata da evocação*, Angelo Ribeiro. — *Luzitania*, Rogelio Buendia. — *Repto ao Mundo*, Francisco Alves.

A Alemanha quer a guerra?

O embaixador em Londres diz que não

LONDRES, 7. — O embaixador da Alemanha em Londres fez a um redactor da Agencia Reuter as declarações seguintes: Digo-lhe francamente que a Alemanha não está preparando nem para já nem para mais tarde nenhuma guerra. Em absoluto a Alemanha não pensa em atacar novamente a França; além de que, e isto é o mais significativo, não estamos em condições de o fazer; a Alemanha cumprirá o tratado de Versailles em tudo que lhe fôr possivel, porém, ha no tratado clausulas como a do pagamento da indemnisação que lhe são impossiveis de cumprir. A Alemanha está disposta a reparar tudo que lhe fôr possivel, em natureza, porém não em dinheiro. — (Havas).

O acordo franco-inglez para o desarmamento da Prussia

PARIS, 7. — A imprensa franceza insiste na boa impressão que nos centros britanicos produziu a reunião da proxima conferencia inter-aliada; existe a convicção, escreve o «Petit Parisien», de que a conferencia de 10 de janeiro registará o acordo entre a França e a Inglaterra no que respeita á questão do desarmamento da policia de segurança da Alemanha e á organisação de voluntarios existentes na Prussia Oriental. — (Havas).

Cruzada Nacional D. Nun'Alvares Pereira

E' no proximo dia 15 do corrente que, sob a presidencia do sr. Anselmo Bramcamp Freire, vae reunir a nova direção geral eleita. Dessa sessão saira um manifesto ao Paiz para cuja elaboração estão trabalhando já o sr. Anselmo d'Andrade, na parte financeira, na parte colonial o sr. coronel Freire d'Andrade; na parte do exercito o sr. general Gomes da Costa; na parte d'instrução o sr. dr. Pedro José da Cunha.

Os restantes trabalhos concernentes ao manifesto estão sendo distribuidos a elementos categorisados em todas as correntes d'opinião, podendo já notificar-se que a parte de higiene e assistencia publica será entregue aos srs. drs. Hermano José de Medeiros, Eduardo de Sousa e Gomez de Mello Breyner.

A questão social pensa a Cruzada entregal-a a uma alta competencia que á teoria alie a parte pratica. A Cruzada tendo, no seu seio elementos de todas as convicções politicas, e ilustres parlamentares de todos os lados da Camara, julga-se por isso a colectividade nacional capaz de organisar a unidade moral da Nação Portugueza, para o que já tem os seus nucleos em quasi todo o Paiz.

Burlas que terminam pelo suicidio

O agente Madeira, da 3.ª secção, que foi encarregado das investigações sobre as burlas praticadas por Antonio Luiz Machado, mais conhecido pelo «Machadinho», que ha dias se suicidou, esteve hoje ouvindo seis testemunhas, individuos que acompanhavam o suicida nas suas pandegas.

Tambem foi ouvida a sua namorada Esperança Gomes, tendo estado ainda com o agente Madureira o sr. conde de Mesquitela tratando da burla de foi victima seu sobrinho sr. Bernardo Mesquitela, empregado no Banco Nacional Ultramarino.

Sociedade de Geografia

Na segunda feira ha sessão ordinaria, para tratar de expediente, admissões de socios e comunicações scientificas.

VIDA SPORTIVA

A orientação do sport

Vae ser tratada na reunião de 2.ª feira

E' na proxima 2.ª feira, pelas 21 horas, que nas salas de «A Capital» se efectua a reunião de representantes de clubs de sport a fim de se decidir sobre a creação de um organismo orientador do sport nacional, e conduz do bi-semanario «Os Sports».

Devido aos fins que a reunião tem em vista, é natural que todos os nossos clubs de sport não faltem. «Os Sports» expediu convites tambem á Federação de Remo e aos representantes da F. P. de Sports, Comité Olimpico, etc. Roga-se a todos os clubs que porventura não tenham recebido convite se considerem convidados por este meio.

Pesos e alteres

Prova do Ginasio Club Portuguez Criterium Pad nha em 26 de Fevereiro de 1921

Com o regulamento mais amplindo, deve ter logar esta prova que está despertando bastante interesse. Do regulamento pode destacar-se o seguinte:

Exercicios, trez: Arraché ou la volé com um braço e jeté com o outro braço. Jeté com os dois braços.

Inscrição: A taxa é de 2$50 por club e encerra-se 8 dias antes da realisação da prova.

Premios: Medalha de ouro e inscrito no Bronze para o 1.º classificado, e para o 2.º e 3.º respectivamente uma medalha de vermeil e de prata.

Todos os concorrentes teem direito a um diploma.

Brevemente serão os regulamentos distribuidos nos clubs que pratiquem este sport.

Campeonato de florete

Realisa-se amanhã ás 14 horas, no Ginasio Club Portuguez, este Campeonato, que deve ser muito concorrido.

Teem entrada os socios dos clubs desportivos e as senhoras de suas familias mediante a apresentação dos respectivos cartões de identidade.

Liga Portugueza dos Clubs de Natação

Na 3.ª feira, pelas 21 horas, reune na sala do Ginasio Club Portuguez, a comissão dos Amadores de Natação do Sul, para se discutir o projecto do Regulamento das provas e Estatutos da Liga.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã.—Esplendido programa e dos mais notaveis o do 6.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que amanhã se realisa no teatro São Luiz e que constitue uma das mais belas tardes de arte e de entusiasmo, a que ninguem deve faltar.

E' o seguinte:

«1.ª parte» I.—«Flauta magica», ouverture, Mozart; II — «Serenata», Moskowsky; III — «Morte e Transfiguração», poema Sinfonico, Strauss.

«2.ª parte» IV.—«Sinfonia em Ré menor», Franck, a) Lento Allegro non troppo; b) Allegretto; c) Allegro non troppo.

«3.ª parte» V.—«Tristão e Isolda, Morte de Isolda», Wagner; VI-VII «Duas dansas hungaras», Brahms.

Concertos no Politeama.—E' amanhã que no Politeama se efectua o 7.º concerto sinfonico pela orquestra organisada e dirigida pelo talentoso maestro Fernandes Fão. Já o dissémos: o respectivo programa é esplendido, bastando enumera-lo para concluir-se que a maior concorrencia se dignará honra-lo.

Na 1.ª parte executar-se-ha a abertura de «Egmont», de Beethoven; «Le Rouet d'Omphale», de Saint-Saëns; «Lirismo arcaico», de Arman de Leço, 1.ª audição, para orquestra d'arco; preludio do 3.º acto do «Lohengrin», Wagner; na 2.ª parte tocase a «Sinfonia n.º 2», de Borodine e a 3.ª a «Dorabella» (intermezzo), de Elgar; «Momento Musical», de Schubert e a «Repsodia hungara», de Liszt.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Proprietarios de fragatas.—Foi o seguinte o resultado da eleição dos corpos gerentes para o corrente ano:

Meza da assembleia geral: Presidente, João d'Almeida Paiva; vice-presidente, José Gomes da Silva; 1.º secretario, José d'Oliveira Gomes Casca; 2.º, Antonio Rodrigues Duarte; vogaes, Artur Boturdo e Antonio Maria dos Santos.

Direcção: Presidente, Manuel Rodrigues Pampulim; vice-presidente, Emidio Gonçalves; tesoureiro, Antonio Graço; 1.º secretario, Antonio Basilio dos Santos; 2.º, Salvador Pampulim; vogaes, Carlos Oliveira Pinho e Manuel Soares Santos.

Conselho fiscal: Presidente, Francisco Fernandes Franco; secretario, Delfim da Silva Vigario; relator, dr. Francisco Ferreira Araujo; vogal, Mario Soares Guedes.

Trabalhadores de jornaes

Para ser dado conhecimento das respostas das emprezas jornalisticas, reune amanhã, ás 15 horas, a assembleia magna, na séde da Associação dos caixeiros, rua Antonio Maria Cardoso, 20.

Tratar-se-ha tambem da questão do descanço dominical obrigatorio.

Seguindo o exemplo d'«A Capital», que já amanhã se não publica, a «Victoria» não se publica já na segunda feira, porquanto que «A Manhã» vae fazer o mesmo.

ULTIMA HORA

CONSPIRANDO SEMPRE...

ORDEM PUBLICA

A policia de Segurança do Estado efectua novas prisões sobre o achado de explosivos n'«A Monarquia»

Durante a noite passada procedeu a policia de Segurança do Estado a varias diligencias sobre o achado de 6 bombas explosivas n'uma das dependencias do jornal «A Monarquia», na rua Serpa Pinto, 38, 3.º Dessas diligencias resultou terem sido detidas Maria Victoria Soares e sua mãe Gertrudes Morgado, ambas da rua da Paz, 30, loja e Jaime Alvaro Machado Trindade, empregado do escritorio e residente na rua da Bela Vista á Graça, A. N. 3.º As duas mulheres são as que foram á redacção do orgão integralista fazer entregue da mala com os explosivos e varios documentos, sendo o Machado Trindade acusado pela gente da «Monarquia» de estar implicado no caso.

Alguns jornaes da manhã de hoje ocupando-se do assunto inserem uma carta do sr. Rolão Preto, director do orgão integralista, dando a entender que a busca não passou de uma «fita» preparada pela policia, publicando ainda uma nota oficiosa em que a Junta Central do Integralismo Lusitano afirma mais uma vez não haver conspirata armada contra a Republica, reservando-se a mesma junta o direito de a todo o tempo pôr a claro o caso que considera de rocambolesco.

Em face de tão francas e categoricas afirmações, dirigimo-nos á policia de Segurança do Estado a colher esclarecimentos, sendo-nos ali o caso narrado com toda a singeleza.

Tinha a policia conhecimento, já ha mezes, de que na rua da Paz, 30, á Ajuda, residencia do conhecido monarquico e conspirador João Augusto Soares, se realisavam todos os dias, pelas 22 horas, reuniões suspeitas cujas convocações e avisos eram feitos por um individuo que trabalha nas oficinas da Companhia Carris de Ferro a Santo Amaro.

A essas reuniões assistiram alguns oficiais do exercito, os quaes concordavam plenamente com o dono da casa, ou seja o João Soares, que á boca cheia dizia que a Monarquia seria em breve implantada sem ser necessario disparar um tiro.

Como é natural, a casa da rua da Paz andava de ha muito vigiada, não sendo de estranhar que as autoridades estivessem ao facto de tudo quanto se passava, pois que dois dos mais habeis agentes haviam sido postos em contacto com os conspiradores.

Sucedeu, porem, que João Augusto Soares, minado por uma atroz doença, veiu a falecer em 3 do corrente, tendo-se realisado o seu funeral dois dias depois pelas 15 horas para o cemiterio da Ajuda, e para o qual o nucleo integralista *Tenente Alberto Soares*, secção politica dos Voluntarios da Regente, fez convite em varios jornaes da capital.

João Soares, um luctador tenaz e um monarquico ferrenho, tomou parte no movimento de Monsanto e sofreu inumeras prisões tendo estado detido na fortaleza do Funchal, e por ultimo ainda na fortaleza da Trafaria, S. Julião da Barra, até sendo por fim julgado. João Soares, que tinha estreitos entendimentos com o conspirador Luiz Chaves, á hora de morrer chamou sua mulher Maria Victoria Soares e encarregou-a de fazer entrega de todos os documentos importantes que estavam em seu poder e ainda outras coisas que se encontravam n'uma mala, ao seu companheiro Luiz Chaves, que podia ser procurado na redacção de *A Monarquia*, pois é administrador d'esse jornal.

A Victoria Soares, após a morte do marido, procurou desempenhar-se dessa missão, não fazendo segredo della entre os visinhos e amigos o que tanto equivale a dizer que a policia de Segurança do Estado não foi dificil ter conhecimento do caso.

Ora essa policia o que pretendia, como é natural, era conhecer esses documentos, razão porque tratou de madar vigiar a Victoria e vêr quando iria ao jornal *A Monarquia* entregalos. Foi o que sucedeu ontem, razão porque o antigo largo de S. Carlos desde manhã cedo entrou a ser vigiado, pois que não se sabia a hora certa a que a viuva dos Soares ali chegava. Quando ela estava na séde do orgão integralista tomaram-se então as providencias, fez-se o cerco e por fim a busca, depois da propria policia se ter cruzado com a Victoria na escada, não a tendo detido por entender ser desnecessaria essa diligencia.

A viuva do Soares, ao entrar na redacção do orgão integralista, procurou pelo sr. Luiz Chaves, conforme as indicações do falecido marido mas como aquele não se encontrasse ali depositou a mala nas mãos do sr. Felix Correia, afim de ser entregue ao destinatario.

E' natural que a gente que se encontrava n'«A Monarquia» ignorasse por completo o que a mala continha, e a propria Victoria tambem não estava ao facto do verdadeiro conteudo de mesma, mas a policia é que desejando apreender documentos, foi encontrar junto com os mesmos 6 bombas, com o que não contava.

A unica pessoa que devia saber do que se tratava era o destinatario Luiz Chaves, o qual, ao ter conhecimento do que era passado, desapareceu, pois que, procurado durante a noite passada e hoje não sua casa nunca mais foi encontrado.

A prisão do Trindade foi motivado por o sr. Felix Correia ter manifestado suspeitas, de que aquele seu correligionario fosse o autor da *fita* para comprometer os integralistas em virtude do Trindade ter ameaçado os adeptos de D. Duarte Nuno, os quaes disse deixarem quasi á mingua morrer um soldado tão valente e intemerato como era o João Soares.

Na busca feita na séde de *A Monarquia* foram apreendidos, conforme dissémos, varios documentos, entre os quaes figura um «dicionario criptografico» com a respectiva cifra que serviu já para na policia serem traduzidas varias cartas e bilhetes.

N'um d'esses bilhetes escrito a lapis lê-se:

«Amigo—Peço o favor de trazer imediatamente a minha casa o material de guerra que tens».

Segue-se a assinatura, tambem em cifra.

O referido dicionario é egual a outro que foi apreendido ha tempos n'uma casa da rua Ferreira Borges, onde foi passada busca e de que resultou a descoberta do caso dos Terramotos sendo então presos: Luiz Chaves, Vasco Carneiro, Gabriel Spinola, Menezes Parreira e duas senhoras modistas. N'este «complot» estavam tambem implicados D. João d'Almeida e mais uns 60 individuos que a 1.ª divisão do exercito afinal não pronunciou.

Hoje foi passada nova busca na séde de «A Monarquia», pelo secretario da P. S. E. sr. Zeferino da Silva, auxiliado por varios agentes. As munições para arma de guerra hontem apreendidas encontravam-se fechadas no cofre. Hontem emquanto se estava passando a busca, o telefone retiniu pelo que um policia foi ao aparelho, ouvindo-se então uma voz de senhora que informava:

—Diga ao sr... que a mala chegou ao seu destino sem novidade alguma.

Na policia de Segurança do Estado começaram a ser hoje devidamente analisados os documentos apreendidos, devendo ser pela noite adeante interrogados e acareados todos os presos.

Os escritorios do orgão integralista continuam fechados e selados e com um policia á porta do largo do Directorio.

O conflito no café Martinho

Conforme referem os jornaes da manhã repetiu-se hontem á noite no Café Martinho um conflito egual ao da vespera, entre estudantes republicanos e integralistas mas desta vez com intervenção de elementos dedicados ao regimen. *Os Filisteus* nome porque são conhecidos os estudantes republicanos por terem publicado um *mensario* com esse titulo, zurziram os integralistas, resultando cabeças partidas e prisões. Os presos a que os jornaes se referem já foram hoje entregues á policia de Segurança do Estado por se ter averiguado que a grande desordem, que por momentos manteve o largo do Camões em sobresalto, teve o seu inicio em consequencia de ter aparecido numa das mesas o seguinte:

«A Republica ha-de cair pela fome».

Depois disso houve pancadaria em barda á mistura com vivas á monarquia e á Republica.

Munições ao abandono

No Caminho do Forno do Tijolo foram hoje de manhã encontradas abandonadas uma espingarda e 60 cartuchos para arma de guerra, que a policia fez remover para o governo civil.

Prisão importante

Ainda o atentado contra o agente Antonio Maria

Na policia de Segurança do Estado devem ficar concluidas amanhã ou depois as investigações sobre o preso Paulo Eduardo dos Santos, que conforme referimos foi detido em Torres Novas, a requisição da policia de Lisboa, por estar implicado no atentado contra o cabo da policia das informações sr. Antonio Maria.

O Santos, que vae ser entregue ao tribunal de Defeza Social, tem uma historia respeitavel: E' operario grafico e tomou parte no lançamento da bomba na «Minerva Comercial», na rua de Oliveira ao Carmo, em Março de 1918, sendo atingido no pescoço pelos estilhaços. Quando da gréve da C. P. em 1919, lançou da calçada da Gloria uma bomba que foi rebentar á entrada do tunel da estação do Rocio.

Foi o organisador de varias juventudes sindicalistas; em Março de 1920 por ocasião da gréve da construção civil, andou com duas bombas nas algibeiras.

Foi tambem um dos organisadores do «complot» contra o sr. dr. Reis Junior, director da Policia de Investigação criminal, juntamente com Armando dos Santos, e fez parte do grupo que pretendia dinamitar o Tribunal de Defeza Social; quando da gréve da União Fabril andou munido de bombas e era dos que todos os dias ia ao Limoeiro ter conferencias secretas com os dinamitistas Manuel Ramos, João Estofador e Diogo Homenio, aos quaes afirmou em que ainda havia de deixar ficar nome na historia...

Em volta de "Os Patos"

O sr. governador civil comunicou hoje ao comissario geral da policia, que havia autorisado a realisação de uma ceia, com mais de 20 pessoas, nas dependencias do Club de «Os Patos», onde ha dias a policia deu um assalto e efectuou prisões, conforme referimos.

Malas postaes

Pelo vapor *Funchal* são amanhã expedidos malas postaes para a Madeira, Açores, Africa ocidental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

S. Carlos

Por doença do sr.ª Pugg, não ha hoje espectaculo no teatro de S. Carlos.

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 7.—A prefeitura e Santos, Estado de São Paulo, enviou para Londres 5.557 libras para pagamento dos juros da divida externo.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 7.—Os galeões «José Bonifacio» e «D. João VI» estão já pronto para, quando chegar o couraçado São Paulo», transportado para ferra os feretros dos ex-imperadores.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 7.—O navio inglez «Ardoyne» encalhou ao sul de Cabo Frio, mas conseguiu safar-se e alcançou um pequeno porto deste Estado.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 7.—Começaram os trabalhos de dragagem do porto de Parahyba.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 7.—Foi autorisada a funcionar no Brazil a companhia de seguros, com sêde em Copenhague, Det Korngolio Oktrojorio.—(*Americana*).

BUENOS AIRES, 7.—O chefe da missão norte-americana, Colby, convidou o presidente da Republica a visitar os Estados Unidos, partindo em seguida no cruzador argentino «Libertad» para Montevidéu a encontrar-se com o couraçado americano «Florida».—(*Americana*).

BUENOS AIRES, 7.—O rei de Italia agraciou o prefeito Cantillo com a comenda da Ordem de Italia.—(*Americana*).

BUENOS AIRES, 7.—O infante D. Fernando, acompanhado do prefeito Cantillo e do embaixador de Espanha visitou a cidade, oferecendo em seguida o prefeito um «lunch» em sua honra no teatro «Colom».—(*Americana*).

O CARVÃO

Por não poderem especular os carvoeiros não o adquirem

O comissario dos abastecimentos, no intuito de facilitar á população de Lisboa a aquisição de carvão, ordenou que rapidamente fosse transportado do Barreiro para Lisboa o carvão ali existente.

Assim se tem feito, resultando o caes do Jardim do Tabaco estar cheio de carvão, numa quantidade de algumas centenas de toneladas e ainda estarem muitas fragatas acostadas áquele, carregadas do mesmo artigo, cujo pessoal se vê impossibilitado de o descarregar, por o caes estar pejado.

O motivo é os carvoeiros não se irem fornecer de carvão para a venda nos seus estabelecimentos, porque já não podem auferir os lucros fabulosos que até aqui faziam, em virtude de uma apertada vigilancia.

Como este estado de cousas não pode continuar, o sr. Peres Trancoso vae ordenar que na proxima segunda feira, seja passada uma rigorosa vistoria a todas as carvoarias, e mandar encerrar todas aquelas, cujos proprietarios não queiram adquirir carvão para a venda.

Por este motivo já hoje foram presos dois carvoeiros, sendo um chamado Lobo Gonçalves, da rua Silva Carvalho, 183 e um outro da rua General Taborda, que não tendo carvão á venda, estavam fazendo a venda de lenha, molhada, segundo consta, por preços exorbitantes.

O sr. comissario dos abastecimentos espera dentro em breve ver a cidade abastecida de carvão necessario, para o consumo e está na disposição de ser inexoravel com todos aqueles que, querendo ganhar muito mais do que devem, prejudicam todos e não correspondem á sua boa vontade e aos seus esforços.

A remoção dos lixos

Sobre a acumulação de lixos em varios pontos da cidade e muito principalmente na Avenida da India, podemos informar que durante o dia de hoje já muito tem sido removido para os terrenos anexos ao Hipodromo de Belem e Parque Eduardo VII.

A causa d'essa acumulação foi motivada por uma greve do pessoal dos barcos do arremate em virtude deste ter despedido um dos arrais.

Não se conformando o pessoal com essa deliberação impuzeram a admissão do empregado despedido ou o declararem-se em greve.

Tendo resolvido esta ultima, os lixos deixaram de ser transportados para a outra margem do rio, começando a serdescarregados por ordem da Camara em pontos que não fossem muito prejudiciaes á saude publica.

Em vista da greve se prolongar, pela Camara Municipal foram encetadas as necessarias «demarches» para que pela Guarda Republicana fossem dispensados alguns camiões, a qual forneceu 6, e alguns carros de esquadrão, que com os 4 camiões da Camara Municipal de Lisboa, tem hoje desde manhã andado a transportar o lixo para os locais acima indicados.

Esse serviço deve demorar uns dias pois que sendo todos os dias levantadas da via publica aproximadamente 180 toneladas de lixo, como é de prever, os camiões e carros não transportem essa totalidade, por mais deligencias do pessoal de tal encarregado.

Tratando do mesmo assunto esteve hoje conferenciando na Camara Municipal com o sr. Magalhães Peixoto o arrematante dos lixos.

Caixa de auxilio a estudantes pobres

Um generoso donativo da Escola Academica

Respondendo ao apelo hontem feito nas nossas colunas pela ilustre escriptora sr.ª D. Emilia de Sousa Costa, acabamos de receber a seguinte carta:

Lisboa, 8 de Janeiro de 1921.—Senhor Director de *A Capital*.—A Escola Academica sempre no intuito de auxiliar e difundir a instrução, já ministrando o ensino gratuito a um numero não muito limitado de crianças falhas de recursos, já empregando os seus esforços para se tornar um estabelecimento de ensino util e prestimoso ao paiz, não quere deixar de atender ao generoso apelo da sua *Capital* concorrendo com um insignificante obulo a favor da *Caixa de Auxilio a Estudantes Pobres*, a que o mesmo conceituado jornal se refere no seu numero de ontem, publicando uma carta da sua meritissima presidencia a Senhora D. Emilia de Sousa Costa.

Remeto, pois a v. a quantia de Esc. 30$000—(trinta escudos)—para ser enviada a tão benemerita colectividade.

Com a maior consideração de v., etc.—*José de Castelbranco*.

Com o maior prazer registamos o generoso gesto do considerado director da Escola Academica, sempre pronto a auxiliar todas as iniciativas uteis.

Hoje mesmo, fizemos chegar ás mãos da sr.ª D. Emilia de Souza Costa a quantia que nos foi enviada conforme recibo em nosso poder.

E fazemos votos porque o generoso gesto seja imitado.

Automovel roubado

Apesar das diligencias empregadas pelo agente Maia, não se conseguiu ainda descobrir o misterio do desaparecimento do automovel entre Ranholas e Cacem, em consequencia do ferro-viario preso Antonio Pegado continuar a afirmar que desconhece os individuos que o acompanhavam.

Hoje esteve novamente no governo civil a prestar declarações o *chauffeur* Carlos Alvaro Lopes d'Almeida.

O furto das medalhas

A policia conseguiu finalmente descobrir os gatunos do furto da Biblioteca

«A Capital» referiu-se não ha muitos dias ao desaparecimento de varias medalhas de grande valor, de uma das «vitrines» da secção numismatica da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Varias diligencias teem sido efectuadas pela policia de investigação afim de ser descoberto o paradeiro das moedas furtadas e efectuada a prisão dos larapios.

O director da referida policia enviou para todas as terras do paiz e tambem para o estrangeiro uma nota detalhada das medalhas e respectivas gravuras elucidativas, voltando depois d'isso a proceder a varias diligencias o agente Silva e Souza, que fora encarregado das investigações.

N'estes ultimos dias o referido agente tem tido conferencias no Governo Civil com o sr. Dr. Jaime Cortezão e com dois estrangeiros, uma senhora e um rapaz novo que parece ser «detective».

De todas essas conferencias resultou ter corrido hoje com grande resistencia no governo civil, que fôra finalmente descoberto o furto.

A policia guarda o maior sigilo sobre as diligencias efectuadas, que não impediu que os «reporters» tivessem conhecimento de duas prisões e que se liga grande importancia.

Trata-se de: João Correia, servente da Biblioteca e Antonio Martinho, ajudante de ... orteiro do mesmo estabelecimento. Ambos os presos recolheram incomunicaveis á esquadra.

NOTICIAS DA CAPITAL

Pastelaria Marques.—Este considerado estabelecimento, a exemplo dos anos anteriores, enviou hontem para os pobres nossos protegidos 12 pacotes sendo 4 com um bolo rei cada um, 4 com uma duzia de borôas cada, e 4 de chá familia, querendo assim associar os desvalidos da fortuna ás festas dos ultimos dias.

Em nome dos contemplados os nossos sinceros agradecimentos.

Má vizinhança.—Os moradores do largo das Tulpas e suas imediações entregaram ao director da policia administrativa um abaixo assinado com grande numero de assinaturas contra umas casas de passe e hospedarias ali situadas em que diariamente ha escandalos, a ponto dos senhoras dos predios fronteiros não poderem chegar ás janelas, tendo já por varias vezes de intervir a policia para pôr cobro a esses escandalos.

Emigração para o Brazil

O consul geral do Brazil em Lisboa, sr. Gonzaga Filho, faz-nos sciente de que acaba de receber do seu governo a noticia de que encontrarão facil e bem remunerada ocupação no Rio de Janeiro os operarios profissionaes, principalmente pedreiros, estucadores, carpinteiros, marceneiros, ferreiros, serralheiros, bombeiros e pintores.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3749 — 11.º ano — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 10 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 5 centavos

AMEAÇAS

O sr. Cunha Leal, ministro das finanças publicou hontem no «Mundo» uma carta, em que o seu espirito agressivo aparece, d'esta vez, sob um aspecto sibilino, tanto mais digno de nota quanto é certo que, se ha questão clara, essa é a do caso da Agencia Financial, cujo contracto, agora rescindido, patenteou bem os gravissimos prejuizos para a nação que tem sido assinalados, e cujo nosso contracto, premeditado pelo sr. Cunha Leal, não menos evidentemente padece, pela forma como sua ex.ª o quiz realisar, de importantissimos defeitos.

N'essa carta, o sr. Cunha Leal aparece, mais uma vez, ameaçando ceus e terra, conforme o seu inveterado costume. Mas d'esta vez não fala apenas na saraivada de impostos com que anda aterrorisando o paiz. Vae mais longe. Os pavores conhecidos não lhe bastam. Entra nos terriveis dominios do incognito. Dir-se-hia que, como Jehovah, tem o poder de desencadear flagelos sobrenaturaes. Vae ser um cataclismo se o não escutam, se o não ouvem; vae ser o fim do mundo se não nos entregarmos todos nas suas mãos.

E' um processo originalissimo, esto do sr. Cunha Leal. Em toda a parte, os verdadeiros estadistas, quando pedem sacrificios á nação, fazem-o procurando persuadi-la, convence-la, dando-lhe a impressão bem nitida de que só forçadamente esses sacrificios se lhe reclamam, tanto pelo poder convincente da doutrina, como pelo exemplo frizante dos factos. Atacar as classes, indispôr o paiz, maltratar tudo e todos, usando da ameaça como unico meio de persuasão, para depois de assustar, de oprimir, de magoar, de irritar, de provocar, infligir aos mesmos que de tal forma se tratou uma tributação em que eles já não vêem senão uma expoliação tiranica—é processo politico que só lembrou ao sr. Cunha Leal. E como isso não bastasse, ainda vem apontar-lhe catastrofes cujo segredo é como o das Sphynges, para coagir todos, pelo terror, á obediencia á sua vontade.

Toda a carta do sr. Cunha Leal a que nos estamos referindo patenteia a sua irritação e desvenda o seu orgulho. Nem sequer se cohibe de agredir as administrações passadas, muito embora nessas administrações passadas, de que vae fazer o libelo acusatorio —são as suas textuaes palavras — tenham responsabilidades directas dois partidos que estão representados no governo a que s. ex.ª pertence, e a um dos quaes o seu proprio partido se aliou para uma permanente acção politica.

O sr. Cunha Leal só pode ter uma atenuante, se é que se lhe póde chamar atenuante. E' a de que se vê perdido. A verdade é que todo o seu tenebroso plano falhou. Ele só podia triunfar, e s. ex.ª viu-o bem, se pudesse ser imposto de surpreza. Era preciso não dar ao parlamento, não dar ao paiz tempo para respirarem. Esses inimigos deviam ser impossibilitados de qualquer defeza; deviam ser agarrados, manietados, num abrir e fechar de olhos, como se caíssem numa emboscada. Assim, as propostas de finanças já deviam estar convertidas em lei antes das ferias; assim o novo contrato da Agencia Financial já devia estar a estas horas fechado, um dia antes da reabertura do parlamento. Nem uma nem outra cousa se cumpriu. As propostas de finanças hão de ser discutidas; o novo contrato com a Agencia Financial ha de ser discutido. O plano falhou. O sr. Cunha Leal sente-se perdido. A sua colera espumante e impotente volta-se contra a imprensa por não ser cumplice nos seus projectos.

Entretanto, uma lição ficará. E' de que já não é possivel governar batendo o pé á consciencia nacional.

O congresso patronal

Devidamente autorisado pelo sr. presidente do ministerio realisou-se hoje, ás 14 horas, secretamente, a 3.ª sessão deste congresso, assistindo como representante da autoridade o sr. tenente Graça, comissario de divisão da policia civica.

A comissão organizadora do congresso forneceu á imprensa a seguinte nota do que se passou nessa reunião:

Foram discutidos os trabalhos de organisação interna por detalhes, sobre os quaes se pronunciaram, individualmente, as associações, tendo elas sido concordes em todos os trabalhos realisados.

A 4.ª e ultima sessão realisa-se hoje, ás 21 horas.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

E eles bem o sabem, mas ...

Fingem que o ignoram.

Fazendo «pendant» com a opinião do sr. dr. Vicente Monteiro, vê-se na capa do «Infeliz» a opinião do sr. dr. Julio Dantas, já por mim apontada e discutida.

Podia ainda dizer sobre ela mais alguma cousa, mas acho inútil. O sr. dr. Julio Dantas, antes de ser ministro da Instrução Publica, foi Director da Escola da Arte de representar, portanto, deixemos cair o pano.

Como fiel da balança está, entre as duas, a opinião do sr. dr. Azevedo Neves, Presidente da Sociedade das Sciencias Médicas e da Associação dos Médicos Portuguezes, Director da Faculdade de Medecina de Lisboa, Professor de Medecina legal e Director do respectivo Instituto.

Se não parecesse mal, dir-lhe-ia, leitor, o que me lembrou agora... mas, assim como assim, o sr. dr. Alfredo da Cunha diz que eu sou doida e então sempre lho digo: lembrou-me o homem dos sete instrumentos. Que se não zangue o sr. dr. Azevedo Neves, porque isto é graça que a mais não passa.

Mas que querem?

Quando vejo conjugar-se contra uma mulher que mede de altura a insignificancia de metro e meio, tanta sciencia medica, tanta literatura e tanta jurisprudencia, não posso tomar o caso a sério, aliás julgaria que essa pequena mulher custa mais a deitar á terra do que a mais alta criatura humana, até hoje conhecida.

Convenço-me, no entanto, cada vez mais, de que os «sete alfaiates» deixam escapar a aranha; deixam, deixam...

O sr. dr. Azevedo Neves tambem entende que a «desgraçada senhora» é defendida (!) no «Infeliz», sendo o «Doida, não!» de inapreciável valor médico-legal».

E sabe o que eu entendo, meu caro leitor? E' que todas as pessoas a quem o sr. dr. Alfredo da Cunha pede que lhe deem uma acha para a fogueira em que pensa que me ha de queimar teem «muito bom coração!»

Todos teem «muita pena da desgraçada, da inditosa, da infeliz, da desventurada» senhora a quem pretendem liquidar, mas todos dão a acha!

Valha-nos Deus com «tanta bondade!»

Como hei de eu agradecer a todos esses senhores a sua «boa intenção?» E' que deixam mesmo uma pessôa embaraçada... Eu resolvi, porém, para não incorrer em faltas, não agradecer a nenhum. E' mais seguro, mesmo porque o sr. dr. Alfredo da Cunha já, certamente «agradeceu» em nome dos dois...

Ha pouco tempo visitou-me uma senhora, de finissimo espirito, que faz o favor de se interessar por mim e que, no meio da conversa, me disse que admirava a serenidade com que eu escrevia, depois de tudo quanto me tinham feito, e a confiança que tinha no resultado da minha causa, vendo que não me deixam defender livremente. Se se passasse com ela o que se tem passado comigo, não podia, antes que quizesse, manter-se calma, dizia-me essa senhora.

Expliquei-lhe, então, o meu modo de encarar a questão, que é este: nada remedeio em me zangar e posso, ao contrario do que desejo, se me deixo levar pela minha natural revolta, exceder os limites que não devo transpôr. Afirmando que hei de sair vitoriosa, afirmo-o convicta; porque, sendo certo que não estou, nem nunca estive doida, ha de provar-se. Leva cinco, dez, quinze anos? Leva-me o resto da vida? Leve o tempo que levar; ha de provar-se.

Se ainda existem em Portugal consciencias, e existem felizmente, ha de reconhecer-se a verdade que é só uma e está comigo, portanto ela aparecerá em toda a sua clareza.

Os meus argumentos convenceram a minha interlocutora e é natural que o leitor me dê razão, visto que eles são verdadeiros.

Aqui tem, pois, porque eu me não impressiono com as opiniões colecionadas pelo sr. dr. Alfredo da Cunha e porque eu digo que os sete alfaiates não matam a aranha.

Ha mesmo cousas que dão o resultado contrário áquele que se pretende obter com elas. O sr. dr. Alfredo da Cunha tem-se esforçado tanto, tanto, em afirmar e mandar afirmar que eu sou doida e tem, por tal modo tratado de evitar, por todas as formas, que eu me defenda—sinal certissimo de que tem mêdo—que hoje não ha ninguem que, intimamente, não esteja convencido de que eu tenho muito mais juizo do que quem mo nega. E, deixe o leitor passar algum tempo; verá se eu o engano.

Maria Adelaide

Ordem publica

Apezar das diligencias empregadas pela policia de Segurança do Estado ainda não foi preso o ex-alferes Luiz Chaves redator d'«A Monarchia», que é procurado com insistencia.

No entanto, continuam as investigações policiaes tanto sobre os documentos apreendidos naquelo jornal, como acerca das duas senhoras que para ali conduziram a mala com bombas.

Continua preso o sr. dr. Camilo Castelo Branco, que hoje foi muito visitado, em consequencia de já se não encontrar incomunicavel.

Agencia Financial

Os representantes do *Banco Portuguez do Brazil* dirigiram ao ex.mo Sr. Ministro das Finanças o seguinte:

Lisboa, 7 de janeiro de 1921.

A Sua Excelencia o sr. Ministro das Finanças—Lisboa.

Excelentissimo Senhor:

No desempenho dos deveres que nos impõe a qualidade de representantes do «Banco Portuguez do Brazil», em Portugal, e para que na opinião publica não tomem vulto e se radiquem falsas afirmações vemo-nos obrigados sem ofensa daquela justificada reserva que, menos por interesse do nosso representado que do Paiz, nos é imposta, a solicitar de V. Ex.ª que se digne mandar averiguar da forma como até agora teem sido geridos os negocios da Agencia Financial de Portugal no Rio de Janeiro.

Essa medida é a nosso vêr de tanta maior necessidade, quanto é certo que se veem lançando a publico insinuações que pela sua gravidade carecem de ser esclarecidas, pois se na sua maior parte caem pela base por brigarem com o mais elementar bom senso, outras podem ter acolhimento facil mormente por quem não seja versado no assunto que elas abrangem.

E assim muito respeitosamente lembramos ao Governo Portuguez de que V. Ex.ª faz parte como ministro das finanças, a conveniencia de mandar proceder a um inquerito minucioso a tal respeito, tendo-se em vista que:

1.º — A Agencia Financial dentro da autonomia que a lei lhe confere, conservou o seu pessoal proprio e privativo, tendo ficado resalvado ao Governo o direito de fiscalisar os serviços da mesma como e por quem entendesse—clausula 2.ª do Contrato;

2.º — Em poder do Ministerio das Finanças devem existir, alem das contas e tabellas em uso —clausula 12.º do Contracto—, as notas dos corretores officiaes, o que tudo constitue os documentos comprovativos das compras feitas no Brazil por conta do Governo Portuguez para cobertura dos saques da Agencia Financial e consequente indicação dos vendedores de cambiaes e compradores de escudos—clausula 7.ª do Contracto.

Permittimo-nos fazer notar que as importancias, que anteriormente ao desenvolvimento da Agencia vinham atravez de outros Bancos, (pois que, honroso é confessa-lo, a Agencia Financial, graças á acção do Banco Portuguez do Brazil conseguiu quasi monopolisar os saques e transferencias sobre Portugal) passaram a vir por intermedio da Agencia, centralisando o Governo em sua mão todo o ouro que possivelmente nos poderia vir do Brazil e bem assim que as importancias remettidas em cambiaes, como V. Ex.ª muito bem sabe e como consta de documentos do Ministerio das Finanças, foram utilisadas pelo Governo Portuguez, para satisfação dos seus compromissos em ouro devido á situação que nos creou o estado de guerra e aos pagamentos a fazer para abastecimento do paiz em trigo, carvão, etc., responsabilidades que foram solvidas sem a necessidade de recorrer ao mercado.

Solicitando permissão a V. Ex.ª para darmos a este nosso pedido a publicidade que julgarmos conveniente, temos a honra de nos subscrever com a mais elevada consideração

De V. Ex.ª

Mt.º Att.os e Obg.os

a) *Pinto & Sotto Mayor.*

AUTENTICAS

O fiel amigo

Ha muito que me anda na cabeça este dilema: Favorecer o publico matándo o bacalhau em Portugal, ou deixar viver o bacalhau e enriquecer os bacalhoeiros sacrificando o publico. Hoje, porém, resolvi acabar com esta maldita hesitação e revelar toda a verdade.

E' já tempo de elucidar os portuguezes, e se não consigo aquietar-me com a minha consciencia por, durante tanto tempo, haver calado esta informação, sirva a coragem de presente acto que me vae indispôr com bacalhoeiros milionarios de penitencia bastante.

Tudo o que vou dizer se resume no seguinte: o bacalhau não alimenta. Mas se não alimenta e está a 26, 28 tostões o quilo, passa a mais grave a sua função social negativa; porque não alimenta e arruina.

Arruina a bolsa e arruina o aparelho digestivo aquele que por ser vendido mais barato existe no mercado, verdadeira lama, pedaço de vasa podre para que as autoridades teem de olhar a serio.

Já ha tempos estive para tratar do assunto; mas choveram os empenhos; havia «stooks» colossaes e era uma maldade, diziam-me então.

Calei-me, mas hoje não me calo. A 2$80 custa, que nem diabo! ver o publico na velha ilusão. Acabe-se pois com mais esse idolo dos portuguezes e seja eu o primeiro a denodadamente lhe dar combate.

*

Analises quimicas da maior confiança feitas por homens de sciencias alemães e americanos provaram já que o bacalhau seco e salgado sae do nosso aparelho digestivo exactamente como lá entrou.

Fez-se a experiencia completa. Tomou-se um bocado do mesmo peixe, e deu-se a comer a um dos mais conceituados estomagos prussianos; disseram-lhe que mastigasse bem, que o triturasse cautelosamente, e nada mais se lhe deu para alimento.

Recolhidas as fézes do paciente posto em observação, praticou-se a mais rigorosa analise quimico-biologica e averiguado ficou que depois de todo o precurso pelo nosso tubo digestivo ele vinha tal qual como entrara, sem ter deixado no organismo a mais ligeira substancia nutritiva. Foi esta experiencia repetida e sempre com o mesmo resultado.

E é já velho o conhecimento deste facto. Na Alemanha, na Inglaterra, ninguem o come; como alimento inutil, nem sequer o conhecem.

Eu fiz a experiencia. Fui a varias casas de viveres em Berlim, em Hamburgo, em Hanower, e perguntei: Tem *stock-fisch*? Os homens nem de nome o conheciam.

Em Inglaterra o mesmo. Lembro-me de nos armazens de Spencer, que é assim uma especie do nosso Jeronimo Martins, chegarem a ir aos catalogos, e descobrirem depois de longa pesquisa uma lata, uma lata unica com o *cod-fish* de conserva!

Emquanto estes dois povos selvagens ignoram por completo as maravilhas alimentares do Fiel Amigo, os pretos, os africanos e os portuguezes continuam a devorá-lo como a mais portentosa iguaria, como comesaina do mais eficaz efeito restaurador!

Ainda hontem o repeti, com o aplauso de quimicos ilustres e de medicos que me ouviram.

Não ha duvida, é optimo; as fibras insoluveis, indigestiveis, são uma bela vassoura para os intestinos, e o sal deve salitrar bem a tripalhada. Nenhuma outra função se lhe póde atribuir.

A alimentar, então, de modo algum. Já sei que me virão dizer, os bacalhoeiros, e seus amigos e sobretudo os da rotina: «Pois sim; mas eu fui criado com ele e estou alimentado e estou nedio e gordo como um suino».

E' que, em geral, esta gente se esquece de que com o bacalhau vai o azeite, a batata, a cebola, a hortaliça, o pão, e tudo isto, e só isto é que alimenta e nutre bem e muito.

Publicarei qualquer dia a analise rigorosa e o publico que se defenda dessa despeza inutil, que o deixa tão jejuado como se estiver mastigando um bocado de sola.

D. Thomaz de Noronha.

Juris de concurso

Foram nomeados os juris de concurso de habilitação para o magisterio secundario, 7.º e 8.º grupos.

ARTE

Sexta exposição de supostas aguarelas, desenhos, pastel e miniatura

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

Encerrou-se hontem a exposição acima reclamada e referindo-se ao ano de 1920 meteu pelo de 1921.

Não quizemos tocar-lhe antes que difinitivamente estivesse encerrada, não fossemos involuntariamente promover a venda de mais do que aqueles quadros, que inevitavelmente o tivessem de ser.

O Estado adquiriu alguma coisa, e, dentro dos recursos do que mostrou dispôr e com a carestia da vida, parece-nos que não comprou mal.

O catalogo está bem apresentado e é de supor que com o andar dos tempos vá recebendo os melhoramentos que a pratica fôr aconselhando.

Uma das coisas a fazer é organisar o catalogo depois de preparada a exposição e á vista dela e não só com os papeis.

Como *Arte* é a exposição mais uma prova dolorosa a juntar a tantas outras do nosso estado d'alma.

A falta de originalidade, o desconforto, os assuntos tão vulgares são o ferrete desta decadencia artistica.

Os artistas perderam o entusiasmo da sua... profissão, estão cançados da vida, trabalham para matar a ociosidade e permitem-se entreter a distração alheia com o bocejar da sua preguiça.

Alves de Sá tem cores outonaes em que predomina o oxido de chumbo; Azevedo e Silva tem um *Estudo de reflexos* que se deve considerar como o inicio d'aqueles estudos, e Berta Borges agradamos seus retoques.

E' justo fazer-se especial referencia a Carlos Bauvalot; tem bons aguadas, e os seus desenhos são bons esboços.

O *Esboceto para o tecto dum teatro* de Bemvindo Ceia pode ser grandioso.

Ha algumas *naturezas mortas*, de Raul Carapinha e Constante Gabriel ..... vivas.

Leitão de Barros continua a trabalhar.

A capela sentecentista de S. João de Ribeiro Cristino tem o campanario a cair.

Eduardo Gil Romero nesta pobreza toda é digno de nota e o resto esta a pedir com os *Peros* da Mello Maria Roque Gameiro.

Em pastel regista-se o *Retrato de Antonio Correia de Oliveira* de José de Brito e os *Crisantemos* de D. Bertha Nery Durão.

Miniaturas *não houve concorrentes a esta secção.*

E assim fecha o catalogo e a exposição.

Os discipulos de Carlos Reis

9.ª Exposição de Pintura de «Ar livre»

Cinco dos mais diletos discipulos de Carlos Reis juntaram as suas telas e organisaram a sua costumada exposição de «Ar livre».

São eles Antonio Saude, Falcão Trigoso, Alves Cardoso, Frederico Aires, João Reis.

O mestre honra os discipulos procurando fazer confundir na sua obra tudo o que ele imagina com tudo o que ele transmite; realisa-o, e assim ha nas telas dos discipulos e do mestre qualquer coisa de irresistivel continuidade quasi que semelhante sentimento.

Carlos Reis não precisa encomios, o seu temperamento, calmo preciso, o seu espirito atento, mesmo profundo tem causado tanta emoção que já não pode produzir senão... saudades.

Em todo o caso talvez para fazer brilhar o trabalho dos discipulos concentra-se em duas telas e impressiona-se com a «vindima» e «Parreiral».

Tem luz a «vindima» e é rico de côr o «Parreiral».

Antonio Saude, trabalha bem, as suas impressões em Ponte da Barca são reis e é digno de menção o «Valo do Vez» e a «Capelinha de Santo Antonio».

Falcão Trigoso, impressiona toda a variegada coloração do Algarve na sua exuberante riqueza de paisagem.

«Virginal» (arredores de Lagos) é muito bom.

Alves Cardoso é o mais careiro, mas vale... não desfazendo.

Sempre no gostoso cumprimento de deixar registo das melhores impressões faça-se para a «baixa» de Chaves mil escudos», «O namorico», dois mil escudos.

Alves Cardoso gosta de numeros redondos e nós tambem.

Frederico Aires, tem cifras mais baixas; é para novos ricos com letras aceites e som exito de redesconto, mas nem por isso, deixa de ter bons trabalhos «a minha rua» (dolo) «a ribeira», duas ruas de Teixoso ficam registadas.

Reis filho, orgulhoso da paleta do pae,... serve-se dele; é uma sensibilidade que nasce e que procura na natureza o desabrochar da sua imaginação.

Não basta colorir a tela é preciso faze-la viver e essa vida só a bizarra concepção do genio servida pelo engenhoso interpretar dessa natureza dão o conjunto que forma o «Belo».

O seu desenho é correto e detalhe é habil os seus pinceis são... velhos.

Reis filho, deve ser prodigo continuador da obra de seu pae.

As suas telas, «Fim de trosnada», «O castanhal», e «A Gracinda» são os seus melhores trabalhos.

E com esta exposição fecha o ano artistico de Belas Artes que como em todas as outras manifestações de vida nao deixa boas recordações.

Fazemos vótos por um novo ano... mais cheio de... Beleza e Fraternidade.

Janeiro de 1921.

Cesar Ferreira.

O CRIME

Libra de 8$00 a 50$00!

Calculos feitos por pessoas que conhecem bem o assunto avaliam o prejuizo sofrido pelo Estado, em ano e meio de vigencia do criminoso contracto com a casa Sotto Mayor para a exploração da Agencia Financial do Rio de Janeiro, em 64.000 contos.

O que não ha fórma de calcular são os prejuizos resultantes para a economia nacional, para todos nós emfim, do facto, sem precedentes e até agora sem explicação, da libra ter passado de 8$00, preço a que estava antes da assinatura do ruinoso contracto, para 50$00, preço a que fechou no sabado ultimo.

E' o peor dos crimes que se tem praticado contra um paiz. O nosso mal, toda a gente o sabe, é o valor da moeda, e a premeditação com que se fez subir a libra a um valor nunca atingido, a sangue frio, cautelosamente, como quem joga uma partida de xadrez, para saciar ambições, para valorisar fortunas que não estavam entre nós, é dos maiores crimes que se podem praticar.

As torturas que isso tem causado á vida particular de cada um, as angustias das familias atingidas por essa verdadeira «débacle», a ruina das industrias, a justificação de todas as desordens, formam um conjunto pavoroso, derivado do crime de se especular mizeravelmente com o credito e o bom nome dum paiz, a coberto dum contrato que se soube arrancar ao sr. Ramada Curto, contrato que o sr. Cunha Leal se propunha renovar agora.

A libra a 50$00! Que punição deve aplicar-se a quem fez com que chegassemos a tal extredemida?

Pobres d'A Capital

Foram os seguintes os pobres contemplados com o donativo de 5$00 que ante-hontem nos foi enviado por dois anonimos:

Maria Rosalia, t. Bela Vista, 20 r/c; Emilia d'Almeida, R. Diario de Noticias, 54, 1.º; Elvira Gonçalves, T. Fieis de Deus, 19; Laurinda Cruz, R. Crucifixo; Antonio Correia, R. Manuel Bernardes, 10; Mariana Silva, R. S. João Bemcasados, 79; Mercês Franco, R. Norte, 14, 4.º; Palmira Fernandes, T. da Espera, 27, 1.º; Conceição Matos, T. Espera 25, 4.º; Maria Marques, R. das Barracas, 109, 3.º.

Os restos dos ex-imperadores do Brazil

RIO DE JANEIRO, 9.— Chegou o «dreadnought» «S. Paulo» trazendo a bordo os feretros dos ex-imperadores do Brazil. O desembarque efectuou-se de tarde, fazendo-se aos condes d'Eu uma imponente recepção.—(*Americana*).

Conferencias

Antes da sessão da camara dos deputados conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio, os srs. ministro da justiça, comercio, agricultura e trabalho, e o comandante geral e o chefe do estado maior da guarda republicana.

Malas postaes

Pelo vapor «Araguaya» são amanhã expedidas malas postaes para a Madeira, Cabo Verde, Pernambuco, Pará Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo as 12 horas a ultima tiragem da caixa geral.

JOSE D'ABREU COUTINHO

Foi muitos dias depois da sua morte que eu tive conhecimento d'ela pela noticia de um semanario que se publica em Ponte do Lima.

A' imprensa de grande informação, que repete noticias de mortes obscuras, havia escapado o nome do espirito superior e do homem ilustre que durante mais de quarenta anos iluminára, com a sua ação ou com o seu prestigio, a vida social e politica da sua terra e do seu districto.

Uma pessoa das minhas relações deu-me, de chofre, a noticia, no momento mesmo em que eu estava doente.

Fiquei aturdido e estupefacto como se visse deslisar deante de mim, num sonho dantesco, todo um passado extinto, todo um largo periodo de existencia humana, redivivo, sacudido, agitado de lutas, de ideias, de grandes actos, de bondades profundas, de traços que caracterisam um lapso de vida nacional e de civilisação.

E como a pessoa que me lia o jornal fosse pormenorisando a morte e o cortejo funebre do ilustre cidadão, pedi-lhe consternado a interrupção da leitura que, pela dôr que me causava, se tornava insofrivel.

Só dias depois, debruçado sobre a noticia e a esta mesma mesa eu revi deslisando para a sepultura, magro e palido, o cadaver do mais equilibrado espirito que conheci em lutas politicas.

Era preciso vê-lo de perto para bem o aquilitar. Notavel lucidez de espirito, precisão segura dos factos, conhecimento exacto das circunstancias e sua adotação a um fim, serenidade inexcedivel, quando tudo se complicava, José d'Abreu Coutinho nascera para, num meio muito maior, fazer escutar a sua vontade e conduzir homens para um grande objectivo.

Falharam as circunstancias que podiam e deviam fazer do perspicaz e notavel politico alguma coisa mais que um simples governador civil, cargo que lhe ofereceram e recusou talvez pela convicção que então teria de que aquele logar não ilustraria o seu valimento e popularidade.

Ponte de Lima, a pitoresca vila minhota, deve-lhe uma parte importante do que é—e dos seus habitantes raros serão aqueles que não experimentassem a ação ou o influxo das suas qualidades incomparaveis de cidadão prestantissimo e amigo até aos maiores extremos.

A porta de sua casa nunca fechada, o seu coração aberto sempre eram como um centro de atração para onde todos convergiam.

A sua popularidade e a sua influencia pessoal foram inexcediveis.

Perpassam-me pela memoria saudosamente, como panoramas em ruidoso tumulto, épocas diversas e lances varios da sua vida em que nunca auréola triunfal, ninguem mais se afirmou, ninguem foi maior ninguem foi tão grande.

Um gesto seu apenas e a multidão, matizada por todas as classes estavam com ele.

A ninguem conheci maiores dotes de coração e muito raros dispõriam de qualidades de espirito mais lucidas e perspicazes.

A sua passagem na politica do distrito de Viana, determinou uma epoca.

Foi o seu momento vulcanico. Nesse instante, a scena politica pertenceu-lhe e ele só encheu-a toda. O seu nome valia um partido por grande que fosse, a sua reputação levava consigo o triunfo.

Amigo leal, inquebrantavel companheiro de todos os lances quer do infortunio quer da ventura, as suas qualidades de coração e de espirito iluminavam como pedras preciosas.

Com a sua morte, a região que lhe foi berço perdeu um dos seus primeiros filhos dos tempos presentes.

Vi-o, pela primeira vez, na redação do *Eco do Lima*, ha mais de quarenta anos.

Era um rapaz. Visitou-me para me conhecer. Por muitos anos perdurou a nossa amisade. Uma trivialidade qualquer resfriou, a superficie, essas relações. Pouco importou isso. Fundamentalmente a nossa dedicação não se apagara. Admirei-o sempre. Em espirito estive constantemente com ele.

Ha bastantes anos que não vou ao Minho e ha outros tantos, infelizmente, que o não vi.

Se na mesma terra vivessemos, desde muito que teriamos posto de parte vas futilidades da politica, reatando relações pessoaes sem razão interrompidas.

A noticia da sua morte estarreceu-me como se o Nada de além da sepultura perpassasse bem junto de mim.

Apesar da morte viverá a sua grande memoria no coração dos que o conheceram. E a hora em que o silencio terrivel da treva começa a cair sobre a sua grande sepultura, eu entendo para ela daqui, de tão longe, mas com inquebrantavel firmeza, as mesmas mãos amigas e agradecidas cobrindo-a com as flores da ternura, envolvendo-a em recordações que não se extinguem, matizando-a de saudades que não morrem, beijando-a com os labios da amisade.

D. Tarrozo

VIDA SPORTIVA

A reunião de hoje

Realisa-se hoje, pelas 21 horas, na redacção de *A Capital*, a assembleia dos clubs de sport a convite do bi-semanario *Os Sports*.

Musica de Camara

Hoje, pelas 21 horas, realisa-se no salão do Conservatorio o Festival Portuguez com que a Sociedade Nacional de Musica de Camara inicia a 2.ª serie dos seus concertos.

Fazem parte do programa composições de Viana da Mota, Tomaz de Lima, Lima Fragoso, Freitas Branco e Augusto Machado. Tomam parte, além da orquestra da Sociedade sob a direção do professor Julio Cardona, mesdemoiselles Maria Julia Fontes Pereira de Melo Maria Luiza Garin e Sarah de Sousa e os srs. Tomaz de Lima, Aroldo Silva, Fernando Cabral e Julio Almada.

Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro

No serviço de saude da C. P. está aberto concurso, por espaço de 20 dias, documental e de provas praticas para provimento de logares de enfermeiros de 3.ª classe com o vencimento de 73$00 mensaes com casa de residencia ou respectivo abono de 80$00 annuaes subvenção temporaria de 45$00 mensaes.

Os candidatos devem apresentar documentos autenticos de aprovação no curso de enfermagem, passados por qualquer escola do paiz, e quaesquer outros comprovativos das suas habilitações, certidão de edade e certificado do registo criminal.

Todos os esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na séde do serviço de saude, em Santa Apolonia, todos os dias uteis, das 10 ás 17 horas.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Camara de Comercio Portugueza em França.—Entre os artigos que o numero 5 do Boletim desta Camara, correspondente a dezembro findo, publica, destacaremos o intitulo «O brilhante futuro de Angola», em francez, assim como o que se refere á valorisação de Moçambique e de Manica, egualmente em francez.

A B C—O numero 26, correspondente a 7 do corrente mez, continua a manter os creditos de ha muito conquistados pelo excelente «magazine».

O Automovel—No seu numero 16 esta publicação, da casa Vaquinhas & C.ª Limitada, traz uma larga reportagem das provas levadas a efeito pelo bi semanario *Os Sports*, além dum belo artigo sobre navegação aerea por Gago Coutinho.

ULTIMA HORA

POLITICA

Após 20 dias de ferias, reabriu hoje o parlamento para proseguimento dos seus trabalhos. Hoje funcionou a Camara dos Deputados na Sala do Senado em consequencia de estar em obras a primeira, onde os andaimes se erguem quase até ao teto. Um troço de operarios retoca as paredes que ficam com um tom aroseado, emquanto outros põem salpicos de ouro nos capiteis das colunatas e n'outros relevos decorativos.

Na parede da tribuna presidencial um sem numero de operarios estendem cola de forma a receber a grande tela de Veloso Salgado.

Das 6 grandes estatuas que devem completar a ornamentação da sala, apenas se encontra no seu logar, proximo á tribuna dos antigos deputados, o trabalho do escultor Santos representando «A Lei». Está sendo retocada pelo seu autor, que, de espatula em punho, aplica pedaços de gesso nas partes que sofreram reparaveis danos.

A estatua «A Eloquencia», de Vaz, jáz ainda com um braço mutilado, estendido no chão.

—«A Eloquencia», está sentada—comenta um deputado—devia estar de pé, foi erro do escultor...

As restantes estatuas ou sejam quatro, ainda não chegaram ao parlamento, encontrando-se tudo a postos para recebe-las.

Enquanto não abre a sessão os legisladores demoram-se analisando as obras até que pelas 14,20 chega o presidente sr. Dr. Abilio Marçal, que logo manda proceder á chamada. Na ocasião poucos deputados estão presentes e ha quem afirme que não se conseguirá obter numero por ainda não terem regressado muitos legisladores. Regular concorrencia nas galerias lendo-se a acta pelas 15 horas seguindo-se-lhe o expediente.

Entretanto os deputados que vão chegando lentamente fazem previsões sobre a sorte do Governo sendo predominante a opinião de que o Ministerio não conseguirá aguentar-se mais que esta semana. Os proprios amigos do Governo não escondiam essa opinião, que é devida á má impressão que causou no publico o caso da Agencia Financial. De facto os populares sentem-se mal collocados, por o governo em contrario das resoluções do sr. Ministro das Finanças ter prorogado o praso para o concurso da mesma agencia.

E' pois inevitavel a crise, dizendo os populares que se não sentem bem no Ministerio e que por isso sairão.

Os politicos chegaram mesmo a afirmar hoje ao meio da tarde que o sr. Cunha Leal havia pedido a demissão em face da atitude dos seus restantes colegas do gabinete.

Os populares não confirmavam nem desmentiam o boato, antes mostravam que realmente não podiam luctar com a má impressão que despertou na opinião publica o caso da Financial do Rio de Janeiro.

A sahida dos populares implica, portanto, a queda total do gabinete, o que é uma questão de horas, afirmam os proprios amigos do governo.

E quem se seguirá?

A voz corrente era que o sr. Liberato Pinto seria encarregado de formar novo ministerio em que entrariam democraticos e liberaes, mas tal resolução talvez encontre dificuldades porquanto no recente congresso dos liberaes estes assentaram no seguinte ponto: — Não colaborar mais em governos de concentração, a não ser em casos de salvação nacional, pois se julgam em condições de governar sósinhos.

Durante a sessão realisaram-se varias conferencias, sendo as mais notaveis as que se efectuaram entre os srs. Antonio Maria da Silva e Antonio Granjo e depois com o sr. Jorge Nunes.

Tambem o sr. Antonio Maria da Silva se demorou largo tempo trocando impressões com o sr. Victorino Guimarães, que hoje reapareceu na Camara, depois da sua demorada estada em Paris.

Contra o sr. ministro das finanças, por motivo do caso da Agencia Financial rompeu fogo o sr. Lelo Portela que foi escutado com atenção por uma grande parte dos seus colegas e muito principalmente pelo sr. Antonio Maria da Silva.

Ao negocio urgente do sr. Lelo Portela respondeu com calor o sr. Cunha Leal, dizendo que só falará sobre a Financial e sobre o estado financeiro do paiz se a Comissão de finanças entender que ele póde dizer tudo, pois que não quer ser considerado como réu.

Tal declaração levanta grande celeuma, respondendo o sr. Antonio Maria da Silva que a comissão de finanças não tem que dar licença, replicando então o sr. Cunha Leal exaltadamente atacando os faciosos da imprensa que transformam a sua pena em navalha de ponta e mola para o anavalharem pelas costas.

O sr. presidente intervem dizendo não permitir taes frases e pedindo que as explique, o que o sr. Cunha Leal faz no meio de certo nervosismo.

Pelo desenvolver de toda a desgraçada questão o que toda a gente ficou comprehendendo é que ficamos sem a Agencia Financial em virtude de um caso grave.

Ao que parece, o governo brazileiro pensava ha muito em anular a regalia concedida á Agencia Financial e que consistia principalmente em os cheques serem isentos do imposto de selo.

Isso não muda, porém, a questão na sua essencia. E vê-se que os detentores dessa regalia, disfarçadamente concedida a um banco estrangeiro, tratam de queimar os seus ultimos cartuchos

Magistratura judicial

O deputado sr. dr. Paes Rovisco apresentará amanhã ao parlamento um projecto de lei de sua autoria e da do deputado popular sr. Manoel José da Silva, Oliveira de Azemeis, no qual se estabele sobre multas, avaliações de inventarios, abolição de imposto de transferencias e obrigação das municipalidades fornecerem casa aos juizes e delegados nas sédes das respectivas comarcas.

Por esse projecto de lei, os ordenados mensaes dos magistrados judiciaes e do ministerio publico passam a ser:

Juiz de direito de 3.ª classe, 500$; juiz de direito de 2.ª, 550$; juiz de direito de 1.ª, 600$; juiz de relação, 800$; presidente da relação, 850$; juiz do Supremo Tribunal de Justiça, 1.000$; presidente do Supremo Tribunal de Justiça, 1.050$; delegado do procurador da Republica, 550$; secretario da procuradoria da Republica, alem do ordenado correspondente á sua categoria de magistrado, 25$; secretario do procurador geral da Republica, idem, 30$; ajudante do procurador da Republica, idem, 40$ ajudante do procurador geral da Republica, idem, 50$; procurador da Republica, idem, 60$: procurador geral da Republica, 900$.

O roubo da ourivesaria

Chegou hoje de manhã a Lisboa o agente Correia, que hontem fôra a Meia Via, perto do Entroncamento, ao local indicado pelo preso Pedro de Souza, um dos implicados no roubo da ourivesaria Almeida, da rua dos Fanqueiros, para ir buscar os objectos que o Pedro deitára a um poço.

De facto foram ali encontrados pelo referido agente muitos cordões de ouro, alfinetes e aneis com brilhantes, que estavam dentro d'um candieiro e na caixa d'um relogio de sala.

Para Taboa partiram hoje de manhã os agentes Serra e Belmarço, que vão ao local indicado pelo José Ignacio buscar os objectos que ali se encontram enterrados.

Este preso, na ocasião de ser detido n'aquela localidade, declarou aos agentes não ter tomado parte no roubo, não lhe tendo sido aprehendidos objectos alguns.

Mas interrogado em Lisboa e depois de ser acareado com os seus cumplices confessou o crime e indicou o sitio onde enterrara a parte que lhe competira.

Pela instrução secundaria

Como não satisfazia de maneira alguma, o estado caótico da legislação do ensino secundario, houve um ministro de instrução que a mandou codificar; isto é reduzi-la a um corpo de doutrina, pelo qual se pudesse reger a vida liceal. Este trabalho foi feito com certa precisão e competencia. Outro ministro porém, não achou que ele satisfizesse. Ha via nele materia inconstitucional diziam alguns descontentes. Foi então nomeada outra comissão para constitucionalisar nela o regulamento; a ela presidiu o sr. Dr. Alves dos Santos.

Esta comissão ainda não apresentou o seu trabalho, que segundo reza o diploma que tal incumbencia lhe deu devia estar pronto a 18 de setembro. Aparece agora nova hipotese: o senador sr. Dr. Bernardino Machado, encarregado do estabelecer os moldes de uma reorganisação do instrução secundaria.

Ora enquanto esse trabalho parlamentar não é um facto em que lei vivem os liceus?

Se, posta de parte a codificação honesta e escrupulosamente levada a efeito por uma comissão de technicos, o regulamento suspenso á espéra da sua constitucionalisação, não vigora; se o trabalho de plano geral que, sob a presidencia do sr. Dr. Bernardino Machado será um dia uma lei, tambem não existe ainda; o que dirige hoje o ensino secundario?

A tal materia esparsa, deficiente, e até ás vezes contra a teoria, que tornou necessaria a obra da comissão presidida pelo director geral d'instrução Publica.

Não seria melhor, já que a constitucionalisão do sr. Alves dos Santos não aparece, deixar em vigor o atual regulamento, até haver coisa melhor; ou é melhor cortar o ensino secundario á matroca?

E' ao sr. ministro que cabe a resposta.

Partido Socialista Portuguez

Para comemorar o 46.º universario da fundação do P. S. P. realisa-se hoje ás 21 horas, na rua da Palma, 272, 1.º, uma sessão solene a qual presidirá o sr. Manuel José da Silva.

Usarão da palavra os srs. Agostinho Fortes, Dias da Silva e Ramada Curto e abrilhanta a sessão por especial deferencia, a Filarmonica Entente de Bemfica. No final recitar-se-hão monologos e poesias.

O AZEITE

Vindo de Alferrarede, já chegou ao Barreiro um comboio com 150 cascos contendo 120.000 litros de azeite, que ali foi apreendido.

Para o seu transporte para Lisboa devem os armazenistas d'este artigo ir amanhã ao comissariado buscar as respectivas requisições.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A's 14,20 o sr. Abilio Marçal assume a presidencia e manda proceder á chamada regimental, vereficando-se umas 10 presenças. Do governo, ninguem.

Espera-se durante 25 minutos, altura em que se lê a acta, com a assistencia de 26 deputados.

Está já a esse tempo no seu logar o sr. ministro das finanças. Nas galerias, entre outros espectadores, vultos conhecidos no nosso meio financeiro.

Pouco depois de aberta a sessão, ao iniciar-se a leitura do expediente, comparece o sr. ministro da marinha, que faz uso da palavra em primeiro lugar para enviar á mesa quatro propostas de lei.

Depois, o sr. Manuel José da Silva, de Oliveira de Azemeis, requer documentação sobre o processo referente á aquisição de dois cruzadores, anunciando em seguida notas de interpelação aos srs. ministro das colonias sobre terrenos de Africa, e da justiça acerca da intendencia dos bens dos inimigos.

O sr. Plinio Silva insiste pela discussão do projecto de lei que altera o funcionamento das escolas de recrutas. A proposito ataca as ultimas determinações do sr. ministro da guerra respeitantes a esse serviço do exercito, disendo que elas não correspondem á necessidade de se comprimirem as despezas do Estado.

O sr. Ladislau Batalha lastima que ainda não tenha sido posto á discussão o projecto proibindo a exportação da azeitona por ele apresentado em 4 de outubro do ano findo. Declara seguidamente que esse projecto é o primeiro duma serie destinada a intensificar a produção do azeite no paiz.

Dadas algumas explicações pelo sr. presidente, o sr. Antonio Mantas recorda que ha ano e meio anda a pedir documentos sobre Escolas Primarias Superiores, não logrando obtel-os.

Deseja-os, a fim de provar que em alguns desses estabelecimentos ha mais professores do que alunos.

O sr. ministro da marinha promete comunicar ao seu colega da instrução as considerações ouvidas.

O sr. Antonio Francisco Pereira chama a atenção do governo para o facto da companhia dos Tabacos não ter ainda atendido as reclamações do seu pessoal.

O sr. ministro das finanças declara que a companhia, tendo aumentado ha pouco os preços de algumas das suas marcas, impõe, para melhorar a situação dos seus empregados, que o governo reconheça a legitimidade desses aumentos. Porem, como esse reconhecimento é de certo modo complexo, será apresentada sobre o assunto uma proposta de lei, que já foi aprovada em conselho de ministros.

O sr. Lelo Portela, abordando a questão cambial, lembra que ha tempo fez do sr. ministro das finanças perguntas ao tocante ao assunto, não tendo a Camara querido então generalisar o debate.

Refere-se a origem da Agencia Financial do Brasil, dizendo que os serviços dessa entidade por uma questão de soberania, só podem ser geridos como um serviço publico pelo facto do contrato ter sido considerado prejudicial á economia nacional, por quanto outras bases poderiam ser estabelecidas com garantias para o paiz. Analisando depois as novas condições introduzidas no contracto, quando do recente concurso, declara que o faz no intuito de procurar saber qual a sua conveniencia.

O sr. Lelo Portela continua fazendo um ataque cerrado. Responde-lhe o sr. ministro das finanças, como na secção «Politica» dizemos, levantando grande celeuma. A sessão continua.

usado pelo Estado, Assim o poder executivo não tem atribuições para aliena-lo. Só o parlamento pode autorisar o governo a contrair qualquer emprestimo, determinado as respectivas condições. Nota que o contracto com a Agencia Financial foi denunciado pelo sr. ministro das finanças, mas não atinge as razões que a isso aconselharam.

O sr. ministro das finanças:—Eu respsderei a V. Ex.ª.

O orador continua, dizendo que decerto essa denuncia não foi feita

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria — Foram presos: Ilidio da Silva Marques, rua da Cruz, 95, por que sendo hospede de Luiza Ramos Folgado, rua Aliança Operaria, 94, se ausentou, furtando-lhe varios objectos e roupas no valor de 940 escudos; Duarte Antonio Pedro, calçada da Senhora de Sant'Ana, 3, Antonio Eduardo, Alto dos Sete Moinhos, 3, por na rua do Arco do Carvalhão com outros que se evadiram, terem assaltado com a intenção de os roubar Alberto Graça, rua dos Sete Moinhos, 22, Francisco Parreira, rua Victor Bastos, A. S. e Mario Zeferino, rua Marquez da Fronteira, 41, chegando ainda o primeiro a ser agredido, ficando ferido na cabeça.

O abastecimento de carvão

Carvoarias mandadas fechar

As providencias adotadas pelo sr. comissario dos abastecimentos, para que todas as carvoarias se forneçam de carvão, têem dado os resultados desejados.

Nos caes maritimos do Jardim do Tabaco e Alcantara e terrestre da estação do Rego, estão acomuladas grandes quantidades de carvão, tendo já hoje sido retomadas para 53 carvoarias cerca de 170 toneladas.

Muitas ainda lá ficaram contiuando a descarga de navios e fragatas que o transporta do Barreiro, onde tambem se encontra muito daquele combustivel que será imediatamente transportado para Lisboa.

Como se vé, não ha a falta de carvão que os carvoeiros e seus fornecedores fazem crer. O que havia era uma recusa em o vender por não auferirem os lucros fabulosos que já estavam habituados a cobrar e a que o sr. comissario dos abastecimentos pôz um dique, obrigando a adquiri-lo ou a encerrarem ás portas.

Por não estarem dispostos a cumprir essa resolução foram hoje encerradas as portas das seguintes carvoarias:

De Eladio Prieto, na Travessa do Forno, que não tinha aquele artigo, a de Vidal & Laje, da Rua do Arco do Marquez de Alegrete, 66, que alegou estar em obras, mas vendia vinho e lenha, e a de Vilar Munoz, da Rua Alves Correia, 134 e 136, que tinha grande quantidade de carvão, que se recusava a vender.

Estas deligencias têem sido efetuadas pelo 2.º sargento maquinista sr. Ventura, que tem sido incansavel no serviço a seu cargo.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3750 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 11 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 114, Rua da Atalaia, 116

Preço, 5 centavos

Linguagem ministerial

A atitude do sr. Cunha Leal, na sessão parlamentar de hontem, foi em tudo semelhante á que tem assumido sempre, quer como agitador, nos celebres comicios do Coliseu dos Recreios, quer como deputado da oposição, quer como jornalista, quer como conferente, quer como ministro, em reuniões como a da Sociedade de Geografia. E' sempre a mesma incontinencia de linguagem, a mesma desordenada expressão, em que o impulsivismo do temperamento se agrava com o caracter agressivo dos mais desvairados improperios. E esta nota da sua personalidade politica tornou-se de tal maneira absorvente que já ninguem espera do sr. Cunha Leal um argumento, uma razão, uma exposição clara e serena: o que se espera é um chorrilho de invectivas, para que não atende nem á missão em que se encontra investido, nem ao local em que essas invectivas jorram, como um fio de lava candente. Os seus admiradores, mesmo, não comentam os seus discursos, apontando a sua logica ou a sua verdade. A sua admiração só se traduz por esta frase: «O sr. Cunha Leal disse-as tezas!»

Semelhante cunho de violencia tem prejudicado se não perdido homens publicos cujos talentos e cujo prestigio teem sido bem maiores do que os do sr. Cunha Leal. O sr. João Franco creou a reputação dum fundibulario audacioso. A sua palavra era imperativa, o seu sobrecenho carregado. Adivinhava-se em cada uma das suas palavras o espirito da prepotencia. O sr. João Franco era teso. O resultado viu-se. Apezar da sua honestidade, que ninguem podia pôr em duvida, apesar dos seus conhecimentos e dos seus incontestaveis dotes parlamentares, o sr. João Franco caiu e caiu, em virtude precisamente do seu feitio autoritario, do ar ameaçador com que costumava expressar as suas opiniões e vontades. Tambem o cunho da violencia prejudicou o sr. Afonso Costa, e algumas das suas expressões como a do «gato de nove rabos» com que ameaçava os monarquicos e a da «filarmonica dos lagartos» com que denominou um partido da Republica que lhe era adverso, fizeram-lhe maior mal do que mesmo alguns dos seus actos mais energicos e severos.

Quando estes homens que, como estadistas o sr. Cunha Leal jamais igualará, tanto sofreram por incontinencias de linguagem, como é que o sr. ministro das finanças poderia eximir-se a ser alvo duma reprovação quasi unanime que tanto atinge os seus processos como estigmatisa as suas palavras?

Não sabe o sr. Cunha Leal que se é para desejar que um simples deputado se adapte a normas de correcção em todas as discussões em que intervenha, para que o parlamento, e o regimen e a propria nação que ele representa, mereçam respeito e consideração, muito maior obrigação tem um ministro de ser impecavelmente correcto? Ha situações que, se dão grandes direitos, tambem impõem maiores deveres. A situação ministerial é uma dessas. Quem se senta na bancada dos governante, não pode tomar atitudes de gladiador. Talvez a causa mais essencial das dificuldades que a Republica está encontrando para a paz social se ache precisamente na forma grosseira com que algumas creaturas irritaveis e de rudimentar educação a teem julgado servir, defendendo-a. Ha defezas contraproducentes. As de certas improvizadas tribunas, como as de certos improvisados jornalistas, não teem certamente contribuido pouco, com a sua violencia, com a sua grosseria, para crear um evidente mal estar numa sociedade em que, como em todas as sociedades, as luctas politicas são admissiveis, mas que, por já se encontrarem num determinado estado de civilisação, não suportam aquilo que fira a sua sensibilidade, de ano para ano mais afinada.

O sr. Cunha Leal fartou-se de ejacular insultos contra a imprensa. Bem sabe o sr. Cunha Leal que esses insultos nenhum valor teem. A imprensa, previamente porque é a imprensa, sabe bem que muitas vezes tem de desagradar aos poderosos.

Eles não a poupam? São os ossos do oficio. Mas nem porisso a imprensa se resignará a ser cumplice do sr. Cunha Leal, nem por isso ela desaparecerá, como seria desejo de todos os tiranetes que mal se encontram no poder esquecem todas as suas afirmações de liberdade. A imprensa continuará a sua missão, e o sr. Cunha Leal é que ha de desaparecer do governo, para cujo exercicio não deu senão provas absolutamente negativas.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Soror Mariana

Abrindo e folheando o *Infeliz*, parei na pag. 29.

Diz-se ali que as cartas que escrevi ao sr. dr. Alfredo da Cunha, quando eramos namorados, podiam em paixão, rivalizar com as de Soror Mariana Alcoforado.

Foi, talvez, para lhes dar a mesma celebridade que tiveram as dessa desditosa monja, que os autores (?) do *Infeliz bem contra sua vontade*, como êles dizem (quem os obrigaria?) as trouxeram para publico, fazendo já três edições da obra.

Soror Mariana, esse pobre freira, que muito sofreu porque muito amou, reconheceu, como eu, um pouco tarde, que aquêle a quem dedicára o seu afecto, lho não merecia.

As suas cartas arrebatadoras de paixão, deu ela, porém, como desmentido, a ultima que escreveu ao cavaleiro De Chamilly e da qual recorto uns trechos que podiam servir como tendo sido escritas por mim ao sr. dr. Alfredo da Cunha, tão bem êles definem o que eu, desiludida, pensei do mesmo senhor.

«Escrevo-lhe pela ultima vez (diz a celebre freira) e espero fazer-lhe perceber, na diferença dos termos e na maneira desta carta, que logrou convencer-me, finalmente, de que não me amava já, e que assim, tambem, devo deixar de o amar».

«Vi que me era menos caro do que a minha paixão, e tive magoas desconformes em combatê-lo, depois ainda que os ruins procedimentos do senhor o tornaram para mim odioso».

«Sabia que me convenço de que é indigno de todos os meus sentimentos, e que agora conheço todas as suas ruins qualidades».

«O seu procedimento não é dum homem de bem».

«Ter-se-ia até resolvido a amar-me, se tivesse precisado disso!...»

Mas reconheceu bem que podia vencer esta empreza, sem paixão, e que não tinha necessidade dela.

Que perfidia!»

Aqui está como Soror Marianna Alcoforado, avaliando melhor o homem que lhe inspirára as suas cartas de amor, hoje tão divulgadas não só em Portugal como no estrangeiro, lhe escreveu por fim. Vendo quanto ele era indigno do sentimento que lhas ditára, recalcou-o no coração do modo tal que, tendo amado muito o cavaleiro De Chamilly, passou a odiá-lo muito mais.

E Mariana Alcoforado era, por acaso, uma doida?

—Não! Doida seria ela, amando quem a desprezava e conservando-se fiel a um afecto que lhe não merecia.

A freira de Beja, a quem o hábito monástico não dera o desprendimento das cousas terrestres, nunca foi considerada uma louca; e, todavia, há nas suas cartas frases que poderiam ter servido, se ela fosse nossa contemporanea, a certos alienistas e determinados médicos, para a darem como tal.

Mas digam esses sábios o que disserem, o amor é hoje o que foi em todos os tempos: nivela todas as desigualdades; governa sem lei; não conhece limites; e o sacrificio é a maior prova que dele se pode dar.

O amor, cantado em mil modos por todos os poetas do mundo inteiro; o amor, que tem servido de tema aos principaes escritores do Universo para as suas melhores obras; o amor, como criança travessa, não se importa com o que dizem os alienistas, nem certos médicos, nem mesmo certos literatos e depois de lhes fazer uma das suas diabruras, ri-se deles e continua atirando as suas setas, sem olhar a idades, nem a jerarquias.

Do amor, desse «enfant de Bohême qui ne connait ni pays ni lois» disse um escritor francez, cujo nome não fixei: «A diferença existente entre o ultimo e o primeiro, é em nos parecer que o primeiro é o ultimo, quando, afinal, o ultimo é o primeiro».

Maria Adelaide

EM REDOR DUM CONTRATO...

O sr. Cunha Leal na oposição O sr. Cunha Leal ministro

Atitudes completamente opostas — O espantalho do emprestimo

Diz o *Times* que a situação de Portugal é dificil e aconselha os financeiros seus compatriotas a auxiliarem-nos, abrindo-nos credito e fazendo-nos fornecimentos, de modo a conjurar a grave crise que Portugal está atravessando.

E' uma boa disposição a que n'estas palavras do grande orgão inglez se revela e convem fixar o que ele diz, para que todo o publico o fique sabendo. Mas ha a acrescentar que o que o jornal londrino n'este momento aconselha já o governo Granjo o conseguira.

Fique-o sabendo o paiz, fiquem-no sabendo todos os que pagam, o grande publico, n'uma palavra.

Pois que outra coisa era senão conseguir um auxilio importante da finança ingleza o ter obtido d'uma das mais importantes casas da praça de Londres, a casa Dreyfus, o contrato dos trigos, pagando um terço em ouro, e, ainda mais, com o carregamento já no Tejo?

Pois foi esse contrato que o sr. Cunha Leal, deputado da oposição, combateu *à outrance*, achando-o ruinoso e chegando a proferir a palavra imoralidade.

Dois mezes depois vê-se a nenhuma razão que ao fogoso deputado assistia. Mas é que o sr. Cunha Leal, na oposição, tinha já os seus propositos.

Hontem, afirmou ele, no parlamento, que se tem visto embaraçado para pagar os encargos do Estado que teem de ser satisfeitos em ouro e que não sabe como hade pagar os que se vencem brevemente.

Pondo de parte a violencia e a incorrecção dos termos de que se serviu, veiu declarar afinal que se têm visto em embaraços, exactamente o mesmo que sucedeu aos seus antecessores, nenhum dos quaes foi para o parlamento ou para a praça publica especular com o caso.

Afirmou tambem o sr. Cunha Leal que este governo não fez contrato algum para a compra de trigos e que manteve os contratos que encontrou já feitos. Que novidade!

Os que já estavam feitos, ou antes o sistema para a compra de trigos que estava sendo usado até á subida do ministerio Granjo ao poder era absolutamente irregular e dele se aproveitaram e aproveitavam diversos especuladores, desde a casa Torlades até á Portuguese Import, uma casa nova que tem vivido sempre das suas boas relações com as secretarias de Estado. As compras de trigo, feitas por preços elevadissimos, á ultima hora, pelo processo dos carregamentos fluctuantes e outros, trouxeram para o Estado prejuizos de milhares de contos, de que se aproveitaram pessôas cujos nomes ainda havemos de publicar.

Foi exactamente para pôr cobro a essa especulação e a essa imoralidade que o governo Antonio Granjo assinou um contrato pelo qual adquiriamos o trigo ao preço do mercado, posto no Tejo com a comissão apenas de 1,5 %, sendo paga apenas uma terça parte em ouro e as duas restantes em bilhetes do tesouro, renováveis no praso de seis mezes, dadas certas e determinadas condições, e não vencendo juro — note-se bem — nos primeiros seis mezes.

Na oposição, o sr. Cunha Leal condenou esse contrato, por ter sido feito fóra do parlamento, ele que, agora, como ministro das finanças, reclama para as operações que planeia silencio no parlamento, para que se não saiba o que pretende fazer, e repressão cá fóra para quem se atreva a discutil-as.

Afirmou o sr. Cunha Leal—desta vez com graça—que se estivesse em vigor o contrato firmado pelo governo Granjo não sabia como havia de fazer os pagamentos estipulados.

E, agora, sabe? Pois se declara que é duma grande impossibilidade pagar a terça parte, acha facil pagar tudo duma só vez?

Não ha duvida que o sr. Cunha Leal é dum inteligencia privilegiada, não admirando por isso que arrastasse na sua orbita o sr. dr. Alvaro de Castro e o sr. Domingos Pereira.

Tambem hontem o sr. Cunha Leal, no meio das suas inflamadas objurgatorias, lançou a afirmação de ter preparado um emprestimo externo. E' a segunda vez que ele recorre a esse meio. A primeira foi antes das ferias parlamentares, n'uma sessão um tanto ou quanto tumultuosa. Entendeu o sr. Cunha Leal que anunciando esse emprestimo conjurava a crise que estava sobre ele iminente.

Pois quer-nos parecer que o *truc* falhou mais outra vez!

A requisição de trigos

Uma carta do sr. Silva Neto

Do sr. Joaquim da Silva Neto recebemos a seguinte carta:

Sr. director de «A Capital».—Em agosto p. p., dirigi-me por carta á Manutenção Militar, propondo fornecêr-lhe algumas dezenas de wagons de trigo nacional ao preço da tabela, Esc. $36, acrescido das despezas do caminho de ferro, sacaria, transporte etc. etc., se aquele estabelecimento me fornecesse as competentes guias de transito, passadas pela Direção Geral do Comercio Agricola. Aceitou a Manutenção a proposta, desde que o trigo, com todas os despezas, lhe ficasse dentro da fabrica por 40 centavos; e pediram-me os nomes dos productores do referido trigo.

Passaram-se as guias, e munido delas e de uma Credencial passada em 26 do referido mês, pelo conselho geral daquele estabelecimento, e visada pelo sr. governador civil de Lisboa, parti para Beja em setembro, a apresentar as ditas guias, ao sr. governador civil de Beja. S. ex.ª, visou imediatamente setenta guias referentes a setenta wagons do concelho de Ferreira do Alemtejo, e deixou as outras em seu poder, para ocasião mais oportuna.

A gréve ferro-viaria, e a instabilidade do ministerio Granjo, foram as causas do adiamento do cumprimento de taes guias, pois que, com a mudança de ministerio, as coisas tambem mudaram: Ha uma lei da autoria do actual sr. ministro da agricultura, isto é, decreto, que ao mesmo tempo que estabelecia o preço para o trigo de 36 centavos, ordenava que todos os trigos ficassem mobilisados por conta do Estado, ficando proibido negociar em trigo. Sendo assim, e porque assim o compreendi eu não podia ser comprador nem vendedor de trigo, mas era um representante legal da Manutenção Militar para assistir ás pezagens, remesses e dar todas as indicações necessarias, etc., conforme á sua credencial.

Acontece porém que o trigo devido a uma ganancia desmedida subiu a ponto de que quando fui só para receber o trigo aqueles que pela lei eram fieis depositarios dele, e sabendo que haviam sido passadas as guias de transito, recusaram-se a entregalo, alegando mil e uma desculpas, dizendo que o trigo não era para a Manutenção etc. Foi então que me dirigi ao sr. ministro da agricultura, actual, no proprio dia da sua posse, a quem contei o sucedido.

S. ex.ª, imediatamente aprazou uma reunião do sr. comissario, director da Manutenção, e eu afim de se vêr o «modus fáciendi» de se efectivar a vinda do trigo.

Assentou-se em que fosse ao Alemtejo uma missão militar e que eu a acompanhasse. Partimos para Beja e Ferreira, sendo o chefe dessa missão o Ex.mo sr. capitão Salgueiro.

Tudo corria bem, e é bom notar aqui que por parte dos verdadeiros productores não havia agora relutancia alguma em entregar as disponibilidades do seu trigo. Quando porém, o sr. capitão se apresentou em Ferreira do Alentejo ao sr. administrador substituto, productor e moageiro da comarca, este se recusou a reconhecer a referida comissão. Viu aquela autoridade as credenciaes dos tres oficiaes e se não viu a minha foi porque não quiz.

Passava-se isto á noite em Ferreira, e no dia seguinte veiu a mesma autoridade para Lisboa, acompanhada de outras pessoas, a tratar deste assunto. Estou a vêr, sr. director, que o alvo para tal conseguirem, isto é, sustar a missão, foi talvez a minha pessoa.

Não sei o que conseguiram, o que sei é que dias depois recebiamos telegrama do comissariado mandando vir a comissão a Lisboa. Aqui informaram-me que o sr. director da Manutenção Militar tinha declarado que se desinteressava do referido trigo.

Nestas circunstancias estava terminada a minha missão junto da missão militar. Dá-se, porém, que o sr. comissario, que não tem só a seu cargo o abastecimento da Manutenção, mas sim o de todo o paiz, não quiz deixar de aproveitar e requisitar ele directamente, os mesmos trigos, e então desta segunda vez partiu a mesma missão, *mas sem mim*, a efectivar as principiadas requisições. E' de notar que chamamos a isto requisições, mas no sentido vulgar, pois que esses trigos se acham em poder dos seus possuidores, mas como fieis depositarios.

Para provar que assim é, e para minha salva-guarda fiz assinar pelos possuidores de trigo, uma declaração, das quaes, ao acaso, transcrevo uma:

N.º 48 Declaração

Eu abaixo assinado, José Diogo Rosa Branco, proprietario, residente em Monte do Vinagre, declaro sob minha honra ter em meu poder e ser fiel depositario, para serem entregues á Manutenção Militar, 97.900 litros de trigo, que entregarei logo que me sejam requisitados.

Ferreira do Alemtejo, 7 de outubro de 1920.

(O declarante)

José Diogo Rosa Branco

Agora, sr. director, a razão de toda esta celeuma, é o facto dos detentores de trigos do Alemtejo e moageiros locaes pretenderam ficar com o trigo que foram adquirir á sombra do decreto por 36 centavos e farina-lo, vendendo-o, como já estão a vender a farinha em rama a 75 e a 80 centavos, ou seja um lucro pelo menos do dôbro.

Uma nova comissão voltou a pedir ao sr. Comissario, desta vez, a substituição do sr. capitão Salgueiro, e é claro esta-se a vêr qual poderia ser o fim de tal pedido, pois que sendo ele substituido por outro oficial, lógo a esse surgiriam as maiores dificuldades, para cumprimento integral de tal missão, porque carecia dos elementos o que ao sr. Salgueiro fôram facultados por parte de entidades extra oficiais.

O que os bons patriotas daqueles lados não dizem é que dos concelhos de Beja, Mertola, Ferreira, Serpa e Moura, podem vir para a economia nacional mais de 500 wagons de trigo, sem ali fazerem falta, e eu posso afirmar que se o ex.mo sr. Comissario dos Abastecimentos, persistir e mantiver os poderes aquela Missão Militar, e nomeiar outras para os distritos de Portalegre e Evora poderiam arranjar nestes ultimos outro tanto, o que, somado, daria a bonita conta de mais de 1.000 wagons de trigo, que deixariam de se pagar em ouro, e assim suavisariam um pouco as amarguras por que estamos passando nesta terrivel crise.

Lisboa, 10 de Janereiro de 1921.

Joaquim da Silva Netto.

Parece á primeira vista, que as explicações do sr. Silva Neto esclareceram o assunto. O nosso ponto de vista é, porem, o seguinte: Porque motivo é que duma comissão oficial e por oficiaes do exercito constituida fazia parte um negociante de cereaes?

O sr. Silva Neto fôra quem comprara o trigo para a Manutenção. Muito bem. Entregava a lista dos detentores desse cereal a comissão, a qual dos trigos tomava posse. Nada mais simples e mais facil.

Julgamento do alferes Ribeiro dos Santos

Realisa-se brevemente em Santarem o julgamento do alferes Antonio Ribeiro dos Santos, que, a quando da revolta de Santarem, foi acusado de ter morto á traição o alferes Joaquim José de Melo Ferreira de Aguiar.

Tendo-se o fôro militar considerado incompetente para o julgamento, foi o processo remetido á comarca de Santarem.

A justiça militar invocou para justificar a sua incompetencia juridica o facto do acusado já não ser militar á data do crime de que é arguido. A acusação particular está a cargo do conhecido advogado sr. dr. José d'Arruela e a defeza será representada, ao que consta, pelo actual ministro da guerra, sr. dr. Alvaro de Castro, chefe militar da revolta de Santarem.

O sr. Cunha Leal e os bancos

O sr. Cunha Leal diz que a atitude da imprensa que lhe é contraria deriva d'ele ter exigido dos bancos o reembolso das quantias que deviam ao Estado.

Ora a verdade é que os governos anteriores ao do sr. Cunha Leal tinham, uns, feito emprestimos a alguns bancos, outros depositado em outros bancos importancias em ouro. O governo portuguez não fez mais do que os governos estrangeiros, auxiliando os estabelecimentos bancarios, o que não é motivo nem para extranhezas, nem para reparos.

O sr. Cunha Leal entendeu dever levantar esses depositos e pedir o reembolso das quantias emprestadas. Todos os bancos, com excepção d'um só, imediatamente entregaram o dinheiro que ou tinham recebido como emprestimo, ou que n'eles estava depositado.

Como póde, pois, o sr. Cunha Leal vir afirmar que foi por exigir esse reembolso que se levantaram más vontades contra ele? Quem o autorisa a poder dizer que a imprensa se manifesta contra ele por esse motivo?

Decididamente, ao subir ao poder, o sr. Cunha Leal perdeu a noção de simples operações comerciaes, de operações que são frequentes entre particulares, quanto mais com o Estado.

LITERATURA FRANCESA

Pierre Alin — LE JOURNAL DE CÉSAR

(Albin Michel, ed. Paris)

Charles Derennes — VIE DE GRILLON

(Albin Michel, ed. Paris)

Pierre Alin procura contar no seu «Journal de César», o diario de um espirito simples atravez da infancia, da puberdade, da juventude e da maioridade.

Não o fez para ser lido nem para que se lhe erga uma estatua que o perpetue... Conta-o, escreve-o... para si proprio. Não se percebe, pois, para que o publica.

O seu Cesar, heroe que escreve a autobiografia, é o sobrinho dum tio banal como o sobrinho, que, este, além disso é extremamente pretencioso. A sua biografia é forçosamente uma pedantaria. De facto, tal sucede, como estilo que quer ter simplicidade com o uso de logares comuns e que não faz senão mostrar enorme afectação, e como orientação que é absolutamente antipatica pelas intenções que pretende.

Cesar imagina-se um bom poeta e é um poeta medíocre: descreve as paisagens sem o minimo encanto, revela sentimentos duma banalidade chocante. Ensopa a sua sensibilidade em azedissimo septicismo, prefere os espelhos aos amigos porque a sinceridade destes nunca egualará a daqueles... E' um cinico... literario, á maneira do nosso Forjaz de Sampaio das «Palavras Cinicas». Além disso tem tambem o mau gosto de não suprimir pormenores dum realismo «dégoûtant»...

Não passa de um Bruto este Cesar a quem os companheiros de colegio chamavam Julio Cesar.

Aos doze anos teve a primeira emoção sensual: uma inglezinha que viajava com duas irmãs e que foi sua companheira de viagem no comboio; a proposito dele disse para as irmãs: «He is a dear»... e á passagem no tunel deixou-lhe caír nos joelhos... dois aveludados pecegos...!

E Cesar veio a pensar nisso todo o resto da sua vida e todas as suas emoções dessa especie ficaram áquem dados pecegos.

E' a narração de episodios desta ordem, sem a menor intriga, o que constitue o romance, que se lê por piedade... Sou talvez rude na minha apreciação... Mas Cesar diz que não gosta de indulgencia.

Uma impressão totalmente oposta me ficou da leitura da «Vie de Grillon». E' um titulo que deixa supor um pouco de literatura escrita á sombra da «Vie des Abeilles; é um livro que, á primeira vista, folheadas as primeiras paginas, nos dá a ideia de um moderno Michelet...

E afinal o ponto de vista é absolutamente inedito. E' um poema que Charles Derennes compoz debruçado sobre os campos, inspirando-se no romance da vida dos grilos, os seus amigos de seis patas...

E' a mais simples e a mais grave das poesias.

E' uma nova escola poetica esta que já não fala do homem e dos seus sentimentos. Será tambem e por isso mesmo, a mais duradoira de todas.

No mundo dos ortopteros, o ralo representa a anarquia réles e mal orientada; o gafanhoto uma aristocracia aerea, vagabunda e fantasista; a «louva-a-Deus» o militarismo sanguinario; o grilo é o burguez, trabalhador e ao mesmo tempo preguiçoso, não podendo nem saltar muito alto nem meter-se muito profundamente na terra.

O grilo atravez da sua passagem pela existencia—dez a onze mezes!—vive trez vidas, trez seres, trez personalidades diferentes: grilo irrequieto e vagabundo, grilo proprietario e tranquilo, grilo aventureiro, amorôso e poeta...

Durante a primeira faz a sua aprendizagem do universo, de cuja sorte com que foi conduzida se decedirá o seu futuro; se ela é bôa o grilo tem direito á «vida» calma e recolhida, laboriosa e afortunada. Se percorre com egual felicidade este segundo estadio vital, em que os perigos são atenuados mas existem apesar de tudo, obterá com pleno direito a melhor das recompensas: o «amôr»...

Quanto á «morte» não é mais do que o belo desenlace de uma carreira bem conduzida, uma brilhante coroação... Vem na sua hora, sem surpreza, e o grilo aceita-a com resignação, quasi religiosamente...

O grilo nasce de um ovo parecido com um grão de alpista, que a femea pôs em numero de duzentos a trezentos. Ela sabe que os seus filhos nos primeiros tempos de vida não sabem procurar ou fazer abrigos; porisso realisa a postura num sitio em que haja sombra e quietação, num monte de folhas mortas ou num bosquesinho onde ela vae ainda que seja um pouco distante.

Um mez ou mez e meio dura a incubação do ovo. E' em principios de Setembro que este estála e o pequeno grilo nasce; e só mez e meio a dois mezes depois toma a aparencia e o tamanho defenitivos.

O grilo é um animal prudente, docil e duma sensibilidade extraordinaria. Os seus olhos com facetas e as antenas, microscopicamente estudados, permitem imaginar para ele uma esfera de sensações tão verosimilmente feericas que nos devemos envergonhar de ser humanos!

O seu olfacto é apuradissimo e dum fino gosto. Oferecidas diversas iguarias, um pouco de assucar embebido em cognac, uma migalha de pão, uma gota de café, um bocadinho de trevo e emfim uma apetitosa folha de alface, cheira todas e não hesita na escolha, não faz como o burro de Buridan... E' um camponez que tem as suas inclinações para os productos, mesmo nocivos, da civilisação humana e começa pelo café ou pelo assucar alcoolisado...

Se aproximarmos da sua gaiola flores de perfumes intensos ele fica estonteado, corre aflito de um lado para outro, desejoso que lhe abram a porta para tomar ar fresco... Se um camarada de gaiola morre e está para apodrecer come-lhe as visceras putresciveis para que o cheiro não o perturbe... E se essa defeza lhe fôr vedada reproduz a scena feita com as flôres.

Nada se sabe de positivo sobre a agudeza dos seus dotes acusticos. Sabe-se que ouve não tendo orelhas, saboreia não tendo lingua e a ausencia de nariz não o impede de ter um delicado olfacto.

A subtileza da sua perceptividade tactil é sabida. Os garotos conhecem-na bem quando os caçam com uma palhinha. Mesmo burguez e obeso ele continua, neste ponto de vista, o mesmo nervoso, o hiperestesiado.

O grilo, entre os insectos, é um individualista por excelencia. Não tem a mãe que lhe pique a casca do ovo e o instrua na arte de procurar os alimentos e de escolher os abrigos; não tem a «nurse» que lhe ministre os primeiros cuidados; não quer relações de amizade com os seus semelhantes.

Tem batalhas encarniçadas com uma legião de inimigos: as formigas, a «louva-a-Deus», a aranha do campo, o lagarto, o sapo. Constróe a sua morada com o tacto de um arquiteto «doublé» de mineralogista e de astronomo. Procura terreno seco e uma exposição ao sol. Nunca a considera acabada antes a aperfeiçoa a todos os momentos.

Instalado numa gaiola em que é facil simular um pequeno campo adapta-se perfeitamente a essa vida e tem a consciencia de que está em segurança. Nenhuma timidez nos seus passeios, nenhuma desconfiança durante as suas refeições. E tenha sido capturado em novo em adulto ou no fim dos seus dias, conhece as mãos do creador e deixa-se apanhar por elas com o desprendimento com que se deixaria arrastar por um golpe de vento. O grilo tem uma grande disposição para se civilisar!

O seu canto, sobre o qual Charles Derennes poucas novidades pode dar, não é só um instrumento de sedução, uma serenata d'amor... E' um ornamento sonoro dos machos que constitue um prazer para si proprio. O grilo gosta de cantar e é infinitamente mais desinteressado no canto que os nossos poetas... O seu canto é a expressão duma euphoria maravilhosa, uma expansão... Ele canta como come ou como anda...

Os grilos, macho e femea, não se juram fidelidade. Não é logo á primeira vez que se juntam que a femea fica em estado de ser mãe... Mas na vez em que tem consciencia de que isso sucede ela mata implacavelmente o marido... Ela matao, sem odio, antes por compaixão para que se não prolongue a sua inutilidade longe dela, a sua agonia lenta... E se ele resiste ... come-o a pouco e pouco.

Separados logo depois do casamento e de realisada a postura, passadas umas horas vê-se que repentinamente se imobilisam, seja noite ou dia, faça sol ou apenas haja a luz duma lampada... Ele agacha-se a pouco e pouco sobre as

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

THEATRO DA TRINDADE. — Noite do Calvario, *4 actos de Marcelino Mesquita*

Peça

E' absolutamente frouxa, sem ideias, do pior do Marcelino Mesquita. No 1.º acto acaba-se de jantar e o dono da casa é prevenido por um creado velho de que a mulher o engana. No 2.º esse marido, tira uma pistola da gaveta e despede-se da filha, que descobrindo que se vae passar alguma coisa, grita pela mãe. No 3.º, ainda no mesmo local; vem a adultera e vem o marido que afirma ter matado o amante. Vem o comissario de policia, ele vae preso e a mulher cae sem sentidos. No 4.º acto algumas pessoas chics discutem o caso opinando coisas varias como em artigo de ideias e literario—os unicos trechos da peça aproveitaveis,—o passo o rapaz dos jornaes anunciando a absolvição do assassino.

Não ha mais nada lá dentro da peça que teve oportunidade por ocasião do crime da mãe d'agua e agora se foi buscar talvez em alusão a um julgamento do identico caso. Mas que frialdade, que «vazio» dentro da peça... só aquilo, tão frouxo nos seus actos curtos em dialogos.

Emfim, até que surja o... «Thermidor».

Desempenho

Lamentavel. Houve em «blague» quem dissesse que «emfim tinha visto representar pior do que no Nacional». Salvaram-se Carlos Santos muito bem, alguma frescura de Isilda de Vasconcelos e a discreção de sena.

Emilia de Oliveira não atingiu grandiosidade tragica no papel, dando a impressão de que não o sabia. Caiu abruptamente de costas sem sentidos e o que é para aplaudir tanto mais que o trabalho é feito... sem rede.

Zarco da camara estreou-se, e esperamos outra peça para podermos perceber melhor as suas qualidades e vêr desaparecidas as suas inexperiencias. O papel do hontem era cheio de «nuances» que o jovem artista não chegou a dar e violento de mais para um «recemnascido» em Teatro. Esperemos.

Duarte, Ablas, Alagôa e todos mais pouco ajudaram.

O lementavel foi a empreza ter naturalmente imposto a ida de peça sem os ensaios terem terminado. Tudo desligado, sem vivacidade, apezar da boa vontade e estimulo inconscientes de Carlos Santos... uma lástima. Frio, muito frio de arrepiar.

Scenarios

O 1.º acto conhecido embora disfarçado. A «mise-en-scene» muito cuidada mas resentindo-se da frialdade geral.

Quente só a cloque.

Armando Ferreira.

PRIMEIRAS EXHIBIÇÕES

Os fidalgos da casa Mourisca, *no Salão Cinema Condes:*

Foi realmente uma agradavel surpreza o *film Fidalgos da Casa Mourisca* do lindo romance de Julio Diniz. E nós que já tivemos ocasião de avaliar a *Invicta Film* na *Rosa do Adro*, que falamos nessa ocasião do valor dos nossos artistas no cinema, só temos de confirmar e acentuar essa opinião, plenamente orgulhados com o *Film*, com a sua parte artistica e tecnica, e com Antonia Pinheiro, Erico Braga, Etelvina Serra, todos que tão perfeitamente deram vida ás personagens do romance de Julio Diniz, trabalho completo, trabalho perfeitissimo que vindo da estranja nos lançaria em admirativas exclamações, é entre nós um titulo de satisfação e vaidade nacional.

A' empreza do Condes os nossos mais vivos agradecimentos e felicitações a todos que puzeram em *pelicula* uma obra tão portugueza.

Medalhões

Silvestre Alegrim

E' uma cara alegre, uma boca larga que sabe rir e fazer rir.

O publico tem nele presentemente um dos seus melhores comicos e festeja-lo-ha como merece na «Madrinha de Charley» do repertorio do saudoso Vale e que os nossos mais velhos julgavam para sempre no arquivo dos peças mortas.

Noticiario

Reaparição de Brazão

E' hoje no Nacional que reaparece Eduardo Brazão após a sua chegada do Brazil. Com ele tambem voltam a fazer-se ouvir naquele teatro Ilda Stichini, Tomaz Vieira e Robles Monteiro.

A peça é o «Amigo Fritz» e os aplausos serão certos. A novidade da noite é Ilda no papel de Rosa Damasceno. E vae bem, muito graciosa, podemos desde já afirmar:

Avelino de Sousa

Saiu no sabado passado do hospital de Santa Maria, recolhendo a sua casa, onde continua em tratamento, este aplaudido escritor teatral, ha pouco regressado do Brazil.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

Em ensaios

No Trindade antes do «Thermidor» far-se-ha «reprise» do «Ilustre desconhecido» (Danseur Inconnu), de Tristan Bernard.

Reclames

Estreia de Maria Barrientos em S. Carlos

Em 2.ª recita de assinatura extraordinaria realisa-se amanhã a estreia da grande celebridade mundial a grande artista Maria Barrientos, o que representa um grande acontecimento no nosso teatro de S. Carlos. Canta-se a «Lucia» sendo os outros interpretes o notavel tenor Ceniselli que se estreia e que vem de Madrid, onde obteve colorosos sucessos nesta epoca, no «Mefistofeles» e em outras operas e que é considerado um dos melhores interpretes d'esta opera; o barytono Molinari que tantos agradou despertou no «Fausto» e baixo Carmassi.

Dirige a opera o distincto maestro Pedro Bianch.

Hoje é a 10.ª recita de assinatura ordinaria com a «Manon».

● Foi um grande exito no Politeama, a «reprise» hontem da lindissima peça de Nicodini «O Grão de Amor», trabalho notabilissimo da gouem e gentil actriz Aura Abranches. Na peça tomou tambem parte a insigne artista Adelina Abranches, com quem se repartiram os aplausos estrondosos que em todos os finaes d'acto se ouviram. «O Grande Amor» repete-se hoje.

Em ensaios para a festa do talentoso actor Sacramento continua «A Caminho do Sol», tradução de Mario Duarte e Alberto Moraes, encenada pela ilustre actriz Lucinda Simões.

Pelo Porto

Noticias ineditas

● Intitula-se «Poveiros» a opereta original de Henrique Roldão que substituirá no cartaz a fantazia «Porto, tantos de tal...»

● Ainda na presente epoca d'inverno o Aguia d'Ouro fará a «reprise» da sucesso revista «O 31» com nova montagem scenica e novo guarda-roupa.

● A revista «Torre de Marfim» que sobe á scena no Olimpia depois do Carnaval é original de Alvaro Machado e Antonio Torres, sendo a muzica dos maestros Alves Coelho e Bernardo Ferreira.

● A conhecida casa editora de *films* «Invicta» já iniciou os seus trabalhos para a confeção da fita de grande espetaculo bazeada sobre o imortal romance de Camilo «Amor de Perdição».

seis patas até tocar o solo com a ponta do focinho e a ponta do abdomen e assim, docemente, morre na mesma posição da vida...

Alguns segundos antes, o grilo vivia, cantava ainda, gosava o ar e a luz, saboreava o mundo...

Que lirismo ingenuo e despretencioso impregna as paginas deste estado! Nada de presunções scientificas ou literarias... Foram a experiencia de vinte e tres anos de trabalho, o carinho de vinte e tres anos de convivencia com esses amigos cantadores e a alma extremamente sensivel de um poeta que ditaram esta «Vie de Grillon»: Ah! ceci n'est que l'histoire tout nue d'un insecte qui m'amuse et que j'aime».

Deixo aqui estas notas que apenas pretendem chamar o interesse para um livro encantador. Não toco as interpretações filosoficas nem os conceitos sociologicos que o autor tirou do estado que fez. Umas verdades ensinaram-lhe outras verdades... A verdade aparece mais clara e mais inteligivel quando voltamos os olhos para as coisas minimas...

Assim escreveu Jules Cesar Soa liger e ahi se inspirou Charles Derennes.

Ruy de Veras

Salão Central

Rugido na sombra

O primeiro episodio desta esplendorosa pelicula, intitulado «Um grito nas trevas, não só chamou ao Salão Central uma desusada concorrencia, como despertou o mais vivo entusiasmo.

Aspectos surprehendentes, scenas emocionantes, passagens cheias de interesso, scenas de verdadeira novidade e intrepidez e um desempenho impecavel por parte dos seus dois primeiros interpretes, a formosa actriz Neva Gerber e o distinto actor Ben Wilson.

Amanhã, 4.ª feira, estreia na matinée do segundo episodio, cujo sugestivo titulo «A virgem da morte», já começa a despertar a curiosidade dos apreciadores das boas obras de arte.

VIDA SPORTIVA

A creação de um organismo federativo

Na reunião de hontem, a convite de «Os Sports», fizeram-se representar 36 clubs do paiz

Iniciaram-se hontem nas salas de *A Capital*, os trabalhos da assembléa dos representantes de clubs sportivos do paiz, a convite do bi-semanario *Os Sports*, afim de se constituir um organismo federativo e procurar crear a federação de cada sport. A sessão foi aberta pelo nosso colega Campos junior, que expôs os fins que *Os Sports* tem em vista e deu conta do mandato que a reunião anterior, efectuada no dia 27 de Dezembro, lhe conferira, convidando em seguida para presidir aos trabalhos o sr. Alexandre Correia Leal, do Internacional, que por sua vez convidou para secretarios os srs. Bulhão d'Oliveira, representante do Victoria, de Setubal, e Alexandre Cal, do Foot-Ball Club do Porto. Foi aberta a sessão pelas 21,30 horas sendo a pista á discussão a seguinte proposta do sr. Ribeiro dos Reis.

«Proponho que o jornal *Os Sports* tome a iniciativa duma reunião de todos os clubs desportivos, afim de se decidir sobre a criação dums plataforma que permita o ingresso de todos os clubs dentro da Federação Portugueza do Sports, ou com o fim de iniciar á mesma Federação a necessidade de dar por findo a sua existencia por não estar ela de acordo com o modo de sentir geral, justificando a necessidade da creação dum novo organismo federativo».

Usaram da palavra os srs. Alvaro Gaia, pela F. P. S., Djalmo Bastos, Soares Junior, Ribeiro dos Reis e outros representantes de Clubs, tendo, devido ao adeantado da hora, sido suspensa a sessão para continuar hoje pelas 21 horas, em ponto.

O exito da assembléa — podemos dizel-o — está no numero de representantes de clubs que compareceram, não só de Lisboa como do Porto, provincias e arredores. Estamos certos que hoje se deve chegar a uma conclusão, e essa, segundo o espirito da assembléa, será a F. P. S., dar por finda a sua existencia creando-se um novo organismo federativo onde ingressem todos os clubs.

Os clubs representados foram os seguintes:

Royal Foot-Ball Club, Sport Bom Sucesso, União Velocipedica Portugueza, Ateneu Comercial de Lisboa, Sport Club, Escolar Bombarrense, Luzitano Club Ciclista, Sociedade Hipica Portugueza; União Foot-Ball de Lisboa, Sporting Club Portugal, Club Foot-Ball «Os Belenenses», Club Sport Nuno Alves do Porto, Club Escola Nautico; Sport Cruz Quebrada, Grupo d'Armas e Sport, «Comité» Regional do Norte, Federação Portugueza de Sport, Vitoria F. B. Club, Federação Nacional de Remo, Associação Naval de Lisboa, Cintra Foot-Ball Club, Club Sporting de Pedrouços, Algés Dafundo, Club de Oeiras, Boxing Club de Portugal, do Porto; Portugal Foot-Ball Club, do Porto; Portugal Foot-Ball Club, Sala Antonio Vilas, Lisbon Gymnasio Club, Club 31 de Janeiro, Sport Lisboa Bemfica, Yockey Club de Portugal, Club Internacional de Foot-Ball, Foot-Ball de Carcavelinhos, Imperio Club, Central Sport Lisboa e Club Naval de Lisboa e Casa Pia Atletico Club.

Mandaram ainda adhesão, não podendo, contudo fazerem-se representar, o União Foot-Ball de Coimbra, Miranela Foo-Ball Club, Associação Naval 1.º de Maio, Automovel Club de Portugal, Centro Nacional de Esgrima e Sport Comercio e Salgueiros do Porto.

Foram tambem recebidos na redacção de *Os Sports* varios telegramas saudando esse jornal pela sua iniciativa.

MUSICA

O Concerto Blanch de domingo

Pode-se afiançar que em cada domingo são melhores, mais interessantes e melhor organisados os programas confeccionados pelo maestro Pedro Blanch para os concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza». O que se realisa no proximo domingo no teatro São Luiz é assombroso.

Em 1.ª audição a Orquestra Blanch executa a extraordinaria obra de Barodine, «Dansas guerreiras do Principe Igor», e pela unica vez a famosa «Sinfonia Pastoral», de Beethoven, o poema sinfonico de Liszt, «Lamento» e «triunfo de tasso», os «Murmurios da Floresta», de Wagner, e obras de Mendelssohn, Cherubini e outros autores classicos e modernos.

Concertos no Politeama

Variando sempre os programas, organisados indiscutivelmente com um grande criterio artistico e executados com notavel justeza de expressão, a orquestra do Politeama, dirigida com extraordinaria proficiencia pelo maestro Fernandes Fão, mais e mais se vae recomendando á concorrencia selecta que todos os domingos aflue ao teatro, de concerto para concerto.

No domingo efectua-se o seu 8.º concerto sinfonico e pode dizer-se que todas as composições anunciadas são verdadeiras obras primas, e que uma execução primorosa dará o devido relevo.

Entre essas composições podemos já indicar a abertura do «Freyschutz», de Weber; um fragmento sinfonico de Artur Fão; um fragmento da opera «Goyescas», de Granados, assinando os restantes os notaveis nomes consagrados Glazounow, Sibelius, Sinigaglia e Strauss.

ULTIMA HORA

O MAIOR CRIME

Libra a 8$00

Libra a 50$00!

O unico culpado deste descalabro é o adjudicatario da Agencia Financial

E' necessario esclarecer bem o caso da Agencia Financial no Rio de Janeiro, para que a opinião publica possa avaliar com imparcialidade o que se passa.

As regalias concedidas, ha muitissimos anos, ainda no tempo da monarquia no Brasil, ao governo portuguez para a Agencia Financial, resumem-se no seguinte:

1.º — Isenção de pagamento de selo nas cambiaes mandadas pela colonia portugueza no Brasil para Portugal, por intermedio da Agencia Financial.

2.º—Para realisar essa operação — a remessa de cambiaes sempre enviadas em libras sobre Londres— era necessario um deposito dalgumas dezenas de contos num estabelecimento do governo brasileiro. Portugal estava dispensado desse deposito.

Valiosas concessões estas, não ha duvida, obtidas por uma diplomacia habil da nossa parte e uma grande boa vontade para comnosco da parte do Brasil, mas que, uma vez denunciadas, não farão com que diminua o numero de remessas de cambiaes para Portugal. Vamos explicar porque.

Durante muitos anos, as transferencias fizeram-se por intermedio de bancos estrangeiros, incluindo os brazileiros, agencias dos bancos portuguezes, em especial a agencia do Banco Aliança, do Porto, e a do Banco do Minho, de Braga, da casa Sotto Mayor e outras de grande importancia no Brazil.

A Agencia Financial, a esse tempo instalada n'uma casa pessima, como ainda hoje, mandava muito poucas cambiaes comparativamente com outras casas e bancos, tratando quasi que exclusivamente de satisfazer as urgencias do tezouro portuguez, então muito restrictas.

Mais tarde, o Banco Ultramarino creou uma agencia no Rio de Janeiro e, mercê d'um golpe inteligente dado por um seu agente, facultando ao governo brazileiro, n'um momento grave, um credito sobre Londres de 700.000 libras, adquiriu uma situação excepcional na praça do Rio.

Resultou d'ai o passar a fazer-se todo o movimento de cheques para Portugal pelo Banco Ultramarino, ficando os seus concorrentes n'uma posição secundaria. A Agencia Financial quasi que desapareceu d'esse altura.

Surgiu então o sr. Sotto Mayor com a proposta do Banco Portuguez do Brazil,—e não Banco Portuguez no Brazil, como se pretendeu insinuar—, instituição brasileira pelos estatutos, pelo objectivo das suas transacções e pela sua direcção, e nunca instituição de credito portugueza.

O sr. Ramada Curto não quiz vêr os perigos do contrato que lhe era proposto, embora houvesse quem o elucidasse a tal respeito. O contrato foi assinado num interregno parlamentar e a muito custo poude o parlamento introduzir-lhe uma clausula pela qual o contrato podia ser denunciado no seu primeiro ano de vigencia, com o praso de 6 meses de aviso.

Ora, durante a vigencia do contrato, a libra que estava a 8$00, subiu lentamente, até á fabulosa quantia de 50$00!

Nada menos de 64.500 contos dispendeu o Estado unicamente por ter dado ao adjudicatario da Agencia Financial o direito de vender libras pelo preço que elle artificiosamente estabelecesse. E isto num praso de 14 meses, cavando-se assim a ruina geral.

O Banco Portuguez do Brazil é uma sucursal do sr. Sotto Maior. O primeiro objectivo d'esse senhor foi desvalorisar o escudo portuguez em relação á moeda brazileira. Tanto ele, como a sua casa e o seu Banco são brazileiros e acima de tudo põem os seus interesses. Que lhes importa a ruina, o credito de Portugal, contanto que valorisem o que é seu?

A corrente nativista no Brazil, o que alguns jornaes desse paiz dizem, nada é, nada d'isso tem significação, porque força alguma haverá capaz de fazer desaparecer as centenas de milhares de portuguezes que no Brazil manteem constantes relações com Portugal. E são esses que ali fabricam o ouro, que mandam para cá. O mesmo sucede com a numerosissima colonia italiana, hoje maior que a portugueza, com a colonia alemã, com a colonia hespanhola, emfim com todas as colonias que ha no Brazil.

E nenhuma d'elas tem Agencia Financial, um Sotto Maior e um Cunha Leal! E nem por isso deixam de mandar ouro para a mãe patria!

POLITICA

Ainda não desapareceram por completo os boatos de crise ministerial que hontem correram com maior insistencia, por motivo, dizia-se, do sr. ministro das finanças ter pedido a sua demissão, por carta, ao chefe do governo.

A informação que «A Capital» hontem deu sobre o assunto confirmou-se em absoluto.

De facto, logo após a publicação de uma carta sfingica e misteriosa, da autoria do sr. Cunha Leal, num jornal da manhã, os seus colegas do gabinete sentiram-se mal dispostos, como mal dispostos já estavam por o sr. Cunha Leal ter denunciado o contracto da Agencia Financial sem levar o assunto a reunião de ministros.

O que depois se seguiu é do dominio publico: a imprensa fez-se eco da escura negociata e o governo, reunido em conselho, resolveu prorogar o praso do concurso até 20 do corrente.

Tal resolução ministerial não agradou de certo ao ministro das finanças, que ante-hontem enviou uma carta ao sr. Liberato Pinto, manifestando desejos de abandonar a sua pasta.

Resolveu o sr. presidente do ministerio não dar uma resposta pronta e definitiva ao seu colega do gabinete e aguardar a atitude do parlamento para resolver depois sobre o caminho a seguir.

Do que se passou na sessão de hontem já os nossos leitores teem conhecimento pelo extracto dos jornaes: o sr. Cunha Leal foi atacado sem dó nem piedade, sendo os proprios democraticos, colaboradores no governo, os que mais se salientaram nos ataques.

Isto vem demonstrar que não conta o ministro das Finanças com o apoio dos seus colaboradores, o que aliás não é segredo para ninguem.

Depois da atitude parlamentar de hontem indicado estava que se declararia a crise, não parcial com a saida do sr. Cunha Leal, mas com a queda total do gabinete, arrastado a essa queda pelo sr. ministro das finanças que ainda hontem deu a entender que os seus colegas com ele não estão solidarios.

Um caso, porém, mais lamentavel veiu protelar a questão: a saude do venerando chefe do Estado, que ha dias se encontra de cama e cujos padecimentos se teem agravado ultimamente, embora não seja de molde a inspirar apreensões a marcha da doença.

Para não se agravar mais de momento a situação ficou acordado que o que consta, arredar por momento a crise que estava toldando mais uma vez os ares da politica portugueza.

Numa reunião de ministros realisada hoje de manhã foi debatida a questão politica que parece ter ficado um pouco arrumada.

Mas será sol de pouca dura, porquanto os ministros democraticos e o independente que sobraça a pasta da agricultura estão d'acordo e o desejam. Uma posição de abandonar o governo, a não ser que o sr. Liberato Pinto consiga remover mais este ponto como sucedeu hontem.

O que é um facto, é que qualquer acordo foi feito e pactuam assim que encontrando-se hontem o sr. ministro das finanças quasi totalmente abandonado dos seus colegas de gabinete, quando na camara usou da palavra para se ocupar do caso da Agencia Financial se viu hoje rodeado de todos os ministros que lhe fizeram presença...

Este facto foi muito notado na camara, havendo logo quem afirmasse que durante o almoço entre o chefe do governo e o sr. ministro das finanças se reataram as relações que estavam um pouco tensas...

E, depois quem sabe, talvez as conferencias da madrugada a que tambem assistiu o sr. Antonio Maria da Silva tivessem modificado em parte a situação.

Seja como fôr, a sessão de hoje na camara decorreu com mais calma, e sem aquele ar carregado das tempestades que se avisinham. Houve muito menos conferencias, não tendo sido tão assediado o presidente do ministerio, que socegadamente se conservou mais de uma hora no seu fauteuil ou seja emquanto o sr. Cunha Leal esteve respondendo á interpelação do deputado sr. Lelo Portela.

No entanto tornou-se notada uma conferencia do sr. Antonio Maria da Silva com o antigo ministro do comercio sr. Ferreira da Rocha.

Os dois homens publicos procuraram uma janela afastada da sala dos Passos Perdidos do Senado, para trocarem impressões, findo o que, cada um seguiu para o seu lado, como «oposicionistas irreconciliaveis».

Dissemos acima que o sr. ministro da Agricultura é um dos que maior empenho tem em abandonar a sua pasta, parecendo não haver forma de o demover do seu intento. Só cerca das 17,30 o sr. dr. João Gonçalves apareceu na sala dos Passos Perdidos, não indo ocupar o seu «fauteuil» de ministro.

Pouco depois dizia-se que o sr. dr. João Gonçalves não queria entrar na sala e que precisava urgentemente conferenciar com os deputados independentes. De facto momentos depois andava o sr. dr. Costa Junior numa roda viva, convisando os seus colegas para uma reunião que se está realisando á hora a que escrevemos.

O sr. ministro da agricultura, ao que se diz, não se sente bem dentro no gabinete e deseja abandonal-o, tendo para isso convocado os seus amigos.

Em todo o caso o sr. Liberato Pinto talvez consiga aplainar mais esta dificuldade que surgiu á ultima hora, tanto mais que a crise, embora adiada, não está posta de parte.

O debate sobre a Financial deve terminar por uma votação e só depois se poderá precisar o caminho que as coisas politicas seguirão.

O sr. ministro das finanças não foi hoje á sua secretaria. Dizia-se que ficou em casa trabalhando em casa em assuntos da pasta, até ir para o parlamento.

O sr. ministro da guerra tambem anda muito arredio do seu gabinete. Os restantes ministros pouco mais resolvem do que assuntos de expediente, na espectativa do que resultará da nova questão politica.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

O sr. Manuel José da Silva (de Oliveira de Azemeis), pede ao sr. ministro das finanças que promova no sentido de ser dada satisfação ás victimas de revolução monarquica do norte que ha muito requerem indemnisações. Solicita depois que atenda, tambem com urgencia, á necessidade de se melhorarem as condições de vida da magistratura judicial, cujos componentes recebem honorarios inferiores a funcionarios publicos de pequena categoria. Sobre o assunto envia para a mesa um projecto de lei.

O sr. ministro das finanças diz que toma na devida consideração os justos reparos do orador.

O sr. Eduardo de Souza chama a atenção do governo para uma nota oficiosa do ministerio do comercio, inserta no «Primeiro de Janeiro», do Porto, a proposito da sindicancia ao funcionario dos Transportes Maritimos do Estado dr. Estevam Pimentel e que, segundo parece depreender-se, é extensiva aos serviços da referida entidade.

O sr. ministro das finanças declara que transmitirá ao seu colega do comercio.

O sr. Eduardo de Sousa troca ainda algumas explicações com o sr. ministro das finanças, em seguida ao que o sr. Viriato da Fonseca insiste por medidas energicas e eficazes para a grave crise de subsistencias no arquipelago de Cabo Verde.

O sr. Campos Melo deseja que se discuta com brevidade o projecto que concede melhorias aos oficiaes de justiça.

O sr. Barbosa de Magalhães requer, aprovando-se, que se discuta amanhã, antes da ordem do dia, o projecto que interessa aos funcionarios administrativos.

Reata-se o debate sobre a Agencia Financial.

O sr. ministro das finanças, prosseguindo nas suas considerações, classifica de ligeira e infantil a maneira como o sr. Lelo Portela atacou a questão, acrescentando que se quiz irritar intempestivamente um assunto melindroso. Acusa de principais responsaveis do desastroso ataque aos interesses da nação as empresas jornalisticas que defendem negocios ilegitimos.

Ataca as afirmações do sr. Lelo Portela e repele a suggestão de dentes e de olhos claramente que lhe são que para si dirigem aquelas que inteligenciam alinhado.

Isto sem ameaça a ninguem. Todos irão vivos para casa; alguns até satisfeitos, talvez, porque ha temperamentos para tudo.

Recorda que a Agencia Financial foi creada por acordo entre os governos portuguez e brazileiro, a cujo consenso tem de ser submetido o regulamento respectivo. Lamenta, porem, que se tenha vendido a pele do urso, infringindo se esse regulamento, mantendo-se no Brazil pessoal que só serve para ganhar dinheiro. Não compreende que diabolica confusão se tem feito com emprestimos da divida fluctuante e sofrimentos. Entrando na analise doutros pontos que irregularidades do Banco adjudicatario. Se as ha, d'elas não tem mais do que suspeitas, que não pode fundamentar.

Ao sr. ministro das finanças está replicando o sr. Lelo Portela, que ainda fala á hora a que escrevemos.

Presidente da Republica

Continua no mesmo estado o sr. Presidente da Republica, que se conserva de cama.

Os seus medicos aconselharam o maior repouso, e o mais absoluto socego ao venerando chefe do Estado.

Alfandega de Lisboa

Quarta-feira, 12, ás 14 horas, nos armazens d'esta casa fiscal, em Porto Franco, proceder-se-ha á venda, por conta e risco de quem pertencer, de uma porção de bacalhau.

Quinta-feira, 13, ás 12 horas, no armazem de leilões, serão vendidas mercadorias descarregadas dos vapores ex-alemães que constam de 800 barris de gema de ovo para usos industriaes, maquinas para costura, tosquiar e cintrar, colheres para padreiros, ferros para engomar, peles e carneira para encadernação, fio electrico, lampadas, candieiros, «abatjours», ventoinhas e contadores e outros artigos para electricidade, quinquilharias e outras que serão presentes no ato do leilão.

Sexta-feira, 14, ás 12 horas, no mesmo armazem, vender-se-hão as seguintes mercadorias arrestadas, demoradas e por conta e risco de quem pertencer: essencias para fabricação de perfumarias, caixas de charutos, pacotes de cigarros e tabaco picado.

Lisboa, Alfandega de Lisboa, 3 de Dezembro de 1920.

O escrivão

Alfredo Marcelino de Almeida

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3751 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 12 de Janeiro de 1921 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 114, Rua da Atalaia, 116 | Preço, 5 centavos

A SURPREZA

A caracteristica dos projetos do sr. Cunha Leal tem sido, ele proprio o tem claramente formulado, o processo da surpreza. Como já aqui o acentuámos, o seu plano, em relação ás propostas de finanças, consistia em apanhar as classes, o paiz inteiro de surpreza. Com a questão da Agencia Financial, processo semelhante. O contracto era secreto, e as entidades que sobre ele se deveriam pronunciar não teriam um prazo de tempo suficiente para o estudarem. Tratava-se tambem duma surpreza. Só assim, sem tempo de se examinarem as questões, e de se apresentarem sobre elas as reclamações necessarias, só assim, esse grande estadista que é o sr. Cunha Leal supunha possivel o exito das suas congeminações de caracter financeiro.

Quem impediu o sucesso dessa politica de surpreza? A imprensa, pode dizer-se que quasi sómente a imprensa, visto que no proprio parlamento a audacia do sr. Cunha Leal ainda não recebeu o castigo devido. A imprensa que, executando mais uma vez o seu dever, que principalmente consiste em fiscalisar, em acautelar, em prevenir, desde logo lançou o seu brado, que é ouvido no paiz inteiro, desvendando a pretensão do sr. ministro das finanças que nós nos abstemos de classificar para quo, do alto da sua impecavel correcção de maneiras e com o seu vocabulario academico, s. ex.ª não se queixe mais uma vez de que o pretendem anavalhar.

Cabe-nos, porem, o direito de perguntar se é licito proclamar-se, com desplante tamanho, que as negociações mais importantes para os interesses do Estado, como os sacrificios exigidos ao pais para o equilibrio das nossas receitas com as nossas despesas, podem estar á mercê do processo das surpresas. Nem sequer uma questão de moralidade como pode ser considerada a da Agencia Financial demovia o ministro da resolução de aplicar-lhe o seu caracteristico processo. A imprensa não pensou assim, a imprensa não aceitou a cumplicidade tacita nos planos do sr. Cunha Leal, a surpreza não se poude efectuar, e o sr. Cunha Leal volta-se contra a imprensa porque ela não emudeceu quando o seu dever é falar ou não aplaudiu ás cegas quando o seu dever é fazer a luz, criticando.

Ainda hoje, numa entrevista concedida pelo sr. Brito Camacho a um jornal da manhã, o alto comissario de Moçambique exprime a convicção assente de que «os governos carecem de ter constantemente o apoio da opinião publica, e a primeira condição para que a tenham é a de não fazer politica ás escondidas.» A politica financeira do sr. Cunha Leal baseia-se em principios inteiramente diversos. Seria exselente para um regimen que não fôsse como o da Republica, um regimen de opinião. Seria excelente para um sistema absolutista, em que o sr. Cunha Leal tivesse os poderes dum Pombal ou dum Richelieu. Mas para uma Republica fundada nos mais amplos moldes da democracia devemos concordar que é pretensão exagerada, e tanto mais para extranhar quanto parte de alguem que, na oposição, não cessa de proferir os conceitos mais demagogicos.

O sr. Cunha Leal perdeu a partida, porque o processo das surprezas será excelente para outras formas de colectar cidadãos desprevenidos, mas não para aquelas que massariamente recaiam sob a acção d'um parlamento e d'uma imprensa. O sr. Cunha Leal já não lucta senão—como diremos?—para honra da firma. Ele soube que perdeu. A surpreza falhou. Os contribuintes, o proprio povo, seguem á luz do sol, por uma estrada clara e recta onde não são já possiveis as surpresas.

Foi isto que fez a imprensa. O sr. Cunha Leal insulta-a. A opinião publica aplaude-a. São duas atitudes perfeitamente logicas.

Contradições do sr. Cunha Leal

Ante-hontem declarou o sr. Cunha Leal na camara dos deputados que tendo pedido á agencia financial 500 mil libras e respondendo-lhe aquela que lh'as daria se o contrato não fosse denunciado, repeliu indignada e energicamente esta condição. Procedeu muito bem o sr. ministro das finanças e porisso não lhe regatearemos louvores, como não lhe poupáramos as censuras, quando entendermos que seguiu por caminho errado, como tem sucedido n'esta malfadada questão da Agencia Financial e n'outras.

Hoje, porém, foi grande o nosso espanto ao lermos nos extractos parlamentares a fantastica declaração do sr. Cunha Leal de que transigiu ao fazer a denuncia do contrato, mas que não transigirá mais, embora isso lhe acarrete odios de quem quer que seja.

Desta declaração se depreende que o sr. Cunha Leal não denunciou o contrato «sponte sua», mas por indicação doutrem, certamente do conselho de ministros, com a qual teve de transigir; e mais se conclue que está arrependido de ter transigido e protesta nunca mais cahir noutra. Quer dizer, o sr. Cunha Leal aliena de si proprio todos os motivos para louvores, como seria o da denuncia feita espontaneamente, e deixa ficar de pé aqueles que não podem passar sem censura.

E queixa-se depois da imprensa... Se não fosse ela não ultrapassariam as palavras do sr. Cunha Leal as paredes da sala em que são pronunciadas.

A imprensa continua, apezar de tudo, a emprestar ao sr. ministro das finanças uma notoriedade sempre benefica para qualquer politico militante e, se o sr. Cunha Leal pretende que a imprensa lhe teça um côro de louvores, saia do ministerio que é n'este momento o melhor serviço que pode prestar ao paiz.

Indignou-se, e muito bem, quando a Agencia Financial lhe poz a condição de não ser denunciado o contrato para emprestar as 500 mil libras, e, pouco depois, declara que está arrependido de ter transigido ao fazer a denuncia, e está arrependido certamente por causa dos dissabores e embaraços que ela acarretou á sua carreira ministerial.

Quando se tratava d.um emprestimo de 500 mil libras, necessario por certo para acudir a qualquer urgencia do Estado, recusou-se e, repetimos, muito bem, a comprometer-se a não denunciar o contrato. Agora que se trata apenas de embaraços e dissabores causados á sua acidentada carreira ministerial que a ninguem interessa, senão a ele proprio, então declara-se arrependido de ter transigido ao fazer a denuncia do contrato que é como quem diz que o não teria denunciado de motu proprio.

A provincia de Moçambique

e a nossa intervenção na guerra

Numa entrevista concedida pelo sr. dr. Brito Camacho ao «Diario de Noticias» sobre perigosas aspirações da União Sul Africana a parte da nossa provincia de Moçambique, referiu ironicamente o alto comissario que tempos houve em que só os maus republicanos e os maus portuguezes queriam saber porquê e para que entravamos na guerra e essa patriotica e inteligente politica deu os belos frutos que estamos colhendo.

A referencia do sr. dr. Brito Camacho não vinha nada a proposito para o objectivo de entrevista e melhor teria sido que a não tivesse feito.

Melhor teria sido, porque não é esta a ocasião mais propria para retaliações que ao paiz não aproveitam.

Agora só devemos cuidar de caminhar apressada mas seguramente para a reconstituição do paiz, e o sr. Brito Camacho, hoje alto comissario da provincia de Moçambique, tem de esquecer, se quizer bem desempenhar o seu alto cargo, as mizezas e as miserias da nossa mesquinha politica de vaidades e rivalidades.

Os belos frutos que estamos colhendo da nossa intervenção na guerra a que o sr. dr. Brito Camacho tão ironicamente se refere, são, nada mais nada menos, que a intangibilidade do nosso imperio colonial. Não tivessemos nós feito aquele para nós gigantesco esforço, e veriamos em que mãos estaria agora a provincia de Moçambique e quiçá a de Angola.

Não é segredo para ninguem que, apezar da nossa entrada na guerra, ainda se chegaram a esboçar tentativas de extorsão de qualquer porção de territorio no Congo por parte da Belgica, e por parte da Africa do Sul, de englobamento da provincia de Moçambique na União, embora com bandeira portugueza e a troco talvez de alguns milhares de contos por ano.

Estas tentativas que não passaram felizmente do dominio oficioso, foram sufocadas á nascença pela trasbordante justiça que nos assistia. Seria um ignobil crime que mancharia para todo e sempre as nações aliadas que d'ele beneficiassem e aquelas que o consentissem.

Surgem agora desinteligencias entre nós e a Inglaterra, entre nós e a Africa do Sul? Que admira isso? Não surgiram elas tambem entre todas as outras nações aliadas?

Que a situação é delicada, não ha duvida.

Mas por isso mesmo se escolheu para o cargo de alto comissario um homem da categoria politica e intelectual do sr. dr. Brito Camacho. Trate de aplicar toda a sua inteligencia á resolução das dificuldades, mas esqueça-se das miserias da politica de soalheiro cá da metropole, lembrando-se de que, se não tivessemos entrado na guerra, nunca poria os pés em Moçambique a não ser por acaso, como viajante em paiz estrangeiro.

A Farmacia Central do Exercito

Uma obra modelar de boa administração—Como o Estado tem lucrado algumas centenas de contos

Ha tempos ocupou-se o nosso jornal de uma obra, que nos parece do maior alcance economico, e que foi ampliada pelo ministerio da guerra, no tempo da gerencia do sr. Norton de Matos: a Farmacia Central do Exercito. Podemos hoje noticiar, que os nossos vaticinios não falharam. Tivemos ocasião de ver o relatorio da gerencia do ultimo ano economico, e basta que citemos alguns algarismos, para se avaliar quão inteligente foi a direção e o tino administrativo, que presidiu áquele importante estabelecimento do Estado. Num paiz onde em regra se diz tanto mal do que está sob a acção administrativa do Estado, é para fazer resaltar uma obra, que é digna de ser louvada, pelos excelentes resultados que apresenta.

A Farmacia Central do Exercito está a cargo de oficiaes farmaceuticos milicianos, que desempenharam serviços distintos no C. E. P.

E' seu director, o capitão farmaceutico sr. Julio Maria de Sousa, tendo como colaboradores valiosos os srs. capitão farmaceuticos Garres e Simões, dois tecnicos de grande mérito; bem se sabe, aquele estabelecimento produz as manipulações farmaceuticas e adquire as materias primas que são fornecidas aos hospitaes militares da metropole, colonias, expedições e todos os serviços de saude do exercito.

Para se avaliar da boa administração da Farmacia Central do Exercito basta que transcrevamos os seguintes algarismos:

Durante o ano economico de 1910-1920 movimentaram-se 2.804 requisições na importancia de esc. 218.582$31, cujo custo no mercado seria 373.944$20. Houve, pois, uma diferença a favor da fazenda nacional de 155.361$89.

Paga a despeza feita com o pessoal, na importancia de 40.125$37 ficou um saldo liquido a favor da fazenda, na importancia de esc. 115.236$52.

Constitue, pois, a Farmacia Central do Exercito um estabelecimento oficial digno de se considerar como modelo e como obra de oficiaes milicianos, que são os que ali trabalham, só prova que são elementos que convem aproveitar, pela sua competencia e zelo nos serviços que desempenham.

C. S.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

O ultimo é o primeiro

Porque lhe falei, leitor, das cartas de Soror Mariana Alcoforado que poderiam servir na actualidade, se ela agora vivesse, para a dar como doida, a serem verdadeiros os argumentos do «Infeliz», queira ler êstes paragrafos que, ao acaso, colhi das mesmas cartas.

....

«Iria, sem escrúpulos, procurar-te e seguir-te e amar-te por toda a parte!»

....

«A tua honra obrigava-te a deixar-me.

Cuidei eu da minha?»

....

«Sei bem que te amo como uma doida.

Não me queixo, contudo, de toda esta fúria insana do meu coração».

....

«Mas atormenta-me sem cessar o enojo e o desgôsto que tenho por tudo...

A minha familia, as minhas amizades, êste convento, tudo se me tornou insuportavel.

E'-me odioso quanto sou obrigada a ver, quanto é mister que eu faça.

Tão ciosa me sinto da minha paixão, que me parece que todas as minhas acções, que todos os meus deveres te pertencem.

Sim, tenho escrupulos em não empregar em ti todos os momentos da minha vida».

....

«Toda a gente tem reparado na completa mudança de meu génio, das minhas maneiras, da minha pessoa».

....

«Dona Brites tanto me amofinou nêstes dias passados, por me fazer sair do quarto, que julgando distrair-me lá me levou a passear na varandt donde se vêem as portas de Mertola.

Fui, e logo me assaltou uma lembrança cruel que me fez chorar todo o resto do dia.

Trouxe me outra vez para o quarto, e lancei-me sôbre a causa, reflectindo nas poucas mostras que vejo de me curar um dia. O que me fazem por aliviar-me, acirra a minha dôr, e nos proprios remédios acho razões para me afligir».

....

«Amo-te mil vezes mais do que a vida e mil vezes mais do que penso».

....

«Perdi a reputação. Expuz-me á maldição dos meus, á severidade das leis desta terra para com as religiosas, á tua ingratidão, que me parece a maior das desgraças.

E comtudo sinto implacavelmente que os meus remorsos não são sinceros, que eu queria do fundo dalma ter por amor de ti afrontado maiores perigos e que me assomberba um prazer funesto em ter aventurado a minha vida e a minha honra».

....

«Não me arrependo, comtudo, de te haver adorado.

Regala-me que me seduzisses.

A tua ausencia, rigorosa, talvez eterna, não diminue em nada a violencia do meu amor.

Quero que toda a gente o saiba; não faço dele mistério; preso-me de ter feito tudo o que fiz, por ti, contra toda a espécie de decoro».

....

Aqui tem, leitor, estas frases, pedaços da alma dessa infeliz religiosa, que definem bem a paixão violenta que a levou a esquecer e a deixar tudo e todos, para desse amor pecaminoso fazer a sua religião, o seu Deus! E era ela, por isso, uma doida?

Que poderia eu dizer da sua metamorfose, da sua maneira de pensar, que ela nos não diga nestas cartas?

Mas, o que Soror Mariana sentia e o que ela escreveu, não o teem sentido e escrito tantas apaixonadas sem serem, tambem, consideradas loucas?

Quantas loucuras e quantas contradições escrevem os poetas? E metem-nos, acaso, em manicómios para os curar das paixões que os seus versos revelam?

Não quero fatigar o leitor com transcrições, aliás apresentar-lhe-ia uma colecção de poesias muito interessante. Estou convencida, porém, de que quem me lê não duvida, um instante sequer, da razão que me assiste afirmando que se fossemos a apreciar, devidamente, certas pessoas pelos seus escritos, a afluencia aos manicómios seria descomunal!

Em todo o caso, para fechar esta carta, dou-lhe uma amostra em verso. Não sei o nome do autor; mas, tanto melhor, porque, assim, este será poupado á fúrias dos psiquiatras nossos conhecidos:

Quero-te mais que a mim mesmo
Quero-te mais do que aos meus.
E, embora seja pecado,
Quero-te mais do que a Deus.

No entender do sr. dr. Julio de Matos este poeta deve ser completamente doido!

Maria Adelaide

Em Inglaterra

reconhece-se finalmente a vantagem da nossa intervenção na guerra

Até que emfim! Começa-se a prestar justiça ao esforço da nossa intervenção na guerra e a chamar para ele e para o estado financeiro em que ficamos, a atenção do mundo civilisado.

As noticias chegadas de Londres referem que o grande jornal londrino «The Times» publicou já dois artigos em que os vantagens para os aliados da nossa intervenção são francamente postas em relevo e se mostra que o paiz, em virtude d'esse esforço, se esgotou financeiramente, chamando para esse facto a atenção da opinião publica ingleza e exortando a Grã Bretanha a prestar-nos todo o auxilio financeiro de que carecemos, para nos libertarmos das dificuldades que ora nos assoberbam.

E'-nos grato registar este movimento de opinião para nós inteiramente favoravel e ao qual precisamos de corresponder com a gravidade e circunspeção necessarias para que ele produza os resultados desejados no mais curto praso de tempo.

Percebeu-se finalmente que a politica dos nossos visinhos tendia a asfixiar-nos em todos os campos. Economicamente, levando-nos tudo quanto podem para nos deixarem a braços com dificuldades de alimentação insuperaveis e, politicamente, criando-nos em toda a parte embaraços para que não tiremos da nossa participação na guerra os frutos que temos direito a colher.

Nossa politica tem sido ponderosamente auxiliados por todos aqueles que dentro do nosso paiz tem trabalhado afanosamente para a desvalorisação da nossa moeda, não vendo diante de si senão os seus interesses particulares.

Em Inglaterra volta-se abertamente á antiga politica de manter a dualidade na peninsula e a nós cabe prepararmo-nos convenientemente para colhermos as vantagens de tão favoravel movimento de opinião, com respeito á solução das dificuldades do presente momento.

O alferes Salvação

Uma promoção por todos os motivos justa

Antes das ferias parlamentares, o deputado sr. Julio Cruz apresentou, na camara a que pertence, uma proposta para que fosse promovido ao posto imediato o alferes da guarda nacional republicana sr. Alfredo Salvação.

Apesar da resolução em que o parlamento está de não votar o que quer que seja que represente aumento de despezas, achou tão justa a camara dos deputados essa proposta què reconheceu a sua urgencia, baixando á comissão de guerra para esta dar sobre ela o seu parecer.

Reabriu o parlamento e, por isso, justo nos parece que a comissão de guerra não demore a proposta, visto tratar-se d'um bom e dedicado republicano, que á Republica prestou os melhores e mais relevantes serviços.

Não falando já nas perseguições de que o então sargento Salvação foi victima, pelas suas ideas bem conhecidas, bastará dizer que no ataque a Monsanto, contra os monarquicos, ficou ele sem uma perna.

Poucos dias faltam para que se completem dois anos que o alferes Salvação ficou inutilisado para a carreira que tanto amava e em que tanto se distinguiu.

Porque se não ha de comemorar essa data dando-lhe, como premio bem merecido do seu amôr ao regimen, a promoção a que, por todos os motivos, tem direito?

Fazemos votos porque a nossa voz seja escutada pela comissão de guerra. Honrando e prestigiando os que, como o alferes Salvação a servem dedicadamente, a Republica honra-se e prestigia-se.

Dr. Custodio Cabeça

O professor sr. dr. Custodio Cabeça, recemchegado de uma larga viagem ás duas Americas e a Inglaterra, em cujos centros scientificos foi recebido com as homenagens que merece o seu nome de cirurgião ilustre, realisa uma conferencia no Hospital Escolar, a convite da corporação dos assistentes do mesmo hospital, sobre «O radio em terapeutica» amanhã ás 21 horas e meia. Teem entrada livre os medicos e os estudantes de medicina.

José Macedo Soares

De regresso do Brazil, onde foi passar algum tempo, encontra-se já entre nós o sr. José Roberto de Macedo Soares, distinto secretario da embaixada daquele paiz, que teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos, o que agradecemos.

O 31 de Janeiro no Porto

O governador civil do Porto, sr. Henrique Pires Monteiro, e o representante da Camara Municipal da mesma cidade, sr. Aurelio da Paz dos Reis, comunicam-nos que a grande comissão que tomou a iniciativa de comemorar o 30.º aniversario do 31 de janeiro na cidade do Porto, constituida por representantes das colectividades de maior destaque no nosso meio social, deliberou convidar todos os gloriosos revolucionarios desse dia memoravel na historia da democracia portugueza a assistirem á homenagem consagrando os martires e percursores da Republica, no proximo dia 31 de Janeiro.

Ex-imperadores do Brazil

Solenes exequias na catedral do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 11.—Realisaram-se solenes exequias pelos ex-imperadores, assistindo os condes d'Eu, o principe D. Pedro e o barão de Muritiba, madame Epitacio Pessoa, ministro da guerra, altos funcionarios, representantes do Congresso, e outras personalidades. A multidão compacta invacia a catedral. O presidente da Republica, sr. dr. Epitacio Pessoa, recebeu o conde d'Eu e o principe D. Pedro que lhe manifestaram a sua gratidão eterna pelas provas de consideração dadas aos imperadores e pelas atenções de que eles proprios foram alvo. Em seguida o conde e o principe partiram, para Petropolis, acompanhados do prefeito desta cidade e do barão de Muritiba. Os condes d'Eu, o principe D. Pedro e o barão de Muritiba tencionam visitar os Estados de de Minas Geraes de S. Paulo.—(A.)

A navegação para o Brazil

BAHIA, 11 — O vapor «Traz-os-Montes», dos Transportes Maritimos do Estado, chegou hojo a este porto, sendo-lhe feita uma grande e festiva recepção.

A imprensa, a proposito da chegada do «Traz-os-Montes», lamentou a doença do sr. Presidente da Republica. — (A.)

Ordem publica

Foi enviado para o tribunal da Boa-Hora o sr. dr. Camilo Castelo Branco, que ha dias foi preso pela policia da Segurança do Estado, sob a acusação de conspirar contra o regimen.

Capitão Lobo Pimentel

O seu julgamento

Como estava marcado, reuniu hoje, no tribunal de Santa Clara, o conselho superior de disciplina do exercito para julgar o capitão sr. Lobo Pimentel, sobre quem impende a acusação de varias arbitrariedades por ele praticadas quando exerceu o cumando da policia civica no periodo dezembrista.

Esse conselho, que em 18 de Dezembro ja tinha reunido para o mesmo fim, mas, por falta de uma testemunha imprescindivel, adiou o julgamento para hoje, é cumposto de generais, tendo como presidente o sr. Corte Real, vogais os srs. João Alves Camacho; Alberto da Silveira, Gouveia, Teofilo da Trindade, tendo como relator o general sr. Abel Hipolito.

Como testemunhas compareceram, de acusaçao o sr. João Rocha, de defeza os srs. dr. Anibal de Castro, Mario Mesquita, major Tamagnini Barbosa, contra-almirante Julio Galis, vice-almirante Machado Santos, tenente Faria, Almeida Tinoco, dr. Carneiro de Moura, capitão de mar e guerra Luiz Caetano Pereira e coronel Barreto do Couto, não tendo comparecido o sr. Almirante Canto e Castro, por motivo de doença, e os srs. Brito Camacho e Antonio Maria da Silva.

O conselho abriu ás 13,30, sendo a primeira testemunha a depôr o sr. João Rocha cujo depoimento demorou perto de 1 hora e meia, não tendo esta testemunha, apoz o ser ouvida, sahido do edificio, supõe-se que para alguma acareação a que terá de ser sujeita em virtude da declaração que fez no seu depoimento.

Parece que o julgamento não terminará hoje, e, sendo assim, só pode continuar na proxima sexta feira que para amanhã já estão marcados outros julgamentos.

Tentativa de roubo?

Ha dias, em varias portas do Banco Nacional Ultramarino, apareceram cortados os fios electricos que servem para dar sinal de alarme no caso de assalto ou tentativa de roubo.

Por este facto a direcção daquela casa bancaria apresentou queixa á policia, tendo hoje o agente Pereira dos Santos ouvido os depoimentos de muitos empregados daquele estabelecimento, todos menores, que regulam entre 15 a 18 anos.

PELO TELEGRAFO

Uma missão de que ninguem o encarregou

PARIS, 11.—O sr. Homem Christo, pai, que nestes ultimos dias tem conferenciado com diversas personalidades politicas e financeiras, partiu ontem de Paris em direcção a Londres, onde continuará as conversações sobre a situação portuguesa. (H.)

Os sindicatos operarios alemães na questão do desarmamento

PARIS, 11.—Devido ao impulso dos sindicatos operarios alemães, o partido social democrata acaba de tomar na questão do desarmamento uma atitude energica para com o governo do imperio: O «Petit Parisien» diz a este respeito quo os socialistas resolveram exigir do sr. Simons garantias seguras de que a Alemanha não ficará exposta ás medidas coercitivas da «Entente» pela atitude dos reacionarios bavaros e que é preciso dar essas garantias, sem o que a social democracia passaria para a oposição (H.)

Embaixador francez em Inglaterra

PARIS, 11.—O novo embaixador de França na Grã Bretanha será o sr. de Saint Aulaire.—(H).

O presidente da Polonia em Paris

PARIS, 11.—O marechal Pilsudski, presidente da republica da Polonia, deve chegar a Paris no dia 1 de Fevereiro, em consequencia do seu estado de saude não lhe permitir que saia da Polonia nesta ocasião.—(H).

Os socialistas argentinos não aderem á 3.ª Internacional

BUENOS AIRES, 11. — O congresso socialista reunido na Bahia Blanca tem decorrido agitadissimo. Mesmo na comissão de propostas houve dissidencias acerca do rumo que o partido deve seguir. O antigo senador hespanhol Iberro Luces que se naturalizou argentino, manifestou-se francamente partidario da 3.ª Internacional. O deputado Tomaz expoz num longo discurso todos os erros da Internacional de Moscou. Afinal foi regeitada a adesão incondicional á 3.ª Internacional por 5.013 votos contra 3.636. O congresso aprovou, todavia, a separação do partido da 2.ª Internacional e rejeitou a reconstituição partidaria proposta, assim como o envio de uma delegação para estudar a situação russa. Por fim foi aprovada uma saudação á Russia dos «soviets».—(A.)

Liquidando um emprestimo

RIO DE JANEIRO, 11.—O governo do Estado de Espirito Santo propõe-se liquidar o emprestimo de 1908 cujo montante em circulação é de 19.133000 francos mediante entrega de 16 milhões em dinheiro e 12 milhões em titulos a 5% compreendendo capital e juros acumulados desde abril de 1914.—(A).

O roubo da ourivesaria

Foram hoje enviados para juizo José Inacio, Zulmira Alice Garcia, Dolores Lameiras, Pedro de Sousa Lameiras, Ana Cenica, Domingos Alvarez Marques, José Lameira de Sousa, Virginia de Sousa e Maria Perpetua, acusados de fazerem parte de uma quadrilha que, por meio de arrombamento e escalamento, entrou na ourivesaria Almeida, da rua dos Fanqueiros, onde roubaram joias no valor de 80.000 escudos, sendo parte delas apreendidas aos presos e enterradas em Meia Via e em Taboa.

Falta ainda uma pequena parte dos objetos roubados que estavam em poder da Dolores Lameiras, a qual declarou tel-os deitado fóra quando seguia no comboio, perto do tunel de Campolide.

Os objectos que foram encontrados enterrados pelos agentes Serra e Belmaço em Taboa e que haviam cabido em partilhas ao preso José Inacio, pesavam 2 kilos.

THEATROS e CINEMAS

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

S. CARLOS

"Manon"

A sedutora opera do genial compositor francês Massenet conta, entre nós, numerosos admiradores; as suaves melodias do «sonho» e da «Aria» «dispar vision», a scena empolgante de S. Sulpicio, as tristes vessitudes que atravessa a protogonista, ser irrequieto e caprichoso, conseguo encadear o espectador e atrahi-lo; por isso a sala de S. Carlos apresentava antehontem, um aspecto magestoso, repleta dum publico elegante e avido de sensações. E estas não faltaram; a garanti-las bastava o nome de Borgioli.

Este tenor, todos sabem, tem nesta opera um dos seus mais completos trabalhos; a tassitura e o genero da parte, puramente lirica, se lhe adapta em absoluto e ainda porque encarna a personagem com calor.

No sonho do segundo acto, acentuado primorosamente, Borgioli recebeu uma prolongada ovação que o obrigou a repetir o trecho; da mesma forma na «romanza» de S. Sulpicio o eximio tenor arrasta o publico ao entusiasmo pela forma como canta e vinca todas as frases, vibrantes umas, poeticamente doces outras. Ovações repetidas chamaram á ribalta, varias vezes, o insigne artista.

Manon, na actual audição, adquiriu sabor mais puramente francez que nas anteriores temporadas; não só porque a protagonista a canta no seu texto original, mas ainda porque nalguns pontos conserva a tradição dos recitados declamados, o que lhe dá um cunho de verdade e poesia encantador. Massenet que a escreveu assim, soube o que queria.

Madelene Bugg, a jovem artista franceza, tinha de lutar com recordações ainda bem recentes duma Manon incomparavel; se não conseguiu esquece-las manteve-se contudo numa linha correta e estamos certos que, com o tempo e um estudo scenico aturado, conseguirá, nesta partitura, os seus melhores triunfos.

A sua voz maviosa, de timbre aveludado e quente, presta-se a todas as modelações que requer a Manon; Madelene Bugg disse maravilhosamente a aria «Adieu notre petite table» acentuando cada frase com arte, com profundo sentimento, numa harmonia doce de notas centrais redondas e voluptuosas.

Terminado este trecho, que raramente produz efeito, um prolongado aplauso ressoou tendo a gentil cantora de repeti-lo.

Pena é que uma artista que vem do paiz das modas e do bom gosto, o demonstre tão pouco nas personagens que representa; aquele vestido imitando papel prateado, no acto do jogo, é simplesmente detestavel.

O baritono Baracchi é dos artistas que melhor exteriorisa o irrequieto priminho do Manon, dando-lhe vida e leveza.

Correcto pae, o baixo Carmassi; bons, Pavia e Eurarkin nas respectivas partes de Guillot e Brètigny.

Os bailados do bom efeito, destacando-se a primeira bailarina Morando que já na Thais nos despertou a atenção pelo seu trabalho elevado, elegancia da figura e do traje.

Na partitura de Massenet, o maestro Blanch sente-se menos á vontade que na Thais; revela em certos momentos, como no sonho do segundo acto, grande dificuldade em regoir o artista, prejudicando muitas vezes este, e faz com que se tornem evidentes as respirações; não é para extranhar tal falta, visto que a sua regencia se dedica habitualmente a concertos orquestraes o que difere bastante e tolhe a faculdade do acompanhar que só em longos anos de pratica se adquire, pratica que não deve ser adquirida num teatro como era e deve ser S. Carlos.

Maria Judice

Pelo Porto

Armando Leça e o seu novo trabalho

(Uma idéa que deve ser acolhida com aplauso)

Armando Leça é um compositor novo, cheio de talento que se escondeu receoso do mundo num canto sombrio da terra que tomou para nome, a contemplar os poentes de grande cerimonial, sobre o mar, a embalar a sua sensibilidade de artista nas toadas lentas da paisagem e a evocar em noturnos doentios a almo, desse outro seu irmão poeta, o Auto do «Só». Os motivos das suas baladas teem sido inspirados nas baladas do der entoadas noite velha, pelo mar revôlto, ao tanger nos alandes das escarpas. Ha nos suas canções nostalgicas e saudosas os mesmos caracteristicos das outras canções que erram perdidas pelos areeiros de ouro, companheiras inseparaveis dos pescadores ao concertar as redes em manhãs de sol forte e lembradas em noites de calmaria no tombadilho dos barcos ajoujados de pesca.

O moço compositor adora a tranquilidade e o silencio da Leça d'Anto, ainda de vielas sombrias, casaria baixa e manchas rubras de cravos a enfeitiçar os poiaris das moradias inglezas. Para a sua alma viciada de romantismo é grata esta nesga ribeirinha de barcos encalhados e redes secando ao sol. E' por isso que pelos poentes de sangue, quando já mal se distingue o perfil dos barcos que pescam ao largo e se acendem nos areeos pejados de gentalha os archotes para a descarga do peixe, se vê este isolado do mundo a evocar saudades no adro relvoso e abengoado de cruzeiros, da Capela de Santa Ana...

Armando Leça, apezar de viver afastado da algazarra demoniaca das grandes cidades, trabalha, luta e tem triunfado.

Todos os anos a Sociedade de Concertos Sinfonicos inclue nos seus programas composições do mestre. Ainda na ultima epoca os seus «Natal doirado» e altamo-rismo archaico» foram ouvidos com religioso respeito e palmeados com delirio. Mas é a musica regional, caracteristicamente portugueza, que Armando Leça mais se tem dedicado.

Conhece Portugal do norte ao sul.

Não ha canto de aldeola rude nem nesga de solo patrio onde a sua emoção não tenha encontrado o tesoiro inexgotavel de centenas de toadas regionaes. Ainda ultimamente no congresso Transmontano a sua voz se ergueu para defender o evangelho da arte professada, deseanvolvendo num estudo profundo e meditado, cheio de documentações valiosas e de teorias inéditas o elogio da canção da nossa terra...

Sabemos há muito que Armando Leça, instado frequentes vezes pela «Invicta-Film», resolvera aceitar o pedido que lhe fôra dirigido, para musicar «Os fidalgos da Casa Mourisca» a ultima produção da conhecida casa portugueza, em breve no ecran dum dos cinemas da capital.

Interessante seria ouvi-lo. E logo mostra acaso nos porporciona o momento. Um encontro num eletrico, uma bemaventurada falta de inergia e quatro linhas á guiza d'entrevista.

—«Então prá onde?» inquirimos ao ver o moço artista rodeado de malas e de embrulhos.

—Para Lisboa. Vou assistir aos ultimos ensaios do meu modesto trabalho e fazer a ligação da musica com os varios episodios do filml

—Uma idea que merece ser olhada com carinho.

—Qual meu amigo. Na nossa abençoada terra são raros os que se interessam por qualquer iniciativa d'arte. Esta é na realidade merecedora dum pouco de divelo. Durante as dez partes em que se divide o «film», o publico ouvirá executado por um nucleo composto de piano, violino, violoncelo, contrabasso, oboé e harpa, um trabalho musical, caracteristicamente portuguez e que, acompanhando no «ecran» o drame, com ele se relaciona já porque os motivos principais são inspirados nos personagens que nele se movem, já porque certas passagens musicaes caracterisam outros tantos momentos d'ação.

—E' um trabalho todo original?

—Não. Uma parte é aproveitado do inexgotavel cancioneiro minhoto, estylisação de canção que andam na boca das moçoilas e que foram colhidas por mim em varias peregrinações por terras do norte; outra parte, absolutamente necessaria para dar unidade ao meu trabalho é composta de varias frazes originaes, como o motivo do solar, o motivo idilico de Bertã e de tantos outros. De modo que cada personagem tem uma frase a prepassar na orquestra quando a sua figura assoma no «ecran».

—Outra idéa para a divulgação do nosso «folk-lore».

—Eu tambem creio. Só uma grande paixão pela musica da nossa terra me levaria a semelhante tentativa.

—E' o seu primeiro trabalho no genero?

—O segundo. O primeiro fi-lo para acompanhar o drama «Rosa do Adro» e todo bazeado em cantares d'entre Douro e Minho. O Brazil aplaudi-o, o Porto nao o compreendeu e Lisboa mal preparada, quase lhe passou despercebido.

—Estou certo que não lhe sucederá o mesmo com «os fidalgos da casa Mourisca».

—Alem do que a partitura composta para este film encerra maiores responsabilidades, já pela instrumentação, pelo seu desenvolvimento e pela parte original que contem.

—E a instrumentação?

—E' toda minha. Apesar de modesto nunca consenti que ninguem alterasse as pequenas que escrevo, quer para as tornar mais valiosas quer para diminuir os efeitos.

Duas semanas na grande cidade o depois... o remanso do meu cantinho de Leça que por nada troco.

Vamos sahindo do roldão. Sinto sobre os meus hombros o pezo da turba multa que enchia o carro e que se recusa a todo o transe sahir...

Estamos na gloriosa praça de D. Pedro.

Num abraço de despedida, desejos ardentes de um novo triunfo e Armando Leça lá vai, modesto no seu jaquetão negro, chapeu deformado sobre a testa, olhar vivo piscando por detraz duns oculos largos, d'aro doiro.

Nuno Gil

Noticiario

Entre nós

S. Carlos terá esta semana espectaculos sensacionaes!

Alem da aplaudida Manon com Borgioli e Busy, hoje teremos a debute da diva Barrientos na Lucia acompanha o pelo novo tenore Cunisella. Sabado Barbeiro, a opera tão amada do nosso publico, com um conjunto sensacional, Barrientos, Borgioli, Cirino, Molinari; Bachi e a resparição do notavel maestro Guy.

VIDA SPORTIVA

A orientação do sport

Reconhece-se como impossivel uma plataforma entre alguns clubs e a F. P. S. — A Federação vae dar por finda a sua existencia para ser creado um novo organismo.

Nas salas de «A Capital» continuaram hontem os trabalhos da assembleia dos clubs de sport, reunidos a convite do jornal «Os Sports», afim de se decidir sobre a creação de uma nova entidade federativa, orientadora do sport nacional, visto a Federação Portugueza de Sports não corresponder, há já cinco anos, ao que d'ela era licito esperar para um maior desenvolvimento do sport nacional.

A sessão de hontem decorreu animada, tendo comparecido trinta e quatro representantes de clubs de Lisboa e de fóra.

Depois de larga discussão foi aprovada quasi que por unanimidade, a impossibilidade da plataforma proposta pelo sr. Ribeiro dos Reis, afim de que os clubs não filiados na Federação n'ela ingressassem. Viu-se que era impossivel e o caminho a seguir seria indicar á Federação dar por finda a sua existencia para depois se criar um organismo federativo dos sports que ainda não tenham federação; criar a federação por cada sport; e finalmente a União d'essas Federações.

Depois de terem falado Bazilio d'Oliveira, Campos Junior e Ribeiro dos Reis, foi perto da 1 hora encerrada a sessão. A meza vae oficiar á Federação Portugueza de Sports afim de que ela realise o seu Congresso para ahi os delegados dos clubs, ainda seus filiados darem por finda a sua existencia.

Hoje, pelas 19 horas, reunem na redacção de «Os Sports» os srs. Correia Leal, Bazilio d'Oliveira e o delegado do Lisboa Gymnasio Club afim de darem cumprimento ás resoluções da Assembleia.

Nas duas sessões realisadas aparecerum alguns delegados de clubs que mais pareciam defensores da F. P. S.

Foi estranhado por todos os delegados de clubs a não comparencia de um representante do Ginasio Club Portuguez.

Parece que Congresso da F. P. S. deve reunir por estes quinze dias.

Para demonstrar o interesse que a ideia de «Os Sports» despertou nos, clubs basta dizer que estão larga representação, muitos delegados estudaram o assunto, tendo sido «presentadas deze propostas que ficaram por discutir.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Se os anteriores concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch teem sido com extraordinario exito, a 7.ª de assinatura que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz é um dos maiores acontecimentos musicaes destes ultimos tempos. Em 1.ª audição executam-se as celebres «Dansas Guerreiras do Principe Igor, da obra prima do grande compositor russo Borodine, e pela unica vez a famosa «Sinfonia Pastoral» de Beethoven, o estraordinario poema sinfonico de Liszt, «Tasso Lamento e Triunfo, o Anacreon» de Cherubim, a «Chauson de Printemps» e «Le Fileuse» de Mendelssohn e outras obras.

Concertos no Politeama

Além dos titulos já indicados na imprensa como fazendo parte do programa do concerto que no proximo domingo se executa no Politeama, podem citar-se o «D. Juan», poema sinfonico, de Strauss, a «Dança Firmontegã», n.º 2, de Sinigaglia; a «Linfonia n.º 6,» de Hazdn; a «Valsa Triste,» de Sibellius e o poema sinfonico «Stenka Razine,» de Glazonnom. Os creditos do ilustre maestro Fão e o valor da orquestra que pôr ele dirigida com a mais proficiencia garantindo-lhe uma concorrencia extraordinaria, devendo acentuar-se que o programa é admiravel e digno dos exigencias dos nossos melhores amadores.

ULTIMA HORA

POLITICA

Continua carregada de negras nuvens a situação politica. E' inevitavel a crise ministerial, parecendo que o sr. Liberato Pinto não consegue remover as dificuldades que dia a dia vão surgindo e que cada vez mais se avolumam por motivo da irredutibilidade dos varios agrupamentos politicos contra o sr. ministro das finanças.

O estado de saude, do venerando Chefe do Estado, que serviu de desculpa para fazer amainar hontem, um pouco, as paixões politicas, não conseguira no entanto que tal «statu-quo, se mantenha por muito tempo.

O debate sobre a questão da Financial deve demorar mais alguns dias ou seja o tempo suficiente para que o Chefe do Estado melhore, devendo depois os liberaes, por parte do sr. Antonio Granjo ou Ferreira da Rocha, ou os democraticos por parte do sr. João Camoezas, apresentarem uma moção de desconfiança contra o sr. ministro das finanças, que será votado.

O sr. Cunha Leal abandonará então a sua pasta, o que equivale dizer que a «leader» dos populares, sr. dr. Julio Martins, imediatamente abandonará tambem a pasta da marinha. Declarada a crise, o sr. ministro da agricultura, que está morto por abandonar o governo, terá ocasião de tornar efectivos os seus desejos, o que ainda não fez por conselho dos amigos.

Conforme dissemos, os independentes reuniram hontem quasi no final da sessão, para troca de impressões, nao assentando em coisa alguma de definitivo, visto não estarem presentes todos os parlamentares, porquanto os senadores, não tendo sessão, não compareceram na camara.

Na sala voltou hoje a aparecer a mesma tensão de espiritos de antehontem. Fala-se baixo na conciliabulos e por toda a parte ha conferencias com um tal ou qual ar de mistério.

A sessão deve decorrer agitada, diz-se, afirmando-se mais que o sr. ministro da guerra vae ser alvo de perguntas que o devem deixar embaraçado.

Trata-se de uma reunião de oficiaes do exercito, realisada hontem á noite no «Ritz-Club» na Praça dos Restauradores, e cujo efeito o governo julga obedecer a um objetivo revolucionario, e que obrigou a policia da Segurança do Estado. O sr. Dr. Costa Junior e Plinio da Silva sao os que mais empenhados andam em que o caso se esclareça, pois que, segundo se diz, o sr. Cunha Leal assistiu a essa reunião, de cujos fins ninguem faz segredo. Diz-se a boca cheia que na reunião se trocaram impressões sobre a efectivação de um golpe de Estado, logo que se declare a crise, sendo encerrado o parlamento e constituido um governo Popular — Re constituinte — Dominguista.

Como taes boatos se tenham avolumado a meio da sessão parlamentar, o sr. Dr. Costa Junior na devida altura interpelará o sr. Ministro da Guerra, pois deseja saber se o que ha d'aquela parte está ao facto do que se passa e se autorisou tal reunião. O sr. Alvaro de Castro, informado do caso, chega a Camara pelas 16 horas e logo se avistou com o chefe do governo, com quem se demora conferenciando.

A interpelação fez-se ás 16,15 cam precisão por parte do sr. dr. Costa Junior. Responderam os srs. Ministro da guerra e o chefe do governo. O primeiro declarou que logo que teve conhecimento do caso, o participou ao comandante da divisão, afim deste apurar o que se passara. O sr. presidente do ministerio por sua vez disse que fôra informado pelo general comandante da guarda da possibilidade de tal reunião e que logo a prohibira. Hontem porém as autoridades, informados de que no «Ritz Club» estavam reunidos 17 ou 19 individuos com trajes civis, imediatamente ordenaram que tal reunião, que elas estava no seu começo, fosse dissolvido.

O sr. Costa Junior que voltou a ocupar-se do caso, pedindo o castigo do que prevaricaram, reunindo sem autorisação das suas superioridades, recebeu uma resposta violenta do ministro da guerra, replicando-lhe esse deputado que o ministro não era um ditador o que tinha de ir á camara explicar o que se passava e não fazer o mesmo que fez com os alunos reprovados do colegio militar, concedendo-lhes autorisação para fazerem exame no fim da epoca, o que é contrario a lei.

A principio toda a gente julgou que o debate se generalisaria, tornando a sessão agitada.

Afinal tudo correu pelo melhor, os animos serenaram e passou-se á ordem do dia sem incidente de maior.

A' hora a que abandonamos o Parlamento estão falando sobre o caso da Financial o deputado ilustre sr. Ferreira da Rocha.

—E de crise? perguntará o leitor.

E' o sr. Liberato Pinto, com quem á sahida nos cruzamos na sala dos Passos Perdidos que responde a esta pergunta:

—Não ha nada por emquanto... Estou preparado para aguentar o governo...

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

A' chamada regimental, feita ás 14, 40 respondem cêrca de 20 deputados, na presidencia, do sr. Abilio Marçal.

Um quarto de hora depois abre-se a sessão, com 34 presenças e franqueiam-se as galerias, tomando lugar nelas muitos espectadores.

Tendo-se lido a acta e a correspondencia e estando já 45 legisladores, o sr. Manuel Jose da Silva, de Oliveira de Azemeis, estranha a ausencia dos membros do governo.

O sr. Alberto Vidal envia para a mesa, requerendo para ele urgencia, um projecto de lei.

O sr. Alvaro Guedes deseja que seja discutido com brevidade o projecto que melhora a situação dos ajudantes das repartições do registo civil.

O sr. presidente toma o pedido na devida conta.

Entra o sr. ministro da marinha, que apresenta uma proposta de lei.

O sr. Domingos Cruz insta por documentos de que necessita para, na devida altura, discutir o orçamento do ministerio da marinha, julga esses elementos indispensaveis e pela demora da sua remessa formula o seu protesto, insurgindo-se tambem contra os serviços da direcção fabril do Arsenal.

O sr. ministro da marinha responde que já deu ordens no sentido do que o orador deseja, acrescentando que os seus olhos estão postos em todos os assuntos da sua pasta.

O sr. Baltazar Teixeira chama a atenção de sr. ministro do comercio para os prejuizos, calculados em 11 contos anuais, que advem para o Estado do facto dos empregados do Liceu Passos Manuel irem prestar serviços a Escola Profissional Ferreira Borges, recebendo subvenção pelos dois estabelecimentos.

O sr. ministro do comercio promete providenciar sobre o caso.

O sr. Antonio Mentas aponta a justiça de se louvar o pessoal do vapor «Limas, do Sul e Sueste, pela sua coragem quando dos atos de sabotagem cometidos pelos grevistas dos caminhos de ferro do Estado.

O sr. ministro do comercio trasmitirá ao seu colega da marinha, que acaba de sair da sala, as considerações ouvidas.

O sr. Manuel José da Silva (Azemeis) solicita bonificações no porto maritimo da Horta, em risco de desaparecer de todo. Aludindo depois aos serviços de obras publicas no mesmo districto, diz que á sua frente se encontra apenas um homem, que é insuficiente.

O sr. ministro do comercio presta esclarecimentos acêrca dos projectos de melhoramentos açoreanos.

Em negocio urgente, o sr. Eduardo de Sousa pergunta ao sr. presidente do ministerio em que situação se encontra o jornal «A Monarquia».

O sr. ministro do interior declara que esse diario poderá voltar a publicar-se livremente depois de terminadas as deligencias policiaes que se estão fazendo apos a apreensão de bombas que se efectuou nos escritorios desse diario.

O sr. Eduardo de Sousa entende que não deve consentir-se a publicação de qualquer jornal com esse titulo subversivo.

O sr. presidente do ministerio diz que esse jornal tem circulado até agora sem qualquer reclamação, mas que vae estudar a legislação sobre o assunto, entregando-o depois á consideração da camara.

O sr. Costa Junior pergunta ao sr. ministro da guerra o que ha de verdade sobre a noticia de uma reunião de oficiaes no exercito para por eles ser apreciada a marcha da politica.

O sr. ministro da guerra declara que apenas teve essa noticia e que já pedia informações sobre ela.

Por sua vez, o sr. presidente do ministerio diz que teve conhecimento do caso pelo comandante da divisão sabendo mais que se alguma coisa houve foi apenas um principio de reunião cujo fim não está ainda averiguado, sendo-se, todavia, prohibida que ela continuasse.

O sr. Costa Junior, recordando as desastrosas consequencias que de coligações de oficiaes para fins politicos teem dado e pode todo o rigor para os membros do exercito que, a ser verdadeira a noticia, pretenderam reunir-se para discutirem politica.

O sr. ministro da guerra diz ainda que o sr. Costa Junior não tem o direito de alargar considerações uma vez que não se sabe bem o motivo da falada reunião, que se poderia ter combinado com fins estranhos a politica.

Afirma ainda que ninguem esta autorisado a julga-lo menos competente para cobrir a força publica no seu logar.

O sr. ministro das finanças apresenta o orçamento geral do Estado, anunciando que dentro de dias distribuirá o respectivo relatorio.

Faz em seguida uma rapida analise á situação financeira do paiz, que considera serio o exteriorisa fundadas esperanças no emprestimo externo e nas receitas que hão de resultar dos novos impostos, desde que todos se compenetrem inteiramente dos seus deveres patrioticos.

Aprovada a acta, vota-se a urgencia requerida pelo sr. Alberto Vidal para o seu projeto, em que se solicita um subsidio para a Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha.

Em seguida lê-se uma nota de interpelação do sr. Costa Junior ao sr. ministro da guerra sobre a autorisação duma nova epoca de exames no Colegio Militar, exarando-se na acta votos de pesar pela morte do pai do deputado sr. Orlando Marçal e tambem do falecimento do deputado ás reconstituintes sr. Afonso Ferreira.

Associam-se todos os lados da camara.

Reata-se depois a discussão sobre a Agencia Financial, proseguindo no seu discurso o sr. Ferreira da Rocha, com uma analise detalhada no respectivo contracto.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Constou hoje de tarde no parlamento que se haviam agravado os padecimentos do venerando chefe do Estado.

Telefonámos imediatamente para a Presidencia da Republica sendo dali informados, pelo secretario geral, sr. Jayme Athias, que o estado do ilustre enfermo era o mesmo de hontem.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida está sofrendo um violento ataque degota, agora muito mais forte que das outras vezes.

Não inspira no entanto qualquer apreensões a marcha da doença.

Fazemos os mais ardentes votos pelo pronto restabelecimento do ilustre enfermo.

Malas postaes

Pelo vapor «Liger» são amanhã expedidas malas postaes para Dakar, Bolna, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo as 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Asilo Santo Antonio de Lisboa

Realiza-se amanhã, ás 21 horas, na séde, avenida Almirante Reis, 38, uma sessão solene para inauguração do busto do fundador da benemerita instituição, o sr. Luiz Pinto Moitinho.

Monumental Club

Inaugura-se no sabado, no edificio onde esteve o extincto «Majestic Club», com o fim de proporcionar aos socios otimos jantares e ceias com o concurso artistico de um excelente soxteto.

Festival no teatro S. Luiz

Comemorando a 50.ª representação da opereta de costumes portuguezes «A leiteira d'Entre-Arroios» que o publico tão calorosamente tem festejado, distribue a empreza do S. Luiz depois d'amanhã, ás 16 horas, esmolas a 100 pobres.

A distribuição far-se-ha pelos artistas da companhia no Jardim de Inverno, sendo o acto abrilhantado pela orquestra do teatro.

Agradecemos as duas senhas que nos foram enviadas para os nossos pobres.

Poeira da Arcada

Assuntos de instrucção

Foram exonerados de professores das escolas moveis, Filomena do Carmo Gouveia, de Cerigeiras, concelho de Penela, e Artur Alberto dos Santos, do Couto de Dornelas, Boticas, sendo transferida para esta escola, a professora da do Torroira, Estarreja, Maria Nunes da Silva.

Uma comissão delegada do pessoal menor contractado das escolas de ensino primario geral procurou o parlamento o sr. ministro da instrução, afim de protestar contra as ordens emanadas das inspecções do primeiro e terceiro bairros de Lisboa, suspendendo o pessoal contractado no serviço das escolas dos mesmos bairros. O sr. dr. Augusto Nobre prometeu dar instruções ao director geral do ensino primario e normal para aquelas ordens serem anuladas e declarou que todo o pessoal contractado continuará no serviço até que o Parlamento se pronuncie sobre o assunto.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 12.—Reabriu o parlamento tendo sido reeleito presidente da Camara dos Deputados o sr. Raul Peret por 374 votos em 515 votantes.—(H).

ROMA, 12.—A partir do proximo dia 15 serão elevadas de 300 % as taxas telegraficas para o estrangeiro.—(H).

LONDRES, 12.—Partiu hontem para Moscou Via Ostende o delegado dos «sovietes», Krassine.—(H).

LONDRES, 12.—O Tribunal ordenou a liquidação do Banco Farow, que ultimamente suspendeu pagamentos.—(H).

MADRID, 12.—Em conselho de ministros desta noite foram aprovados os modificações de algumas clausulas do convenio postal hispano portuguez.—(H).

WASHINGTON, 12. — Confirma-se que o governo americano se não fará representar na conferencia inter-aliada de Paris que ha de reunir no dia 19 para tratar da questão do desarmamento das guardas civicas na Alemanha e, provavelmente, da questão das reparações e da situação na Grecia. (H.)

PARIS, 12.—A situação politica apresenta-se um pouco confusa em vista de alguns deputados insistirem em interpelar o governo sobre a politica geral e financeira e o sr. Leygues se recusar a aceitar qualquer interpelação antes de se realisar a conferencia inter-aliada que está marcada para o dia 19. (H.)

WASHINGTON, 12.—A proposito da questão do desarmamento que tem sido ultimamente ventilada, o ministro da marinha declarou que emquanto se não chegar a um acordo internacional que termine com a competencia dos armamentos navaes, os Estados Unidos ver-se-hão obrigados a proseguir na sua politica naval que visa o obter uma esquadra tão poderosa como a mais poderosa do mundo.—(H).

DUBLIN, 12. — A saída do teatro Imperio foram agredidos pela policia todos os espectadores. No funeral do sinn-feiner morto ha dias em Waterford a autoridade militar proibiu que o sequito fosse alem de 40 pessoas. Durante a inhumação o caixão estava ladeado de metralhadoras e á saida do cemiterio os assistentes foram cercados pela tropa e agredidos pela policia.—H

NOTICIAS DA CAPITAL

Brindes e Calendarios

Recebemos e agradecemos o calendario artistico para escritorio da casa Pedro Franco & C.ª, da Rua da Prata, 147, 147-B, e da The British Electrical Engineering y Machinery C.º Limited, da Calçada do Marquez d'Abrantes, 99.

Os assaltos na Ajuda

O chefe Eduardo Tavares ordenou uma rigorosa investigação sobre os assaltos e motins que ultimamente se teem dado no bairro da Ajuda e nas imediações, achando-se por este motivo já presos por suspeita vários individuos, entre eles Manuel de Freitas, o «Andorinha», que se supõe ser o chefe da quadrilha.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3752 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 13 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 114, Rua da Atalaia, 116

Preço, 5 centavos

Os defensores do sr. Cunha Leal

Apelando para o vocabulario especial que se lhe afigura o mais adequado ao estilo governativo o sr. ministro das finanças não cessa na sua faina de apresentar os que não estão dispostos a apoial-o nas suas medidas ruinosas para a nação como inspirados por todo o genero de más paixões ou de inconfessaveis interesses. Assim, o publico sabe já perfeitamente que os que combatem essas medidas são para o sr. Cunha Leal facinoras, porque o querem derrubar, corruptos, porque estão vendidos a emprezas que não querem que taes medidas passem, d'scolos, porque se não se submetem á unica disciplina que o sr. ministro das finanças reconhece, e que é a obediencia á sua vontade. Resta saber se estas são as razões por que se combate o sr. Cunha Leal, se estas são as entidades que o atacam, quaes são as razões com que o defendem outras entidades, que entidades são essas, e de que processos se servem, ou procuram servir-se, para eternisar no poder o homem que realisa todas as suas aspirações.

Colocando-nos no ponto de vista do sr. Cunha Leal, teriamos, com efeito, motivos para perguntar se, havendo interesses especiaes opondo-se á adopção das suas medidas, não haverá, consequentemente, outros motivos especiaes que levem á defeza do sr. ministro das finanças. Por muito simpatico que seja o sr. Cunha Leal, não será natural que apenas pelos seus belos olhos se empenhe uma luta em que certos elementos parecem resolvidos a recorrer a tudo, sem exceptuar os meios mais violentos que só a desesperação imagina, com o seu inevitavel desvario.

O sr. Cunha Leal tem efectivamente quem o apoie. Não é a imprensa, porque á excepção de dois ou trez jornaes que de vez em quando arriscam algumas vagas referencias elogiosas aos seus planos e á sua acção, toda a imprensa se insurge contra os seus projetos e as suas atitudes, ou lhe patenteia, no seu silencio, uma fórma da sua desaprovação. Não são as classes, todas elas ameaçadas ou maltratadas. Não são mesmo os partidos politicos, á excepção do seu reduzido grupo, porque até os que estão representados no governo a que o sr. Cunha Leal pertence o condenam ou parecem dispostos a abandonal-o á sua sorte. Mas sente-se que o sr. Cunha Leal tem uma defeza. Percebe-se, adivinha-se, atravez da maneira irregular que por ela se manifesta. Ha realmente quem esteja empenhado em manter o sr. Cunha Leal no poder, e para isso não se recua diante dos mais condenavãis extremos.

E' assim que de vez em quando aparecem papelinhos, exaltando a figura do sr. ministro das finanças e agredindo os seus adversarios, numa linguagem copiada da que o sr. Cunha Leal emprega no parlamento, sancionando-a com a autoridade das bancadas ministeriaes. E' asssim que de vez em quando se annunciam manifestações que ou mal chegam a realisar-se, ou, realisando-se, apenas congregam duas ou trez centenas de individuos, mas que procuram exercer pressão sobre um paiz inteiro.

E' assim que se vae ainda mais longe procurando fomentar a indisciplina em classes cuja razão de ser está precisamente na manutenção da ordem e no absoluto respeito á lei.

Taes tentativas são loucas, embora perigosas, porque o paiz está farto de aventuras em que os espectaculos da força só teem vindo a redundar na fraqueza de quem não sabe nem pode realisar uma obra salvadora. Deitar abaixo, aluir a propria base do regimen, tem sido relativamente facil. Mas sempre que se sae dos principios, sempre que se sae da lei não se edifica nada de solido e duravel. A Hespanha por exemplo, nossa visinha, e com tantas afinidades de temperamento e de raça, só socegou, só poude iniciar eras de tranquilidade e de trabalho, quando fechou o ciclo dos pronunciamentos militares. Entre nós, mesmo, o movimento da Regeneração, encerrando ciclo egual, é que logrou darmos um periodo identico. Doutra maneira, não se respeitando a supremacia do poder civil, a obra constituida só pela força desabava sempre pela força, e foram militares tão ilustres como o marechal Saldanha que disso se capacitaram, resolvendo acabar, por suas proprias mãos, com o predominio da espada.

Como prova do desvairamento a que aludimos, consta que um dos amigos mais intimos e dos colaboradores mais solicitos do sr. ministro das finanças, o sr. Pinto de Lima, percorreu recentemente as sédes de algumas unidades militares, e essa romaria singular não é certamente de molde a inspirar uma grande confiança nos meios de que os admiradores do sr. Cunha Leal desejariam, porventura, lançar mão para manter no governo o homem que consideram um chefe. Triste desvairamento esse que por felicidade não tem possibilidade de se traduzir, assim o acreditamos firmemente, em actos que nos poderiam levar á irremediavel subversão nacional. Entretanto, o que desejamos acentuar no fim d'este artigo, como no seu principio assignalámos, é que seria interessante saber que interesses, que paixões, que planos teem os que apoiam o sr. Cunha Leal, e que, segundo tudo indica, levam o seu ardor a um ponto em que ele pode transformar-se em delirio.

SEGREDOS a TODA a GENTE

Sua ex.ª a moda:

A moda, tão voluvel pelo menos como as mulheres, decretou agora num pequenino gesto impertinente de ditadura — a pele do macaco. Depois da lontra, da rapoza, da Sibelina — estava naturalmente indicada. Eu nunca compreendi bem as razões de caracter estetico que podem levar uma senhora — a enfeitar-se com a péle das féras. Em todo o caso, sob o ponto de vista moral, nós, os homens, não podemos deixar de concordar que a péle das féras é precisamente a que melhor fica ás mulheres. Mas afinal o que virá depois da péle do macaco? — pergunta a minha curiosidade. Di-lo a meu lado uma encantadora rapariga cujo casamento se anuncia para breve:

— A péle do marido.

Automoveis

Pela meia noite de hontem, um automovel grande, cinzento, uma capota clara, os faróes apagados, passou aos tiros na Avenida e desapareceu, na sombra, para os lados da Rotunda. Os automoveis misteriosos estão positivamente na ordem do dia, ou melhor na ordem da noite... da policia de investigação. A curiosidade anima-se; o enigma palpita; entretanto a policia mantem-se, como sempre, numa tranquilidade silenciosa para não prejudicar as investigações — e porque não se sabe nada. Santo paiz onde até os romances de Montépin se traduzem ao vivo, em plena cidade!

A paz

Lektryo, no seu recente livro de memorias, expõe, com a mesma tranquilidade com que fuma o seu cachimbo de barro, a opinião de que nenhum homem de Estado fomentou a Grande Guerra. A provar-se o que Lektryo escreve teriamos de admitir — e porque não? — que o artigo 231 do tratado de 1919 cairia por terra e com ele toda a obra pouco menos do que infantil de Versailles. O que dirá Lloyd George? O que dirá Wilson? O que dirá Clemenceau? Naturalmente dirão que são trez homens de espirito — e que por isso mesmo a guerra de amanhã terá como unica causa o tratado de paz de hontem.

Luiz d'Oliveira Guimarães.

O sr. Cunha Leal... «hamletico»

Hontem a sessão na camara dos deputados decorreu serena O sr. Cunha Leal falou, mas d'esta vez, por excepção, com serenidade. Entretanto a sua atitude era marcial.

Dizia o sr. Eduardo de Souza, com certa graça, que o sr. Cunha Leal estava... *hamletico*.

Subsidio a cantinas escolares

Algumas cantinas escolares de Lisboa ainda não foram receber ao ministerio da instrucção os subsidios que lhes foram arbitrados para o ano economico findo, estando ali ao seu dispor os respectivos cheques.

Autorisação a irmandades

As irmandades do Santissimo do Socorro e dos Passos do Desterro foram autorisadas a vender uma propriedade nas Janelas Verdes, que lhes foi deixada por Maria Pereira da Craça e a aplicar o produto em titulos de assentamento da divida publica.

ANTIQUALHAS HISTORICAS

III

Camisa de onze varas

O adagio em França e Inglaterra -:- A camisa na tradição oral -:- Os misterios do numero onze -:- Carochas e Sambenitos -:- O uso da alva nos suplicios publicos -:- Rasga-se a camisa secular

A camisa de onze varas, embora antiga, não deve ser anterior á fundação da monarquia, mas com certeza anterior á entrada da Inquisição em Portugal.

Se a extensão do seu emprego e influencia abrangia Hespanha, e disso não temos indicios seguros, pelo menos nos livros consultados nada encontrámos que o comprove (1), e é muito provavel que ás regiões mais afastadas da Peninsula, e fóra dela, tambem não tenha chegado.

Estamos, pois, em presença de um adagio, se não peninsular, com certeza de caracter muito nacional e genuinamente portuguez.

A camisa de onze varas simbolisa para nós dificuldades e embaraços de tal ordem e grandeza que tanto podem envolver a situação e vida de um individuo, como de uma familia, de um povo ou mesmo de uma raça.

Em camisa de onze varas se está vendo Lloyd George com as pretensões insistentes da velha Hisperia, tanto como a visinha Hespanha com a violencia das reivindicações sociaes da Catalunha.

Comparavel aos embaraços expressos pelo nosso curioso adagio, a França só encontra o de andar no mar sem mantimentos, «S'embarquer sans biscuit», cousa afinal vulgarissima para nós que temos as reminiscencias da Nau Catrineta e toda uma literatura de naufragios, tão rica que nenhuma outra nação antiga ou moderna, por mais navegadora que seja, a iguala nem sequer se lhe compára.

O curioso e até pitoresco do nosso antigo modo de dizer reside tambem na escolha de uma certa peça de vestuario, de preferencia a outra qualquer, e na fixação exata de um certo numero escolhido dentre toda a infinita escala da numeração.

O interessante seria achar a relação entre o adagio e a idea que ele simbolisa.

Este interesse resulta do facto de se reconhecer que toda a fabula, por mais remota, por mais primitiva que seja, sempre encerra uma historia autentica, embora raras vezes a saibamos interpretar e compreender, por chegar até nós envolvida em tropos e ás vezes transfigurada por mutilações que a transmissão oral atravez dos tempos lhe vae introduzindo.

A camisa tem sempre constituido a peça de vestuario por excelencia, por ser a que mais directa e imediatamente se acha em contacto com as carnes, cobrindo-as e protegendo-as contra as intemperies e contra a concupiscencia dos olhos menos pudicos. Daqui a facilidade de exprimir figuradamente certos conceitos.

Quem fica sem camisa entende-se que fica pobre, e aos gulosos do casamento tambem nunca convém receber mulher em camisa, isto é, que não venha acompanhada do respectivo dote, persistencia moral ainda vigente nos codigos modernos, a simbolisar o preço da compra e da venda da antiga escrava.

Em fralda de camisa tanto andam as creanças quando o calor as afronta, como os adultos, quando a miseria lhes bate á porta. E nestes tempos mal afamados de virtude e de caracter que vão correndo, o povo continua a afirmar que já não se fia nem da camisa que traz vestida.

Esta preferencia da camisa para expressão de certos conceitos encontra-se até na canção tradicional do povo.

Da trova popular colheu o rei D. Diniz uma serranilha que já a esse tempo corria de boca em boca e resava logo na primeira quintilha como segue:

> «Levantou s'a velyda
> «levantou s'alva,
> «e vay lavar camysas
> «en o alto,
> «vay las lavar, alva.» (2)

E como esta mais cinco formando uma interessantissima canção.

No Alemtejo, entre muitas outras quadras, ainda se canta esta:

> «Tenho uma camisa nova
> Toda feita ó *desdém*,
> Por cima tudo são rendas
> Por baixo nem fralda tem.»

O mesmo estribilho nos aparece no Douro, nesta variante:

> «Estas meninas d'agora
> Dizem que tem, que tem,
> Por cima tudo são rendas,
> Por baixo nem fralda tem.»

Conquanto os inglezes não adoptem a nossa camisa de onze varas, ás vezes vêem-se metidos nela, e teem como nós a metafora da camisa que comem, bebem, jogam e vendem á escancara, quando dizem *«to eat, to drink, to play, to sell the shirt off one's back»*, no sentido de chupar, explorar, enganar, falsear, reduzir alguem á miseria.

Ocorre-nos agora avaliar a razão da escolha do numero onze para exprimir o comprimento desta camisa tradicional.

A vara nunca constituiu uma medida rigorosamente exacta. A portugueza media aproximadamente onze decimetros. Nem era das maiores, porque a vara franceza tinha ainda um pouco mais de quatorze, nem das menores, porquanto a vara saxonica pouco ia alem de seis decimetros. Tomada, porém, uma média, tratar-se-hia no adagio, se o tomassemos á letra, de uma camisa de onze metros, umas poucas de vezes a estatura humana!

Não se trata, porém, de uma hiperbole. Evidentemente, aqui ha um tropo que consiste em tomar o definido pelo indefinido, querendo com as onze varas, que tomadas literalmente seriam um contrasenso, significar apenas uma camisa desusadamente comprida, muito grande, com certeza, camisa que, uma vez reduzida ás suas dimensões mais naturaes, pudesse dar pano para mangas, como tambem o rifão costuma dizer.

A escolha do numero onze para definir esta extraordinaria camisa das tradições tambem deve ter obedecido á um motivo.

Não é o numero onze propriamente um numero cabalistico, como o trez, o sete e tantos outros. Em todo o caso sobreleva no uso popular e persiste em muitas expressões de linguagem, como as onze mil virgens (sem epigrama), a prova dos onze ao lado da dos nove, quando egualmente poderiamos adotar a dos oito, dos quinze, ou outros quaesquer.

E nas cantigas numerativas aparece-nos por exemplo:

> «A's dez horas parte a náo,
> A's onze se põe á vela,
> A's doze parte o amôr,
> Meu lindo bem desta terra.

E est'outra:

> «Eu d'amores tenho onze,
> Dez e nove, oito e sete,
> Seis e cinco, quatro e trez,
> De dois só um me compete».

Assim analisadas as componentes do adagio, resta surpreender-lhe a origem e deduzir as razões do sentido translato que na pratica se lhe dá.

Estamos a vêr em que dificuldades se veria uma pessôa que tivesse de vestir uma camisa tão exageradamente comprida, o que deveria ser simples e de rapida feitura, como se deduz do adagio portuguez tambem antigo: — começado e acabado, como camisa de enforcado.

Aqui já nos aparece uma primeira relação entre a camisa e o suplicio.

Na tradução oral temos a expressão «ver-se em calças pardas», para significar tambem dificuldades.

Trata-se, porém, de um adagio mais moderno, alusivo aos supliciados que iam nos autos da fé.

Qual caraquçal exclama-se ás vezes relembrando a carocha dos condenados do Santo Oficio, por uma diversa associação de ideias a que noutro artigo ainda teremos talvez ensejo de nos referir.

E' ainda, falando de alguem magro e macilento, se costuma dizer que está chuchado ou chupado das carochas, como deveriam estar aqueles que, depois de sofrer as torturas, por ultimo tinham de vestir a carocha infamante e o sambenito de baeta, sarapintado de demonios, lagartos e figuras astrologicas, com que eram levados para a fogueira no meio de sumptuosos cortejos macabros.

Era neste sentido que no seculo XVI, quando se queria insultar alguem, ou fazer-lhe sentir que ele tinha culpas no cartorio, embora tivesse conseguido escapar á investigação, se lhe dizia:

— Já eu vi a Vossa Mercê de baeta!

A's vezes em resposta, o ofendido arrancava da espada e decidia-se o pleito á esquina de qualquer betesga.

A ideia primitiva da camisa de onze varas tem de procurar-se, pois, em epocas anteriores á Inquisição, porquanto no tempo desta já os supliciados usavam trajo diverso. Os calções eram então muito curtos e pardos, e as carnes iam-lhes cobertas apenas com o sambenito sem mangas, largo e muito curto, de enfiar pela cabeça e facil contestura.

Consultando, porém, os antigos regimentos que prescreviam os pormenores a adotar na condução dos condenados ao suplicio, ahi se encontram referencias a essas compridas camisas que tinham de chegar até cobrir os pés, e a que se dava o nome de alvas, o mesmo nome que já no seculo XIII se repetia na serranilha popular de D. Diniz.

E isto confirma o meu velho e erudito mestre e bom amigo Teofilo Braga, quando diz que o adagio em discussão correspondeu algum tempo á realidade da situação em que se vestia uma alva até aos pés em forma de saco ao que caminhava para o suplicio. (3).

E o suplicio principiaria por ter o paciente de andar com vontade ou á força, continuamente azorragado pelas disciplinas do verdugo e pelos apupos da multidão, aqui cahindo, acolá levantando-se, e sempre a tropeçar nas orlas da maldita camisa do condenado.

A expressão veiu a tornar-se frequente, e foi com o tempo mudando do sentido natural para o figurado, sendo certo que chegou a ser vulgar e menos digna d'aqueles que bem falavam, porquanto já no seculo XVIII a vemos citada por Silvestre Silverio da Silveira e Silva, pseudonimo de Manuel José de Paiva, entre o numero das que não se deviam dizer no seu tempo. (4)

Desobedecendo ás prescrições d'aquele purista da lingua, ainda em pleno seculo XX nos arriscamos a meter na imensa camisa de onze varas, para o que nos vimos deveras em calças pardas.

Os manos de Silverio que nos perdoem o arrojo, pela nossa boa intenção de desmanchar de uma vez para sempre as malhas d'esta maldita camisa dentro da qual, em seculos que já lá vão, tantos infelizes agonisaram.

Ladislau Batalha.

(1) Rodrigues Marin — Quinientas comparaciones populares andaluzas.

(2) Do seculo XIII. Cancioneiro do Vaticano. N.º 172.

(3) *O Povo Portuguez:* Vol. II — pag. 336.

(4) Infermidades da lingua e arte que ensina a emudecer para a melhorar. Edição de 1760.

PELO TELEGRAFO

PARÁ, 12. — Avalia-se que a colheita de castanhas no corrente ano atingirá 30.000 hectolitros calculando-se para cada uma destas medidas o preço de 70 mil reis. — *(A.)*

QUITO, 12. — A casa ingleza Harris comprou quasi toda a semente de linho produzida no corrente ano. Esta cultura tomou grande desenvolvimento na provincia de Manabí e o governo, em vista dos brilhantes resultados obtidos pelos colonos inglezes, concedeu premios para favorecer e desenvolver ainda mais a referida cultura. — *(A.)*

QUITO, 12. — Assegura-se que o governo nomeará Muñez Vernaza ministro do Equador no Perú, dizendo o jornal «El Geraut» que ele não aceitará porque considera que serão inuteis todos os esforços a empregar para readquirir os territorios que incontestavelmente pertencem ao Equador e que o Perú teima intransigentemente em conservar em seu poder. — (A.)

S. PAULO, 12. — Foi requerido o inventario dos bens do capitalista portuguez Joaquim Borges que deixou á Santa Casa da Misericordia e á Cruz Vermelha Brazileira a quantia de 2 mil contos. — (A.)

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Sonhos desfeitos

Numa pequena caixa de Madeira que estava, quando eu saí de casa, em um armario no sotão da mesma casa, existiam as cartas que, antes de casarmos, se trocaram entre mim e o sr. dr. Alfredo da Cunha.

Foi essa caixa que, sem hesitar, ésse senhor abriu, tirando dela as cartas que eu lhe escrevi; não hesitando, tambem, em as desdobrar e franquear aos olhos do mundo.

Esses pedaços de papel, longe de lhe merecerem respeito, a êle que se julga pessoa ajuizada, ponderada e digna, serviram-lhe, apenas, para tentar demonstrar a minha *transformação e loucura*.

Abrindo-as, uma a uma, o sr. dr. Alfredo da Cunha escolheu, nessas missivas, as linhas que entendeu convenientes.

Mão respeitou-a candura duma alma de mulher que, na idade das ilusões e dos sonhos, se lhe abria, com toda a sua ingenuidade, vendo nêle um ente perfeito e superior.

Não respeitou o sr. dr. Alfredo da Cunha o perfume de inocência que se exalava dêsses bocados de papel, nem a pureza que em todos êles transparencia.

Soube êsse senhor ir procurar as minhas cartas de enamorada, para lhes fazer, em publico, o que durante anos fez, a ocultas, ao coração que se lhe entregou, na mais risonha idade, e na mais ilusória esperança — retalhou — as.

Soube o sr. dr. Alfredo da Cunha reler agora o que lhe escrevi, quando o meu espirito juvenil ignorava quanta maldade existia pelo mundo; quando a minha única aspiração era amar e ser amada. Mas não o soube ler, quando á autora dêsses escritos ia, êle proprio, rudemente, ensinando como se desprezam afectos, como se repudiam carinhos.

Não soube o sr. dr. Alfredo da Cunha encontrar nessas cartas, que hoje lhe servem de arma traiçoeira e covarde, para melhor ferir a mulher que lhas escreveu, o seu verdadeiro valor.

Deixou arrefecer, ao contacto do seu gelado coração daquela que se lhe confiára crente em que tudo quanto nas suas cartas ele lhe tinha escrito, tudo quanto nos seus versos tinha lido, erám demonstrações duma alma sensivel e terna.

Ilusões de criança, esperanças de mulher, tudo o sr. dr. Alfredo da Cunha desfolhou sem compaixão.

Ao abrir a caixa que continha as nossas cartas o sr. dr. Alfredo da Cunha devia, se fosse uma alma compassiva e boa, ter-se curvado respeitoso como se dentro dela estivesse, em pedaços, o coração que ele esfacelára e devia te-la fechado pezaroso por não ter sabido aprecia-lo devidamente.

Não o moveu, porém, a piedade; e, em vez de deixar a repousar, como em frio cemiterio, esses sonhos que ele proprio desfizera, essas ilusões que tinha feito desaparecer, trouxe-as a publico, dizendo: vêde como eu fui amado; mas devendo acrescentar vêde como eu pago a quem me teve amor; avaliai, agora, a mulher que eu meti no Conde de Ferreira e dizei-me se razão não tenho em a chamar doida, a ela que teve a loucura de me escrever tudo quanto ai está.

Soror Mariana Alcofarado amou com paixão o cavaleiro De Chamilly; eu amei com ilusão o sr. dr. Alfredo da Cunha.

Muito nova, desejando de me ver querida com a mesma ternura com que meu Pai queria a minha Mãe, sabendo que escrevia a um poeta, eu dizia-lhe, sentidamente, em prosa, o que ele, talvez sem o sentir, me dizia em verso.

A minha alma de mulher, pronta a dedicar-se até ao sacrificio por quem soubesse dedicar-se-lhe igualmente, foi embalada pela musica cadenciada das poesias do sr. dr. Alfredo da Cunha e, julgando-o homem pelas endeixas e pelos madrigais, deixou-se prender como uma ave inocente.

O tempo passou, os versos do poeta ficaram; as minhas cartas tambem; mas as ilusões da mulher perderam-se e hoje posso escrever, a respeito do sr. dr. Alfredo da Cunha, o que a pobre freira de Beja escreveu ao seu ingrato cavalheiro: — «O seu procedimento não é dum homem de bem.»

Maria Adelaide

O sr. Cunha Leal

A defeza que d'ele fazem, como ministro, os seus admiradores incondicionais

Um jornal da manhã chora a sorte mofina do sr. ministro das finanças que não poude levar por diante os seus mirificos planos de salvação do paiz por se terem esbarrondado de encontro á muralha que lhes opoz a imprensa, no exercicio d'uma das mais belas garantias da Constituição, que nos assegura a livre expressão do pensamento.

Porisso o sr. Cunha Leal não pode vêr a imprensa e aproveita todas as oportunidades que se lhe oferecem para manifestar a esta nobilissima instituição o seu desagrado, o seu resentimento.

Quando o sr. ministro das finanças apresentou ao parlamento as suas fantasticas propostas e marcou um praso curto para a sua discussão, sob pena dos peores males que estavam iminentes sobre o paiz, foi a imprensa que lhe disse: «Alto, mais devagar! Isso não póde converter-se em lei do paiz sem um exame aprofundado e meticuloso do assunto».

E já lá vão passados, ha muito, os prazos marcados para nos cairem em cima todos os horrores e nada de anormal se produziu, felizmente, a não ser para o sr. Cunha Leal, que julgando trilhar o caminho da gloria, encontrou no fim da estrada o abismo.

Veio depois o caso da Agencia Financial que o sr. ministro das finanças, experimentado pela sorte desgraçada das suas queridas propostas, pretendeu subtrair ao conhecimento do publico. Isso acabou de o enterrar. Um concurso secreto pelo curtissimo praso de nove dias para tão complexo assunto que na verdade se reduziam a seis por haver tres dias feriados, veio convencer o paiz de que o sr. ministro das finanças não tinha a competencia indispensavel para o exercicio de tão espinhoso cargo, para o qual se exigem qualidades que estão em completa desavença com as manifestadas pelo sr. Cunha Leal.

Não é, pois, a imprensa a culpada da critica situação em que se encontra o sr. ministro das finanças. Só ele a creou.

Resta aos defensores do sr. Cunha Leal clamar aos quatro ventos que é um autentico talento

O jornal a que acima nos referimos atribue, porém, todas as complicações da hora presente á atitude da imprensa para com o sr. Cunha Leal e diz

Ha pouco tempo ainda os interesses separavam-se e agiam em terrenos distintos e todos puderam presencear a verrina sangrenta que aí correu em certa imprensa.

Agora os interesses confundem-se e as hostes desavindas juntam-se para atacarem o homem energico e vigoroso, inteligente e decidido, que se fez intrepido defensor dos dinheiros publicos.

Intrepido defensor dos dinheiros publicos? Não precisa de defensor aquilo que não é atacado. Na defesa dos interesses do paiz tem a imprensa lutado, e esses sim, esses corriam perigo no caso da Agencia Financial, posta a concurso secreto, e com um praso que não permitia a quem não estivesse senhor do negocio estuda-lo convenientemente. E tanto assim era que nenhum Banco portuguez se preparou para concorrer dentro daquele curtissimo prazo.

O jornal em questão confunde assim o assunto que debate em termos que só poderão calar no espirito do restrito numero dos admiradores incondicionaes dos talentos, não manifestados, do sr. ministro das finanças.

E acrescenta:

Nada teem que dizer á sua honestidade. Confessam-na. Não podem contestar-lhe o seu autentico talento. Reconhecem-no. Que fazer então? Invectivar-lhe o vigor da sua eloquencia, mas emprestando-lhe exageros, para não dizer que descem a falsificar-lhe a palavra, muito embora candente, mas sempre justa.

Belos processos de ataque, não ha duvida. E tudo isso nos doe profundamente, como patriotas, como republicanos.

Evidentemente nada temos que dizer á sua honestidade. Os ministros da Republica teem de ser fundamentalmente honestos, porque, quando o não fossem, não se demorariam no exercicio do seu elevado cargo do qual seriam corridos pela indignação de todos os bons e leais republicanos. Não sucede o mesmo pelo que respeita ao seu *autentico talento*. Esse pômol-o muito em duvida. O sr. Cunha Leal passa com efeito por uma inteligencia privilegiada. Quando era estudante na Escola Politecnica já lá fazia as suas conferencias que eram sempre ouvidas com agrado. Mas as inteligencias manifestadas nas escolas nem sempre produzem obras aproveitaveis quando veem para o dominio da vida pratica.

O talento d'um homem politi-

THEATROS e CINEMAS

Pelo Porto

NAS PRIMEIRAS

TEATRO SÁ DA DA BANDEIRA. — *Estreia da Companhia Palmira Bastos, com a peça em 4 actos de Pierre Fronchasi tradução de Oldemiro Cesar:* **«Montmarte»**. : : : : : :

Era eu ainda moçoilo, tinha uns velhos parentes lá para as bandas da Costa do Castelo que todos os mezes me convidavam a ir passar uns dias na sua companhia, precisamente quando se realisavam umas recitas de maus amadores num teatreco do bairro. Lembro-me bem dos sinistros dramalhões que foram condenados; sofrendo tratos de polé, por esse tribunal inquisitorial de furiosos inconscientes. Creio bem que nunca se cometeram maiores atentados contra a arte teatral. O espetaculo de sabado findo, para estreia da companhia de declamação Palmira Bastos se não conseguiu sacudir a minha sensibilidade nem fazer vibrar a minha emoção trouxe-me no entanto, a saudade dos meus tempos moços e nada ha mais feliz do que recordar um tempo que não se pode reviver...

Ao assistir estupefacto ao infeliz desempenho dos quatro actos do auctor de «L'appassionato» tive a nitida impressão que voltáva ao teatro da minha mocidade e que esse nucleo de furiosos, cançados de representar a D. Ignez que foi rainha depois de morta, se lançava no esfacelamento do «Montmartre». E' na realidade deficil de comprehender como um emprezario exprimentado e conhecedor do «metier» não desistiu de arranjar um elenco de declamação ao defrontar-se com semelhantes nulidades de ambos os sexos. Está estafada a lenga longa mas vá lá mais uma vez. Tem-se demonstrado e já dito, que emquanto a vaidade não fôr secudida de meia duzia de elementos aproveitaveis dos palcos de declamação é quasi impossivel organizarem-se nucleos d'artistas, homogeneos e capazes de garantirem uma unidade de conjucto. Quando um actor começa a compreender qual a sua missão no teatro e vive dois ou trez personagens humanamente, logo se acha no direito de abalar da scena, onde é um elemento de valor para se erguer aos pincaros de director de uma companhia e assim mais ividenciar as suas qualidades.

E para que esse destaque seja completo rodeia-se d'um grupelho de incompetentes sem a menor noção do que é teatro e sem o menor respeito pelo trabalho do auctor. Com essa abalada dos bons elementos a que assistimos ? A uma serie infinda de más companhias d'alta comédia e drama, hetrogeneas, sem recursos, falhas de umidade com uma dezena de desconhecidos incompetentes e com nome glorioso no topo do elenco. A companhia Palmira Bastos sofre precisamente deste mal já generalisado. A sua arte dominadora, a vida que empresta aos personagens interpetados e a verdade como sofre os conflitos, não são suficientes para encubrir a palidez d'um restante desempenho mau.

E a verdade d'estas minhas rudes palavras resalta da maneira fria como o publico portuenses recebeu a interpretação dos belos actos de Frondine, dolorosas por vezes, por vezes libertinos mas no fundo profundamente humanos. A pelimtrinco burgueza d'aquele Mau liu Rouge de contrabando com uma figuração desastrosamente enroupada, sem alegria, sem vivacidade, sem cavalhismo, confrangéu-nos a alma.

Palmira Bastos foi estouvada, foi «canaile» soube amar e soube sofrer. Ester Leão secundou-a com brilho no pequeno papel de Carlota, sentido e extriorisado com detalhes. Rafael Marques, sobrio e correcto marcou algumas scenas com verdade posto que nos parecesse deslocado na figura do compositor Marechal. No ontanto triunfou no final do II acto e foi feliz na scena final do III. Francisco Judicibus um Taverim precipitado, sem estudo e dentro duma figura mal composta. Culusans concencioso no cinico Gastão Lajanes, Casimiro Tristão bem no Levy Brack.

Scenarios, uma scena feliz do III acto e a do I sem colorido. Encenaçao cuidada e papeis mal sabidos.

Nuno Gil

Noticias ineditas

Os festejados escritores teatraes portuguezes Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa trabalham numa opereta que destinam á companhia Satanela-Amarante intitulada «Maria Cachucha». A musica é original do ilustre maestro Filipe Duarte o aplaudido auctor da partitura da Leiteira d'Entre-Arroios.

● A seguir á revista «Aqui del-Rei» representar-se-ha no Aguia d'Ouro a fantasia Sehenalbek e Acacio de Paiva «Castelos no ar».

● Na segunda quinzena de março no Aguia d'Ouro representar-se-ha um novo original dos escritores do norte Ascenção Barbosa e Abreu e Souza uma fantizia de grande aspectaculo e com deslumbrante scenario.

co só pode conhecer-se pelos seus actos politicos e, n'esse campo, a inteligencia do sr. Cunha Leal tem-se demonstrado negativo, inaproveitavel e ate, em certas circunstancias, prejudicial aos interesses geraes do paiz.

Quando, por exemplo, desempenhava o cargo de director geral no extinto ministerio das subsistencias deu a publico um oficio da Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro em que esta expunha a sua precaria situação financeira.

E então agora quando se tratava d'um contrato a realisar, contrato complexo e melindroso de que dependeria em grande parte a situação financeira do paiz, queria que ele fosse negociado secretamente e de afogadilho!...

Nem a todos os audazes a fortuna sorri

A estas horas deve o sr. ministro das finanças estar a dizer de si para consigo que o velho proloquio latino—*audaces fortuna juvat*—não passa de uma mistificação, porque não lhe deu a vitoria toda a audacia que desenvolveu nas ameaças e nas invectives com que nos seus discursos parecia querer arrazar tudo. O velho adagio continuará, porem, a gozar dos seus creditos verdade. As aparencias de falsidade que o caso do sr. Cunha Leal lhe empresta proveem apenas de um erro de apreciação.

A fortuna ajuda, com efeito, os audazes, mas aqueles que sabem usar de circumspecção e habilidade para vencer, aqueles que sabem conquistar e não os que apenas são bons para destruir invectivando, gesticulando e barafustando.

Diz o jornal a que nos vimos referindo: «Belos processos de ataque não ha duvida—». Belos processos de defeza, dizemos nós, aqueles que, em vez de argumentarem em justificação dos actos censurados, se limitam a juntar substantivos e adjectivos em profusão como *autentico talento, vigor de eloquencia, palavra candente, vigorosa, inteligente, decidida, etc., etc.*

Mas escusamos de proseguir. Os mortos reclamam a paz da sepultura e o sr. Cunha Leal é, como ministro, um cadaver.

VIDA SPORTIVA

«Criterium Padinha»

E' este ano o 2.º que o Ginasio Club promove a organisação deste Criterium de pesos e alteres em homenagem ao falecido Campeão de Portugal, Francisco Padinha.

O ano transacto foi ganho pelo atleta Antonio Pereira, do Ateneu Comercial e despertou grande interesse apesar do numero limitado de concorrentes, sendo de esperar este ano uma grande concorrencia dado o entusiasmo que se nota nos clubs onde este sport se pratica.

O regulamento vae em breve ser distribuido aos clubs, sendo a inscrição individual e reservada a amadores, sendo os exercicios 3 com o braço esquerdo o direito e o tereeiro com os dois braços.

Vasseur no Ginasio Club

No proximo sabado, pelas 16 horas, a convite da direcção do Ginasio Club Portuguez, o notavel atleta e campeão mundial Vasseur, que ha dias se encontra trabalhando no Coliseu dos Recreios visita aquele club, onde fará umas demonstrações de força, preparando-lhe os amadores do referido club uma animada receção.

E' de esperar que nessa tarde ali se reunam bastantes atletas e amadores do Sport de Pesos e Alteres que tanto entusiasmo despertou naquele antigo Club e parece que com a apresentação de «Vasseur» em Lisboa o regresso á actividade sportiva de alguns elementos que se encontravam afastados, está tomando novamente algum entusiasmo, fazendo assim prever, que os proximos campeonatos de pesos e alteres sejam bastantes concorridos e animadas.

Liga Portugueza dos Clubs de Natação

Reune no sabado 15 do corrente ás 17 horas, no Ginasio Club Portuguez, a comissão do sul para finalisarem a discussão do projecto dos Estatutos e Regulamento de Natação a apresentar ao proximo Congresso Nautico Nacional a realisar-se nos dias 30 e 31 do corrente.

ULTIMA HORA

Um sindicalista perigoso

Foi entregue ao Tribunal de Defeza Social mais um dos autores do atentado da rua do Carmo

A policia de segurança do Estado concluiu hoje as suas investigações sobre o tipografo Paulo Eduardo Fernandes, que, conforme referimos, foi preso ha dias em Torres Novas por ser um dos autores do atentado dinamitista de 21 de novembro nas ruas do Carmo e de Santa Justa, contra o cabo da policia de informações sr. Antonio Maria.

O Fernandes, que era um assiduo frequentador do Café 5 de Outubro, na rua Fernandes da Fonseca, é um dos agitadores mais perigosos, pois que tomou parte em varios atentados dinamitistas, tendo sido o organisador de diferentes juventudes sindicalistas que preparavam varios «complots».

Na policia não houve nunca a menor prova contra tão terrivel sindicalista e assim foi que ele conseguiu sempre, após varias prisões, sair em liberdade.

E desta vez em riscos esteve de suceder o mesmo, mas a policia de segurança do Estado, ao fim de aturado trabalho, conseguiu organisar um processo com elemento de prova suficiente para o preso recolher á cadeia do Limoeiro, onde irá fazer companhia aos seus diletos camaradas João Ramos, João Estofador, Diogo Homenio e outros, que ali aguardam ainda ocasião de ser julgados...

Pelas diligencias efectuadas apurou-se o seguinte: Quando do assalto ao orgão sindicalista «A Batalha», as juventudes sindicalistas reuniram, resolvendo como «révanche» contra tal gesto perseguir as pessoas que no mesmo assalto haviam tomado parte. Depois disso entrou a falar-se muito no agente Antonio Maria, indicado como feroz inimigo dos bombistas e logo as juventudes sindicalistas acordaram em liquidar o agente em questão. Para tal se ofereceram, expontaneamente, Joaquim Antonio Pereira e o Paulo Eduardo dos Santos, os quaes entravam depois durante varias noites a vigiar á sua victima, fazendo-lhe esperas á entrada de casa, á praça da Figueira. Os dois andavam armados de pistola e com bombas e como o Paulo dos Santos, depois da meia noite, recesse andar nas ruas com tal arsenal pois facil seria ser apanhado por qualquer rusga, resolvido ficou entre ambos que as esperas passariam a ser feitas de dia. Essa resolução só foi tomada depois de larga discussão entre os dois, porquanto o Joaquim Antonio Pereira, não concordando com os receios do companheiro, apodava-o de cobarde e medroso.

Em 21 de novembro, ultimo estavam os dois sindicalistas de vigia á porta do agente Antonio Maria, quando viram este sair de casa e dirigir-se para a rua do Carmo a caminho do governo civil.

Planeado então o ataque, o Pereira seguiu a traz do agente para o alvejar, a tiro emquanto o Paulo dos Santos se ia colocar á esquina das Escadinhas de Santa Justa de pistola em punho e com uma bomba pronta a entrar em acção. Após o atentado e preso o Pereira, o Santos aproveitou a confusão para saltar para um carro electrico, chegando um passageiro a tentar prendê-lo, retorquindo ele que não era o criminoso, pois ia fugindo de uns bandidos que tinham atirado as bombas lá do cimo da rua do Carmo.

A certa altura apeou-se e voltou ao local, vendo então que levavam preso o seu companheiro.

Dirigiu-se depois a casa, onde mudou de fato indo passar a noite em companhia de um amigo e nunca mais voltando a casa, fugindo por fim para Torres Novas, indo viver para casa de Guilherme dos Santos, seu antigo companheiro das juventudes. Fez rodear a viagem de todas as precauções e segredo, ocultando mesmo de sua mãe o destino que levava, dizendo-lhe que ia para as Caldas da Rainha. Ali a correspondencia era recebida por Delfim de Souza Pinheiro que por seu turno a enviava para o Guilherme dos Santos, o qual depois a entregava ao Paulo.

O Guilherme que foi preso em Torres e hontem de madrugada chegou a Lisboa, prestou todas estas declarações á policia, confessando mais que o bombista lhe revelára tudo quanto acima deixamos exposto, trez dias depois de ter chegado a Torres.

O Guilherme deve ser hoje restituido á liberdade, tendo sido o Paulo entregue ao Tribunal de Defeza Social. As investigações prosseguem.

Poeira da Arcada

Para a viuva d'um inspector

Na inspecção das escolas moveis foram recebidos 128$ provenientes de uma subscrição aberta entre o professorado das escolas da Madeira, a favor da viuva do falecido inspector sr. João Bernardo Gomes.

O caso da «Monarquia»

O sr. dr. Hipolito Raposo, representante da empreza do jornal «A Monarquia», conferenciou efectivamente hoje com o sr. presidente do ministerio sobre o caso do mesmo jornal.

Sindicancia

O alferes sr. Matos Cordeiro requereu uma sindicancia aos seus actos.

POLITICA

O dia de hoje não deu qualquer nota interessante sobre a situação politica.

No parlamento o movimento foi quasi nulo e a sessão do senado decorreu com a calma peculiar daquela casa do congresso. A sala dos Passos Perdidos esteve a bem dizer deserta, não se notando nela o bulicio, a vida e a animação dos ultimos dias, não havendo, portanto, ocasião para que fervilhassem os boatos de crise.

Embora os jornaes afectos ao governo palidamente procuram desmentir a crise, facto é que ela está por dias. Não ha forma dos varios agrupamentos que dão apoio ao governo acordarem com o sr. Cunha Leal, nas medidas de finanças e no caso da Agencia Financial.

O sr. Liberato Pinto, com quem hontem nos cruzámos na sala dos Passos Perdidos, dissemos:

— Estou procurando aguentar o governo...

O que s. ex.ª nos não disse, porém, mas de que nós tivemos conhecimento, foi que nestes ultimos dias tem realisado conferencias varias com politicos em evidencia, efetuando «demarches» quasi que em segredo afim de que as mesmas não sejam tornadas publicas...

Tudo parece indicar que o sr. Liberato Pinto tem as suas coisas encaminhadas de forma a ter um novo governo organisado logo que a crise se declare pela saida do sr. Cunha Leal e do ministro da marinha, «leader» dos Populares, que nesta ocasião estão votados ás féras pelos democraticos, liberaes e independentes.

Dificil no entanto se torna profetisar quando a crise se declarará definitivamente Isso depende como já dissémos, das melhoras do chefe do Estado.

E, nada mais nos dá a nota politica de hoje, tendo a sessão do senado, decorrido sem qualquer interesse.

Dos ministros apenas compareceu o do comercio que retirou pouco depois, das 16 horas. O sr. ministro de guerra que apareceu passados momentos teve uma demoradissima conferencia, ao canto de uma janela com os generaes srs. Alberto da Silveira e Abel Hipolito, não chegando a tomar assento na sala.

E, os proprios senadores de vez em vez saiam para ir á Camara dos Deputados ver as obras, e principalmente a estatua *A Justiça*, do escultor Costa Mota, que hoje a meio da tarde deu entrada no edificio.

E' um magnifico trabalho, que faz honra ao mestre, e muito superior as outras duas estatuas que se veem já no seu logar, principalmente «A Eloquencia», que afictivamente, de cocoras estende um braço como que a pedir... que a tirem d'ali...

Presidente da Republica

Correu esta tarde, com insistencia, em Lisboa o boato de que tinha falecido o sr. presidente da Republica. Ao que parece, esse boato tinha fins tendenciosos. Por esse motivo o sr. presidente do ministerio enviou aos jornaes as seguinte nota oficiosa:

«O estado do sr. presidente da Republica não se tem agravado, tendo-se até registado esta tarde algumas melhoras».

A' residencia do chefe do Estado foram numerosissimas pessoas informar-se do estado do ilustre enfermo.

NOTICIAS DA CAPITAL

Má vizinhança

Foi hoje entregue ao sr. governador civil uma nova representação assinada por grande numero de moradores da rua das Taipas e suas imediações, pedindo para serem fechadas umas casas existentes na travessa da Conceição da Gloria, as quaes são frequentadas por gente de má nota e onde todas as noites ha grandes escandalos.

A serie diaria

Queixaram-se á policia Henrique de Miranda, estrada de Sacavem, 14, de que lhe furtaram roupas no valor de 200 escudos e Antonio Castanheira Nunes, da mesma estrada, de que tambem lhe subtrairam roupas no valor de 250 escudos.

A crise das subsistencias

O sr. comissario dos abastecimentos teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro da agricultura sobre a questão do fornecimento de peixe, assunto que definitivamente deve amanhã ficar resolvido.

— Por 18 carvoarias foram hoje distribuidas 207 toneladas de carvão.

— Para o Porto, vão ser em breve remetidas 240 toneladas de assucar.

— Para evitar que continuem sahindo do paiz varios generos, vae ser publicado um decreto que não só reprime esse abuso, como estabelece severas penalidades.

PARLAMENTO

No Senado

A' hora regimental, o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Ramos Pereira e Travassos Valdez, manda proceder á chamada, que acusa a presença de 32 legisladores.

Do governo, o sr. ministro do comercio.

Ata aprovada, expediente ao seu destino.

Antes da ordem do dia usam da palavra varios oradores.

O sr. Pereira Oorio propõe um voto de profundo pesar pela morte da esposa do senador sr. Pereira Gil.

Aprovado, depois de a ele se terem associado os srs. Augusto de Vasconcelos, Dias de Andrade, Sousa e Faro, Travassos Valdez, Melo Barreto, Herculo Galhardo, Alves Monteiro e ministro do comercio.

O sr. presidente, igualmente, propõe que seja exarado na ata um voto de sentimento pelo falecimento da mãe do senador sr. Pais Gomes.

A esta homenagem associa-se os representantes dos varios partidos, o sr. Antonio da Fonseca, pelo governo, e o sr. Melo Barreto, em seu nome pessoal.

O sr. Alves de Oliveira remete para a meza uma declaração de voto em que diz se estivesse presente quando foi discutida a proposta de lei fixando os coeficientes a aplicar ás contribuições predial e industrial do ano de 1920, te-la-ia regeitado.

O orador, protesta, a seguir, contra a forma como essa proposta apareceu em discussão e reclama para as juntas geraes autonomas a faculdade de fixarem aqueles coeficientes, por isso que o produto dessas contribuições constituem receita ordinaria das mesmas juntas.

O sr. André de Freitas trata da interrupção radio-telegrafica entre as estações da Horta, Flores e Corvo, pedindo a devida reparação, e deseja que se estabeleçam carreiras permanentes, em determinados dias, dos paquetes dos Transportes Maritimos afim de que não faltem as subsistencias áquelas ilhas. Termina por aludir á necessidade duma draga de grande potencia para a limpeza da bahia que se acha quasi obstruida pela grande massa de areias, o que impede o serviço da navegação.

O sr. ministro do comercio promete providenciar de harmonia com as condições do tesouro publico.

O sr. Alvares Cabral requer que seja solicitada a prorogação do prazo de concessão do estabelecimento de um forno «Clyton» em um rebocador pertencente ás obras do posto oficial de Ponta Delgada.

O sr. Alfredo Portugal pede que seja organisado um comboio diario, ascendente e descendente, para a cidade de Evora.

O sr. ministro do comercio responde que vae estudar o assunto.

A sessão continua.

No quartel de marinheiros

A despedida do capitão de fragata sr. Constantino de Lima

No antigo quartel de marinheiros em Alcantar, aonde tem estado instalado o deposito de praças da armada e que um decreto ultimamente publicado mandou passar a quartel, realisou-se hoje uma simples mas tocante festa intima, em homenagem ao comandante daquele deposito, o capitão de fragata sr. Luiz Constantino de Lima.

Todos os mezes, por este oficial, em determinado dia é passada revista ao edificio e, aproveitado o ensejo todos os sargentos do corpo de marinheiros aproveitando o dia de hoje para inaugurarem na sua sala-biblioteca o retrato daquele oficial que a todos deixa saudades.

Após a revista, todos se dirigiram aquela sala, onde estava coberto com a bandeira portugueza o retrato do sr. Constantino de Lima. Usou da palavra o 1.º sargento sr. Carlos Ferreira, que enalteceu as qualidades do homenageado não só como homem, mas como oficial distinto da armada e que sempre soube manter a maior disciplina.

O sr. Constantino de Lima, agradeceu, muito comovido, as palavras que acabava de ouvir, assim como a homenagem que lhe era prestada.

O chefe da banda, sr. Fão, lamenta que fiquem privados do comando dum oficial tão distinto, palavras que o homenageado novamente agradeceu.

Acabou a pequena festa com vivas á Patria e á Republica, tocando a banda a Portugueza.

Dentro de alguns dias será dada posse ao oficial indicado para ir comandar o corpo de marinheiros

TEATROS

Desligaram-se da companhia do Ginasio os artistas Georgina Guimarães e Antonio Guimarães.

Ppeso que foge

Do governo civil evadiu-se esta manhã o preso Antonio Martins, quando se dirigia para o posto de socorros.

Estava detido por suspeita, em virtude de mandados de captura da comarca de Setubal.

Serviço telegrafico da tarde

BERNE, 12.—Faleceu no sanatorio para onde tinha vindo procurar alivios aos seus padecimentos, a esposa do sr. Gastão da Cunha, embaixador do Brazil na França e que exerceu identico cargo em Lisboa.—(A)

LONDRES, 12.—A condessa da Ribeira, dama portugueza residente no bairro do Cholsea, cahiu esta tarde da torre da Cathedral de Yostminter, tendo morte instantanea.—*(H.)*

CONSTANTINOPLA, 10—A imprensa turca anuncia que muito brevemente se realisará um novo congresso bolchevista em Baku, onde serão discutidas as questões do Oriente. Neste congresso tomarão parte representantes de Moscou, Georgia, Armenia, Azerbaidjan e kemalistas turcas.—*(H.)*

PARIS, 11.—Dizem de New-York ao «New-York Herald», que o presidente Valera fez a viagem da America para a Irlanda em yacht especialmente obtido, ha um ano, para transportar os agentes dos «sina-feiners. De Valera chegou á costa ingleza em 2 de dezembro, tomando-o um hidro-avião a bordo do yacht na ilha Falton, transportando-o depois a Irlanda.—*(H.)*

BURLIN, 10.—Como represalias oficias, foram enviados de Cork sobre Diltanross alguns carros de assalto que destruiram varios muros e incendiaram uma casa.—*(H.)*

CONTANTINOPLA, 10. — Continua a não haver noticias precisas sobre o regresso da missão Yzzet-Pachá que foi a Angora conferenriar com os kemalistas. As estações oficiaes mantêm absoluta reserva sobre o assunto. Por noticias particulares, julga-se muito problematico o regresso da referida missão que é possivel tenha feito causa comum com os kemalistas.—*(H.)*

LONDRES, 10.—O delegado russo Krassine, entrevistado por um redactor do «Observer» declarou que o governo dos «soviets» não insistirão pela reunião de uma nova Conferencia da Paz. Julgam, porem, absolutamente necessario uma conferencia internacional para examinar varios pontos especiaes e politicos. Terminou por exprimir o seu optimismo sobre o restabelecimento das relações comerciaes, esperando estar de regresso ao Moscou no proximo mez, trazendo novas propostas do seu governo, sobre as quaes convirá que se tomem resoluções definitivas.

Julgamentos no Governo Civil

No Governo Civil, reuniu hoje o tribunal para julgamento por açambarcamento da firma Alves & C.ª, da Rua da Trindade, 30, que foi condenado na multa de 1.200 escudos e na perda de 26.000 litros de feijão no valor de 15 000 escudos.

Assistencia infantil

Cantina Escolar da Pena

Esta cantina cuja séde é no beco de S. Luiz da Pena, 9, comemora no proximo domingo o 7.º aniversario da sua fundação.

Realisar-se-ha sessão solene, pelas 14 horas, com distribuição de livros e outros premios, e em seguida o jautar ás creanças.

A direcção da cantina tem-se esforçado tanto quanto lhe tem sido possivel por ser verdadeiramente util ás creanças, pelo que já ha algum tempo iniciou uma série de sessões de confraternisação com o objectivo de inocular no coração e no espirito das creanças o sentimento de dever e de amor filial e patriotico.

O Carnaval

Bailes na Faculdade de Direito

A Associação Academica dos alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa promove dois bailes nas noites de 30 de janeiro e de 5 de fevereiro, que se realisarão na salão nobre do palacio da Faculdade. A inscrição é de 10$00 para os socios da Associação e de 15$00 para os que o não forem até á data do encerramento da inscrição, tendo, porém, todos os estudantes o direito de requisitar os bilhetes que desejarem para os seus convidados, mediante o pagamento de 10$00.

Os bilhetes de convite para as senhoras serão gratuitos.

A inscrição está aberta na secretaria da Faculdade até ao dia 22 do corrente depois do que não se aceitarão mais inscrições nem se fornecerão mais bilhetes para convidados.

A comissão promotora fica com o direito de limitar, em caso de necessidade, o numero de bilhetes a conceder a cada estudante, mediante aviso previo.

O traje é soirée rigoroso ou masqué.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

E' um verdadeiro assombro e um dos mais belos, o soberbo programa do 7.º concerto da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no teatro São Luiz. Tarde de enchente, de elegancia, de arte e de entusiasmo. Pela 1.ª vez execute-se as celebres «Dansas Guerreiras do Principe Igor», do grande compositor russo Borodine e pela unica vez a colossal «Sinfonia Pastoral», de Beethoven, o «Siegfried» «Murmurios da Floresta», de Wagner, o poema Sinfonico de Liszt, «Tasso Lamento e Triumfo, o Anacreon» de Cherubim, a «Chauson de Printemps» e «Lo Fileuse», de Mendelssohn e outras obras celebres.

Rugido na Sombra

Magnifico o programa do espectaculo d'esta noite no Salão Central. Alem de n'ele figurarem os dois primeiros episodios «Um grito nas trevas» e «A virgem da morte», da incomparavel pelicula «Rugido na sombra», serão tambem exibidas as duas graciosas fitas «Quem é o heroi», em duas partes, e «Adão e algumas Evas», em uma parte, que o publico muito tem apreciado pelas suas situações duma comico irresistivel.

Amanhã, na «matinée», estreia do terceiro episodio do «Rugido na sombra», intitulado «As guelas da fera», em que são verdadeiramente notaveis os belissimos artistas norte americanos Neva Gerber e Ben Wilson.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3753 — II.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 14 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 114, Rua da Atalaia, 116

Preço, 5 centavos

O "Times" e a situação economica

O «Times» publicou um artigo acercá da situação de Portugal, nos seus mais importantes aspectos, politico, financeiro, economico, social, e esse artigo promete constituir o inicio duma serie, em que se faça um exame rigoroso ás circunstancias em que nos encontramos e aos problemas que entre nós se debatem. Enviou a grande folha ingleza uma representante a Lisboa, e essa representante, que é madame de Tisac, veio aqui sem espalhafatos, sem *réclames*, sem snobismos, e tudo indica que vio bem, analisando sem duvida a nossa vida por uma forma pratica, livre de influencias tendenciosas, fixando os acontecimentos como eles na realidade se patenteiam, quando nenhuma especie de «parti pris» altera a visão dos factos.

Assim, poude o «Times» verificar que a situação portugueza está muito longe de ser o que perversamente se procura fazer acreditar lá fóra, servindo interesses estrangeiros aliados ás más paixões dalguns despresiveis portuguezes. E o resultado do primeiro exame é já importante e concludente como uma synthese. Não ha nenhuma agitação tumultuaria e permanente; não ha nenhuma probabilidade duma restauração monarquica; não ha na realidade motivo para se temer um incremento alarmante das doutrinas bolchevistas no nosso paiz.

Com efeito, a representante do «Times» teve ensejo de verificar que, relativamente ás agitações revolucionarias, emquanto ela observava que, apesar de estar decorrendo uma laboriosa crise ministerial, o paiz se mantinha no maior socego, certos jornaes hespanhoes publicavam telegramas sensacionaes anunciando uma revolução em Portugal. E' em virtude deste expediente infame que lá fóra se creou a noção de que Portugal é um paiz em continua agitação politica.

Quanto á apregoada fraqueza das instituições republicanas, madame de Tisac verificou que, pelo contrario, são os elementos adversos a essas instituições que na realidade se encontram enfraquecidos. Reconheceu que os monarquicos constitucionaes os quaes representam a enorme maioria dos elementos afectos á monarquia, se encontram na disposição de aceitar uma Republica moderada e ordeira, e quanto aos outros elementos, ou sejam os que se denominam miguelistas ou integralistas, esses, ligados com representantes de familias germanofilas, e ha muito sem contacto com a patria, nem sequer podem contar com o auxilio do clero, que nenhuma especie de incompatibilidade pode levar a hostilisar a Republica. Isto é, com efeito, verdade, e sem duvida se deve ás modificações feitas na lei da Separação, que, sem lhe alterarem o espirito, lhe tiraram o caracter arbitrario e agressivo que em certas disposições manifestava.

Egualmente o artigo do «Times» alude ao chamado perigo bolchevista, ponderando, e muito bem, que no nosso paiz, como na França sucede, ha uma enorme legião de pequenos proprietarios camponezes, que ás teorias sovietistas se não amoldariam em caso algum, assim como o espirito geral da população lhes é adverso.

Acerca dos problemas financeiros e economicos que ha, diz o «Times» que não seja o que em toda a parte se deveria reconhecer, isto é, que Portugal sofre a repercussão d'um fenomeno que em todo o mundo com maior ou menor acuidade se desenvolve? Incitando a Inglaterra a prestar-nos um auxilio que a nossa velha aliança e os serviços prestados na guerra amplamente justificariam, o «Times» patenteia uma intenção que nos deve animar, e pratica um acto de justiça, que nos desvanece, tão pouco acostumados andamos a manifestações d'essa natureza.

N'um ponto desejamos apenas, não corrigir, mas esclarecer uma opinião do «Times». Presume, ao que parece, o grande jornal londrino que certo caracter das relações entre Hespanha e Portugal é devido simplesmente a manejos alemães, ainda agravados pela atitude de alguns manarquicos descontentes. Não dizemos que esses factores não devem ser levados em linha de conta; mas a verdade é que se trata d'um estado de espirito tradicional. Fazendo oferecimentos á Hespanha do territorio portuguez, o kaiser não teria feito mais do que tocar uma corda sensivel dos hespanhoes, que nenhum desengano historico ainda conseguiu que deixasse de vibrar, a proposito ou a desproposito de tudo.

Rematando: ninguem que prese a verdade se eximirá ao reconhecimento de que o artigo do «Times» é um dos que, em todos os tempos, na imprensa estrangeira, tem reproduzido com maior fidelidade a situação portugueza.

FAÇA-SE-NOS JUSTIÇA

O ESFORÇO DE PORTUGAL NA GRANDE GUERRA

O que o almirante Leote do Rego disse a um redactor do «Petit Parisien»

O jornal francez «Le Petit Parisien», do dia 9, publicou a seguinte entrevista com o almirante Leote do Rego:

O contra almirante Leote do Rego, organisador da defeza naval e comandante em chefe da armada portugueza durante a guerra, está de passagem em Paris. Propagandista convicto, desde o primeiro momento, da intervenção de Portugal ao lado dos aliados, admirador e amigo sincero da França, pareceu-nos ter especial autoridade para falar da actual situação do seu paiz. Eil-o com a franqueza de marinheiro e a convicção comovida d'um patriota.

—Quando rebentou a guerra—disse-nos ele—a nossa joven Republica acabava de reparar erros que datavam de muito longe e assegurar, pela primeira vez ao cabo de tantos anos, o equilibrio orçamental do paiz. Esforçava-se tambem por valorisar as riquezas naturaes de Portugal e principalmente das suas imensas colonias, a que estão ligados o seu futuro e a sua prosperidade.

Só no dia 3 de março de 1916 a Alemanha nos honrou com a declaração de guerra. Mas, muito antes d'essa data, começára ela a meter a pique os nossos navios, a dirigir contra nós uma abominavel campanha de intrigas e de calunias, a invadir as nossas colonias. Podia ela, portanto, admirar-se de que as nossas simpatias fossem todas para os aliados? Liga-nos uma aliança secular á Inglaterra, ao passo que nunca deixou de nos unir á França uma aliança espiritual.

Setenta mil homens foram enviados para o «front» francez, cincoenta mil para as nossas colonias, enquadrando trinta mil soldados indigenas. Fornecemos aos aliados espingardas, canhões, aviadores e uma divisão de artilharia pesada pedida pela França.

De 1915 a 1918, entregámos á França 35.000.000 de vinho, conservas, mineral, cacau madeira, etc.; abastecemos Gibraltar e alimentamos perto d'um milhão de inglezes; fornecemos material de guerra á Belgica, á Africa do Sul e cedemos 65 % da nossa marinha mercante á França, á Inglaterra e á Italia. A nossa marinha de guerra fez desembarques em Cap-Town para colaborar na defesa das costas, emquanto, com os nossos mediocres recursos, eu conseguia pôr todos os postos de Portugal em estado de resistir aos ataques, salvaguardando assim as nossas linhas de navegação e as linhas francezas e inglezas para a Africa e para as duas Americas.

Os nossos arquipelagos do Atlantico e as nossas colonias foram largamente utilisados pelos aliados, quer como refugio, quer como base de reabastecimento ou de operações, em intima ligação com as defesas locaes.

As nossas perdas na Flandres foram de 27 %, sem contar 6.000 prisioneiros; na Africa, 40 % de europeus e milhares de indigenas. Contando com os tripulantes dos navios da marinha mercante, anda por cerca de 100.000 homens os que perdemos.

As nossas despezas de guerra sobem a 80 milhões de libras esterlinas, as nossas perdas economicas a 240 milhões de libras; a nossa marinha mercante viu desaparecer 32 % do seu efectivo, 94 navios, representando 96.000 toneladas. E não falo nos enormes sacrificios que tivemos de fazer para pagar em ouro, no estrangeiro, as materias primas e até mesmo os viveres indispensaveis, instituindo um regimen fiscal favoravel aos aliados. Tal é o balanço do nosso esforço durante a guerra.

Uma gota d'agua no Oceano, dir-se-ha. Sim, se se pensar, unicamente n'esse numero de 70.000 homens perdidos entre milhões de combatentes. Não, se nos recordarmos de que a população continental de Portugal não vae além de 7 milhões de habitantes, de que os seus recursos financeiros eram limitados e de que entrou na guerra livremente, sem outra razão além das suas simpatias para com os aliados, do seu desejo de defender a justiça e o direito.

Mas permita-me insistir no efeito moral da nossa situação. Deite um olhar para o mapa-mundi. Rapidamente compreenderá que se Portugal tivesse escolhido a especie de neutralidade da sua visinha, a Hespanha, se as nossas ilhas, os nossos portos, as nossas colonias se tivessem fechado, a campanha maritima dos aliados e a sua campanha na Africa do Sul ter-se-hiam com certeza resentido com esse facto.

Julga, além d'isso, que a nossa intervenção não teve influencia para a entrada do Brazil na guerra? Rodeado de nações de origem hespanhola, esse grande paiz continua apezar d'isso cheio da tradição portugueza. Não ha duvida de que o eco das nossas manifestações em favor dos aliados teve repercussão no coração brazileiro e sobreexcitou as suas simpatias.

A grave crise economica e financeira que atravessamos é uma consequencia directa do nosso esforço na guerra. Talvez isso se ignore no estrangeiro, — continuou o almirante após um momento de silencio. — Mas — e a sua voz pareceu-me alterada pela emoção — póde ignorar-se isso a ponto de desconhecer totalmente esse esforço, de nem sequer citar o nome de Portugal nas horas de apoteose e de victoria e na homenagem comovente aos mortos omitir os portuguezes caidos nas trincheiras? Esse esquecimento, confesso-o, feriu profundamente o sentimento nacional do povo portuguez, que entrou na guerra espontaneamente e com entusiasmo.

Tanto mais que se não esquecem de reproduzir as noticias forjadas por agencias suspeitas, verdadeiras fabricas de intrigas diplomaticas, as quaes tendem todas a representar Portugal n'um estado constante de anarchia politica, social, financeira.

Nada mais falso. Todos os que visitam a nossa joven Republica ficam impressionados com as nossas faculdades de trabalho, o nosso amor de independencia, a nossa hospitalidade, as nossas aspirações de ordem e de progresso. Não existe nem perigo monarchico, nem perigo bolchevista, nem perigo negro, nem perigo vermelho. Os Messias? Zomba-se d'eles. Lenine entre nós morreria pelo ridiculo.

N'este momento, o governo, o parlamento, todas as classes sociaes estão unidas por uma unica idéa: levantar a situação financeira. Estamos dispostos a todos os sacrificios. Se, com os nossos recursos e o auxilio de capitaes estrangeiros, conseguiremos valorisar as riquezas naturaes do nosso solo e do nosso sub-solo, em breve estaremos libertos da dependencia estreita e esmagadora para com o estrangeiro que exige a compra de materias primas indispensaveis para a nossa industria e principalmente a compra de trigo. Dentro de cinco anos, a nossa grande colonia de Angola fornecer-nos-ha com milhões de toneladas todo o trigo que nos é necessario. Porque o nosso esforço, n'este momento, volta-se tambem para as nossas colonias ás quaes aplicamos uma administração mais ampla, sob a esclarecida direcção dos eminentes altos comissarios.

Apezar das dificuldades da guerra, desde 1914, as exportações das nossas colonias aumentaram em 44 milhões de libras esterlinas. Constituem imensas reservas de riquezas em minas, gado, assucar, cacau, café, cereaes, petroleo. Os seus portos são os melhores de Africa. Quando a rêde de estradas e de caminhos de ferro estiver completa, não só enriqueceremos, como poderemos prestar grandes serviços ás colonias dos nossos vizinhos da Africa, os belgas, os inglezes, os francezes.

Disse por acaso o suficiente — concluiu o almirante — para o convencer de que esse pequeno paiz, sentinela avancada do sul da Europa nas vias do Atlantico, herdeiro d'um glorioso passado de iniciativa, de heroismo e de civilisação, do qual não desmereceu, é bem digno da simpatia e do auxilio dos povos aliados, seus irmãos de armas na grande luta?

Será o caso de frei Tomaz?

Aconselha-se o caminho da legalidade na solução das questões politicas

Confessamos que foi com prazer que lemos num jornal da manhã, orgão do sr. ministro da guerra, um artigo condenando o recurso ás armas na resolução dos conflitos politicos.

A vêr vamos, pois, se de facto todos trabalharão para afastar definitivamente tais eventualidades da nossa vida publica.

Acabemos de vez com a intervenção das forças militares nos negocios e nas questões de caracter politico. Essa intervenção marca, sempre que se exerce, um passo mais no caminho da indisciplina, da dissolução e da morte. Indisciplina dissolução e morte, tanto na sociedade militar, como na civil.

Nunca nenhum paiz se salvou por tal processo, antes pelo contrario, todos vieram a ser a presa das garras de qualquer ditador.

Como não desejamos para o nosso paiz essa afrontosa sorte, registamos com vivo prazer o artigo a que acima nos referimos, tanto mais que foi publicado n'um jornal que traduz as opiniões do ministro da guerra, sr. Alvaro de Castro e muito estimaremos que o chefe da dissidencia reconstituinte não imite na pratica as maneiras do frei Tomaz. Receamos, porem, que isto venha a suceder, porque são tão intimos, ha uns tempos para cá, os entendimentos entre as dissidencias recostituinte e popular que mal poderá resistir o sr. Alvaro de Castro ás instancias dos seus novos amigos populares. E estes, ninguem o ignora, convivem, em uma tal ou qual intimidade, com individuos que toda a gente aponta como padecendo de simpatia pela 3.ª de Moscou. E' muito possivel, e mesmo provavel, que os populares não nutram os mesmos sentimentos por aquela «internacional» e apenas queiram aproveitar d'esses individuos o desembaraço e a acção n'uma luta que por acaso venha a travar-se a dentro do regimen, mas a verdade é que se arriscam muito a queimar-se no fogo assim atiçado, se arriscam o paiz a uma crise terrivel.

Confiamos, todavia, em que a acção energica das auctoridades detenha a onda devastadora.

Nós podemos, felizmente, fiar a nossa segurança da fidelidade á Republica do exercito, da marinha e da guarda republicana que em todos os momentos aflitivos para o regimen teem dado brilhantes provas da sua dedicação e espirito de sacrificio. Melhor seria, todavia, que esses tres magnificos sustentaculos da Ordem não tivessem de manifestar ainda mais uma vez as suas brilhantes qualidades de abnegação e dedicação civica, porque isso seria sinal de que realmente nos dirigiamos cada vez mais para a legalidade na ordem politica, acabando de vez com os espectaculos revolucionarios.

Em todo o caso aquelas trez forças em que a Republica pode apoiar-se solidamente não devem ter escapado a solicitações, instancias e promessas na aparencia brilhantes.

Por isso é necessario vigiar. Essa vigilancia pertence no exercito ao sr. Alvaro de Castro, na marinha ao sr. Julio Martins e na guarda republicana ao sr. Liberato Pinto.

Um movimento revolucionario agora? Só se fosse para matar o financeiro sr. Manuel Vicente Ribeiro. E, a dar-se tal caso, esse movimento só poderia ser encomendado pelo financeiro sr. Sotto Mayor.

Vamos a vêr o que o futuro nos prepara a muito pouco viverá quem não puder contar o que viu.

VIDA ARTISTICA

Realisa-se amanhã, ás 14 horas, nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, na rua Barata Salgueiro, a abertura da exposição de quadros dos artistas Adriano Costa, Joaquim Costa, Albertino Guimarães, Alberto de Lacerda e Fernando Santos.

SEGREDOS a TODA a GENTE

Virginia Vitorino

Tenho aqui sobre a minha mesa de trabalho o seu ultimo livro e, creio que o primeiro. Virginia Vitorino — a nova Borémond Sérard — é bem uma mulher em tudo quanto diz, em tudo quanto escreve, em tudo quanto pensa. Os seus versos respiram essa atmosfera doirada que palpita como um perfume nos quartos de toilette e nas pequeninas salas Luis XVI. Cultiva o soneto com a mesma elegancia com que põe na dobra do lenço uma gôta de d'Orsay. E' bem uma encantadora rapariga cujos dedos podiam ter a honra de esfolhar rosas sobre o tumulo—de quem?—dum pequenino Amôr de Rubens...

Ruas sujas

Lisboa está positivamente intransitavel. Regressámos pela mão solicita dos nossos edis municipaes, á lama balôfa do seculo XVIII.

Não se póde dizer que não tenhamos caminhado, como grandes carangageiros de botas, na estrada florida luminosa da civilisação. Decididamente Lisboa teria a honra de pôr os cabelos em pé aos ingleses que nos visitaram ha dois seculos — se eles, anacronicamente, tivassem a fantasia muito pouco inglesa de resuscitar outra vez. Mas quando começará a camara a interessar-se pela cidade? Talvez quando acabarem as obras do Rocio, lá para o tempo dos trisnetos do sr. Paiva e Pona.

Os grandes homens

O que é afinal um grande homem? Esta pergunta fê-la, ha trinta anos, dentro da sua sobrecasaca negra de vencido da vida a ironia deliciosa de Eça de Queiroz. Um grande homem, meus amigos, é por exemplo—o anão do Grandela.

Um paradoxo? Engano.

Foi Nieztche quem o disse: «De fait que quelqu' un est un grand homme il ne faut pas conclure qu'il est un homme grand; peut-être n'est il qu'un nain».

Luiz d'Oliveira Guimarães.

«Os Fidalgos da Casa Mourisca»

A Arte em todas as suas manifestações nos interessa, por isso com o maior prazer assistindo na segunda-feira ultima á exibição dedicada á imprensa da Capital d'um film portuguez, «Os Fidalgos da Casa Mourisca» extraido passo a passo do romance de Julio Diniz do mesmo titulo; romance que pela moralidade do seu entrecho, pela poesia que encerra, pela linguagem sã que o écran nos reproduz, constitue uma fonte educativa extraordinaria, demonstrando na sua essencia o pelos sentimentos que se debatem, nobrezas de alma que nos devem orgulhar, principalmente porque nos demonstra que o coração elevado e nobre do nosso povo, sabe e pode com bondade vencer os preconceitos mais arreigados.

São ou não salutares para um povo taes exibições?

Ao menos servirão para enfraquecer certas influencias perniciosas que os films policiaes e Americanos teem desenvolvido!

Possuimos a mais alta sensibilidade artistica e por tanto nunca ficamos silenciosos quando podemos exteriorisar o que sentimos, o que vemos.

Sempre sinceros, e conscenciosos a nossa alma se amargura ante a indiferença de tudo quanto representa arte portugueza em Portugal! Com a independencia habitual que nos caracteriza diremos que o film, «Os Fidalgos da Casa Mourisca» representa um trabalho digno e honroso para os nossos actores, para a Empreza que sabemos teve de lutar com inumeros obstaculos, como para todos quantos n'ele tomaram parte.

Temos visto em centenas de cinemas films bons, maus e passaveis, entendemos que os Fidalgos podem considerar-se no numero dos primeiros; o que desejariamos ver era maior incitamento a cometimentos taes, que fossem aclamados em unisono, como é dever, aqueles que ainda n'esta terra possuem grandes ideias e vontade de trabalhar.

Quantas fitas sem valor algum, antes condenaveis, são reclamadas duma forma mirabulante!

Os jornaes do Porto que temos presente fazem devida justiça ao esforço nacional dedicando-lhes inteiras columnas, o que prova que onde mais se trabalha, sabe-se reconhecer diversamente o merito e como nós apreciar este esforço deliciando-se ao ver os seus actores no «ecran» no melhor film que em Portugal até hoje se tem feito.

Citaremos aqueles cujo trabalho de relevo notamos.

Patto Moniz verdadeiramente superior no seu trabalho que pode competir com os melhores artistas estrangeiros; Eurico Braga, Mario Santos, Etelvina Serra, Antonio Pinheiro e Duarte Silva este ultimo d'um comico irresistivel, sem apalhaçar unica e simplesmente com a sua magnifica mascara sempre adequada á situação: todos igualam aos melhores que temos visto em films importados.

Maria Judice

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Ilusões perdidas

Em uma outra pagina do livro «*Infeliz*» pretende-se demonstrar que todos os documentos contidos nêsse volume, quer se trate de cartas, quer não, só estão ali para *meu bem*! Deseja-se mostrar a necessidade que eu—eu, *a doente*, como ali, le meia em meia duzia de palavras se diz — tenho dos *cuidados e carinhos* da familia!

¿ Diga-me, leitor, se uma tal afirmativa pode ser tomada a sério?

Decididamente, estão a brincar com o publico! *Cuidados e carinhos* da familia!

Não, uma destas, nem eu que *sou doida*, como eles dizem, ou, dar-se-ha o caso de eu ser, sem que o saiba, parente da *girafa* e do *ave-negra* do Conde de Ferreira? Teem-se visto cousas mais extraordinárias sucedidas comigo! Será mais uma das muitas descobertas do sr. dr. Alfredo da Cunha? E' possivel, ele tem feito tantas!...

Francamente eu antes que queira deixar sem resposta certas passagens do *Infeliz*, não posso.

A minha *cuidadosa e carinhosa* familia facultou cartas que eu lhe tinha escrito para *concorrer*, dizem os meus parentes, para o meu tratamento, do qual resultasse a cura; e o que é facto é que conseguiram o seu intento, porque me *curaram* e foi uma cura radical. Tão grande encontrão me deram, que eu despertei do entorpecimento em que estava; e despertei, sem ilusões, a respeito da mesma familia.

Apregoam os meus parentes mais próximos o seu *disvelo* por mim, a sua *mágua* pelo meu *estado mental* que teve como consequencia a *modificação dos meus sentimentos efectivos* e pensam que o que teem feito é a *demonstração cabal da sua estima* por mim!... Deixemo-los viver nessa persuação; porque, sem ilusões, custa a vida. Basta que a desiludida seja eu e, portanto, que ela me custe a mim... Dizem ainda no capitulo do *Infeliz* a que me refiro que, para não haver duvidas acerca da autenticidade das cartas e bilhetes portais de que reproduzem no mesmo livro numerosos trechos, o sr. dr. Alfredo da Cunha, com *uma dedicação que me comove*, solicitou de *cinco* dos mais considerados notarios de Lisboa (ele não é homem que olhe a despezas, em se tratando de *obsequiar* a *amada* ex-esposa) o exame de todos aqueles documentos. Os autografos foram comparados com outros, «cuja letra e assinatura foi reconhecida recentemente pelo notário de Gaia, sr. Miguel Joaquim da Silva Leal, ou que existem no cartório do notário de Lisboa, sr. Alfredo May de Oliveira».

Noturnos aqui, leitor, duas cousas: primeira, que a *loucura* não me modificou, ao que parece, a letra; segunda, que o notario, sr. Alfredo May de Oliveira, que reconheceu nos autografos, apresentados pelo sr. dr. Alfredo da Cunha a minha letra e assinatura, se recusou a reconhecê-la num documento que, pelo meu procurador de Lisboa, lhe foi apresentado, a meu pedido, não ha muito tempo, para êsse fim, alegando que o sinal que eu tinha aberto no seu cartorio *era muito antigo*!

Podia comentar a recusa do sr. Alfredo May de Oliveira e mesmo avivar-lhe a memoria, dizendo-lhe que, depois do falecimento de meu irmão José Tomás Coelho, em 1913, quando meu filho entrou, como sócio, para a empreza do Diario de Noticias, eu estive no seu cartorio, assinando umas escrituras: mas para que hei-de estar a fazer comentarios que o leitor melhor do que eu fará e a perder tempo com o sr. Alfredo May de Oliveira?

O *Infeliz* com toda a sua prosápia de ter a colaboração de pessoas *de juizo*, com toda *a pompa* de nomes *pomposos*, entende que, dizendo eu a pag. 223 a respeito das cartas de familia juntas aos processos «quanto me custa; não o que essas cartas podem valer, mas o que vale o gesto dessas pessoas que, para me provarem a sua estima, atiraram para um tribunal com os meus cuidados e os mus beijos!» não disse bem, porque pregunta o *sábio* livro: «Sera porventura, vergonha atirar a publico os cuidados e os beijos que uma mulher casada dedica a seu marido?»

O autor desta interrogação, que pelo nome não perca ou leu mal ou não entendeu o que eu escrevi e isto é o mais provavel; eu não me referi sòmente ás cartas que escrevi ao sr. dr. Alfredo da Cunha e que êle com um *cavaleirismo* digno de nota, juntou aos processos. Referia-me, tambem, ás que escrevi a outras pessoas de familia. Admitamos, no entanto, que aludia só ás que dirigi a êsse senhor.

Evidentemente que não é vergonha, todos o sabem, que uma mulher casada dedique cuidados e beijos ao marido; mas que o marido os lance a publico, fazendo dêles o uso que o sr. dr. Alfredo da Cunha fez, ter tido um marido de tão baixos sentimentos, embora de alta posição social que tal *apreço* dê aos beijos e aos cuidados da mulher, isso, em toda a parte, é vergonha e grande.

Maria Adelaide

AUTENTICAS

O AÇAMBARCAMENTO DO OURO

Ha um ano pouco mais ou menos publicou um jornal de Lisboa uns artigos meus subordinados á epigrafe «A questão economica». Com eles tentei opôr um dique á opinião falsa de certa imprensa que por força nos queria em situação desesperada.

Lembro-me até de que encimei um deles com legenda: «Casa farta e patrão com fome». Referia-me ao Estado na penuria no meio de tanta gente a nadar em dinheiro, a gasta-lo á doida em ostentações e chinfrineira em prazeres nunca cessante em perpetuo e repugnante espectaculo de excessiva abundancia e desperdicio. E já então eu perguntava por esperavam os homens de Estado para cobrarem uma razoavel quota parte de tanta fartura.

Ora para provar a razão dos meus assertos dessa data, contrariamente ao que então se dizia, eu pude sem dificuldade, servindo-me de meia duzia de factores economicos, demonstrar cabalmente esta coisa simples, verdadeira, mas que pareceu estupenda: que os portugueses estavam ricos. Isto é, que durante os 4 anos de guerra houvera um excedente de exportação valorisadissima, e uma diminuição importante de importação. Se assim era, como me foi facil demonstrar, o dinheiro (ouro) entrava e como não sahia tanto, como de costume, é claro que os meus concidadãos se enchiam.

Falei então nos 5.000.000 de esterlinos de carvão que nós importamos anualmente terem sido reduzidos a muito menor cifra por falta de transportes, medo dos submarinos e outros impedimentos derivados da guerra. Citei a folha de Flandres, sem a qual tivemos de passar, cuja importação nos arrebata 1.000.000 de esterlinos por ano. O proprio trigo não jorrava na abundancia costumada, e de tal podiam dar testemunho a historia dos nossos estomagos e a panificação de tanta coisa impanificavel.

Pois, como é sabido, trigo, carvão e folha de Flandres são trez sorvedouros, trez monstruosas dragas que muito nos drenam, que nos levam uma parte enorme do ouro nacional para o estrangeiro; e tinham sido estes sorvedouros que haviam estado muito menos activos durante quatro anos. Em compensação, o cacau atingira um preço fabuloso. Quintuplicára, sextuplicara mesmo o seu valor. Do vinho então nem se fala. Que fortunas se fizeram exportando os nossos vinhos do sul e do norte do paiz! A cortiça foi exportada em condições excepcionalissimas; o estanho, o wolframio passaram a fronteira pago a mais de tres escudos o quilo.

Os pinhaes, que pouco representavam anteriormente na economia de uma nação que para tudo se servia de hulha importada, tornaram-se riqueza solida e cubiçada. Gados e lenhas levados para Hespanha, para Gibraltar, para o inferno, tudo se fazia em dinheiro, em dinheiro a rodos. E como se ainda não bastasse esta febre de fazer dinheiro em tudo, de alienar para o estrangeiro a produção que excedia as necessidades do consumo, ainda se importava ouro com as remessas dos viveres que depois nos faltam. Só em Setubal ha mais de 100 fabricas de conserva de peixe, e pelo paiz fóra as fructas, as hortaliças e mesmo as carnes desapareceram e foram em latas para a Africa, para o estrangeiro.

Até o azeite tem sido exportado como peixe de conserva em lataria apropriada!

Neste frenesi de fazer dinheiro vendendo tudo, exportando tudo e importando menos, muito menos, durante quasi 5 anos, que admi

S. CARLOS

Maria Barrientos

O facto de a diva, hojo mais cotada, querer debutar com a velha e batida «Lucia,» intrigou-nos.

Fomos por tanto cheios de curiosidade assistir ao ensaio d'orquestra e a impressão que de lá trouxemos foi maravilhosa!

Maria Barrientos cantou quasi sempre a meia voz, com um estilo e uma arte inexcedivois.

Cada frase, atravez dos seus labios, adquiria proporções gigantescas; o seu modo de dizer, não é o habitual das artistas do seu genero; os andantes cuida-os d'um modo arrebatador, dando-lhes relevo, imprimindo-lhes calor e até uma nobreza que muitos já perderam, mesmo os mais melodicos, ataviando-os, não com os eternos acrobatismos, de que tantas abusam, mas com espressiva ondulação, com posia modulando e arredondando-os com tão nobre pericia que deve fazer morrer de raiva e inveja todas as que por inercia ou falta de estudo o não conseguem!

A sua escola, a sua arte, o seu modo de dizer não tem rival, nem invocando a recordação das mais celebres, que, cantavam é certo magnificamente, mas n'uma opera só se ocupavam de dar realce a um ou dois trechos, o maximo! Maria Barrientos, cujo nome é mundialmente proclamado «Grande» acima de tudo é escrupulosa e colossal como cantora de dicção.

A sua voz possue um timbre mavioso e aveludado, não tão vibrante de côr como quando ha anos a ouvimos, mas sempre conservando frescura e pureza.

Uma inexplicavel verbosidade apodera-se nas «premières» de Maria Barrientos, torturando-a horrivelmente, o que lhe impede de brilhar em todo o seu fulgor.

A sua bela figurinha franzina e elegante, sob a «crinoline» perde-se... o que é bem lastimavel.

Porque será que atualmente as artistas se aperfeiçoaram tanto á mais anti-estetica das modas?! Esta foi lançada por uma rainha que encontrando-se em estado... pouco interessante quiz assistir a um baile da Côrte, porisso só compreendemos que continue a servir para as damas que se encontrem em iguaes condições, de contrario é tudo quanto existe de menos artistico.

O «rondó» do ultimo acto valeu á diva uma vibrante e entusiastica ovação, que se repetiu frenetica no final.

O tenor Ciniselli foi uma bela e agradavel surpresa; é raro poder colocar hole ao lado das celebridades, que actualmente atingira prestígios fabulosos, artistas de merito um elogio, pois, sincero e incondicional á empreza de S. Carlos e á mão feliz de Ercole Caselli.

Ciniselli tem uma bonita voz, que se ainda não atingiu o apogeu, perseverando no estudo podera conseguir um lugar proheminente na carreira lirica.

Diz bem, pronuncia com sobercorrecção o esta em scena á vontade, para o que contribue a sua bela figura.

O baritono Molinari fez brilhar a sua boa voz, merecendo aplausos na aria do primeiro acto.

Um «sportino» de relevo deu-nos o tenor Pavia, fazendo realçar a comprometedora scena do segundo acto.

Correcto o baixo Carmussi. Córos como sempre sob a direcção do Maestro Clivio, corretissimos e cantando a flor dos labios.

Discreta a orchestra sob a regencia do maestro Pedro Blanch.

M. J.

ra que tenhamos as nossas carteiras e cofres a barrotar de tudo o que represesta valores, e os mercados á mingua de productos?

Assim o portuguez de hoje poderá ser representado por uma figura alegorica, esqualida, de grandes olheiras, o estomago retraido colado ás costas, mas com um grande volume sobre o coração. A' primeira vista poder-se-ha supôr haver ali uma hipertrofia de muito ter amado, mas não é: é uma carteira, na algibeira de dentro, atestalhada de notas do banco!

Só o Estado, em vez de exigir aos ganhões uma quota parte dos seus lucros fabulosos, continua comprando ouro, requisitando-o a preso para acudir á enorme despeza da guerra.

E eis a razão porque o dinheiro está barato; porque ha muito; e os generos, os artigos caros, porque ha poucos.

Mas como o activo augmenta na proporção das vendas realisadas, desde que as acquisições não cresçam, desde que se não mantenha sequer a equivalencia, e no nosso caso não só não se manteve, como vimos decrescer as importações; perguntava eu então nos tais artigos, ha um ano, onde estava todo esse ouro do cacau, do vinho, da cortiça, das conservas, que de tudo isso vendido no estrangeiro alguma coisa devera ter entrado?

Ninguem nessa data me soube responder.

Só agora foi decifrado o enigma. Era, então, logo absorvido, açambarcado; mãos solicitas o arrebanhavam onde quer que ele aparecesse, para ir ao Brazil e voltar de lá dilatado com o valor dos tropicos.

A chave do enigma estava na Agencia Financial,

D. Thomaz de Noronha.

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Constitue um dos maiores acontecimentos musicaes, a que ninguem deve faltar, o magnifico concerto da «Orquestra Sinfonica Portuguesa,» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que no proximo domingo se realisa no theatro São Luiz.

E' um dos mais belos programas Em 1.ª audição executa-se a celebre obra prima do grande compositor russo Boordine, «Dansas Guerreiras do Principe Igor,» e pela unica vez a colassal «Sinfonia Pastoral,» de Beethoven, e «Sicofreed, Mermores da Floresta,» de Wagner, a «Chanson de Printemps e La Fileuse,» de Mendelssohn, o «Anacreon,» de Cherubini, o famoso poema sinfonico de Lizst. «Tasso, Lamento e Triunfo,» e outras obras, nenhuma das quaes se torna executar.

Quem alvitra? Quem reclama?

Um predio isolado sem razão justificativa

Veiu queixar-se-nos uma das locatarias do predio n.º 164 da rua dos Remedios, á Alfama, de que, sem motivo justificado, mas apenas para obedecer a satisfação de vinganças ou coisa parecida, esse predio esteve isolado durante mais de 24 horas, sem que para tal tivesse precedido ordem da competente autoridade sanitaria.

O transtorno e os prejuizos que daí advieram são faceis de calcular: gente que não poude ir para o trabalho, sem falar em tantos inconvenientes derivados do facto.

Invocou-se, para justificar a medida tomada, um pretenso caso de molestia contagiosa, quando nada, absolutamente nada de anormal ocorrera. A verdade é que se não compreende que, sem ordem do sub-delegado de saude assim se proceda.

A's autoridades competentes recomendamos o caso, para que se não repita.

Lotaria de Lisboa

Os numeros mais premiados

740....	40.000$00
4299...	6.000$00
4790...	2.000$00
4348...	1.600$00

739..	972$50	1120..	200$00		
741..	912$50	1460..	200$00		
2606..	500$00	4322..	200$00		
3042..	500$00	5093..	200$00		
4761..	500$00	5826..	200$00		
5421..	500$00	6172..	500$00		
204..	200$00	6385..	200$00		
1058..	200$00	6675..	200$00		

Em favor dos ceguinhos

Promovida pelos empregados do Salão Cristal, realisa-se depois d'amanhã, ás 14 horas, no sa'ão do Asilo Escolar Antonio Feliciano de Castilho, rua Correia Telles, a Campo de Ourique, uma «matinée», cujo produto reverte em favor do cofre d'esse Asilo.

O programa é magnifico e a concorrencia deve ser enorme, atendendo sobretudo ao fim humanitario a que se destina.

ULTIMA HORA

Presidente da Republica

Acentuam-se as melhoras do ilustre enfermo

Desde hontem á tarde as melhoras do sr. Presidente da Republica teem-se acentuado progressivamente.

Durante o dia de hoje a febre declinou muito o que permitiu que o venerando chefe do Estado repousasse durante algum tempo.

A informam-se do seu estado teem ido muitas pessoas, e entre as quais o sr. Ministro da Guerra e esposa, dr. Sampaio e Maia, Ministro da Italia Guisseppe Farrone, secretario da legação da Italia, Alberto de Albuquerque, J. Moreira Rato, Constantino Valente, Lupo Silva, Viuva Matos Cordeiro, Augusto Barreto, Dr. Mesquita de Carvalho, dr. Trindade Costa, coronel Pereira Bastos, ministro dos estrangeiros, Afonso de Macedo, Armando de Oliveira, Machado dos Santos, Cunha Galvão, Almeida Simões, do Porto, Angelo Rosado, etc. etc.

Tambem teem sido recebidos muitos telegramas pedindo informações do estado do sr. Presidente da Republica do dr. Pinto da Rocha e Souza Cruz, do Rio de Janeiro, professores e alunos da escola profissional n.º 1, Administrador do Concelho de Pombal, Francisco Santeno, de Coimbra, Camaras Municipais de Cintra e Coimbra, Legação em Madrid, Comissões politicas do Partido Reconstituinte, do Porto etc.

Capitão Lobo Pimentel

No tribunal de Santa Clara, continuou hoje o julgamento do capitão sr. Lobo Pimentel.

Hoje compareceram as testemunhas dr. Anibal de Castro dr. Ramalho Curto, major Bernardin Pereira, major Tamagnine Barbosa, tenente Faria, dr. Mario Mesquita e Almeida Tinoco.

A' hora a que fechamos esta noticia continua a inquerição de testemunhas, sendo porvavel que ainda hoje não termine o julgamento.

Um faquista de 13 anos

Depois de operado de laparotomia, recolheu á enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, Carlos Souza, de 17 anos, morador na calçada de S. João da Praça, 46, que n'uma oficina de maleiro da calçada de Sant'Ana foi agredido com uma facada no ventre por Alberto Castelo, de 13 anos.

Malas postaes

Amanhã são expedidas malas postais pelo vapor «Britania» para New York e Açores, e pelo «Liger» para Dakar, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral para ambos.

Navegação para o Brazil

A colonia portugueza recebe com alegria o paquete «Traz-os-Montes»

RIO DE JANEIRO, 13.—Chegou o paquete portuguez «Traz-os-Montes», dos Transportes Maritimos do Estado, que foi recebido com muitas manifestações de alegria por parte da colonia portuguesa.

A imprensa refere-se ao facto, congratulando-se pelo estabelecimento da navegação directa entre os dois paizes, que concorrerá poderosamente para o estreitamento, cada vez mais acentuado, das relações da lingua portugueza.—*(A).*

POLITICA

Dia morto em questão de politica o do hoje, como já hontem sucedeu. O senado esteve quasi deserto e a tal ponto que foi necessario aguardar-se a chegada dos senadores para a sessão poder ser aberta pelas 15 horas. Nos Passos Perdidos nem viva-alma, a não ser os continuos hirtos nas suas casacas verdes com vivos dourados.

Na sala dos deputados as obras continuam com actividade afim de tudo estar a postos quando da anunciada sessão historica a realisar-se em 24 do corrente.

Alguns senadores, que foram ver os trabalhos, entreteem-se a examinar as gordas pernas da *Eloquencia* que teem servido para mordoz assunto entre os criticos.

De politica e de crise não se falou hoje no parlamento, onde a sessão terminou cedo.

A Arcada tambem não forneceu aos «reporters» qualquer nota interessante, o que não quer dizer que os jornaes politicos não surjam amanhã com hipoteses e fantasias formuladas pelos que teem a seu cargo alimentar o fogo sagrado dos «gourmets» de tal genero de jornalismo.

Cada qual formula a sua opinião e nós que unicamente procuramos dados precisos, voltamos a repetir que quanto á crise ela se declarará logo que o venerando chefe do Estado melhore e se encontre em estado de conferenciar sobre o assunto com o sr. Liberato Pinto. Até lá, o chefe do governo procurará somente... «aguentar o ministerio», conforme ele proprio nos disse ha dias.

Logo que o sr. Presidente da Republica possa ter conferencias, o Chefe do Governo irá apresentar-lhe a demissão colectiva do gabinete e natural é que seja o Sr. Liberato Pinto o encarregado de formar novo gabinete.

E' quem entrará n'ele?

E' prematuro tudo quanto se diga, mas garantido é que os populares não compartilharão desta vez do poder.

Com respeito aos outros partidos tudo depende das «démarches» que então se efectuarão.

E os populares não entrarão, repetimos, por não haver forma possivel de fazer vingar as propostas de finanças do sr. Cunha Leal, que tanta celeuma teem levantado em todo o paiz.

A associação dos advogados nomeou uma comissão que ficou encarregada de elaborar um trabalho de critica e ataque ás referidas propostas.

Essa comissão, constituida pelos srs. dr. Pinto Coelho, Antonio Cerqueira e Pinto Gouveia, deve apresentar os seus trabalhos na sessão que se realisa no dia 19 do corrente.

Enquanto não estiver solucionada a questão politica, a comissão delegada dos ferro-viarios que tenta de alcançar melhoria de situação resolveu tambem suspender as suas «démarches» que estavam sendo efectuadas com o sr. ministro do comercio.

Poeira da Arcada

Ministro da marinha

Parte amanhã para o norte o sr. ministro da marinha.

Circulação fiduciaria nas colonias

O sr. ministro das colonias tem realisado varias conferencias com a direcção do Banco Nacional Ultramarino, no sentido de serem, quanto antes, remediados as dificuldades com o comercio das colonias está lutando devido á deminuição de circulação fiduciaria.

Medicos do corpo de marinheiros

Os medicos do corpo de marinheiros, recentemente reorganisado, serão os srs. capitão de mar e guerra Homem de Carvalho e capitão tenente Raul do Carmo Pacheco.

Assuntos de instrução

Não é inteiramente exacta a noticia publicada acerca dos serventes contratados das escolas primarias de ensino geral, visto que o sr. ministro da instrucção espera resposta ao inquerito a que mandou proceder para depois tomar uma resolução definitiva.

—O sr. dr. Matoso Santos, professor da faculdade de Medicina de Lisboa, teve uma demorada conferencia com o sr. ministro da instrução acêrca da questão do ensino superior.

—Os professores srs. Manuel Atias, Silvo Rebelo, Celestino da Costa e Henrique de Vilhena, procuraram o sr. ministro da instrucção para lhe agradecer o aumento de dotação dos lavoratorios da faculdade de medicina de Lisboa.

PARLAMENTO

No Senado

Quinze e dez. Na presidencia o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Heitor Passos e Ramos Pereira. A ata é aprovada por 24 senadores que tomam conhecimento do expediente.

Como não haja numero, ainda, aguarda-se a chegada dos retardatarios. Completo o «quorum», é concedida a palavra a diferentes oradores.

O sr. Sousa Varela manda para a meza dois telegramas que recebera dos oficiaes de justiça de Benavente e Rio Maior podindo que sejam atendidas todas as suas reclamações.

O sr. Fernandes de Almeida também envia para a presidencia telegramas dos oficiaes de justiça de Chaves formulando identico pedido, e requer que, pelo ministerio das colonias, lhe sejam enviadas copias de todos os documentos relativos ao processo de concessão do exclusivo de pesquizas mineiras na colonia de Angola, ao norte do caminho de ferro de Benguela, á Companhia de Pesquizas Mineiras.

Requer, ainda, lhe seja enviados um exemplar das pautas alfandegarias da colonia de Angola e, bem assim, a estatistica da produção das minas de diamantes da Cassae, e a nota do rendimento alfandegario da exportação dos mesmos diamantes.

O sr. Rodrigues Gaspar alude novamente ao projecto de concessão do porto comercial de Montijo, cuja lei reputa inconstitucional, e insiste pela sua discussão.

O sr. Alvares Cabral declara que este diploma já tem os respetivos pareceres.

O sr. Constancio de Oliveira requer urgencia e dispensa do regimento para a imediata discussão do projecto de lei promovendo ao posto de capitão os antigos chefes de secção e de distritos.

Aprovados: urgencia, dispensa e projecto.

A proxima sessão ficou marcada para quinta-feira.

Um bolchevista perigoso

E' depois de amanhã enviado para a fronteira, visto ter sido expulso dos territorio da Republica Portugueza, por tres anos, o hespanhol Luiz Cuellos Gomez a que já por varias vezes nos temos referido, acusado de ter feito parte do «complot» que levou á pratica a morte do governador geral da provincia hespanhola de Valencia, quando das scenas sangrentas que ali se desenrolaram ha mezes.

Entre os dois governos foi tratada a extradição do perigoso bolchevista, o qual será entregue ás autoridades hespanholas.

Ralham as comadres...

Continuam bastante tensas as relações entre integralistas e constitucionaes, tendo se avolumado ultimamente as más vontades dos primeiros contra os segundos.

Os adeptos de D. Duarte Nuno I não vêem com bons olhos a resolução tomada pelos manuelistas de fazerem reaparecer o seu antigo orgão «Correio da Manhã», e vá portanto de iniciar uma campanha de descredito contra todos os constitucionaes e muito especialmente contra o sr. dr. Anibal Soares, director do orgão dos manuelistas, acusado-o de acintosamente os perseguir.

Convem frizar que o sr. dr. Anibal Soares promoveu um mandado de despejo contra o jornal «A Monarquia», que, como é sabido, tem a sua séde na rua Serpa Pinto, 38, 3.º, ao Largo de S. Carlos...

Sangrando-se em saude...

50 contos para um hospital e terreno para a sua edificação

Após a gréve ferro-viaria começaram correndo boatos, de que nós fizémos echo, de que os grévistas não tendo visto atendidas as suas reclamações resolveram, embora retomando o trabalho, continuar no movimento, fazendo a chamada gréve surda.

Se tal orientação tem sido ou não levada a efeito não o sabemos com precisão, embora seja um facto que as mercadorias chegam sempre tarde e más horas aos seus destinos depois de transitarem por pontos muito diferentes d'aqueles a que são destinadas.

Mas, aleja-se que a falta de material tem dado origem a taes contratempos não havendo assim fórma de com precisão se apurar de que lado está a razão.

Existe, porém, na Extremadura, não muito distante de Santarem, um proprietario e lavrador dos mais importantes do paiz, que não ha muitos anos deu que falar num caso de exportação de vinhos para França e que temendo que os seus azeites e vinhos andem pelas linhas ao Deus dará, teve a luminosa idéa de aferecer ao sindicato ferro viario a quantia de 50 contos para um hospital, oferecendo ainda para tal edificação o necessario terreno.

A «generosidade» do importante lavrador, que tem auferido lucros fabulosos com transportes em caminho de ferro, visa principalmente obter as boas graças dos ferro-viarios para que as suas mercadorias a transportar não sofram demoras.

E o facto é que o habil lavrador que tem vagons especiaes pintados a vermelho, com o seu nome inscrito nos tampos, conseguiu assim que entre os ferro-viarios fosse passada palavra ou ordem para os vagons em questão não sofrerem sabotage nem ser impedido o seu rapido transporte.

A oferta dos 50 contos e do terreno foi feita aos ferro-viarios por trez delegados do habil lavrador.

NOTICIAS DA CAPITAL

Uma batida nos sitios da Ajuda

Em consequencia das numerosas queixas existentes na policia de investigação referentes a assaltos á mão armada, roubos por meio do escalamento e arrombamentos, que ultimamente se teem dado no bairro da Ajuda e suas imediações o chefe Eduardo Tavares ordenou que uma brigada de agentes da 4.ª secção composta de Custodio Nunes, Dores, Delgado, Robalo e Costa, auxiliados por sargentos e praças armados da G. N. R., procedessem hoje de madrugada a uma rigorosa batida n'aqueles bairros, que não deu resultado, em consequencia dos assaltantes e gatunos andarem a monte e não serem encontrados nas casas onde habitam. A's primeiras horas da manhã os agentes prenderam uns individuos que se lhes tornaram suspeitos e aos quaes, sendo apalpados, foram encontradas as algibeiras cheias de pedras.

Provou-se, porem, que eram operarios que se dirigiam para o trabalho e que iam assim preparados para se defenderem no caso de serem assaltados.

A serie diaria

Queixaram-se á policia: João Antunes Braz, travessa de S. Bernardino, 12, 1.º, de que lhe furtaram a carteira com 102 escudos; Antonio Tavares Vaz Junior, beco da Rosa, 2, 2.º, de que lhe furtaram diversas ferramentas no valor de 150 escudos; Guilhermina de Sousa Pinto, rua Thomaz Ribeiro, 48, de que lhe furtaram roupas e outros objectos no valor de 400 escudos.

—Foram presos Joaquim Maduro, rua do Arco do Marquez do Alegrete, 54, 4.º, por ter furtado uma carteira com 109 escudos a Antonio do Pavo, rua de S. Miguel, 24, e Custodia Gomes d'Assunção, beco do Salgado, 5, por ter subtraido uma carteira com 110 escudos a Maria São João, travessa de Santo Antonio, 10.

Principio de incendio

Na pastelaria da Avenida da Liberdade, 53, pertencente á Sociedade Pavilhão Avenida Limitada, houve hoje, pelas 8.30, um começo de incendio, apagado pelo pessoal do quartel n.º 8 com uma agulheta.

Serviço telegrafico da tarde

O emprestimo da Argentina á França

BUENOS AIRES, 13. — O representante da França na Argentina, M. Jean Clausse tem conferenciado com o ministro interino dos estrangeiros acerca do emprestimo contraido pela França, na Argentina ha dois anos e cujo prazo de pagamento termina em 15 do corrente.

O gerente do Banco da Nação declara que, em virtude das disposições da lei, não é possivel prorogar o prazo do pagamento.

O debito da França no Banco é de 28 milhões de pesos.—*(A.)*

A crise ministerial franceza

PARIS, 13.—O sr. Millerand chamou ao Eliseu o sr. Raoul Péret, presidente da camara dos deputados e preguntou-lhe qual a opinião da camara sobre a crise ministerial. Os jornais são unanimes em dizer que a votação de hontem demonstra o ventade que a camara tem de que termine a politica de concessões a respeito da Alemanha e o proposito da França de que se oponha ao sr. Lloyd George um politico habil e experimentado, energico e capaz de discutir com ele com armas iguais.—(H.)

Não está ainda confirmada a morte de Lenine

PARIS, 13.—Não ha mais pormenores sobre a morte de Karpoff que foi primitivamente anunciada de Berlim. Karpoff foi um dos pseudonimos usados por Lenine.—(H.)

PARIS, 12—Comunicam de Berlim ao «Journal» informações detalhadas sobre a inauguração da campanha eleitoral na Russia, traduzinde-se em uma violenta agitação militarista a favor da reposição dos hohenzollern. *(H.)*

LONDRES, 12 — Comunicam de Teheran ao «Times» que em uma conferencia celebrada recentemente entre varios ministros, ex-ministros e representantes da aristocracia persa, foi resolvido acelar, sob determinadas reservas, as propostas do governo dos «soviets», ficando estabelecido que a evacuação do norte da Persia pelos bolchevistas devia preceder o começo das negociações de caracter oficial. *(H.)*

LONDRES, 12—Segundo o «Daily Mail», um importante nucleo de tropas bolchevistas concentra-se em Baku com o proposito de invadir a Persia logo que comece a primavera Os subditos inglezes cujas mulheres e filhos sahiram já da Persia, abandonarão este paiz na primavera ao mesmo tempo que o «Sha» e o pessoal de todas as legações extrangeiras *(H.)*

ROMA, 12 —No Vaticano não se recebeu ainda qualquer comunicação oficial da visita do rei de Hespanha a Roma, embora se creia que se realisará em Abril ou Maio proximo, não se opondo qualquer dificuldade a essa visita por parte do Vaticano. *(H.)*

LONDRES, 12.—Comunicam de Constantinopla ao «Daily Mail» que em vista da intromissão dos bolchevistas na politica da Armenia, tendendo para a sua anexação, o governo «kemalista» anuncia que não estabelecerá o regimen dos «soviets» na Anatolia.

LONDRES, 11. — A situação na India continua a inspirar serias preocupações. Além do despertar do sentimento nacional indio, alastra rapidamente o sindicalismo como uma nova arma perigosa.

A Federação Trabalhista conta já 2 milhões de indios inteiramente na mão de chefes extremistas. O atual estado dos espiritos é o mais grave depois da grande insurreição de 1857—*(H)*.

PARIS, 11.—Os jornaes continuam a comentar o significado das ultimas eleições em que o paiz uma vez se afastou dos extremismos das direitas e das esquerdas, ractificando a sua vontade de uma politica de pacificação e de renovação social. *(H.)*

ROMA, 12 —Toda a imprensa comenta muito favoravelmente a proxima visita do rei de Hespanha á Italia, onde é grande a sua popularidade. Essa visita muito concorrerá para estreitar os laços de amisade e simpatia entre as duas nações latinas. *(H.)*

PARIS, 12.—Em consequencia dos resultados das ultimas eleições para o Senado, alguns jornaes consideram assegurado o voto favoravel ao reatamento de relações com o Vaticano, que encontrava certa oposição naquela Camara por parte dos elementos radicaes, os quaes esperavam que o resultado das eleições viesse fortalecer a sua posição.—H.

PARIS, 12. — O gener. l Nivelle que desempenhou o cargo de comandante em chefe do exercito, até á mal grado ofensiva de Chemins de Dames, foi condecorado com a gran-cruz de Legião de Honra, que até agora lhe não havia sido concedida por errada interpretação dos factos que determinaram o malogro daquela ofensiva e de que resultou a sua destituição de comandante em chefe. —*(H)*.

Companhia de Seguros Fidelidade

Por ordem do ex.mo sr. Presidente da Meza da Assembleia Geral é convidada a mesma Assembleia a reunir-se na séde desta Companhia Largo do Corpo Santo, 13 1.º no dia 20 do corrente mez, ás 5 horas da tarde, afim de dar cumprimento ao que determina o art. 16 dos Estatutos.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1921.

O secretario

Guilherme Augusto Ferreira

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3754 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado, 15 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 114, Rua da Atalaia, 116 | Preço, 5 centavos

A AMEAÇA

O que não pode continuar é esta intranquilidade politica, que não corresponde, é certo, a uma intranquilidade social, mas que sempre afecta o regular funcionamento duma sociedade.

Vem isto a proposito dos boatos que ultimamente se teem espalhado com o fim de capacitar a opinião publica de que não se pode mudar um governo, de que se não pode discordar de qualquer medida, sem que imediatamente surja no horisonte a ameaça de tumultos, redições ou pronunciamentos que certas «côteries» politicas parecem comprazer-se em organisar.

A Republica é um regimen de opinião. A Republica é um regimen de legalidade. A Republica é um regimen de ordem. A Republica é um regimen em que sempre deve prevalecer a supremacia do poder civil. Estas afirmações que definem principios o que devem corresponder a realidades teem-se enunciado centenas de vezes.

Todavia, parece que não ha maneira de convencer certa gente, a qual entende que a Republica ha de estar sempre sob a influencia de varias seitas, decididas a lançar mão de todos os meios de perturbação para alcançar os seus fins e manter o seu predominio.

Sobretudo nos ultimos tempos não tem havido uma crise ministerial em que o espantalho das revoluções ou dos golpes de Estado não tenha sido agitado para contrariar determinadas soluções politicas. Compreende-se que não seja facil, nestas circunstancias, sempre na contigencia de ouvir soar novas fuzilarias, organisar governos com entidades competentes que naturalmente não dispensam a tranquilidade publica para executar os seus planos, porque essas entidades iriam para o poder com a intenção de trabalhar e não com a de lucrar á mão armada.

Já se fez um ministerio tanto sob a pressão de ameaças d'essa natureza que foi necessario organisá-lo n'uma madrugada, no decurso de uma ou duas horas. Este foi o primeiro ministerio Domingos Pereira, o que nos havia de brindar com a famosa serie dos 30 suplementos ao «Diario do Governo», ministerio constituido com a colaboração de quasi todos os partidos para que no dia seguinte a onda demagogica, desencadeada no comicio do Coliseu dos Recreios pelo sr. Cunha Leal e outros agitadores, não viesse estabelecer entre nós uma especie de governo de «soviets» á maneira moscovita.

Estas ameaças teem de cessar. A Republica tem de seguir normalmente os seus destinos, sem que a todo o instante se encontre na iminencia de novos movimentos sediciosos. A questão politica, a questão financeira, a questão economica, não se resolvem aos tiros. Resolvem-se com atenção e estudo, com verdadeira competencia e com verdadeiro patriotismo. Resolvem-se com uma acção persistente e meditada em que se alie a competencia á energia, a iniciativa ao saber, a dedicação ao trabalho, a noção perfeita do civismo ao espirito da dignidade nacional e o rigoroso culto da Republica.

Todos aqueles que pensem em perpetuar a irregular situação que deriva da ameaça constante de pronunciamentos, revoluções e golpes de Estado, estão empenhados n'uma faina criminosa que é necessario condenar e reprimir.

As mercadorias dos navios ex-alemães

Está-se realisando a venda, em leilão, das mercadorias apreendidas a bordo dos navios ex-alemães, o que ha muito, ha muito tempo se devia ter feito.

Na «Capital» reclamámos por diversas vezes que essas mercadorias fossem vendidas, a fim de evitar os enormes prejuizos, os roubos mesmo que d'elas houve. Não fomos então atendidos, por motivos que n'este momento não veem ao caso.

O facto é que os leilões se estão realisando. Mas o curioso é que se pensa na constituição d'uma comissão para levar a efeito, ou para presidir, não sabemos bem, a esses leilões, comissão que terá 3 % do valor das vendas efectuadas. Ora como o valor das mercadorias é de alguns milhares de contos...

E para essa comissão indigita-se o nome do sr. Pinto de Lima.

Sem comentarios.

Oficial que tem de se apresentar

Tem de apresentar-se imediatamente na segunda repartição da primeira direcção geral do ministerio da guerra o capitão de infantaria sr. Artur Leal Lobo da Costa.

SEGREDOS — a TODA a GENTE

As mulheres-rapazes

Ha agora em Lisboa uma colecção de meninas desenvoltas e flexiveis cujo merito supremo consiste em subir para o electrico — com o carro a andar. E' uma façanha que os homens de bom senso não praticam. Não quer isto dizer que eu tenha a pretenção de desdenhar desses pequeninos atletas de saias, do seu gesto de audacia encantadora. Pelo contrario. Eu aconselho as mulheres principalmente as mulheres bonitas a que pratiquem o novo sport. Pois não é verdade que não ha prazer para um homem que valha o apanhar nos braços uma mulher que cai? —

Anatole France

O caso do dia é positivamente em França a adhesão do autor admiravel do Lys rouge — ao bolchevismo. O acontecimento que a Humanité revelou com o seu melhor sorriso — apresenta-se para nós como mais uma deliciosa boutade desse homem cujo talento é pelo menos tão celebre como a sua quinzena de veludo. Mas o facto aparentemente tão simples veiu, talvez pela sua simplicidade, modificar um pouco a nossa visão politica e verme... da obra russa. De hoje em diante todos nós conservadores — o termo é relativo — poderemos dizer, encolhendo vagamente os hombros:

— Afinal o bolchevismo tem uma coisa admiravel: Anatole France.

Os telefones

A companhia dos telefones oficiou ao sr. ministro do comercio pedindo com um bom humor, verdadeiramente inglez, autorisação para elevar as tarifas. C'est l'eternelle chanson. Mas aqui entre nós que ninguem nos ouve — tal e qual como entre os telefones — serão de todo o ponto justas as pretenções da companhia? Parece-me que sim. Permitam-me que recorde, neste momento, em que os telefones atravessam a sua crise financeira e muda, a frase de Theocrito: «O silencio é de oiro e sempre se pagou caro».

Luiz d'Oliveira Guimarães.

A reabertura do Monumental Club

Constitue hoje um dos nossos maiores sucessos elegantes

Como fôra anunciado reabriu hoje as suas portas a nossa sociedade elegante o antigo «Magestic» hoje transformado no «Monumental Club».

Madame Sagestume, a elegantissima senhora cujo perfil poz sempre uma nota de elegancia nas reuniões da «élite», está no momento em que escrevemos estas linhas dando «rendez-vous» ás senhoras do nosso corpo diplomatico que enchem os vastos salões aristocraticos do elegantissimo Club. Tudo o que a Arte, o bom gosto, e o conforto teem inventado se encontra reunido no «Monumental Club», com os salões mobilados a capricho pela casa Nascimento, do Porto, em requintes d'um luxo inexcedivel, ostentam a arte consagrada de Domingos Costa e Benvindo Ceia a completarem o talento architectonico de Silva Junior e onde poem uma deliciosa nota da mais inconfundivel arte de azulejos caracteristicos de Jorge Colaço.

Ha tudo o que é hoje indispensavel ao moderno conforto duma sociedade elegante, nos esmerados salões do «Monumental Club». Tudo. Os fumadores encontram alli as mais afamadas marcas de tabaco. Sobre as mezas, revistas, jornaes, «plaquettes», tudo o que possa distrahir o espirito e recrear a alma. Um sexteto dos mais exímios professores executa neste momento um repertorio escolhido. E por toda a parte, nos salões movimentados, a que as «toilettes» caras põem uma nota de elegancia nova, respira-se um perfume requintado e uma atmosfera aristocratica e artistica a que se não estava habituado em Lisboa e que rivalisa com o que, no genero, existe lá fóra de mais artistico e de mais elegante.

Damos por isso mesmo os nossos mais calorosos parabens aos homens que acabam de conseguir esta maravilha do «Monumental Club».

No estrebuchar duma "chantage"

O tribunal condena o caluniador Emidio Pereira a pagar os seus debitos ao sr. Orlando de Melo Rego

Os nossos leitores recordam-se ainda dos dois artigos monumentaes que em 11 e 14 de julho do ano findo escrevemos nestas mesmas colunas a proposito da criminosa «chantage» movida por um tal Emilio Pereira contra o honestissimo advogado sr. dr. Orlando Melo Rego. Mencionamos chamamos a esses artigos porque, de facto, eles representaram o esmagar da calunia mais infame que podia ter surgido no espirito traiçoeiro e baixo dum vilão.

Escrevemos esses artigos serenamente, com aquela grande serenidade que provém das fortes convicções, na absoluta honestidade dum homem que tendo um nome honrado e limpo na advocacia portugueza algum pretendeu emporcalhar atirando-lhe com punhados de lama.

Fomos quoreladoa por esses artigos. Estamos cada vez mais rijubilosos com a nossa consciencia por os havermos escrito. Bastava-nos para isso a certeza absoluta de que estavamos dentro da razão e da justiça; mas desde hontem temos alguma coisa mais a consolar-nos, a galardoar-nos o nosso gesto. Foi o que se passou no Tribunal do Comercio sob a presidencia do integerrimo magistrado dr. Aires de Castro e Almeida.

Emilio Pereira alem de caluniador do mais baixo estôfo era tambem um devedor incorrecto e desleal. Recusara-se ao pagamento de 3 letras na importancia de 5.666$14-4. Negava tudo. Negava a firma, negava a obrigação de pagamento. Mas vieram os peritos. Viram observaram, estudaram e reconheceram por pluralidade de votos a assignatura e o «aceite» como do proprio punho do Pereira. Era desorientado, perdido. Arquitetou um desiquilibrio recorreu á uma vil campanha da calumnia mais deslavada que podia ter inventado: e deu Orlando Mello Rego como tendo inteligencias e comercio com os alemães nos os inimigos em guerra. Isto fez sucesso. Aonde até um jornal «O Seculo» que nas melhores das intenções, convimos, levantou o caso e o estudou larga e desenvolvidamente. E esse jornal, num dos seus artigos, escrevia:

«E' o prestigio da propria justiça que está em cheque. E' o nosso bom nome junto dos aliados posto numa situação equivoca. E' o caminho aberto a todas as suspeições de venalidade, de anti-patriotismo e da mais funda e acabrunhadora miseria moral.

Isto não pode ser, nem ha-de ser! Acorde quem dorme! Abra os olhos e os ouvidos quem deve tê-los bem abertos! Urge que se faça plena, categorica, implacavel justiça. Se ha traidores, se ha ladrões, se ha portuguezes degenerados, que se metam na cadeia, que se punam. Se ha simplesmente caluniadores, que os façam engulir as suas calunias e lhes apliquem o castigo que merecem».

Otimo! Era isto mesmo o que nós sabiamos, o que nós desejávamos, o que nós pretendemos obter com a nossa campanha. E foi isto mesmo o que hontem aconteceu para honra de nós todos e para maior prestigio da magistratura portugueza, no Tribunal do Comercio.

Constituido o tribunal alguns homens foram depôr acerca do que sabiam a respeito do sr. Orlando Melo Rego. Pela craveira moral e intelectual desses homens avaliam os nossos leitores do valor dos seus depoimentos. Foram eles José Henriques Totta, o honestissimo banqueiro a quem ainda não ha muito todo o comercio prestou a homenagem justa da sua gratidão. Nunca duvidou da honorabilidade de Melo Rego e reputa-o um homem escrupulosissimo em negocios. João José Pereira historiou toda a vida accidentada e chantagista do Emidio Pereira. Magalhães Lima o velho e austero democrata, gloria da democracia portugueza, conterraneo do Dr. Orlando declara que o tem acompanhado desde a infancia e julga-o incapaz da pratica de qualquer acto menos digno ou menos leal. Outros mais testemunhas depozeram ainda.

Todos concordes, todos unanimes em elogiar a conduta moral do homem que nós defenderamos conscientemente em julho do ano passado. O dr. Catanho de Menezes, por exemplo, com a sua autoridade e com o seu nome, companheiro na advocacia de Orlando de Melo Rego, mantem ainda hoje com ele as mais estreitas relações de amisade e viu nele sempre um homem extremamente pundonoroso que se impoz na vida um papel de figura aprumada e recta.

Como veem foi um triunfo em toda a honra. Esmagou-se inexoravelmente a calunia. E provou-se que o Pereira cancomonado com o cunhado Saraiva haviam tido apenas um procedimento miseravel, e feles praticando a mais desabada chantagem e só admissivel em almas de lama como os d'eles. Fez-se enteira justiça hontem. Reconheceu-se a inteiresa de caracter e o brio, a honorabilidade do sr. Orlando de Mello Rego, sendo a sentença proferida em seu favor. Folgamos em registar este facto. Ainda da felizmente ha juizes em Portugal.

São numerosos os candidatos ao trono

mas não quer isso dizer que a restauração dos Habsburgos ou de outro qualquer monarca esteja eminente

No seu numero de 11 do corrente, o «Matin» traz, do seu enviado especial em Budapest, André Chéradome, a seguinte correspondencia, que vem lançar alguma luz sobre os telegramas ha dias publicados a proposito duma pretensa restauração da monarquia hungara:

«Um primeiro exame prova que uma restauração monarquica não está de fórma alguma eminente na Hungria, pelos meios normaes, como em França tratam de o fazer acreditar os «meneurs» da intriga, que querem preparar o ambiente favoravel a um golpe de Estado, que seria considerado, ao longe, como uma consequencia da vontade popular, mas que, na realidade, seria devido a uma pequenissima minoria.

Ha entre os proprios Habsburgos quatro candidatos ao trono da Hungria, treze dos quaes ao menos, disputam realmente e com violencia os sufragios dos magyares que são realistas. Essa disputa basta para tornar impossivel uma restauração imediata, como poderia dar-se se houvesse um unico candidato ao trono da Hungria.

* * *

O ex-rei da Hungria e imperador da Austria Carlos, casado com a princeza Zita de Parma, é o candidato dos realistas hungaros, chamados legitimistas. Para eles, Carlos continua a ser o rei da Hungria, por causa da seguinte teoria.

Embora habitando na Suissa, Carlos continua a ser o detentor de todos os poderes e privilegios que lhe conferiu a cerimonia da coroação, a qual, na historia da Hungria, tem um poder quasi sacramental. E é assim porque o rei Carlos nunca abdicou. Ao sair da Austria, em seguida ao desabamento de 1918, Carlos assinou apenas um papel declarando que suspendia o seu poder de realeza e deixava á nação Hungara o direito de tomar livremente uma resolução. E esse papel foi entregue simplesmente a amigos pessoaes do rei.

Não foi uma absolvição. Para ser valiosa, segundo o direito magyar, o acto de abdicação deve ser consignado pelo presidente do conselho magyar e, além disso, a propria abdicação deve ser aceite pelo parlamento. Não tendo sido cumpridas essas formalidades, Carlos continua a ser rei. Segue-se que, como não assinou os tratados de paz, os seus direitos soberanos continuam a estender-se sobre os territorios, hungaros até 1914, actualmente «ocupados» pelos romenos, ingo-slavos e tcheco-slovacos. Esta argumentação juridica dos legitimistas hungaros basta para demonstrar que a restauração do rei Carlos levaria «ipso facto» á repudiação dos tratados de Trianon e de Saint-Germain, o que, como consequencia, obrigaria a do de Versailles.

Finalmente, o ex-rei Carlos é conhecido como partidario d'uma união da Austria e da Hungria, que facilitaria tanto mais as realisações pangermanistas quanto os mais firmes sustentaculos de Carlos são os magnates magyares, isto é, esses grandes proprietarios territoriaes cujos interesses sociaes são identicos aos dos junkers prussianos.

Estas razões premitem compreender o motivo por que os tchecos, os iugo-slavos, os romenos e os italianos se preparam para resistir, pela força, a um golpe de Estado que reinstalasse Carlos sucessivamente em Vienna e em Budapest.

* * *

A combinação Otto é um recurso conservado de reserva pelos legitimistas hungaros para o caso em que o regresso do rei Carlos fosse por eles reconhecido como momentaneamente impossivel. O archiduque Otto é, com efeito, filho do ex-rei Carlos, mas, como tem apenas 8 anos, seria constituida uma regencia de tres membros: o almirante Horthy, o cardeal primaz da Hungria, conhecido como resoluto irredentista, e um grande magnate como o conde Apponyi ou o conde Andrassy. A combinação Otto apresentaria pois um caracter tão germanofilo como a do proprio ex-rei Carlos. Será, pois, certamente posta de lado pelos visinhos da Hungria.

O archiduque Albrecht é filho do archiduque Frederico, que durante a guerra exerceu o comando em chefe do exercito, do tal modo que a sua memoria é detestada por todos os slavos e latinos que foram vassalos dos Hobsburgos. O archiduque Albrecht tem 23 anos, vive em Magyarovar. E' inteligente, instruido, mas é conhecido como partidario convicto do militarismo prussiano.

* * *

O archiduque José é neto de Luiz Filipe pelo lado feminino. Seu pae foi o primeiro comandante em chefe da honved ou exercito territorial magyar. O pae do actual archiduque tinha horror aos Hobsburgos de Vienna, a ponto de não querer ir á capital austriaca. Vivia sempre na Hungria, a maior parte das vezes no campo, rodeado de camponezes e de tziganos.

O actual archiduque José, que desposou a princeza Augusta de Baviera, por sua mãe neta de Francisco José, herdou os sentimentos paternos. Muito magyar e anti-austriaco, quer ser, como os seus antepassados, enterrado em Budapest e não em Vienna. Todos os seus bens estão na Hungria, onde habita constantemente.

Durante a guerra europeia, o archiduque José, comandando o exercito da honved, cumpriu o seu dever. Goza de verdadeira popularidade entre muitos dos antigos soldados, porque durante as hostilidades se interessou por eles, indo-os muitas vezes ás trincheiras ... e procurando melhorar-lhes a sorte. Esses antigos soldados chamam-lhe «Nosso pae José».

Os que conhecem bem o archiduque José consideram-no um homem honesto, benevolo e de verdadeiro bom senso. Finalmente, não gostam dele os magnates, sem duvida por causa das suas tendencias em querer apoiar-se no povo. A sua candidatura apresentar-se-hia, pois, em condições assaz favoraveis se o facto de ser um Habsburgos em quasi toda a Europa central, a um ponto de que se não faz idéa alguma em França.

Ha certos francezes que se sentiriam dispostos a apoiar a candidatura do archiduque José devido ás suas qualidades pessoaes. Na realidade, a França não deve tomar iniciativa alguma a esse respeito. A candidatura do archiduque José não póde ser apoiada pela França a não ser «previamente» aceite pelos visinhos da Hungria. Estes são os principaes interessados. Como são amigos e aliados da França, compete-lhes pronunciarem-se em primeiro logar. N'esse porto, a França tem certo interesse em se guir a opinião d'eles.

* * *

A repulsão que se liga ao nome dos Habsburgos é tal entre os proprios magyares que um grande numero de realistas hungaros estão preocupados em encontrar um candidato fóra dos Habsburgos. Toda a gente na Hungria está de acordo em admitir que é impossivel pensar em escolher entre os magyares para achar um rei da Hungria, sendo demasiado latentes as rivalidades para que um d'eles possa impôr-se como rei.

As proprias considerações impedem que se transforme em rei o governador, o almirante Horthy, solução em que se pensou durante um momento. Resta encontrar um principe estrangeiro.

Reconheceu-se que um principe inglez e, mais ainda, um principe italiano encontrariam numerosas oposições, quer do chefe dos magyares, quer do chefe dos visinhos destes; mas admite-se geralmente que um filho do rei Alberto da Belgica reuniria o maior numero de sufragios entre os candidatos estrangeiros que podem ser encarados.

Resta-nos verificar o que pensa na realidade o povo hungaro d'essas diversas candidaturas e d'um regimen republicano.

O fabrico da niveina

Foi apresentado ao conselho superior de higiene, pelo vogal inspector sanitario do trabalho, um relatorio sobre o fabrico da niveina.

AOS SABADOS

A semana literaria

Poesias dispersas, *por Guerra Junqueiro (ed. Lello & Irmão Porto)*. — **Repto ao mundo** *por Francisco Alves (ed. do autor, Lisboa)*

Se um dia, a um desses frades, cristãos a encher de dez em dez em minutos a boca com o nome de Deus, alguem dissésse

— Meu caro amigo, tenho a honra de lhe apresentar Deus, em pessoa, o autentico...

não ficaria mais assombrado, nem mais incapaz de articular palavra do que eu ante o volume de Guerra Junqueiro, com um pequeno autografo e alguns pelos das suas longas barbas filosoficas, que ha dias tenho sobre a minha mesa de trabalho.

Acostumei-me de longe, a olhar este pontifice como a um Deus da poesia. Foi nos seus volumes que eu aprendi as vogaes, atirando aos ares com um «ah!» depois de ler os «Simples», gritando dentro da minha alma «eh!» na unica exclamação que supria as palavras sobre a «Morte de D. João», e por ahi fóra até á interjeição admirativa pelo arrojo da «Velhice do Padre Eterno», que sublinhei com um «oh!...»

Junqueiro, da sua fase combativa, deu logar ao filosofo cristão, de olhinhos espertos, iluminados, figura de missionario da Bondade, de Amor — trilho unico para Deus — e que eu vejo ás vezes quando desce a esta messalina devassa que é a cidade, a tratar dalgum alto problema de filosofia ou, o que é mais provavel, a comprar alguns adubos para o quintal em que o novo cincinatus diz que foi refugiar-se.

> Choio de tedio profundo,
> Enclausurar-me afinal,
> Longe, bem longe do mundo
> No in-pace do meu quintal.
>
> Rodeei-o com segurança
> D'altos muralhas sombrias,
> Para ter por visinhança
> As nuvens e as cotovias.
>
> Mandei ergue-las, ergue-las
> ... alto no ar,
> Para que só as estrelas
> Me pudessem ver chorar...
>
> Eu quero ao menos, de rastros,
> Nos ultimos estertores,
> Olhar o céu, e ver astros,
> Olhar a terra, e ver flores.
>
> Este exilio a que submeto
> Minh'alma nesta clausura,
> E' como que um lazareto
> A's portas da sepultura.

E continuaria a transcrever o livro todo, poesia a poesia, nesta cadencia tão suave, tão harmonica, dum ritmo tão belo e certo, se não tivesse que pôr algo da minha lavra. Mas os leitores sabem. Junqueiro reuniu num volume a que chamou «Poesias dispersas» versos soltos, fragmentos, hinos, canções que datam do final do seculo passado e contudo encerram ainda a Beleza eterna. Aqui figura a «Lagrima», tão original como devassada por imitações e «blagues» dos que não teendo idéas se servem das dos outros para enroupar a seu modo, o «hino de algum dia» dedicado ao degredado «Abilio de Jesus».

> O galo canta, o galo canta...
> Rompe a manhã... vibra um clarim...
> Justiça eterna! aurora santa,
> Teu disco d'ouro se alevanta
> Ao longe... emfim!

e a que a letra nervoza, energica, de Junqueiro (1920) acrescenta por baixo «foi escrito ha cerca de 30 anos, e a alvorada de gloria, o dia de paz, d'amor e de justiça não chegou ainda. Mas não descreio da minha Patria. Ao cabo desta noite sinistra, depois duma longa e dura expiação, fatal e necessaria, a alelluia heroica de Portugal brotará das almas. Nun'Alvares e Camões hão-de reviver.»

Poesias virgilianas, poesias em que o verso purissimo tem dentro de si a beleza da forma e a magnificencia das idéas, e que corre em parelha á frente duma imaginação sobrepujante...

> *Ha em frente ao meu quarto, um roble, — uma floresta*
> *Num tronco só. Podia ali dormir a sesta,*
> *A' sombra Adamastor...*

ou a marca indestrutivel e unica do poeta, nestes versos

> *Que esplendor! que luz! que vigor! que amor! que plenitude!*
> *Eu quero mergulhar o corpo na saude*
> *Da terra que produz as árvores frondosas!*
> *Quero aprender a ser vermelho com as rosas!*

E a par destes as singelas quadras que palpitam nos nossos labios e nos segredam terem sido escritas com a alma em Deus, todas repletas de imagens duma delicadeza infantil e que se sucedem numa abolição completa das palavras ocas, da fantasia, de imaginações sem significado que inutilizam, servindo de base, á poesia moderna. Que irradiação de beleza fragante nestes versos que abrem a poesia «Carta a Mimi»:

> Eu desejava, açucena,
> Para te escrever a ti,
> Que alguem me désse uma pena
> Da asa dum colibri,
>
> E fosse uma cotovia
> Por essa amplidão sonora
> Molhar-me no romper do dia
> Na tinta fresca da aurora,
>
> Tinta vermelha e doirada,
> Com que Deus fez de improviso,
> Hs seculos a alvorada,
> E ha mezes o teu sorriso.

Por isso, por tudo isto eu fico perplexo, hesitante deante do volume de poesias «dispersas» de Junqueiro, sem saber o que dizer. Junqueiro, o poeta de 1880, o poeta de 1890, é ainda um grande poeta neste seculo de arte modernissima, de paixões desenfreadas e estilisações nebulosas, porque só a verdadeira, a imperecivel beleza pode resistir atravez as gerações, as escolas, os anos, a critica.

E, se poucos ou nenhuns pigmeus se atreverão a tocar no livro de Junqueiro, eu menos que todos. Contemplo-o, escuto-o como Junqueiro no seu tempo mandava contemplar o divino Hugo; ainda ha dias, no Porto, num solar onde se acoitam galhardamente uns restos da antiga lhaneza e fidalguia portuguesa, em casa de Guilherme Gama, filho do autor da «Leça do Balio», e poeta ilustre, eu ouvi narrar episodios, frazes, detalhes da vida do autor da «Morte de D. João» fiquei a escutar como se se tratasse dum Deus da Poesia, que por capricho passeasse entre os homens de sobretudo coçado, subisse ao Parnaso da porta de Lelo, de chapeu mole e chapeu de chuva pendurado filosoficamente no braço.

Calo-me, escuto e desbarreto-me respeitoso como um crente.

*

O sr. Francisco Alves quebra-nos a cabeça com adjectivos e interjeições sem nos dar uma ideia precisa do que deseja.

O seu volume chama-se «Repto ao mundo» e tem como subtitulo «O planeta de regeneração A Terra» «Noções elementares do espiritismo». Pois, apesar do repto, e de muitas, muitas palavras escritas não chegamos a conclusão alguma. Um livro feito de pontos de exclamação nunca pode impressionar ninguem, nem sequer estabelecer doutrinas ou emitir ideias. E', quando muito, um reclame de elixir ou soliloquio de loucos. O livro aqui presente tendente a dar noções de espiritismo embaranha o nosso proprio espirito e cança os olhos. Mistura a verdade, a Bondade, o Deus, o Além com uma homenagem o «Portugal, Patria, Republica», ás forças encarnadas... e verdes, invisiveis que colaboraram comigo na organização e execução da obra e que começa assim «mortos a pé» e, é de deitar abaixo... os vivos!

E mais adeante fala nas grèves, na Cruzada das Mulheres Portuguezas, na Humanidade desconhecida em que passa a Inglaterra, a França, a Italia representada, pelas mantanhas virgens e abrutas do Tirol... e termina com o apelo ao Universo, ás sacas, aos selvagens (salvo seja) do deserto, a todo o ser humano para percorrer o caminho que Joanne d'Aro apontou.

No final do volume vem a descrição do «planeta Marte» em suas linhas geraes, informações que um espirito a banhos em Lagos em 1914 ali deu a um grupo de pesquizadores do além. E o que Marconi não poude dizer acha-se explanado com detalhes no presente volume, certificada a população de Marte e V enus, findando o volume com este paragrafo, que sintetisa a obra: «Necessitamos chegar á Muralha; havemos de ser gigantes um dia, mas, antes de tudo, precisamos de ser crentes.»

Nijimky, meu belo bailarino, sempre procurando a beleza, por muito menos, estás tu como estás.

Armando Ferreira.

Registo de entradas

Autologia Portugueza: Barros, — *Lusitania*, por Rogelio Buendia. — *Namorados*, por Virginia Vitorino.

Theatros e Cinemas

CONCERTOS SINFONICOS

O MAESTRO FÃO

afirma, pelo seu talento, a vitalidade da raça

Nem tudo hão de ser razões de pessimismo.

Exultemos hoje com as afirmações do musico de talento, todos os domingos feitas no Politeama, pelo maestro Fernandes Fão.

Já o seu nome de ha muito se tinha imposto á nosso respeito como director da nossa primeira corporação artistica, a Banda da Guarda Nacional Republicana. Fôra esse espinhoso cargo desempenhado por ilustre artistas e, entre eles, ainda na lembrança de todos, por Taborda. Pois, Fernandes Fão, vencendo um dificil concurso publico, sucedeu áquele e do modo tão brilhante corresponde á escolha, feita, que a Banda da Guarda é não só a primeira do país, como perante as de lá de fora é das primeiras.

Bem o sabe o lisboeta ilustrado que nos concertos semanais vai recrear o seu espirito. E essa afluencia é tanto mais significativa quanto é certo serem sempre pessimas as condições de instalação em que a Banda se exibe: ou no recondito pardieiro do Carmo, ou nos corêtos da cidade onde não cabe metade dos artistas que a compõem.

E' triste reconhecer que vem a Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, onde tambem todos os musicos estão inscritos, tem procurado apontar o caso ao Ministro do Interior, nem a Camara Municipal se tem lembrado de alargar os corêtos da Avenida e do jardim da Estrela.

Mas, apezar de tudo, a Banda da Guarda continua a honrar o nosso paiz e a concorrer para a vulgarisação da melhor musica. E Fernandes Fão, que por uma extraordinaria tenacidade tem conseguido essa maravilha, atingiu um lugar primacial entre os primeiros artistas portugueses. Nem as invejas que os grandes espiritos despertam, nem as dificuldades de toda a ordem que os maus artistas e os maus patriotas erguem no seu caminho, teem podido contra ele. Duma regidez de caracter, que hoje não é vulgar, ele passa superior a todas essas misérias.

Com a morte de David de Sousa imaginou-se para sempre vago um lugar de maestro regente de orquestra sinfonida. David de Souza foi, realmente, o encanto da sala do Politeama, o artista da moda, que a morte, afinal, cedo arrebatou. Muitos artistas depois desse triste acontecimento, se apresentaram em publico, a fazerem prova para substituirem o malogrado artista. Belas esperanças vimos surgir, é grato dize-lo. E Fernandes Fão que não precisaria de dar novas provas para estar naturalmente indicá, organizou uma soberba orquestra, com elementos quase todos por ele educados e ahi o temos, mais uma vez em triunfo, afirmando pelo seu talento a vitalidade da nossa raça.

A orquestra do Politeama póde colocar-se, sem receio de confronto, ao lado de qualquer das melhores orquestras estrangeiras. Uma execução dirigida pelo maestro Fão não admite aproximações de expressão tem de ser matemáticamente rigorosa. Esta certeza permite-nos abstrair do mundo exterior, deixando o espirito acompanhar a inspiração dos compositores. E' o que não sucede com outros grupos sinfonicos, que nos lançam na duvida permanente acerca da exatidão da execução.

E não se imagine que o maestro Fão recorre a quaesquer artificios para iludir o publico. E' mesmo o que o distingue de David de Souza, que era o actor gesticulando a musica, emprestando-lhe outra vida além dos sons.

Fernandes Fão, talvez o nosso artista mais dentro da sua arte, expressando-se sempre pelos termos proprios e a todos maravilhando pela justeza das suas opiniões, afigura-se um temperamento sem nervos. Mas não: temos e dos mais excitaveis. Simplesmente a sua educação artistico lhe dá a calma e placidez precisas para se exteriorizar sobriamente, não fazendo desviar da musica as atenções do publico.

Mas ha uma nota que nesta série de concertos põe como que uma cúpula de oiro: é a musica portuguesa. Em cada um entra uma peça de artista nacional. Essa nota patriotica leva ao Politeama o publico que além de adorar a boa musica, estima tambem que a arte portuguesa receba estimulo e se exiba e progrida.

Entre o público anónimo, que já hoje aflue em grande número aos concertos do maestro Fão, notam-se os verdadeiros e entendidos amadores e ainda aquelas familias que pela sua educação e tradições artisticas desprezam a fatuidade da moda, abandonam o snobismo e procuram a boa música, como recreio de espiritos elevados e, sobre tudo, aqueles programas que, além dos autores mundiais, incluem tambem e sistemáticamente os autores portugueses.

Bom haja o maestro Fão, pelos seus esforços, em favor dos artistas e da arte nacional.

B. P.

Noticiario

Entre nós

Em 13.ª recita de assignatura ordinaria canta-se amanhã pela ultima vez a «Lucia de Lamermoor», o extraordinario trabalho artistico da grande cantora Maria Barrientos.

VIDA SPORTIVA

Grupo Sport Cruz Quebrada

Por ordem do sr. presidente da assembléa geral, é convocada a mesma a reunir extraordinariamente hoje pelas 21 horas. Caso não haja numero far-se-ha segunda chamada ás 22 horas, funcionando com qualquer numero.

A ordem dos trabalhos é a seguinte:

Propostos da direcção sobre aumento da quota associativa; eleição de uma comissão com plenos poderes para tratar de assuntos de interesses urgentes para o club.

A direcção lembra a todos os seus consocios de que a entrada no Campo do Stadium em dia de desafios da associação só é permitida mediante a apresentação da **ultima quota vencida.**

Campeonato de foot-ball

O calendario de desafios de primeiras categorias do Campeonato de Lisboa marca para amanhã dois encontros dos melhores.

O Casa Pia joga pela primeira vez depois do seu regresso do Paris e do São Sebastian o defrontando-se com um dos nossos melhores primeiros grupos, os Belenenses.

O outro desafio coloca o Sporting Club de Portugal em presença do Carcavelinhos, que está conseguindo a mesma notoriedade que o Vitoria do Setubal conseguiu nas suas primeiras epocas. O antigo campeão tem no Carcavelinhos um dos mais duros adversarios, no mesmo tempo executante da boa tecnicado «foot-ball».

Realisam-se ambos no Campo Grande.

Poeira da Arcada

A reorganisação do ensino secundario

O sr. dr. Costa Sacadura, inspector geral de sanidade escolar, foi agregado á comissão incumbida de elaborar as bases para a reorganisação do ensino secundario.

Sanidade interna

Segundo o Boletim de Saude Interna, durante a semana finda em 8 do corrente manifestaram-se em Lisboa 7 casos de defteria, 5 de febre tifoide, 2 de meningite e 2 de variola.

Sindicancia a uma escola

Vem a Lisboa uma comissão de professores da escola primaria superior de Leiria conferenciar com o sr. ministro da instrucção acerca da sindicancia que ali está correndo.

MUSICA

O concerto Blanch de amanhã

Se os anteriores concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch teem tido um extraordinario exito, o 7.º de assinatura que amanhã domingo se realiza no teatro S. Luiz é um dos maiores acontecimentos musicais destes ultimos tempos. Em 1.ª audição executam-se as celebres «Danças Guerreiras do Principe Igor», a obra prima do grande compositor russo Borodine, e pela unica vez a famosa «Sinfonia Pastoral», de Beethoven, o extraordinario poema Sinfonico de Liszt, «Tasso», «Lamentos e Triunfo», os «Murmurios da Floresta», de Wagner, o «Anacreon» de Cherubini, a «Chanson de Printemps» e «La Fleuse» de Mendels sohn e outras obras, nenhuma das quaes se torna a repetir.

Concertos no Politeama

E' amanhã que no Politeama se efectua o 8.º concerto pela orquestra sinfonica organisada e dirigida pelo maestro Fernandes Fão.

Cumpre a quem não quizer deixar de ouvir o brilhante certamen adquirir quanto antes os respectivos bilhetes, visto que pela excelencia do programa se pode vaticinar-lhe uma enchente.

O concerto abre com o «Freyschutz», de Weber; a «Dansa piemonteza», n.º 2, de Sinigaglia; o «Fraymento sinfonico» de Arthur Fão, encerrando a primeira parte com a magistral obra de Strauss, «D. Juan». A 2.ª parte é preenchida pela Sinfonia n.º 6, um sol menor, de Haydu. A 3.ª parte abre com os «Goyescas», de Granados a que se segue a «Valsa triste», de Sibelius, terminando com o «Stenka Razine», poema sinfonico do grande compositor russo Glazounoff.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Trabalhadores de teatro.—Realisa-se amanhã pelas 14.30 horas, na séde da Associação, rua do Mundo, 81, 2.º, uma assembléa geral, para continuação da reforma dos estatutos e eleição dos corpos gerentes.

ULTIMA HORA

POLITICA

A arcada hoje esteve desanimadissima e com completa ausencia de politicos. A crise continua estacionaria aguardando o chefe do govêrno que se acentuem as melhoras do sr. presidente da republica para o assunto ser então convenientemente tratado. Provavel é que a crise só se declare nos meados da proxima semana, havendo quem afirme que a vida do governo está comprometida não só por causa do contracto da Agencia Financial, mas muito principalmente por motivo da debatida questão das auctoridades administrativas.

De facto até hoje essas auctoridades ainda não foram nomeadas, dando-se até o caso de uma grande parte dos districtos estarem sendo inteiramente governados pelos secretarios geraes.

Apenas se fala na substituição do governador civil de Lisboa e isso motivado pelo retumbante caso do club «Os Patos» e que originou o conflicto entre o comissario geral da policia e o chefe do districto. Para exercer o cargo de governador civil diz-se, com certos vivos da verdade que será nomeado o almirante sr. Manuel Eduardo Correia, um dos combatentes de 5 de outubro.

O comissario geral da policia esteve hoje durante todo o dia no seu gabinete coligindo varios elementos necessarios para o esclarecimento do conflicto.

*

Sobre a escolha do diplomata que irá para a nossa legação na Alemanha, por motivo do falecimento do nosso ministro sr. dr. Lambertini Pinto, teem-se formulado varios hipoteses e cada qual aponta nomes do sucessor.

Na arcada corria hoje com insistencia que o novo ministro de Portugal em Berlim seria o sr. dr. Eusebio Leão que desde a implantação da Republica tem desempenhado o cargo de nosso representante em Roma. Para Italia iria o sr. dr. Henrique de Vasconcelos, que actualmente exerce no ministerio dos estrangeiros o logar que foi desempenhado pelo sr. dr. Lambertini Pinto.

Gonçalves Neves

Faleceu hoje o conhecido jornalista

Fomos hoje de tarde dolorosamente surpreendidos com a noticia do falecimento do nosso camarada de imprensa sr. Domingos Gonçalves Neves. A tuberculose minou esse pobre rapaz na força da vida, roubando-o ao carinho dos seus e ao convivio dos seus colegas.

Finou-se cerca das 15 horas na sua residencia na rua do Bemformoso, 59 2.º, devendo amanhã realisar-se o seu funeral pelas 15 horas. Gonçalves Neves, foi um trabalhador infatigavel e, como jornalista, vincou o seu logar no antigo jornal de combate «A Vanguarda» quando dirigido pelo patriarcha da Republica o sr. dr. Magalhães Lima.

Exerceu ainda com proficiencia o seu logar de 3.º oficial do ministerio da justiça sendo ainda membro da comissão das extinctas ordens religiosas. Foi dos que mais trabalhou na Associação do Registo Civil, tendo ainda o seu nome ligado á I. M. P. n.º 1 á qual deu todo o seu esforço e vontade.

Que descance em paz o saudoso camarada. A' sua familia a expressão comovida das nossas homenagens.

Noticias da Capital

A serie diaria

Foram presos Francisco Coelho da Silva, e Daniel de Miranda, ambos sem residencia, por tentarem burlarem, pelo processo do «conto do vigario», Antonio José da Silva, da Ponte da Barca.

—Augusto Rodrigues Espada, rua Heliodoro Salgado, 68, 2.º e Alberto dos Santos, rua do Terreirinho, 76, 1.º, por se intitularem fiscaes dos impostos, Edergildo de Domingos Esteves Bernardo com estabelecimento na rua 24 de Julho, 100 a quantia de 20 escudos para não proceder a uma autoação.

—Antonio Duarte, do concelho da Lourinhã, queixou-se á policia de que pelo processo do «Conto do vigario» fôra burlado por dois individuos desconhecidos na quantia de 800 escudos.

Os roubos em S. João da Talha

O agente David Mateus apreendeu mais tres muares ao receptador «Custodio Maneta» que já se encontra preso, e que fazem parte dos roubos da quadrilha de gatunos de S. João da Talha.

Partido Socialista

Por convite especial, partiu hoje de manhã para o norte, o nosso prezado amigo e colaborador, o deputado Ladislau Batalha, a fim de tomar parte na sessão solene que amanhã se realisa na Casa do Povo, na cidade do Porto, para comemorar o quadragesimo sexto aniversario do Partido Socialista Portuguez.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Continuam acentuando-se as suas melhoras

O sr. Presidente da Republica, durante o dia de hoje, tem sentido mais alguns alivios; embora poucos. A febre tem diminuido muito, principalmente esta tarde.

Durante o dia informaram-se do seu estado, na sua residencia os srs. presidente do ministerio, ministros da marinha, instrução e trabalho, dr. Coutinho Garrido, dr. João Pinto dos Santos, Bernardo de Faria, engenheiro Marques Nogueira, Viuva Teixeira de Queiroz, dr. Alves dos Santos, Claro da Rica, direcção do Jardim Zoologico, dr. Fernandes Costa, Veiga Simões, Paes Abranches, dr. Alfredo da Cunha, José Eduardo Coelho da Cunha, dr. Aurelio da Costa Ferreira, engenheiro Feio Terenas, Justino Freire, Melo Barreto Ribeiro de Carvalho, Augusto Barreto, D. Conlinia Granjo, coronel Pereira Bastos, D. Adilio Marçal, Antonio Mantus, general Correia Barreto, Magalhães Ferraz, dr. Celestino de Almeida, Paiva Mendes, dr. Carlos Babo, Machado dos Santos, Abreu Santos, Manuel Martins, Gomes Junior, etc., etc.

Tambem foram recebidos entre outros os seguintes telegramas: Camaras municipaes de Gaia e Alcobaça, administrador do Cadaval, sr. dr. Fontoura Xavier, coronel Luiz Guedes, de Abrantes, governador civil de Bragança, Tavares de Almeida, de Beja, Luiz de Almeida, de Braga, Amancio Queiroz, de Mesão Frio, presidente da Relação do Porto, Gremio Luz e Vida, do Porto, etc., etc.

Na presidencia da Republica tambem tem sido recebidos muitos telegramas.

Noticias do Norte

Prisão de conspiradores e apreensão de munições

Porto, 15.—Em 24 de Maio do ano findo, foram julgados á revelia no Tribunal Militar Especial desta cidade os conspiradores monarquicos Antonio Sampaio Basto, residente em Barcelos, e Antonio Gonçalves que foi oficial de diligencias substituto do concelho de Cabeceiras de Basto.

O primeiro foi condenado em 3 mezes de prisão correcional e 1 de multa a 10 centavos por dia e o Gonçalves em 5 meses de prisão e 2 de multa a 10 centavos por dia.

Os dois réus, que nunca haviam sido encontrados, apesar das actividades locaes andarem em sua perseguição, andavam no entanto á vontade por complacencia das mesmas autoridades, que nunca se importaram com os pedidos de captura que lhes eram dirigidos.

O presidente do tribunal Especial do Porto, tendo conhecimento ha dias de que os reus se encontram no Norte, solicitou as suas detenções á policia de Segurança do Estado, sendo preso o Sampaio Basto na filial do Banco Brasileiro, onde estava empregado, e o Gonçalves, em Viana do Castelo para onde tinha fugido.

Este ultimo havia-se refugiado em casa do chefe da estação de Barcelos e mal soube que estava sendo procurado fugiu para Viana.

Foram ambos entregues ao general presidente do Tribunal Militar Especial do Porto.

* * *

Em Mourão, pouco depois de ter transposto a fronteira, foi preso Antonio Joaquim Esteves, a quem foram encontrados 1350 balas para pistola.

Passada uma busca á sua casa, apenas foi encontrada uma pistola. O preso está incomunicavel.

* * *

O governador civil do Porto, tenente coronel sr. Pires Monteiro, visitou as instalações da policia de Segurança do Estado, cujos trabalhos elogiou, fazendo tambem referencias elogiosas ao director da mesma corporação.—*Correspondente.*

Greve de funcionarios?

O pessoal do ministerio das finanças diz não ir para qualquer movimento

Um jornal da manhã fez-se echo de que os funcionarios das direcções geraes da fazenda publica, contabilidade publica, estatistica, secretaria geral do ministerio das finanças e do conselho superior de finanças, estavam na disposição de declarar a greve por se verem prejudicados com o aumento de vencimentos feito aos funcionarios da direção geral dos impostos.

Em face de um caso tão sensacional tratamos de colher informações no ministerio das finanças, onde o sr. Bento Mantua, funcionario superior d'aquela repartição do estado, nos esclarecer:

—Pode desmentir oficialmente tal noticia, porque não é verdadeira. Os funcionarios visados foram hoje perante o ministro desmentir de uma forma categorica o atoarda...

ORDEM PUBLICA

A população do Bairro de Belem e imediações já ha dias que era alarmada com tiros que altas horas eram disparados em varios pontos. Na esquadra de Belem apareceram algumas reclamações contra o facto, motivo porque o respectivo chefe ordenou que na area a seu cargo fosse dada uma rigorosa batida não tendo dado tal diligencia o desejado resultado.

No entanto a policia conseguiu apurar que o autor da proeza era Arthur Moraes, mais conhecido pelo «Arthur das Gralhas» o qual não pôude ser preso, por se ter evadido mal soube que a policia o procurava.

*

Para o tribunal de Defeza Social foi enviado hoje pelas 16 horas o jornalista sr. João Camilo Felix Correia, redactor do «A Monarquia» acusado da cumplicidade no caso das bombas apreendidas na referido jornal quando ha dias ali foi passada uma busca, caso a que «A Capital» se referiu.

Os restantes presos entre os quaes figuravam Maria Victoria Soares e sua mãe Gertrudes Morgado, que tinha ido entregar a mala com os explosivos no orgão dos integralistas foram restituidos á liberdade.

A policia procura ainda o ex-alferes sr. Luiz Chaves a quem eram destinados os explosivos.

*

Hoje foi preso para averiguações o editor do jornal «A Epoca» sr. Luiz da Graça Reis estando a policia a averiguar a forma como aquele jornal foi enviada uma carta do preso Felix Correia, quando o mesmo se encontrava na mais rigorosa incomunicabilidade n'uma esquadra, não podia portanto ser permitida a saida de qualquer documento ou missiva.

*

Tambem foram presos hoje pela policia de Segurança do Estado os srs. Estevão José Veiga e José Eusebio d'Oliveira ferro-viarios do Estado, acusados de conspirarem contra a Republica.

*

No tribunal da Boa-Hora foi julgado o sr. dr. Camilo Castelo Branco, preso ha dias, conforme referimos por n'uma audiencia do referido tribunal ter proferido palavras ofensivas para o regimen e para policia. Foi absolvido.

Postos de socorros nocturnos

Desde a sua inauguração até 31 de dezembro passado requisitaram assistencia medica aos P. S. N. 350 pessoas que prontamente foram visitadas pelos medicos do serviço.

Este numero seria muito mais elevado se não tivessem estado fechados, por varias vezes, alguns postos por falta de side-cars. Podendo considerar-se desaparecidas as causas que deram motivo a esses encerramentos, pode a população da cidade contar de futuro com o serviço de assistencia medica nocturna, cuja falta bastante se fazia sentir antes da creação destes serviços.

Universidade Livre

Realisa-se amanhã a setima conferencia do curso de criminologia e direito penal, a que o distinto professor sr. dr. Carneiro de Moura tanto brilho tem imprimido, constando o tema de:

Os estabelecimentos correcionais. —O degredo. — A regeneração. — A regeneração —A capacidade de trabalho dos delinquentes —Estigmas de degenerescencia.—Psicoses.—A criminalidade portuguesa.—A antropometria.—Os crimes contra a religião. — Os crimes praticados por abuso de funções religiosas.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico.—Amanhã, em sequencia do programa das festas do mez corrente, para apresentação da direcção, ha baile ás 21 horas.

Serviço telegrafico da tarde

RIO DE JANEIRO, 14. — O jornal «A Patria» entrevistou Nuno Pinheiro acêrca da Agencia Financial Portugueza, dizendo aquele ilustre brazileiro que o Brazil sempre considerou a Agencia como um estabelecimento de administração portugueza e tanto assim que até é dispensada do deposito de cem contos no tesouro a que são obrigados todos os estabelecimentos bancarios brazileiros.—(A.)

LONDRES, 14 O inquerito a que se procedeu por causa da morte da condessa da Ribeira Grande, demonstrou que se trata de um suicidio causado por uma neurastenia. (*H.*)

BUCAREST, 14.—Chegou a esta capital o presidente do conselho de ministros da Bulgaria. Sendo recebido pelo rei, o presidente manifestou-lhe o que a Bulgaria quer iniciar uma nova politica para ter relações amigaveis com os seus visinhos, baseadas nos actuais tratados. (*H.*)

BERLIM, 14.—A comissão interaliada da Alta Silesia expulsou o ex-ministro da fazenda alemão, sr Groter. (*H.*)

LONDRES, 15 —A comissão dos caminhos de ferro pôz aos ferroviarios o seguinte dilema: ou a redução do dia de trabalho ou o despedimento [illegible] dos ferro-viarios.

A delegação [illegible] é inadmissivel respondeu que isso [illegible] rio aos convenios sendo alem disso contra[illegible] fatos.

CONSTATINOPLA, 14.—Causou funda impressão nesta capital o avanço das tropas gregas na Anatolia. Pediu a demissão o alto comissario grego em Constantinopla.—(*H.*)

PARIS, 14.—Um telegrama que o «Matin» recebeu de Londres, diz que o governo inglez se mostra disposto a não se opôr ao criterio da França para exigir a dissolução imediata das guardas civicas e da policia de segurança.

PANAMÁ 14 — Os funcionarios dos Estados Unidos ocuparam extensos terrenos proprios para se estabelecerem as defezas do canal do Panamá, mas sem consentimento nem consulta do governo do Panamá, pelo que este protestou energicamente. (*H.*)

PARIS, 15 —Confirma-se que o sr. Raoul Peret, presidente da camara dos deputados, foi encarregado pelo sr. Millerand de formar o novo ministerio e que a pasta dos negocios estrangeiros foi oferecida ao sr. Viviani, que se recusou em absoluto a aceita-la. O sr. Péret ofereceu a pasta da fazenda ao sr. Poincaré, mas este recusou tambem, dando a entender que em vista das suas manifestações a respeito da questão de reparações e da execução do tratado de Versailles, não podia aceitar a pasta da fazenda, que esta intimamente ligada com essas questões e que só aceitaria a pasta dos negocios estrangeiros. Por sua vez o sr. Briand, consultado pelo sr. Péret, respondeu que preferiria a pasta dos negocios estrangeiros. Supõe-se que no caso do sr. Péret não conseguir harmonisar os srs. Briand e Poincaré, assegurando-se da colaboração dos dois, ver-se-ha forçado a desistir de formar gabinete. Esta era a situação as ultimas horas da tarde, continuando o sr. Raoul Péret com as suas negociações esta noite e amanhã de manhã.—(*H.*)

O escandalo do assucar

O 3.º oficial do ministerio da agricultura Heitor Rodrigues, que hontem foi preso como suspeito de tambem estar implicado no ja falado caso do assucar e do selo em branco, esteve sendo hoje acareado com os outros dois empregados Anibal Santos e Abilio, que teem estado presos.

As diligencias perseguem com toda a rapidez, estando o assunto entregue ao agente Eloi da policia de investigação.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3755 — 11.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 17 de Janeiro de 1921

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 114, Rua da Atalaia, 116

Preço, 5 centavos

OS MESSIAS

Realisou-se hontem, no teatro Nacional, a annunciada conferencia do sr. Campos Lima. Essa conferencia revestia uma especial importancia, porque o sr. Campos Lima ia falar em nome do proletariado sobre as famosas propostas de finanças do sr. Cunha Leal. O sr. ministro das finanças, pertencendo ao chamado Grupo Popular, apregoa que a sua violenta acção obedece ao pensamento de fazer o bem do povo. Estariam as classes operarias encantadas com as suas propostas? O comicio de hontem deu a esta pergunta uma resposta fulminante. O operariado não acredita na eficacia das propostas do sr. Cunha Leal. O operariado reconhece que se elas forem aprovadas quem virá a pagar mais do que ninguem é o publico consumidor, e ele sabe, como acentuou o sr. Campos Lima, que a maioria desse publico é constituido pelos que não são ricos. Por isso o conferente atacou serenamente, mas firmemente, as propostas, sendo as suas palavras coroadas por calorosos aplausos.

O sr. Cunha Leal fôra convidado a assistir á conferencia, mas ninguem lá o viu. O sr. ministro das finanças reflectiu naturalmente que o publico de hontem não era o publico da Sociedade de Geografia, onde facil se tornava violentar pessoas decididas a discutir, mas não a ser vexadas ou agredidas por meia duzia dos entusiasticos admiradores do sr. Cunha Leal. A assembléa era composta de operarios, e ao sr. Campos Lima não se poderia cortar facilmente a palavra como ao sr. Pinto de Gouveia. Apesar de estar sempre pronto a discutir, contando com os recursos do seu talento que não tem panegirista mais convicto nem mais ardente do que ele proprio, o sr. Cunha Leal não apareceu. Afigura-se-nos que teve razão. O expediente da surpresa falhou. O sr. Cunha Leal já está tão convencido como nós de que as suas propostas não passam.

Teve o sr. Campos Lima o cuidado de frisar que nem da sua parte, nem da parte da Confederação Geral do Trabalho, existe qualquer proposito de hostilisar as instituições republicanas, acrescentando que se a monarquia se restaurasse ela seria mais conservadora e reacionaria do que nunca. E' possivel que nem assim se deixe de chamar talassa ao sr. Campos Lima, porque para os fervorosos e desinteressados admiradores do sr. Cunha Leal, ser republicano é estar inteiramente de acordo com o seu patrono e servir, sem nenhuma especie de observação, todos os planos que queira pôr em pratica essa verdadeira seita.

Não nos admiraram as afirmações hontem feitas, em nome das classes proletarias, acerca das propostas de finanças. Quem tambem não ficou admirado foi o sr. Cunha Leal. Tambem ele já não é susceptivel de surprezas, porque está farto de saber que, de norte a sul do paiz, entre todas as classes, até no seio de todos os partidos, as suas propostas levantaram um clamor de reprovação geral. Ninguem, de boa fé, as defende. Para morrer, basta-lhes virem á luz.

Quiz o sr. Cunha Leal assumir aspectos de Messias. E' a mania da maior parte dos chamados homens publicos em Portugal. O que eles querem é hipnotisar um povo inteiro, sugestionando-lhe a existencia dum genio que estão bem longe de possuir. Não é com as suas idéas, não é com o seu trabalho, não é com a sua energia que pensam conquistar a aura popular.

E' com o seu nome, soando como uma promessa de melhores dias, que esses Messias de meia tigela sabem perfeitamente que não teem qualidades para obter. Os fracassos são tremendos. Ainda nem um só desses Messias deixou de arruinar ou ensanguentar o paiz. A' sua sombra, dezenas de aventureiros se propõem aproveitar as circunstancias, com miras de lucro ou insofridas vaidades. Reclamam-os, chamam-os, de mãos postas, levantam-os ao alto para que todos os sigam e os adorem. Mas os idolos são ôcos, e quando se vae verificar a sua obra verifica-se que em vez de nos salvar ainda mais contribuiram para nos perder.

Se o sr. Cunha Leal é um patriota e um republicano, faça ao paiz, faça á Republica, o unico favor que lhe pode ainda prestar. Vá-se embora! Deixe o governo! Ninguem aceita as suas medidas, ninguem já deposita esperanças na sua acção. Cada dia que demora a sua sahida do poder só pode complicar ainda mais a nossa situação.

Para nós, os Messias acabaram. Já não acreditamos neles, estamos fartos deles. Esses eminentes talentos teem feito toda a diligencia de nos atirar para Pantana.

SEGREDOS a TODA a GENTE

Danças suecas

A troupe sueca Hasselquit dança actualmente no Palaco de Londres um bailado a que a ingenuidade buliçosa do seu autor chamou simplesmente: «Casa de doidos».

Pouco mais ou menos isto: uma rapariga lucida que encerrada num manicomio endoidece. Dizem os jornais inglezes que o sucesso tem sido completo e não se cançam de elogiar, como expressão suprema de coreografia, os bailarinos e as bailarinas. Francamente não vejo grande motivo para isso. Em Portugal, salvas honrosas excepções, tout le monde et son pere *executa de certo sem o sentir a* Casa de doidos *da troupe Hasselquit...*

Benedicto XV

Sua Santidade recebeu no dia de Ano Novo os cumprimentos da aristocracia romana. Benedicto XV, cuja purpura solene enche de tradicionalismo a velha sala dos Borgias,—não se esqueceu de manifestar o seu regosijo ante a atitude de franca ofensiva que as senhoras romanas estão tomando para com a imoralidade—das modas. Sua Santidade não compreende a suprema nudez. Está bem. E um criterio. E' uma opinião. E' uma atitude que não ficaria mal a S. Pedro. Entretanto permitam — Deus do Ceu — uma pergunta indiscreta: porque não mandou ainda Benedicto XV retirar das velhas paredes do Vaticano certos frescos de Miguel Angelo?

Santa paz

A camara dos deputados norte-americana pede, com a maior naturalidade deste mundo, o desarmamento universal. Decididamente os Yankees são as creaturas mais assustadoramente interessantes que conheço. O desarmamento universal? Uma blague. Uma frase de espirito apenas. O desarmamento universal é impossivel emquanto alguem—Wilson ou Lloyd George, Clemenceau ou qualquer de nós—não aclarar este problema aparentemente paradoxal e essencialmente complicadissimo: existem guerras porque ha exercitos ou ha exercitos porque existem guerras?

Luis d'Oliveira Guimarães.

AUTENTICAS

OS PIANOS

Todos sabem que os pianos passam a pagar 5 escudos de contribuição anual, os verticaes, dez escudos os de concerto. Eu tive pena das meninas para quem o piano é o pão de amanhã, porque se preparam para o ensino, o das senhoras que de tal arte vivem; mas o Estado carece de receita, e, certo de que só com um regimen tributario apertado se poderá desafogá-lo, calquei a minha dôr.

Subito porém a questão toma outro aspecto. E' o governo que vae em decreto aumentar 5 escudos por mez aos empregados dos impostos por este acrescimo de serviço. Isto aos mais subalternos. Como é natural este assunto cresce com a categoria; mas tomando para base só os 5 escudos, como os empregados dos impostos são 4.000, e o numero de pianos 30.000 em todo o paiz (calculo feito muito pela larga), segue-se que para o Estado arrecadar 150:000$00 despenderá mais de 240:000$00! Isto se todos manifestassem os seus pianos e se sómente houvesse aumentos de 5 escudos.

O diploma que instituiu o novo imposto de repressão musical diz que aquele dinheiro é destinado a restaurar a Bibliotheca Publica — *a devorada.*

Pergunta agora a minha ingenuidade:

Não seria melhor entregar directamente aos empregados o produto do imposto? A Biblioteca não receberia um centavo; mas assim tambem o não cobra, e ainda o Estado terá de pôr 90:000$00.

D. Thomaz de Noronha.

Dr. Filipe Pereira Manso

Concluiu a sua formatura em medicina, depois dum curso brilhante e com distinções em todos os anos, o sr. dr. Filipe Pereira Manso, enteado do sr. Antonio Baua, funcionario superior do ministerio das finanças.

O novo medico conta já uma clientela escolhida e auguramos-lhe um belo futuro, atentas as suas qualidades de caracter e o seu saber

Dissidencias e partidos

Dentro de poucos dias estaremos de novo em presença das dificuldades habituais pelas combinações que será ind'spensavel fazer para organisar novo gabinete. Será o mesmo lamentavel espectaculo que tantas vezes o paiz, nauseado, tem presenciado.

A razão d'isso é a divisão das forças parlamentares, levada a tal extremo que d'ela se póde quasi dizer — cada cabeça cada sentença.

Ha nos meios politicos uma grande insensibilidade para um certo numero de factos que a moral mais elementar condenaria sem apêlo, nem agravo. Por exemplo, esta.

Um deputado que é eleito, porque se apresenta aos seus eleitores como filiado em determinado partido que tem no seu programa determinados principios e a que os eleitores filiados n'esse partido dão com toda a confiança os seus votos, porque supõem que o candidato comunga nas mesmas ideias que eles. Uma vez eleito esse candidato, já agora deputado, renega o partido e portanto os principios que foram a causa determinante da sua eleição. Parece que deveria imediatamente renunciar o seu mandato adquirido á sombra do partido renegado e por se supor que professa principios que publicamente repudiou.

Não se entende assim no nosso meio politico. Entricheirando-se na doutrina, de resto verdadeira, de que a Constituição não reconhece a existencia dos partidos e que o deputado eleito é deputado da nação, aqueles que abandonam os partidos que os elegeram deixam-se ficar no goso e exercicio das suas funções legislativas e crêmos que, muito de boa fé, imaginam estar no seu direito e a bem com a sua consciencia. Que estão no seu direito não ha duvida, visto não haver maneira legal de os obrigar a renunciar, mas a bem com a sua consciencia julgamos que não poderão estar.

O peor é que continuando no exercicio das suas funções legislativas esses individuos que dentro do parlamento exercem d'ahi em diante o papel dos aerolitos no sistema solar, sujeitos a todas as influencias e com trajectorias extremamente variaveis, passam a ser elementos perturbadores em todas as combinações politicas. Se o numero dos individuos n'estas condições é elevado, como sucede actualmente o parlamento torna-se anarquico e nenhum governo póde com ele viver, a não ser o que resulta de hibridas combinações que o tornam incapaz de resolver os mais importantes problemas de administração publica.

As dissidencias são, portanto, o peor mal que pode atacar um regimen. Pequenas de mais, em geral, para produzirem qualquer obra util, são infelizmente sempre grande de mais para determinarem todos os males que põem em perigo o regimen e o paiz.

A historia é de hontem. A dissidencia progressista debateu-se muito tempo na impotencia e, convencendo-se finalmente de que não conseguiria vencer dentro do regimen monarquico, atirou-lhe golpes mais contudentes que os dos republicanos.

A humanidade é imperfeita e poucos são aqueles que se resignam facilmente a aceitar pacificamente o seu insucesso. Por isso todas as dissidencias, desde que chegam a comprovar a sua impotencia, enveredam por aquela perigosa doutrina que pode resumir-se n'aquele aforismo —*morra Sansão e todos quantos aqui estão.*

A Republica está hoje a braços com tres dissidencias—a reconstituinte, a suplementista e a popular. Circunstancias varias e erros dos partidos fizeram com que elas chegassem a entender-se, sem todavia se fundirem n'um partido e isso representa um grande, um enorme perigo para as instituições que é necessario combater *à ou trance.* Que os partidos assim o tenham entendido e façam executar é o nosso mais ardente desejo para bem do paiz e segurança da Republica.

Marinha de Guerra Portugueza

Chegada dos cruzadores «Republica» e «Carvalho de Araujo»

Vindos de Plymouth, entraram hoje de manhã no Tejo os dois novos cruzadores «Republica» e «Carvalho Araujo» sob os comandos, respetivamente, dos srs. capitães de fragata Marzanty e Pereira da Silva.

Cada cruzador tem 120 toneladas e 80 homens de tripulação.

No Arsenal avistamo-nos com esses ilustres oficiaes, cujas apreciações são favoraveis aos novos cruzadores.

Disseram-nos que fizeram uma magnifica viagem de quatro dias, e apezar do muito mar, que por vezes tiveram defrontar, os dois cruzadores, mostraram ser de uma magnifica construcção tendo belos maquinismos.

São dois barcos que satisfazem as necessidades da nossa marinha de guerra.

O MARTIRIO DE UMA MULHER

"Doida não e não!"

Os pontos nos ii

Não pode dizer-se que o «Infeliz» não seja «amavel» comigo!

Não se atreve ele a empregar uma frase muito vulgar, embora não muito fina, mas com um certo geitinho lá chega onde deseja.

Acha que já estou velha para aprender linguas, por isso deserê que eu tenha modificado a minha ortografia de tantos anos e escreva hoje pela nova reforma ortografica, sem erros que em mim, como eu propria confessava, eram crónicos.

Muito terá ele que admirar-se então!

Se o escrevente do «Infeliz» fosse um pouco mais fino, fino como sinónimo de esperto, porque lá fino como sinónimo de delicado não ha duvida de que o é, «principalmente» com as senhoras, já devia ter percebido que para eu saber, tão bem, pôr os pontos nos i i, em tudo quanto escrevo, embora ele diga que não sou eu que o faço, é porque «apesar da idade» ou já sabia, como as palavras eram escritas.

Mas êle, é claro, está no seu papel de duvidar, desmentir, depreciar e até de descompôr quem me defende. Deixá-lo lá.

Se nos puzessemos, ele a teimar que não sou eu que escrevo o que assino, eu a insistir que só assino o que escrevo, não acabavamos mais. Por isso ha maneira melhor de mostrar que quem fala ainda verdade não é o «Infeliz», portanto mostrar-se-ha. Se tudo fosse tão facil...

O autor do dito livro já devia saber — eu digo autor como podia dizer autores, visto que se ignora quem fez aquêle saco de retalhos, cheio de mentiras — que eu sou muito persistente e muito capaz de provar tudo quanto afirmo, mas parece-me que ainda se não convenceu. Ele se convencerá.

Tenho muita pêna, por várias razões, de não poder aparecer, sem o perigo de ir parar de novo a algum manicómio, diante de várias pessoas que «fingem» julgar que não fui eu a autora do «Doida não!» e que o não sou, também, destas cartas, porque se não corresse tal risco, convidava-as um dia para uma festa — para ter a certeza de que não faltava ninguêm — e diante de todos passaria ao papel os meus pensamentos. Por idades, ordem alfabética e categorias faria o «elogio histórico» de alguns dêsses convivas. Se, depois disto, ainda se não convencessem, leitor, de que eu só escrevo o que penso, então, é porque eram mais incrédulos do que S. Tomé, santo da especial devoção do sr. dr. Alfredo da Cunha, porque nasceu no seu dia.

Presentemente escrevo pela ortografia adoptada na nova reforma, não querendo dizer com isto que me não escape alguma palavra sem o seu devido acento, mas o que me não escapa nunca são os pontos nos i i e isto é que deixa o sr. dr. Alfredo da Cunha e os sábios do seu cortejo um tanto desnorteados, umas vezes por outras.

Todas as pessoas a quem eu tenho escrito directamente, verificam que as minhas cartas de modo algum são escritas por uma doida e não duvidam de que eu não tenho, por certo, uma pessoa ás minhas ordens para m'as escrever.

A minha correspondencia que, dia a dia, aumenta, porque muitas pessoas teem tido a gentilíssima lembrança de me oferecer a sua estima e o seu préstimo, está hoje bastante complicada. Ora, se eu preciso de ganhar a minha vida trabalhando, quasi constantemente, se eu não tenho meios para ter, nem sequer, uma criadinha de algibeira como me posso permitir o luxo de ter um escriturario?

A minha caligrafia não é perfeita, não é modelar, reconheço-o; mas tenho-as visto piores. A minha redacção não é admirável, não é brilhante; mas quantas cartas me teem vindo ás mãos, da autoria de quem se julga duma cultura ultra-superior e que, afinal, são banais e duma vulgaridade pasmosa?

E' preciso provar, á evidencia, que sou a autora do que tem aparecido assinado com o meu nome, para mostrar a minha ortografia e o modo como exponho o que? Provar-se-ha.

Maria Adelaide

ALTA BÔDA

11 contos para servir os amigos

Sr. redactor.—Como se sabe numa das dependencias do liceu de Passos Manuel funciona a Escola Comercial Ferreira Borges e para que o seu funcionamento fosse o mais economico possivel foi estabelecido pelo § unico do art. 68 da lei orçamental que os empregados menores dos liceus pudessem desempenhar eguaes funções na escola Ferreira Borges visto esta funcionar de noite.

Esta benefica disposição nunca foi cumprida e assim desde ha muito que quasi todo o pessoal jornaleiro é extranho ao liceu com manifesta infração da lei e com prejuizo para o serviço visto que este pessoal escolhido na sua maioria conforme as conveniencias e influencias de que dispunham é constituido por operarios de varias industrias, trabalhadores de jardins, etc., que não possuem os conhecimentos e pratica que os empregados dos liceus possuem, por não ser esse o seu «metier».

Teem por mais duma vez estes humildes servidores feito chegar ás instancias superiores os prejuizos que ao Estado adveem deste estado de coisas visto que, emquanto os empregados dos liceus ganham por dia 720 ou sejam 21$60 por mez, os empregados extranhos ao liceu prestam peor esse serviço por 4$00 diarios ou 120$00 mensaes.

Acresce que estes empregados são jornaleiros contratados, isto é, não teem qualquer nomeação e são dispensados do serviço quando o respectivo director assim o entender.

Por ultimo expõe-se qual é a economia que o Estado aufereria se se todo o pessoal jornaleiro fossem empregados do Estado 12 jornaleiros estranhos ao Estado a 120$00 mensaes, 1.440$000; 12 jornaleiros do Estado a 21$60 por mez, esc. 259$20.

Funcionando a Escola 10 mezes gasta com os empregados estranhos 14.400$00; com empregados do Estado 2.590$00. Lucro que o Estado teria, 118$800.

No parlamento já o deputado dr. Baltazar Teixeira tratou do assunto, mas como se trata de economisar para o Estado será talvez de dificil resolução o assunto. De v.—*Constante leitor.*

Isto tem de ser assim, desde que neste paiz os chefes de repartição, os directores dos estabelecimentos do Estado se decidiram a ter copiosa leva de apaniguados. Do que se trata é de favorecer amigos e até de retribuir serviços e favores de caracter particular, com os dinheiros publicos, e o tesouro do Estado que gema, o orçamento que cada vez se afaste mais do almejado equilibrio!

Á falta de iluminação

Uma grande reunião de protesto

São geraes as queixas contra a falta de iluminação na cidade. E a unica culpada não é só a Companhia Reunidas Gaz e Electricidade. E'-o ainda mais a camara municipal, que não impôz a sua autoridade para que o actual estado de coisas mude.

Pois compreende-se proventura que uma cidade como Lisboa continúe ás escuras?

Pois se a União Fabril, a Companhia Carris de Ferro, para não citarmos senão estas duas, arranjam o carvão de que necessitam, porque não o ha de obter a Companhia do Gaz?

Se esta não cumpre o seu contracto, devia intervir a camara municipal, e intervir energicamente. Mas, isso sim! A camara entretem-se em coisas futeis, pondo de parte o que verdadeiramente interessa aos municipes.

Não é só da iluminação que a camara não trata. O mesmo faz quanto á viação publica, encontrando-se muitas ruas n'um estado verdadeiramente vergonhoso.

Em Chelas, por exemplo, as ruas estão impossiveis de por elas se transitar. De iluminação- noites e noites se passam em que nem um unico candeeiro para amostra.

Os habitantes d'ahi vão promover uma grande reunião de protesto, a fim de reclamar providencias.

De bordo do "Beira"

No gabinete de reporters foi recebido um radiograma de Tenerife, participando que os passageiros de primeira classe do vapor «Beira» seguem bem e saudam suas familias.

THEATROS E CINEMAS

S. LUIZ—Reprise da opereta SYBILL

Cronica que não é critica...

Porque será que o Armando Ferreira, muito justamente apreciado critico de teatro d'«A Capital», ha-de adoecer sempre nas peores ocasiões, n'aquelas em que mais falta faz?!

Desta vez, mais do que em nenhuma: seria ele quem melhor poderia escrever sobre a nova interpretação da *Sybill*, porque foi ele quem, como critico, se referiu á primeira interpretação, ha anos, no Avenida, e que portanto, pôsto em egualdade de circunstancias, estabeleceria com maior facilidade o confronto. Eu declaro que me não lembro da outra interpretação mais do que vagamente... E do que me lembrar já direi.

Hoje, o serviço da redacção obriga-me a escrever as impressões da «reprise». Ora eu não sou um critico de teatro, poderei ser apenas um cronista, um espectador como os outros, vendo as coisas com mais amor por elas e melhormente intencionado... Como não sou nas colunas d'«A Capital» ou do «Jornal da Europa», um critico literario mas sómente um cronista de literatura, um leitor apaixonado...

O critico não se deve emocionar, apenas deve observar; eu confesso não possuir esse necessario grau de imperturbabilidade. Escrevo com os sentidos e com o coração; quando trato as coisas d'Arte eles fazem calar a inteligencia.

Quero, pois, nas palavras de «introito» que aqui deixo, acentuar bem o caracter subjectivo, impressionista, d'estas notas sobre a *Sybill* do S. Luiz.

Explicar-se-hão assim todas as deficiencias e imperfeições.

Tanto mais triste foi o facto da impossibilidade de o Armando Ferreira assistir a este espectaculo, quanto é certo que o genero operetta me não encanta. Tenho d'ella a mesma ideia de «meio termo» — eu não acceito os «meios termos»! — que tenho do «smocking» do «capilé-morno» e dos mulatos... Que se me perdoe a heresia! E dentro da especie, a *Sybill* parece-me bem inferior. Não é só a inverosemelhança do entrecho; é a falta de graça do dialogo e a horrivel banalidade da musica. Basta saber que é uma peça em que se diz a seguinte sensaboria:

Um beijo é um flirt innoffensivo!

phantastica defenição que por ironia do acaso é dada pela sr.ª Auzenda d'Oliveira... (É já se lera porque a entendo uma ironia do acaso!) Basta ainda saber que os traductores puzeram lá o seguinte verbo:

Vou «trautear-lhe» uma das minhas canções!

A musica, não se lhe apanha um «leit-motiv», espera-se a todos os momentos, baldadamente, o *boccadinho bonito...*

Em operettas modernas fui sempre fiel aos meus primeiros amores: a *«Viuva Alegre»* e o *«Sonho de Valsa»*.

No entanto, e tendo eu esta idiosyncrasia pela operetta, passei no sabbado em S. Luiz uma bôa noite de theatro. O S. Luiz tem uma tão forte sobrecarga de tradição mundana na historia das «premières», e é uma sala tão linda, que tem atravessado a enorme crise de degradação e de má e baixamente escolhida concorrencia, conservando mais do que todos os outros theatros a sua bella linha aristocratica.

Assim, as tardes dos concertos Blanch ainda conseguem levar os S. Luiz um ambiente de elegancia ou de pseudo-elegancia... São os unicos espectaculos que manteem a escolhida assistencia das primeiras epochas. E a noite de sabbado pôde dar pela sua assistencia uma pouco a ideia das tardes de concerto e das «premières» de aqui ha uns annos.

Ler-se-ha a prova «real»... d'isto no relato mundano do meu amigo Vasconcellos e Sá.

Não nos esqueçamos, ainda, de dizer que a assistencia, admiravel cou constelado, encontrou uma colocação muito feliz, quasi divina, para as suas estrelas de primeira grandesa. E aqueles espectadores de espirito requintado que gostam de objectivar as suas emoções, puderam ter, em qualquer logar em que tivessem estado, á direita ou á esquerda, nas primeiras filas da lateia ou nas ultimas, no primeiro ou no segundo balcão, uma estrela em que puzessem os olhos, que lhes guiasse o fio dessas mesmas emoções, como aqueles peregrinos que adormecem na estrada, os olhos fitos no astro que lhes tem indicado o caminho...

Numa friza á esquerda, perdendo-se na imensidade acinzentada de uma raposa azul, e sobre um fundo negro... as scintilações d uma enorme esmeralda encimada por um colar de diamantes. E de vez em quando, vem misturar as suas scintilações uma linda joia hereditaria, um anel antigo de belo gosto, que acofia o pelo da raposa suavemente, intencionalmente...

«Vis-à-vis», para regalo esthetico da metade direita da plateia, a minha visinha de S. Carlos, numa beleza e numa riqueza de indumentaria, de magnifica escolha. Esta minha visinha de S. Carlos tem um capricho curioso: a preferencia inabalavel pela primeira frisa do lado direito!... E' o seu logar de S. Carlos!... Era o seu logar, no sabado, em S. Luiz!...

Nos intervalos todas as atenções convergiam para o *avent-scéna* em que estavam a actriz Satanela e o actor Amarante, (este de cabelo «á escovinha», dentro do regulamento de penitenciario, mais «João Ratão» do que nunca), chegados havia horas, do Brazil. Foi uma maneira simpatica de passar a primeira noite em Portugal... E não tiveram fadiga que os impedisse de aplaudir com vigorosa vehemencia...

Emquanto ao lado, num outro «avant-scène», uma cabeça loiro-escuro, «rêveuse», nunca aplaudia, nunca ria, nunca se mexia... Estava numa imobilidade estatuaria, o encantamento dos contos de fadas... Naquela especie de cortiço, ou melhor de taboleiro de xadrez, formado pelos camarotes, marcava com a sua gravidade e quietação o logar de uma torre, de um Roque..., peça de xadrez de um relativo repouso e de um alcance extraordinario...

Mas agora, por escrever «peça», me lembro de que tenho a incumbencia de falar da *Sybill* e da sua nova interpretação, a unica coisa, tirante alguns detalhes de guarda-roupa (este de muito luxo e de gosto), que é nova.

A sr.ª Auzenda d'Oliveira (Sybill) não fez esquecer Palmyra Bastos (ex-Sybill). Foi sobretudo sensivel esse prejuizo na scena de sedução do 2.º acto. A sr. Palmyra Bastos tinha detalhes de representação extremamente cuidados que a sr.ª Auzenda d'Oliveira despreza. A sr.ª Auzenda d'Oliveira não dá de modo algum uma impressão de vibratilidade nas scenas daquela natureza. Não consegue nunca disfarçar uma frieza de sensibilidade, que é o peor defeito do temperamento de um artista de teatro. Ficou para sempre na minha memoria o «frisson» que atravessáva o corpo da sr.ª Palmyra Bastos quando, na varanda, um pouco de neve lhe cahia no hombro nú...

Havia nesse «frisson», o arrepio pelo contacto do gelo e a volupia pela sensação forte e inesperada...

Ela estava bem nesse momento em que todas as emoções fortes, agradaveis e desagradaveis, se transformam em ondas voluptuosas...

Era admiravel!

E a sr.ª Auzenda d'Oliveira, um indiscutivel temperamento de artista, não procurou até aqui substituir pelo estudo a falta desse precioso dote natural. Creio que é a unica artista de opereta nessas lamentaveis condições. Lembro-me de Satanela, em que os olhos, poemas de Samain, fluctuam suaves ao sabor de sucessivas vagas internas, vibrações de alma fabulosamente sensivel; de Etelvina Serra, no *Sonho de valsa*, tambem viva e levina, mas mantendo uma certa eurithmia sensual nos seus gestos e uma doçura quente nas suas palavras de amor; e de Cremilda de Oliveira, na *Viuva Alegre*, um tipo mais calmo e apaixonado, muito sentida, muito terna...

E estas duas ultimas artistas tão absolutamente opostas na maneira de exteriorisar as suas emoções passionaes, e ao mesmo tempo tão perfeitas!...

A sr.ª Auzenda d'Oliveira, como actriz, tem ainda uma deficiencia que sempre me feriu... Pronuncia exactamente todas as letras das palavras: «militarista, militar, oficial, etc.», (em vez de meltarista, meltar, oficial, etc.); diz tambem «filicidade»!... E' frequentissimo nas nossas principiantes. E a sr.ª Auzenda de Oliveira principiou já ha alguns anos...

Mas veremos que na mesma noite ouvimos esse erro noutra boca feminina. E' um pirismo deploravel e tão facil de corrigir! E a sr.ª Auzenda de Oliveira costuma cuidar tanto os pormenores! Tem então um criterio tão notavel na maneira de se vestir!...

Não gostei do primeiro vestido, preto, guarnecido a azul. Pareceram-me pezadas as alegorias de pedras falsas e complicadas as fitas correndo ás espaduas. O vestido verde «jade», nitidamente caracterisado madame Martin, é dum belo conjuncto. Deve ser elogiado sem reservas. E' muito parisiense.

Não se pode dizer o mesmo do abafo.

Muito interessante o *négligé* do cabelo. Pena é que o espelho não tivesse estado junto da nuca, quasi no pescoço... A «maquillage», discreta, dando uma formusura perturbadora...

A sr.ª Aldina de Souza (Archiduqueza Anna), que vejo e oiço pela primeira vez—do que só tenho a lamentar-me!—é um magnifico elemento na opereta e mais tarde sel-o-ha talvez na opera.

Tem uma voz pouco cultiva-

da mas rica na qualidade e na extensão do som.

E' um belo instrumento de que ainda não sabe tirar todo o partido que ele pode dar. Esperemos que o não deixe perder-se deslustrosamente...

E' uma actriz de recursos embora principiante; tem recursos fisicos e recursos espirituaes. Deve ser uma esperança, de realisação segura. A expressão fisionomica da sua entrada em scena foi dura demais, embora a rubrica o exija um pouco; dulcificou-se d'ahi a nada, e desapareceu a antipatia com que a vi pela primeira vez.

Dispõe de uma riqueza de feições que tudo lhe facilita. Tem o mesmo defeito na pronuncia das palavras: «militar, etc.» que atraz citei a proposito da sr.ª Auzenda d'Oliveira.

Nos poucos passos que deu achei-a gentil n'uma certa indolencia do andar:

> A te voir marcher en cadence,
> Belle d'abandon,
> On dirait un serpent qui danse
> Au bout d'un bâton.

Apresentou um vestido original na muita simplicidade. Disseram-me que a concepção e o desenho foram da sua auctoria. Mais uma qualidade a elogiar. A realisação material deve ser da casa Eduardo Martins (Martin em portuguez!); creio mesmo têl-o visto exposto. Achei muito cabidos os motivos bacchicos das guarnições do vestido. Rimavam optimamente com a beleza pagã de toda a figura...

O abafo bastante elegante. Se fosse bem ao meu gosto não lhe tinha colocado o «mangoli»... Edeio essa pele, parece-me que por em creança me forçarem a usar uma romeira em «mongoli» que eu entendia, e com razão, impropria do meu sexo...

De resto é moda passada.

A sr.ª Beatriz Gouveia (Sarah) é uma artista muito simpatica. E' graciosa e tem muita figura n'essa graça, o que — dou-lhe a minha palavra de honra! — não é nada vulgar... E' um dom precioso!

A sr.ª Beatriz Gouveia é outro bom elemento na opereta. Prejudica-a alguma coisa a sua myopia...;

A's vezes falham-lhe as entradas com a orchestra... O bom ouvido rapidamente a põe a tempo.

A frase dita da bandeira da porte: «Sou prisioneira do Amor», saiu recortada com afectação excessiva. Foi o unico momento em que não achei bem a sr.ª Gouveia.

Vestia de lilas malva com guarnições de pelo de macaco nas mangas e na roda. O lilas (côr) e eu somos incompativeis; e não me pareceu original o feitio d'esse vestido. Encontro dois ou tres muito semelhantes na «Comoedia Illustrée» de Novembro 1920. O segundo vestido não tinha nada de especial. A sr.ª Gouveia é felicitavel pelo abafo.

O sr. Henrique Alves (Poire) — não quero, embora assim pense, entrar no coro que o persegue a dizer-lhe que está deslocado na opereta — um comico que faz rir o publico com meia duzia de palhaçadas e com ditos d'este genero ao apontar uma bofetada: «a que proposito vem essa lamparina que me ia deixando ás escuras?»

O sr. Armando Saraiva (Arquiduque Constantino) é tão bom baritono quão bom actor, e é um artista de futuro. Já me tinha agradado no pequeno papel da «Leiteira d'Entre Arroios». Na *Sybill* a extensão da sua voz é mal aproveitada porque não é a propria do papel. A saida, levando a *Sybill* autentica pelo braço, no final do 2.º acto, arrastando-lhe a cauda do vestido por debaixo dos pés dos creados que andaram a salta-la de serpentinas na mão como quem salta á corda, foi muito bem feita pondo de parte as acrobacias dos creados. Teve um olhar de desafio á Arquiduqueza excelentemente estudado. O modo de caminhar, um pouco ataxico, não é natural. E' simples de emendar.

O sr. Fernando Pereira (Petrow) foi o classico tenor irresistivel, de bigode á Kaiser e barba rigorosamente feita á ultima hora. E' um apaixonado de bilhete postal, e para ter todos os requisitos ainda veste farda, mal feita mas dum verde vistoso. Não acredito, porém, que na Russia haja tenentes tão bonitos.

Não é novo no papel, já está apreciada a sua interpretação. A saudação quando vae falar com a Arquiduqueza (2.º acto) foi muito infeliz. O sr. Fernando Pereira descuida as sahidas...

No fim do 1.º acto, quando conduz pela mão a *Sybill* já feita Arquiduqueza... dá-lhe a esquerda! Um tenente da comitiva arquiducal que deante da casa militar e civil dá a esquerda á Arquiduqueza... merece, sem apelação nem agravo, desterro para a Siberia...

E' verdade, o sr. Armando de Vasconcelos, que é um bom valsista, deve ensinar a valsar os seus camaradas! O Arquiduque diz que a *Sybill* dança admiravelmente; ela não poderá dizer o mesmo d'ele. E' um Arquiduque que só valsa para a direita... E o Petrow então, valsa em corrupio...

E no entanto, as duas Arquiduquezas valsam... a apetecer valsar com elas... (Os detractores da valsa em beneficio do Fox-trot, que desculpem a antiguidade do meu entusiasmo!)

O sr. José Correia (Governador), que representa com consciencia e com «entrain» e para mim sempre o mesmo Zeta, embaixador montenegrino na «Viuva Alegre»:

> De Montenegro por ventura
> Embaixador sou em Paris
> E quero que a melhor figura
> Faça sempre o meu paiz.

Ainda ha dias, pela manhã, o encontrei na praça da Alegria, e o reconheci logo:

> Oh! oh! oh! oh!
> Oh! Ela com Camilo
> Que grande pouca vergonha
> Eu pela fechadura vi
> ....

Tive saudades d'elle porque ha muito tempo o não via em scena. Até o julguei fóra do theatro. Mas no dia seguinte venho á «Leiteira» e cá o vejo, de doutor em leis. Ah, meu Amigo — já sou amigo do sr. José Correia! —, cá para mim será sempre o mesmo:

> Se a minha festa vos aprasa
> E' esse o meu maior fervor
> Quer como dono d'esta casa
> Quer como... embaixador.

E' indispensavel, insubstituivel, o sr. José Correia, n'uma operetta bem desempenhada.

A enscenação do sr. Armando de Vasconcellos é primorosa. E' do melhor que tenho visto. Todos sabem como o sr. Vasconcellos é cuidadoso e tem gosto. Eu sei, por experiencia propria, a sua meticulosidade como ensaiador. Trabalhei muitas vezes sob a sua direcção!

Os côros não se ouvem. O Maestro, ás vezes um pouco distrahido, passa, de quando em quando, alguns segundos violinos á muleta... Outras vezes passa os madeiras da 1.ª fila... Mas faz tudo com um ar *bon enfant*, e ninguem se zanga por isso...

Mas, estou-me excedendo. Para chronica já vae longa e para registo de impressões vae longuissima. Que me desculpem os amigos do theatro que estão habituados a ter aqui n'este logar o melhor da critica, e que acabam de soffrer a intrusão de um chronista curioso que não é um curioso chronista...

E tu, Armando Ferreira, caro Amigo, perdoa tambem que eu tenha, *malgré moi* e sem alguma esperança de brilhar, ousado transpôr os degraus da tua tribuna...

Ruy de Veras

MUSICA

O concerto Blanch de domingo

Tarde extraordinaria de arte e de entusiasmo a do proximo domingo no São Luiz. A «Orquestra Sinfonica Portugueza», em concerto extraordinario realisa um grandioso «Festival Wagneriano» com um programa excecional em que estão incluidas as mais notaveis obras do grande compositor. Este concerto é extraordinario e fóra de assinatura.

S. CARLOS

Uma indisposição do eximio tenor Borgioli esteve quasi a fazer suspender, na quarta feira passada, o espectaculo em S. Carlos; coisa bem desagradavel para aqueles que apreciam a *Manon*; sem o concurso valioso d'um novo elemento o publico teria retirado, como já sucedeu com a doença da Bugg., desiludido e massado.

O tenor Ciniselli, que se estreou brilhantemente na *Lucia*, quiz demonstrar á empreza e ao seu colega o seu altruismo prestando-se, sem ensaiar, e passando da tessitura da *Lucia* á de *Manon* com facilidade pasmosa, a substituir o tenor Borgioli. Certo que muitos teriam n'este arrojado cometimento vacilado ante uma plateia severa como a nossa e com o recente confronto d'um artista tão aclamado.

Ciniselli porém sahiu-se victorioso e com agrado geral cantou toda a sua parte.

A sua voz fresca e de bonito timbre adapta-se perfeitamente á partitura de Massenet. Disse o sonho com finas «nuances», o que lhe valeu um prolongado aplauso, tendo de o repetir. Igualmente na scena de S. Sulpicio brilhou, obtendo sinceras aclamações.

Algumas das suas notas recordam as de Schipa.

Estude, não se canse de estudar, não se inebrie com os aplausos, não siga a orientação moderna da maior parte dos seus colegas, se deseja chegar ao grau de perfeição que pode adquirir quem dispõe de recursos como os seus.

Madelene Bugg como sempre aplaudida juntamente com todos os restantes interpretes e o maestro Blanch.

Maria Judice

VENDA DE APARELHOS TELEGRAFICOS

No dia 10 de Fevereiro de 1921, pelas 12 horas, na séde do Serviço do Movimento e Reclamações dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, no Barreiro, terá logar a arrematação para a venda dos seguintes aparelhos telegráficos, sistema Breguet:

- 30 transmissores
- 30 receptores
- 12 despertadores
- 20 bussolas
- 40 pára-raios

tudo em perfeito estado de funcionamento.

O depósito para ser admitido a licitar é de 200$00.

Os licitantes podem enviar, em carta fechada, para o mesmo Serviço, a sua proposta, devidamente selada, acompanhada do recibo do depósito provisório, entendendo-se que, procedendo assim, desistem de tomar parte na licitação verbal, quando a haja, e do direito de reclamar ácerca do actos do concurso.

As condições da arrematação e os aparelhos podem ser examinados todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas, na Repartição do Movimento no Barreiro.

Barreiro, 12 de Janeiro de 1921

O Chefe de Serviço do Movimento e Reclamações,

J. J. Fernando

D. Sophia d'Almeida d'Arenas de Lima

Amanhã, terça-feira 18, segundo aniversario do seu falecimento em Paris, résa-se uma missa por sua alma na Egreja da Encarnação, ás 11 horas (onze horas).

Rugido na sombra
As guelas da fera

Continua na sua carreira triunfal a deliciosa pelicula «Rugido na sombra», tendo o seu ultimo episodio, intitulado «As guelas da fera», despertado o maior entusiasmo no numeroso publico frequentador do Salão Central.

O elegante cinema ainda hontem teve um formidavel enchente, ávida de admirar o primoroso trabalho dos grandes artistas norte-americanos Neva Gerber e Ben Wilson.

Para hoje anuncia a empresa a estreia na «matinée» do quarto episodio, «Os Sete», dois actos mais do incomparavel «film», que estão destinados a produzir o maior sucesso.

ULTIMA HORA

POLITICA

Teve hoje maior animação o parlamento, onde os deputados, embora tarde, compareceram em grande numero. Abriu tarde a sessão, porque os legisladores se demoraram vendo as obras que se estão realisando na sala dos deputados e onde hoje começou ja sendo apeado o andaime que fora armado para se colocar a grande tela de Veloso Salgado, «As constituintes de 1820.

A' hora da abertura da sessão apenas se encontravam na sala tres deputados, o que deu logar a que a chamada se fisesse só pelas 15 horas.

Na sala e nos Passos Perdidos formam-se constantemente grupos que discutem a situaçao politica. O sr. Antonio Maria da Silva é dos que tem maior numero de conferentes em redor da sua carteira. O sr. presidente do ministerio tem tambem conferencias com os srs. Herculano Galhardo e Antonio Maria da Silva, tudo indicando que a declaração da crise governamental deve estar por momentos.

E assim sucederá certamente, pois que o sr. dr. Antonio Granjo apresentará ao que se diz ainda hoje a sua moção de desconfiança ao sr. ministro das finanças, por motivo da questão da Financial do Rio de Janeiro.

Mas ha quem diga que o sr. Cunha Leal não cairá assim com duas palavras e que procurará com um «truc» inutilisar a moção dos liberaes, requerendo um rigoroso inquerito á Agencia Financial, conseguindo assim portanto protelar o debate. Mas tambem se dizia que a camara não aprovará tal requerimento.

Logo que começou correndo que o sr. dr. Antonio Granjo apresentaria a moção de desconfiança, as conferencias amiudaram-se.

Ao fim da tarde o sr. Liberato Pinto tinha junto da tribuna da imprensa uma entrevista com o sr. Antonio Maria da Silva e Domingos Cruz, ficando estes encarregados de ir avistar-se com o sr. Granjo e anunciar-lhe que o chefe do governo lhe desejava falar. E de facto, passados momentos, o antigo presidente do ministerio conferenciava muito em segredo n'um gabinete com o actual chefe do governo.

Por sua vez, o sr. Antonio Maria da Silva chamava a uma conferencia os seus correligionarios srs. dr. Barbosa de Magalhães e Victorino Guimarães, com os quaes se demorou a um dos cantos da sala, indo depois o sr. Victorino Guimarães avistar-se com o sr. Liberato Pinto.

De que se trataria?

Cada qual formulava hipoteses e ninguem com precisão respondia a esta pergunta. Uns diziam que taes «démarches» visavam a evitar que o sr. Antonio Granjo apresentasse a sua moção, sendo outros de opinião que tendo-se convencido o chefe do governo de que não podia por mais tempo aguentar o sr. ministro das finanças, o sr. Liberato Pinto procurava organisar o novo gabinete, visto a queda do sr. Cunha Leal arrastar todo o ministerio.

A' hora a que escrevemos está o sr. Liberato Pinto conferenciando no vão de uma janela do Senado com os senadores srs. Victor Hugo de Azevedo Coutinho e Herculano Galhardo, que foram chamados ao parlamento. A conferencia tem sido demorada, não conseguindo os «reporters» romper a impenetrabilidade destes e restantes conferentes.

No entanto conseguimos apurar que se trocaram impressões sobre a marcha dos acontecimentos, visto a impossibilidade de se conseguir evitar que os liberaes apresentem a sua moção. Esta, repetimos será apresentada, talvez amanhã, porquanto á hora a que escrevemos ainda está falando o sr. Ministro das Finanças em resposta ao sr. Ferreira da Rocha.

O sr. Cunha Leal, que fala ha mais de uma hora deve terminar o seu discurso propondo, segundo se diz, que os negocios da Financial passem para a Caixa Geral dos Depositos.

Mas tudo quanto o sr. ministro das finanças faça para se aguentar não conseguirá demover a atitude da maioria da camara. Cairá fatalmente pois não conta com o apoio dos outros membros do governo.

Hoje voltou a votar-se a ausencia dos ministros democraticos e do independente sr. dr. João Gonçalves, os quaes segundo se diz não concordam com a orientação do seu colega das finanças.

E' pois inevitavel a crise que natural é que se declare amanhã ou depois.

*

Ao fim da tarde constou no Parlamento que os dissidentes democraticos ou sejam os dominguistas haviam resolvido ingressar em massa no partido popular.

O incendio d'esta manhã

Na rua do Terreirinho, n.º 10, 3.º andar, hoje pelas 10 horas, manifestou-se incendio com violencia n'uma cama e respectivas roupas, em consequencia de brincadeira d'um menor de 4 anos, de nome Pedro, filho do barbeiro Pedro Augusto d'Almeida, que se encontrava só fechado em casa, por ter saido a compras sua mãe, Rita d'Almeida.

O incendio, lançado involuntariamente com fosforos, pelo referido menor, tomou grande incremento, passando ao madeiramento do telhado, onde os bombeiros com duas agulhetas o conseguiram extinguir não sem ter sido necessario, o arvoramento de duas escadas Magyrus.

O Pedro, que foi retirado por sua mãe, que ao alarme de fogo correu a casa, já se encontrava bastante aflito com o fumo, pelo que teve de ser conduzido á proxima farmacia, para ser pensado.

O alarme no bairro foi grande, em virtude de se supor, que o fogo passaria aos predios contiguos, de construções velhas, porem; devido á promptidão dos socorros, o sinistro foi localisado sem que tenhamos a registar, mais do que a perda do madeiramento, e a destruição do mobiliario; que estava seguro na Companhia Tagus.

A propriedade pertence ao sr. José Ferreira Godinho, e está segura na Fidelidade.

A direcção dos trabalhos foi confiada ao ajudante interino sr. Baptista Ribeiro, tendo assistido o comandante dos bombeiros, e director da Companhia das Aguas, sr. Carlos Pereira.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

As melhoras do Sr. Presidente da Republica teem-se acentuado muito, passando o dia de hoje com muito menos febre.

A' sua residencia, continuam afluindo numerosas pessoas a informarem-se do seu estado, tendo tambem sido recebidos muitos telegramas de varios pontos do paiz e estrangeiro, não só na sua residencia como na presidencia da Republica.

A quinta de Monserrate

Segundo se afirma não tem fundamento o boato, ha dias propalado, de que o sr. visconde de Monserrate recebesse qualquer proposta para a compra das suas propriedades em Cintra, ou que o seu administrador, sr. Guilherme Oram, tivesse sequer pensado em quaisquer negociações sobre as mesmas propriedades.

NOTICIAS DA CAPITAL

Inquilinos e senhorios

Na 1.ª secção da policia de investigação compareceu Francisco de Almeida Coelho, inquilino do 3.º andar do predio da rua de Santa Marta, 12, por ter sido apresentada queixa contra ele pela firma J. J. Fernandes & C.ª, por ter aquele pedido 500 escudos para despejar o andar da casa que habitava e indicando a maneira de serem postos os restantes inquilinos na rua.

Como os seus desejos não foram satisfeitos, o mesmo inquilino convenceu os outros locatarios a declararem que o senhorio lhes aumentou as rendas com ameaças, o que se verificou ser falso. A Junta da Paroquia de Camões interveiu nessa questão de boa fé, mas agora a policia de investigação esclareceu a esploração que se travava por parte do inquilino, ficando descoberta toda a artimanha.

Brindes e calendarios

Os armazens Pestana dos Santos, Limitada, da rua do Corpo Santo, 12 e 18, distribue pelos seus clientes e amigos pequenos calendarios de algibeira.

Agradecemos os que nos foram enviados.

PARLAMENTO

Na Camara dos Deputados

Faz-se a chamada regimental cerca das 15, sob a presidencia do sr. Abilio Marçal, respondendo menos de 15 deputados.

Um quarto de hora depois procede-se a nova contagem, abrindo a sessão com 39 presenças.

Tendo-se lido a acta e o expediente, o sr. Orlando Marçal agradece ao sr. presidente e á camara o voto de pesar ha dias exarado na acta pelo falecimento de seu pae.

O sr Sampaio Maia reclama contra o facto dos professores de instrucção primaria do concelho de Espinho não receberem os seus ordenados desde setembro, o que atribue á incompetencia da respectiva junta escolar e ao desleixo da repartição de contabilidade do ministerio de instrucção publica.

O sr. ministro dos estrangeiros promete comunicar ao seu colega da instrucção as considerações ouvidas.

O sr. Bartolomeu Severino solicita informes sobre o andamento do projecto que concede isenção de tributos aos lavradores pobres de alguns concelhos no norte, cujos campos foram devastados pelos temporaes da primavera de 1920.

Entra seguidamente em discussão o projecto que dá aos funcionarios municipais o direito á ajuda de custo da vida.

O sr. Barbosa de Magalhães, que instára pela urgencia de se tratar desse assunto, encarece a doutrina do referido documento, apontando-o como destinado a colocar os empregados dos municipios na justa condição da igualdade com o funcionalismo das repartições do Estado. Terminando o seu discurso, apresenta um projecto aumentando as receitas das camaras municipais, a fim destas poderem fazer face aos encargos da referida subvenção, projecto que altera a disposição da lei relativa á suspensão de penalidades, transformando-as em regra.

O sr. ministro das finanças enviou para a mesa uma proposta de lei remodelando a pauta alfandegaria dos direitos de importação. Requer urgencia. O sr. Manuel José da Silva (de Oliveira de Azemeis), reforça a argumentação do sr. Barbosa Magalhães expendendo tambem a opinião de que a ajuda de custo deve ser extensiva aos empregados administrativos. Apresenta depois um projecto transformando em multa a suspensão de penalidades judiciaes,

O sr. Ferreira da Rocha protesta contra a publicação dum decreto, que considera ilegal, regulando a importação de generos coloniaes.

O sr. ministro da justiça comunicará o caso ao seu colega das colonias.

Sendo horas de se entrar na ordem do dia, aprova-se a acta, em seguida ao que, por proposta do sr. presidente, se aprova um voto de pesar pelo falecimento do sr. pr. Morão de Lacerda, associando-se todos os lados da camara e o governo, por intermedio do seu chefe, ha ordem do dia, reata-se a discussão do caso da Agencia Financial.

O sr. ministro das finanças começa por dizer que a questão deve ficar nos anaes da historia das nossas luctas como exemplo vivo da mesquinha decadencia dos tempos que correm. Dos que atacam a sua acção ministerial no assunto, uns vão receber a sua missão á rua dos Capelistas; outros são victimas do ambiente que certa imprensa criou. No caso — diz — os politicos não procedem por conta propria.

Em seguida, responde aos discursos proferidos pelos srs. Lelo Portela e Ferreira da Rocha, dizendo que a ficar a Financial nas condições preconisadas pelo segundo destes oradores, nem para nos enviar anualmente 5,000 libras serviria, sendo melhor fecha-la. Diz que a aceitar-se o criterio do sr. Ferreira da Rocha o parlamento estaria a discutir um direito que não se encontra em nenhum texto. E, assim, o Brazil deixaria de ser a terra do tradicional carinho para nós. Não duvidando da correcção do governo desse paiz, receia, contudo — acrescenta — que a campanha nativista encontre apoio.

A negociata do assucar

Tendo o agente Eloy, da policia de investigação, auxiliado pelo agente da fiscalisação Raul Lopes, concluido as suas investigações, com referencia ás responsabilidades que pesam sobre o 2.º oficial do ministerio do comercio Valentim dos Reis Betencourt e o 3.º oficial do ministerio da Agricultura Heitor Rodrigues, como implicados na aquisição do selo em branco com que foi feita a falsificação de varios documentos. Foi o respectivo processo enviado para o sr. dr. Reis Junior, director da policia de investigação, com os dois empregados implicados.

Imediatamente o sr. dr. Reis Junior enviou para a Boa Hora o processo e os implicados.

Foi entregue ao escrivão Vidal, para que seja apenso ao primeiro processo já organisado e referente ao mesmo caso.

No comissariado as investigações proseguem até que fique completamente esclarecido o caso.

A chegada do Traz-os-Montes ao Rio de Janeiro

Recepção entusiastica—A afluencia de visitantes foi tão grande que originou um desastre grave, havendo a lamentar varios mortos e feridos

A Agencia Telegrafica Americana enviou-nos os seguintes telegramas que recebeu do Rio de Janeiro e que dão conta do que ali sucedeu com a chegada do paquete portuguez «Traz-os-Montes» dos Transportes Maritimos do Estado:

RIO DE JANEIRO, 15 — A Camara Portugueza de Comercio resolveu oferecer amanhã um grande banquete ao comandante, oficialidade e alguns passageiros do paquete portuguez «Traz-os-Montes.»

RIO DE JANEIRO, 16. — Tem sido festejadissima a chegada de «Traz-os-Montes.» Entre a colonia portugueza reina um grande entusiasmo pela inauguração das relações maritimas sob bandeira portugueza entre Portugal e o Brazil.

A imprensa foi muito bem recebida a bordo do navio portuguez tendo-se trocado brindes afectuosissimos a que se associaram com palavras repassadas de amor e admiração por Portugal os dois ilustres escritores e jornalistas brazileiros Carlos Cavaco e João do Rio.

RIO DE JANEIRO, 16—A camara portugueza de Comercio ofereceu ao comandante e oficialidade do «Traz-os-Montes um almoço ao qual presidiu o embaixador portuguez Duarte Leite e assistindo as mais altas personagens do comercio, industria, finanças, literatura e jornalismo. Trocaram-se brindes afectuosissimos desejando todos que as relações entre Portugal e Brazil entrem definitivamente no caminho d'uma aproximação muito intima (Americana.)

RIO DE JANEIRO, 16 — Tem sido enorme a afluencia de visitantes ao vapor portuguez «Traz-os-Montes.» A grande massa de gente fez com que a ponte de ligação para terra se partisse, cahindo ao mar muitas pessoas.

O alarme foi indiscutivel. Socorros imediatamente organisados conseguiram salvar muitas pessoas entre as quais bastantes feridos. Foram até agora recolhidos tres cadaveres. E' enorme a consternação.

Corpo de marinheiros

Assumiu hoje o cargo de comandante do corpo de marinheiros o capitão de mar e guerra sr. Salazar Moscoso.

Creanças abandonadas

Maria da Gloria, moradora na rua Visconde Valmor, M. M., foi presa, por ser acusada, de no dia 10 do corrente ter abandonado, perto do governo civil duas creanças menores, de combinação com a mãe d'elas.

As creanças encontram-se internadas no Albergue das Creanças Abandonadas.

O roubo de trigo

O sr. Serafim Cardoso e uma brigada de agentes da fiscalisação estiveram hontem em Sacavem e Loures, onde apreenderam mais trigo, roubado pelos «filhos da noute» de bordo de varias fragatas.

Foram feitas algumas prisões, entre eles a de um filho do «Maduro» de Sacavem, tendo os presos vindo para Lisboa.

O agente Eloy já iniciou as suas investigações, tendo interrogado alguns dos presos.

Serviço telegrafico da tarde

Restos do exercito de Wrangel

MARSELHA, 15.—Chegaram a esta cidade cerca de 100 oficiaes e soldados do exercito do general Wrangel, procedentes de Batum. Tencionam alistar-se na Legião Estrangeira.—(*H*).

Em viagem—Boas novas

MALTA, 15.—Os oficiaes do vapor «Quelimane» saudam a suas familias. Emauz Cala Spencer Gouveia Jordão Herculano Alexandre Cordeiro Santos Carvalho Rato Gonçalves Sousa Luz Eugenio Araujo Redim Moura Agostinho.—(*H*).

Abundancia de carvão na Escocia

LONDRES, 15 — Em vista da abundancia de carvão, os proprietarios das minas de carvão da Escocia, resolveram por unanimidade não alterarem mais os preços oficiaes fixados para a exportação, voltando assim ao regimen de antes da guerra. — (*H*)

Nova estação radio-telegrafica

TOKIO, 15—Foi inaugurada nesta capital a estação radio-telegrafica de Tornik, que fica em condições de comunicar directamente com todas as grandes estações T. S. F. mundiaes. — (*H*.)